

**CHARLES DICKENS**

**UM CONTO DE DUAS CIDADES**

**UM CONTO DE DUAS CIDADES**

EM TRÊS PARTES

**PRIMEIRA PARTE**

***DE VOLTA À VIDA***

## CAPÍTULO I

### *O PERÍODO*

Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário — em suma, o período era em tal medida semelhante ao presente que algumas de suas mais ruidosas autoridades insistiram em seu recebimento, para o bem ou para o mal, apenas no grau superlativo de comparação.

Havia um rei com uma grande mandíbula e uma rainha com um rosto inexpressivo no trono da Inglaterra; havia um rei com uma grande mandíbula e uma rainha com um belo rosto no trono da França. Em ambos os países, era mais claro que cristal que as reservas de pães e peixes dos lordes do Estado, que os bens em geral, estavam assegurados para todo o sempre.

Era o ano de Nosso Senhor de 1775. Revelações espirituais eram concedidas à Inglaterra nesse período privilegiado da mesma forma que hoje em dia. A senhora Southcott havia recentemente atingido seu abençoado vigésimo quinto aniversário, e nessa época um profético soldado raso da Guarda Real fazia-se arauto de sublime figura, ao proclamar que arranjos já haviam sido feitos para que Londres e Westminster fossem tragadas pelo abismo. No mesmo pas-so, o fantasma de Cock-Lane fora exorcizado havia apenas uma dúzia de anos, depois de martelar suas mensagens, assim como fizeram os espíritos nestes anos mais recentes (com sobrenatural deficiência de originalidade). Todavia, meras mensagens na ordem terrena dos eventos, que haviam chegado à Coroa Britânica e ao seu povo, provenientes de um congresso de súditos britânicos na América, por estranho que pareça, provaram-se mais importantes para a raça humana do que qualquer comunicação já recebida através das galinhas da ninhada de Cock-Lane.

A França, em geral menos favorecida em questões espirituais do que sua irmã do escudo e tridente, resvalava morro abaixo com extrema suavidade, fabricando e esbanjando papel-moeda. Sob a liderança de seus pastores cristãos, ela se entretive, também, com realizações humanitárias, tais como sentenciar um jovem a ter as mãos decepadas, a língua arrancada por torquês e o corpo queimado vivo, pelo crime de não se ter ajoelhado na chuva para reverenciar uma enlameada procissão de monges que desfilava diante de seus olhos a uma distância de cerca de quarenta ou cinquenta metros. É bastante

provável que, quando aquele sofredor foi levado à morte, já crescessem nas florestas da França e da Noruega árvores marcadas pelo Lenhador, o Destino, para serem derrubadas e serradas em tábuas e servirem à construção de uma certa estrutura móvel, com um saco e uma lâmina, da qual a História guardaria terrível memória. É bastante provável que, naquele exato dia, os rústicos telheiros de alguns lavradores das terras barrentas nas adjacências de Paris abrigassem toscas carroças respingadas de lodo, fuçadas por porcos e servindo de poleiro para galinhas, as quais o Fazendeiro, a Morte, já havia separado para o transporte sinistro da Revolução Mas o Lenhador e o Fazendeiro, embora trabalhassem sem descanso, faziam-no em silêncio e ninguém os ouviu quando se esgueiraram com passos abafados: ao contrário, faziam questão de ignorá-los, visto que alimentar qualquer suspeita de que haviam despertado representava ateísmo e traição.

Na Inglaterra, quase não havia ordem e proteção que pudessem justificar excessiva vanglória nacional.

Audaciosos arrombamentos praticados por homens armados e assaltos nas ruas ocorriam na própria capital todas as noites. As famílias eram ostensivamente prevenidas para não saírem da cidade sem antes removerem sua mobília para os guarda-móveis por medida de segurança. O salteador de estradas na escuridão era um respeitável comerciante do centro financeiro à luz do dia, e, ao ser reconhecido e desafiado por seu companheiro de ofício a quem detivera sob o disfarce de “o Capitão”, impavidamente varou-lhe a cabeça com uma bala e afastou-se a galope. O correio foi emboscado por sete ladrões, e o guarda abateu três deles e foi morto pelos outros quatro, “porque sua munição havia acabado”, depois do que o correio foi saqueado com tranqüilidade. Aquele magnificente potentado, o Lorde Prefeito de Londres, foi rendido em Turnham Green por um salteador de estradas, que despojou a ilustre criatura sob as vistas de toda a sua escolta. Os prisioneiros das masmorras de Londres travavam batalhas com seus carcereiros, e a lei, em toda a sua majestade, abria fogo de bacamartes no meio deles, carregados com salvas de grãos de chumbo e balas. Gatunos arrancavam crucifixos de diamantes dos pescoços dos nobres nos salões da Corte. Os mosqueiros entraram em Saint Giles, em busca de bens contrabandeados, e a turba recebeu-os a tiros, e os mosqueiros fizeram fogo contra a turba. Ninguém jamais considerou qualquer dessas ocorrências como fora do comum.

Em meio a tudo isso, o carrasco, sempre ocupado e sempre ineficaz, era constantemente requisitado. Ora enforcando longas filas de criminosos diversos, ora executando no sábado um arrombador aprisionado na terça-feira, ora marcando com ferro em brasa, às dúzias, as mãos de pessoas em Newgate, ora queimando panfletos à porta de Westminster Hall; hoje, tirando a vida de um cruel assassino, e amanhã, a de um gatuno miserável que roubara uma pequena moeda de um camponês.

Todas essas coisas, e mil outras do gênero, passavam-se naquele querido e velho ano de 1775. Cercados por elas, enquanto o Lenhador e o Fazendeiro trabalhavam despercebidos, aqueles dois com grandes mandíbulas, e aquelas outras duas, a do rosto comum e a do belo rosto, caminhavam com estrépi-  
to,

ostentando na mão erguida seus direitos divinos. Foi assim que o ano de mil setecentos e setenta e cinco conduziu suas Grandezas e miríades de pequenas criaturas — dentre elas as criaturas desta crônica — ao longo dos caminhos que se estendiam à sua frente.

## CAPÍTULO II

### *AMALA-POSTAL*

A estrada de Dover se estendia, numa noite de sexta-feira no final de novembro, à frente da primeira das pessoas com as quais esta história se ocupa. A estrada de Dover estendia-se, igualmente, diante da mala-posta, que subia penosamente a colina de Shooter. Nosso homem caminhava morro acima na lama, ao lado da diligência, como faziam os demais passageiros, não porque tivessem a menor disposição para esse gênero de exercício, consideradas as circunstâncias, mas porque a colina, os arreios, a lama, a malaposta, tudo era tão pesado que os cavalos já haviam chegado a estacar por três vezes, além de uma vez terem atravessado a diligência na estrada, com a amotinada intenção de levála de volta a Blackheath. Rédeas e chicote e cocheiro e guarda, combinados, todavia, estavam cientes do artigo do regulamento militar que se opunha a tal desígnio — o qual, sob outro aspecto, demonstrava que alguns animais brutos são dotados de racionalidade — e os cavalos acabaram por se render, retornando aos seus deveres.

Com as cabeças curvadas e agitando as caudas, eles seguiam em frente amassando a lama espessa, debatendose e tropeçando a cada momento, como se suas juntas estivessem prestes a se desarticular. Sempre que o condutor, após lhes permitir um breve descanso, retomava a marcha, bradando um preocupado “Uo-ho! Andando... ho!”, o líder balançava violentamente a cabeça e tudo o mais sobre ela, como se quisesse negar com toda a ênfase que o coche pudesse chegar ao alto do morro. E sempre que assim procedia, nosso passageiro se sobressaltava, demonstrando nervosismo e perturbação.

Uma névoa úmida vagava, desamparada, dos vales para o cimo da montanha, parecendo um espírito atormentado buscando inutilmente o repouso. Uma pegajosa e fria névoa, que se propagava com lentidão pelo ar em ondas sucessivas como as de um mar insalubre. Era densa o bastante para ocultar tudo da luz das lanternas do coche, com exceção de seu próprio movimento fantasmagórico, e de uns poucos metros de estrada. E o vapor que escapava dos corpos suarentos dos laboriosos cavalos misturava-se à neblina como se dela fizesse parte.

Dois outros passageiros, além do já mencionado, arrastavam-se morro acima ao lado da mala-posta. Todos os três estavam embuçados até os malares e com as orelhas protegidas, e usavam botas de cano alto. Nenhum deles podia distinguir, do pouco que via, as feições dos demais; e cada qual estava tão oculto dos olhos da mente quanto dos olhos do corpo, de seus dois companheiros.

Naqueles dias, os viajantes evitavam confiar em qualquer pessoa que encontrassem pelos caminhos, já que havia grande possibilidade de se tratar de um ladrão ou de alguém associado a um bando de malfeitores. Quando cada posto de correio ou estalagem poderia abrigar alguém a soldo de um capitão de bandoleiros, podendo ser tanto o senhorio quanto o moço dos estábulos, essa era a melhor atitude a tomar. Assim pensava com seus botões o guarda da mala-posta de Dover naquela noite de sexta-feira de novembro de 1775, subindo pesadamente a colina de Shooter, no seu posto na retaguarda da carruagem, cadenciando seu passo e mantendo um olho e uma das mãos no baú de armas diante dele, onde um bacamarte carregado jazia no topo de uma pilha de sete ou oito pistolas grandes também carregadas, depositadas por sua vez sobre uma camada de punhais e adagas.

A mala-posta de Dover estava, como de hábito, na estimulante situação em que o guarda suspeitava dos passageiros, estes desconfiavam uns dos outros e do guarda, o grupo inteiro suspeitava de todos os demais, e o cocheiro só confiava nos cavalos, apesar de ser capaz de jurar sobre o Novo e o Velho Testamento que aqueles animais não chegariam ao final da jornada.

— Uo-ho! — o cocheiro bradou. — Calma! Só mais um pouco e alcançarão o cume e depois podem ir para o inferno, que já tive problemas demais para conduzi-los até aqui!

— Joe!

— Olá! — o guarda respondeu.

— Que horas tem aí, Joe?

— Uns bons dez minutos depois das onze.

— Com os diabos! — imprecou o cocheiro. — E ainda nem chegamos ao alto do Shooter! Tsk! Iááá! Andem, seus preguiçosos!

O enfático cavalo, surpreendido pelo chicote no meio de uma de suas mais decididas negativas, produziu um decidido avanço em resposta, no que foi imitado pelos outros três cavalos. Uma vez mais, a mala-posta de Dover foi sacolejada, com as botas de cano alto dos seus passageiros chapinhando ao lado. Eles haviam parado juntamente com a carruagem, mantendo-se bem perto dela. Se algum dos três houvesse tido a audácia de propor a outro que caminhassem um pouco à frente em meio à névoa e à escuridão, teria se arriscado a ser tomado por um assaltante e levar um tiro na mesma hora.

Uma última arrancada levou a mala-posta para o alto da colina. Os cavalos se detiveram para recuperar o fôlego, e o guarda apeou para calçar a roda para a descida e abrir a portinhola para os passageiros entrarem.

— Tsk! Joe! — o cocheiro gritou em tom de alarme, olhando para baixo de sua boléia. — Você ouviu isso?

— O que você acha que é, Tom? Ambos aguçaram a audição.

— Acho que um cavalo vem subindo a meio galope, Joe.

— Pois eu acho que o cavalo vem a galope inteiro, Tom

— retrucou o guarda, largando a porta e retornando a seu posto. — Cavalheiros! Em nome do rei, todos vocês! — gritou, pedindo auxílio.

Com essa apressada convocação, ele engatilhou o bacamarte e assumiu uma postura ofensiva.



O passageiro personagem de nossa história já havia pousado o pé no estribo para entrar no coche, com os outros dois vindo logo atrás. Parou no degrau, meio no coche e meio fora, enquanto os demais permaneciam na estrada, abaixo dele. Todos olharam do cocheiro para o guarda e do guarda para o cocheiro novamente, escutando. O cocheiro e o guarda olharam para trás, e até o cavalo obstinado levantou as orelhas e voltou a cabeça, desta vez sem discordar.

O silêncio resultante do cessar dos ruídos da mala-posta, acrescido do silêncio da noite, fazia tudo parecer demasiado quieto. O resfolegar dos cavalos estremecia a carruagem, como se ela própria estivesse tomada de agitação. Os corações dos passageiros batiam tão alto que talvez se pudesse ouvi-los. De alguma forma, a silenciosa pausa era audivelmente expressiva para aquelas pessoas cuja expectativa lhes havia suspenso a respiração e acelerado o pulso.

O som de um cavalo a galope aproximava-se rápida e furiosamente.

— Uo-ho! — berrou o guarda, o mais alto que pôde. — Quem vem lá? Alto! Pare ou eu atiro!

O galope parou de súbito e, em meio ao ruído de cascos golpeando o solo lamacento, uma voz masculina soou na névoa:

— Essa é a mala-posta de Dover?

— Isso não é da sua conta! — o guarda retorquiu com maus modos. — Quem diabos é você?

É a mala-posta de Dover?

— Por que quer saber?

— Estou procurando um passageiro, se essa for a mala-posta...

— Que passageiro?

— O senhor Jarvis Lorry.

O nosso passageiro logo revelou que era aquele o seu nome. O guarda, o cocheiro e os outros dois passageiros fitaram-no com desconfiança.

— Fique onde está! — o guarda ordenou à voz na neblina. — Porque, se eu cometer algum engano, isso pode não ser muito bom para a sua saúde. O cavalheiro de nome Lorry queira responder-lhe.

— Qual é o problema? — perguntou o passageiro, então, com a voz ligeiramente trêmula. — Quem me procura? É você, Jerry?

(“Não gosto da voz desse Jerry, se for mesmo esse tal de Jerry”, resmungou o guarda para si mesmo. “É rouca demais...”)

— Sim, senhor Lorry.

— Qual é o assunto?

— Uma mensagem que lhe foi enviada de muito longe, T. & Cia.

— Eu conheço esse mensageiro, guarda — disse o senhor Lorry, descendo para a estrada. Observando-o com indiscrição, os outros dois passageiros imediatamente entraram na carruagem, fecharam a porta e aproximaram-se da janela. — Deixe que se aproxime, está tudo bem.

— Espero que esteja, mas não ponho minha mão no fogo por isso — o guarda falou, num áspero solilóquio. — Ei, você!

— Bem! Olá! — Jerry respondeu, mais rouco do que antes.

— Venha para cá bem devagar! Está me ouvindo? E se você tem armas na cela, não quero ver suas mãos chegarem perto delas. Como eu disse, sou danado

para cometer enganos, e quando eles ocorrem, tomam a forma de chumbo. Agora, deixe-me olhar para você.

As figuras de um cavalo e seu cavaleiro, enlameados desde os cascos de um até o topo do chapéu do outro, emergiram lentamente do turbilhão das brumas e se dirigiram para o lado da mala-posta onde estava o passageiro.

O cavaleiro curvou-se sobre o cavalo ofegante e, mantendo os olhos no guarda, estendeu ao passageiro um pequeno papel dobrado.

— Guarda! — chamou o passageiro num tom que transmitia segurança.

A atenta sentinela, com a mão direita na coronha do bacamarte erguido, a esquerda no cano e o olho no cavaleiro, respondeu com laconismo:

— Senhor.

— Não há motivo para apreensão. Eu pertenço ao Banco Tellson. Você já deve ter ouvido falar no Banco Tellson, de Londres. Estou indo a Paris a negócios. Aqui está uma coroa para você beber alguma coisa. Posso ler o bilhete?

— Se não demorar, senhor.

Ele desdobrou o papel sob a luz da lanterna do coche e leu — primeiro para si mesmo e depois em voz alta:

— “Aguarde *Mam'selle* em Dover”. É uma mensagem curta, como pode ver. Jerry, diga que minha resposta é: “De volta à vida”. Jerry espantou-se.

— É uma resposta infernalmente estranha — ele comentou, com a voz ainda mais rouca.

— Leve esta mensagem de volta e saberão que a recebi com tanta certeza quanto se eu tivesse redigido um recibo. Vá o mais rápido que puder. Boa noite.

Com essas palavras, o passageiro abriu a porta da carruagem e entrou, não mais observado pelos companheiros, que, prudentemente, haviam tratado de esconder seus relógios e porta-níqueis dentro das botas e agora fingiam todos dormir. Sem outro propósito que o de evitarem o risco de ensejar alguma outra espécie de ação.

A carruagem voltou a sacolejar em frente, deixando-se tragar pelas espirais de névoa enquanto descia a colina. O guarda logo recolocou o bacamarte no baú e, tendo examinado o restante de seu conteúdo e as pistolas que trazia no cinturão, cuidou ainda de uma arca menor debaixo do assento, na qual havia algumas ferramentas de ferreiro, um par de archotes e um estojo de isca e pederneira. Viera munido de tal forma que, no caso de as lanternas da carruagem se apagarem num vendaval, o que acontecia eventualmente, ele teria apenas de fechar-se lá dentro, bater a pederneira no aço e manter a faísca bem perto da palha para obter uma luz com razoável segurança e facilidade (se tivesse sorte!) em cinco minutos.

— Tom — sussurrou por sobre o teto da carruagem.

— Sim, Joe.

— Você ouviu a mensagem?

— Ouvi, Joe.

— O que você entendeu?

— Não entendi nada daquilo, Joe.

— Que coincidência — o guarda murmurou —, nem eu.

Enquanto isso, Jerry, deixado sozinho na névoa e na escuridão, resolveu desmontar não só para que o animal descansasse mas para remover a lama de seu rosto e livrar-se da água acumulada nas abas do seu chapéu, que bem poderiam conter um meio galão. Ficou ali de pé, com as rédeas presas sob o braço enlameado, até que o ruído das rodas da mala-posta se tornasse inaudível e o sossego voltasse a apossar-se da noite. Então, virou-se e começou a descer o morro a pé.

— Depois daquele galope desde o Temple Bar, velha senhora, eu não confiarei em suas pernas enquanto não alcançarmos um terreno plano — disse o rouco mensageiro, lançando um olhar a sua égua. — “De volta à vida”. É uma mensagem danada de estranha! Quer saber de uma coisa, Jerry? Isso não lhe faria nenhum bem. Você estaria num apuro infernal se ressuscitar virasse moda, Jerry.

## CAPÍTULO III

### *AS SOMBRAS DA NOITE*

Um fato extraordinário a merecer reflexão é o de que cada ser humano se constitui num profundo e indecifrável enigma para todos os demais. Sempre que entro numa grande cidade à noite, considero com solene gravidade que todas aquelas casas fechadas e escuras encerram seu próprio segredo, que cada aposento em cada uma delas oculta um mistério, que cada coração pulsando nessas centenas de milhares de peitos esconde algum segredo para o coração que está a seu lado! Alguma coisa do horror, até mesmo da Morte, tem a ver com esse fato. Não mais posso virar as folhas daquele querido livro que amei e em vão pretendi ler. Não mais posso contemplar as profundezas dessas águas insondáveis nas quais, à luz fugaz dos relâmpagos, vislumbrava tesouros enterrados e outras preciosidades submersas. Estava escrito que o livro deveria fechar-se para todo o sempre, quando eu lera apenas uma página. Estava escrito que as águas se imobilizariam sob um gelo eterno, enquanto a luz brincava em sua superfície e eu me detinha, ignorante, às suas margens. Meu amigo está morto, meu vizinho está morto, meu amor, a eleita de minha alma, está morta; e essa é a inexorável consolidação e perpetuação do segredo que sempre existiu nessa individualidade, e que eu próprio também carregarei comigo até o fim da minha vida. Dormirá, nos cemitérios desta cidade por onde agora passo, alguém mais inescrutável do que é para mim qualquer de seus habitantes vivos e ativos, ou do que sou eu próprio para eles?

Em relação a essa natural e inalienável herança, o mensageiro a cavalo, como qualquer ser humano, tinha exatamente os mesmos direitos que o rei, o primeiro-ministro, ou o mais rico mercador de Londres. Do mesmo modo, os três passageiros fechados no exíguo compartimento da velha e sacolejante mala-posta representavam uns para os outros mistérios tão completos, como se cada qual seguisse em sua própria carruagem, separados pela distância de um condado.

O mensageiro voltou num trote leve, parando com demasiada freqüência nas tabernas ao longo do caminho para beber, embora demonstrasse a propensão de manter-se reservado, com o chapéu abaixado sobre os olhos. Olhos que se harmonizavam com essa postura soturna, exibindo uma superfície negra, sem profundidade na cor ou na forma, e demasiado próximos um do outro, como se temessem focalizar coisas diferentes, caso estivessem mais separados. Mostravam uma expressão sinistra sob a aba do velho chapéu de três pontas em formato de escarradeira e acima do comprido cachecol que lhe protegia o

queixo e a garganta, e ainda descia até quase os joelhos. Quando parava para um trago, abaixava um pouco o cachecol com a mão esquerda, enquanto emborcava a bebida com a outra. Assim que terminava a dose, voltava a ocultar o rosto.

— Não, Jerry, não! — dizia a si mesmo o mensageiro, repisando o tema enquanto cavalgava. — Isso não será bom para você, Jerry. Você é um honesto comerciante, e isso não combina com a *sua* linha de negócios! De volta à vida! Que um raio caia sobre mim se ele não estava embriagado!

A mensagem que levava assombrava-lhe a mente a tal ponto que, por diversas vezes, tirara o chapéu para coçar a cabeça. Com exceção da parte superior, que se mostrava quase calva, tinha cabelos negros pontudos, que se distribuíam pelo crânio e desciam pela testa até o nariz grande e achatado. Eles pareciam tanto o trabalho de um ferreiro, tanto mais as espículas que guarnecem certos muros, que o melhor dos puladores de carniça tê-lo-ia recusado, por considerá-lo obstáculo por demais ameaçador.

Enquanto Jerry trotava de volta com a mensagem que deveria entregar ao vigia noturno em sua guarita no Banco Tellson, perto de Templo Bar, o qual, por seu turno, a entregaria aos seus superiores no banco, as sombras da noite assumiam para ele formas que pareciam relacionar-se com a mensagem, enquanto a água as associava a seus próprios temores secretos. Que por certo eram muitos, pois ela refugava diante de cada sombra da estrada.

Enquanto isso, a mala-posta movia-se pesadamente, aos solavancos, chocalhando e batendo ao longo de seu tedioso caminho, levando em seu interior aqueles três passageiros, unidos e separados pelo mesmo mistério. Para eles, igualmente, as sombras da noite se revelavam nas formas que seus olhos sonolentos e seus devaneios sugeriam.

Também a sombra do Banco Tellson adejava sobre a mala-posta. Quando o passageiro, seu representante, com um braço passado através da correia de couro, que o impedia de cair sobre o companheiro ao lado, e que o mantinha em seu canto durante os solavancos bruscos da carruagem, cabeceou em seu lugar, com os olhos semicerrados, à pequena janela, com o clarão indistinto da lanterna do coche coando-se através dela e da figura volumosa do passageiro à frente; tudo se transformou no banco, num movimento febril de negócios. O chocalhar dos arreios era o tintar das moedas, e foram honrados mais saques em cinco minutos do que mesmo o Tellson, a despeito de suas vastas conexões nacionais e estrangeiras, jamais pagou no triplo do tempo. Então, a casa-forte, nos subterrâneos do Tellson, com todos aqueles seus bens valiosos e segredos que o passageiro conhecia (e não era pouco o que sabia a esse respeito), abriu-se à sua frente, e ele, munido do grande molho de chaves e da fraca chama de uma vela, inspecionou-os uma vez mais, constatando que continuavam a salvo, sólidos e seguros, da mesma forma que os deixara da última vez.

Contudo, embora o banco estivesse sempre diante dele, e se apercebesse (de um modo difuso, como a dor sob o efeito do ópio) dos solavancos da carruagem, havia uma outra corrente de impressões que não o abandonara em um só momento no decorrer da noite. Ele estava a caminho de desencavar alguém de seu sepulcro.

Dentre a multidão de rostos que desfilavam à sua frente, as sombras da noite

não indicavam qual a verdadeira face da pessoa encerrada em seu túmulo; mas todas eram as faces de um homem de quarenta e cinco anos e diferiam principalmente nas paixões que expressavam e na aparência mais ou menos medonha de seu desgastado e consumido estado. Arrogância, desdém, desafio, obstinação, submissão e pesar sucediam-se, bem como as variedades de faces encovadas, cores cadavéricas, mãos e vultos emaciados. Era, entretanto, sempre a mesma fisionomia na face que se destacava a cada vez, e todas elas apresentavam a cabeça prematuramente encanecida. Uma centena de vezes o sonolento passageiro inquiriu ao espectro:

- Sepultado há quanto tempo? A resposta era sempre a mesma:
- Quase dezoito anos.
- Já abandonou toda esperança de ser desenterrado?
- Há muito tempo.
- Sabe que foi chamado de volta à vida?
- Eles me disseram.
- Tem vontade de viver?
- Não sei mais.
- Devo trazê-la até você? Concordaria em vê-la?

As respostas a essa indagação eram diversas e contraditórias. Algumas vezes, a réplica denotava desalento:

- Espere! Vê-la tão cedo por certo me mataria! Outras vezes, chegava em meio a um pranto enternecido:
- Leve-me até ela. Ou então, com o olhar fixo e aturdido:
- Eu não a conheço. Não entendo.

Depois desse diálogo imaginário, o passageiro, em sua fantasia, começava a cavar, e cavar, ora com uma pá, ora com uma grande chave, ora com as próprias mãos, a desencovar a miserável criatura. Finalmente fora do túmulo, com terra grudada nas faces e nos cabelos, ela de súbito se desintegrava, reduzindo-se a pó. O passageiro então despertava com um estremecimento, e abria a janela, para sentir a realidade da chuva e da névoa fustigando o seu rosto.

Todavia, mesmo com os olhos abertos para a névoa e para a chuva, para o rastro de luz das lanternas, e a mar-gem da estrada recuando aos saltos, as sombras da noite lá fora penetravam na carruagem e se misturavam com as sombras da noite em seu interior. A casa bancária real, perto de Temple Bar, os negócios reais do dia anterior, a casa-forte real, o mensageiro real que fora enviado em seu encaço e a mensagem real que despachara, tudo jazia ali nas sombras. E dessas brumas sombrias emergia a face fantasmagórica, a quem ele novamente perguntava:

- Sepultado há quanto tempo?
- Quase dezoito anos.
- Tem vontade de viver?
- Não sei mais.

Cavar, cavar, cavar, até que um movimento impaciente de um dos dois passageiros o advertia a fechar a janela, passar o braço com firmeza pela correia de couro e especular sobre aquelas duas figuras adormecidas, não demorando que seus contornos se esmaecessem e sua mente se distanciasse,

deslizando novamente para o banco e o sepulcro.

— Sepultado há quanto tempo?

— Quase dezoito anos.

— Já perdeu toda esperança de ser desenterrado?

— Há muito tempo.

As palavras ainda ressoavam em seus ouvidos como se recém-pronunciadas, tão distintas como jamais tinham sido as outras proferidas em sua vida, quando o exausto passageiro despertou para a lucidez do dia e percebeu que as sombras da noite se haviam dissipado.

Abriu a janela e olhou para o sol que nascia. Avistou um cômodo de terra lavrada, com um arado no lugar onde fora deixado na noite anterior, quando tiraram o jugo dos cavalos. Além, um pequeno bosque, no qual muitas folhas em tons de vermelho-vivo e amarelo-dourado ainda permaneciam nas árvores. Embora a terra estivesse fria e úmida, o céu mostrava-se claro e o sol levantava-se brilhante, plácido e belo.

— Dezoito anos! — murmurou o passageiro, contemplando o sol. — Louvado Criador do dia! Ficar enterrado vivo por dezoito anos!

## CAPÍTULO IV

### APREPARAÇÃO

Quando a mala-posta chegou finalmente a Dover, já adiantada a manhã, o chefe da recepção do Hotel Royal George abriu a porta da carruagem, como era seu costume. Fê-lo com alguma cerimônia, uma vez que a jornada numa malaposta de Londres a Dover no inverno era proeza digna de congratulações para o intrépido viajante.

Àquela altura, só sobrara um viajante aventureiro para ser parabenizado, já que os outros dois haviam descido na estrada, em seus respectivos destinos. O bolorento interior da carruagem, com a palha úmida e suja, seu odor desagradável e imerso na obscuridade, tinha a aparência de um grande canil, e o passageiro, senhor Lorry, sacudindo-se para livrar-se da palha grudada, numa mistura confusa de abrigo peludo, chapéu desabando nas orelhas e pernas enlameadas, parecia alguma espécie de grande mastim.

— Haverá um pacote para Calais amanhã? — perguntou ao empregado do hotel.

— Sim, senhor, se o tempo se mantiver firme e o vento não atrapalhar. A maré estará bastante propícia por volta das duas da tarde, senhor. Pretende repousar agora?

— Não, só à noite. Mas gostaria de um quarto e de um barbeiro.

— E depois, o almoço, senhor? Sim, senhor. Por aqui, senhor, por favor. Conduzam este cavalheiro até o Concord! Levem sua valise e providenciem água quente. Tirem-lhe as botas. (Encontrará um bom fogo ardendo na lareira, senhor.) Vão buscar o barbeiro e mandem-no para o Concord. Andem, mexam-se!

O Concord era habitualmente reservado para os passageiros da mala-posta, e como estes chegavam sempre envoltos dos pés à cabeça em roupas pesadas, o quarto apresentava um interesse especial para o pessoal do Royal George, pois embora fossem vistas nele entrando sempre pessoas com as mesmas características, dele saíam os tipos mais diversos e variados. Conseqüentemente, outro criado da recepção e dois carregadores, além de várias camareiras e da governanta, estavam todos demorando-se de forma casual em diversos pontos do percurso entre o Concord e a sala de refeições quando um cavalheiro de sessenta anos, formalmente vestido num traje marrom, um tanto usado, mas muito bem conservado, com grandes punhos quadrados e abas largas nos bolsos, passou a caminho do almoço.

Não havia nenhum outro freguês no refeitório, naquela manhã, além do



cavalheiro de marrom. Sua mesa estava posta em frente à lareira, e ele sentou-se, aguardando a refeição, com a luz das chamas refletindo-se em seu semblante, tão imóvel que parecia ali estar para posar para um retrato.

Afigurava-se muito ordeiro e metódico, com as mãos nos joelhos e um ruidoso relógio tiquetaqueando um sermão sonoro sob o colete, como se opusesse sua gravidade e longevidade à leveza e fugacidade do fogo crepitante. Ele possuía pernas bem feitas, e parecia orgulhar-se um pouco disso, por suas meias castanhas, macias e justas, de fina textura. Seus sapatos e fivelas, apesar de simples, revelavam o mesmo esmero. Usava uma vistosa peruca da cor do linho, lustrosa e ondulada, pequena e bem ajustada na cabeça, que pretendia imitar cabelos verdadeiros, mas parecia tecida de filamentos de seda ou de cristal. A camisa de linho, embora de qualidade inferior à das meias, mostrava-se branca como a crista das ondas que quebravam na praia vizinha, ou as velas que refulgiam no mar ao longe, sob o sol. O rosto, habitualmente sereno e contido, era iluminado, sob a delicada peruca, por um par de olhos vivos e brilhantes, que por certo tinham custado a seu dono, em tempo idos, um grande esforço para reduzi-los à expressão impessoal e reservada do Banco Tellson. Suas bochechas exibiam um colorido saudável e a face, a despeito das rugas, apresentava poucas marcas de ansiedade. Mas talvez os discretos solteiros do Banco Tellson se ocupassem principalmente das inquietações alheias e, possivelmente, das preocupações de segunda mão, como as roupas de segunda mão, que se desgastam com mais facilidade.

Completando a semelhança com alguém posando para um retrato, o senhor Lorry acabou por adormecer. A chegada do almoço despertou-o, e ele disse ao criado, puxando mais a cadeira na direção da mesa:

— Gostaria que fossem preparadas acomodações para uma jovem senhora que deve chegar a qualquer momento. Ela perguntará pelo senhor Jarvis Lorry, ou apenas por um cavalheiro do Banco Tellson. Por favor, avise-me quando isso acontecer.

— Sim, senhor. O Banco Tellson de Londres, senhor?

— Exatamente.

— Sim, senhor. Nós temos com frequência a honra de hospedar os cavalheiros do Tellson em suas jornadas entre Londres e Paris. Viaja-se bastante, senhor, no Banco e na Companhia Tellson.

— É verdade. Somos uma companhia quase tão francesa quanto inglesa.

— Sim, senhor. Mas parece-me que não costuma viajar muito, senhor.

— Não ultimamente. Faz quinze anos que nós... que eu... estive na França.

— É mesmo, senhor? Foi antes do meu tempo aqui. Antes de todo o pessoal do hotel, senhor. O George pertencia a outro dono naquela época, senhor.

— Creio que sim.

— Mas sou capaz de apostar que uma casa como a Tellson e Companhia já devia florescer há cinquenta anos, quanto mais há quinze, senhor.

— Pois pode triplicar esse tempo e apostar em cento e cinquenta que não estaria longe da realidade.

— Realmente, senhor?

Arregalando a boca e os olhos, enquanto se afastava alguns passos da mesa,

o garçom mudou o guardanapo do braço direito para o esquerdo, assumiu uma postura confortável e permaneceu ali, inspecionando o hóspede enquanto ele comia e bebia, como se estivesse no alto de um observatório ou de uma torre de vigia. Seguiu o costume imemorial dos garçons de todas as eras.

Depois de terminada a refeição, o senhor Lorry saiu para uma caminhada pela praia. A pequena, estreita e recurvada cidade de Dover escondia-se da orla e enterrava a cabeça nos penhascos de calcário como uma espécie marinha de avestruz. A praia era um deserto transbordante de ondas e pedras que se entrechocavam selvagememente, e o mar fazia o que desejava, e o que desejava era destruição. Estrondeava aos pés da cidade e bramia contra os rochedos, arremetendo de encontro à costa, de uma forma insana. O ar que circulava entre as casas possuía um cheiro tão forte de maresia que se poderia supor que peixes doentes haviam subido para nele mergulhar, assim como as pessoas enfermas desciam para os banhos de mar. Praticava-se a pesca em pequena escala no porto e passeava-se muito à noite, para admirar as águas do canal, especialmente quando a maré estava alta, quase transbordante. Viam-se ali pequenos comerciantes que não faziam negócios de espécie alguma, mas que, por vezes, e de forma inexplicável, acumulavam grandes fortunas; e era digno de nota que ninguém nas cercanias visse com bons olhos os acendedores de lampiões.

À medida que o dia declinava pela tarde a dentro e o tempo, que se mostrara a intervalos claro o suficiente para que se pudesse avistar a costa francesa, voltava a tornar-se nevoento, os pensamentos do senhor Lorry também tomavam um rumo umbroso. Quando escureceu finalmente, e estava sentado em sua mesa defronte da lareira, aguardando o jantar, na mesma imobilidade com que aguardara o almoço, sua mente ocupava-se em cavar, cavar e cavar entre as brasas de um vermelho-vivo.

Uma garrafa de bom clarete após o jantar não pode fazer mal a um escavador nos carvões incandescentes, mas tem o condão de afastá-lo de sua estranha tarefa. O senhor Lorry quedou-se, por um longo tempo, preso de agradável lassidão e, mal terminara de encher o último copo, exibindo aquela expressão de satisfação completa que é sempre encontrada num idoso mas saudável cavalheiro que chega ao final de uma garrafa, quando o estrépito das rodas de uma carruagem invadiu a rua estreita e estrondeou no pátio da hospedaria.

Ele pousou o copo intocado sobre a mesa.

— Deve ser *Mam'selle!* — murmurou.

Poucos minutos depois, o garçom veio anunciar que a senhorita Manette havia chegado de Londres e apreciaria encontrar-se com o cavalheiro do Tellson.

— Tão cedo?

A senhorita Manette repousara um pouco na estrada, portanto não necessitava de descanso, e estava extremamente ansiosa para ver o cavalheiro do Tellson de imediato, se isso não o incomodasse.

O cavalheiro do Tellson pôde apenas esvaziar o copo com um ar de exasperada resignação e ajustar a peruca loura sobre as orelhas antes de seguir o garçom ao aposento da senhorita Manette. Este era um quarto grande e sombrio, mobiliado em estilo funéreo com guarnições de crina preta e carregado com

pesadas mesas escuras, que haviam sido untadas e esfregadas até a grande mesa no centro refletir a luminosidade mortiça dos dois candelabros pousados sobre seu tempo. Era como se estivessem enterrados em profundos jazigos revestidos de mogno negro e nenhuma outra luz se pudesse esperar deles até que fossem exumados.

A obscuridade era tão difícil de penetrar que o senhor Lorry, tateando o caminho através do surrado tapete persa, supôs que a senhorita Manette estivesse em algum quarto vizinho, até que, tendo passado pelos dois candelabros, avistou-a de pé para recebê-lo, entre a mesa e a lareira, uma jovem de não mais de dezessete anos, num traje de via-gem, ainda tendo nas mãos, seguro pelas fitas, o chapéu de palha que acabara de tirar. Quando seus olhos focalizaram a pequena, esguia e graciosa figura, uma nuvem de cabelos dourados, um par de olhos azuis que se cruzaram com os dele numa interrogação muda, e uma testa dotada da singular capacidade (fazendo lembrar quão jovem e suave era) de erguer-se e tecer expressões que não se limitavam à perplexidade, curiosidade ou receio, nem mesmo a uma atenção fixa, mas constituíam uma mescla das quatro emoções, quando seus olhos focalizaram todos esses detalhes, invadiu-lhe a mente a súbita e vívida imagem de uma criança que ele tomara nos braços durante a travessia do mesmo canal num dia muito frio, com o granizo caindo sobre o mar encapelado. A percepção da semelhança durou apenas um segundo, como um sopro na superfície do lúgubre espelho atrás dela, em cuja moldura desfilava uma louca procissão de cupidos negros, muitos sem cabeça e todos estropiados, que ofereciam cestas negras de frutos do Mar Morto a negras divindades femininas. Ele curvou-se numa reverência perante a senhorita Manette.

— Sente-se, por favor, senhor — Numa voz límpida, jovem e agradável. Um ligeiro, ligeiríssimo, sotaque estrangeiro.

— Beijo-lhe a mão, senhorita — replicou o senhor Lorry, com os modos de um cortejador antiquado, ao proceder a uma nova e formal reverência antes de sentar-se.

— Recebi ontem uma carta do Banco comunicando que uma informação ou descoberta...

— A denominação não importa, senhorita, ambas as palavras são adequadas.

— ...a respeito de uma pequena propriedade de meu pobre pai, que não conheci, morto há tanto tempo...

O senhor Lorry remexeu-se na cadeira, lançando um olhar perturbado à extravagante procissão de cupidos negros. Como se *eles* pudessem ajudar quem quer que fosse com aquelas cestas absurdas! — ...entenderam ser necessário que eu fosse a Paris e entrasse em contato com um cavalheiro do Banco, que gentilmente se dispôs a viajar para lá com esse único propósito.

— Eu mesmo.

— Era o que esperava ouvir, senhor.

A senhorita Manette inclinou a cabeça numa mesura (as jovens faziam mesuras, naqueles dias), no afã de transmitir-lhe o quanto o reputava mais velho e sábio do que ela. Ele ofereceu-lhe mais uma reverência.

Eu respondi ao Banco, senhor, que, uma vez que pessoas experientes entenderam necessária minha ida à França, e tiveram a bondade de advertir-me disso, e como sou uma órfã sem nenhum amigo que possa acompanhar-me, apreciaria muito se concordassem em que eu me colocasse sob a proteção desse amável cavalheiro. Soube que ele já havia deixado Londres, mas creio que lhe enviaram uma mensagem para que me aguardasse aqui.

— Fiquei feliz por ser encarregado da missão. Ficarei mais feliz ainda em executá-la.

— Senhor, eu lhe agradeço realmente. Agradeço-lhe profunda e sinceramente. O Banco me avisou que o senhor me explicaria todos os detalhes do negócio e preveniu-me que os consideraria surpreendentes. Preparei-me o melhor que pude e, sem dúvida, estou fortemente interessada e ansiosa por saber que detalhes são esses.

— É claro — concordou o senhor Lorry. — Sim... eu...

Após uma pausa, acrescentou, ajustando outra vez a peruca frisada sobre as orelhas.

— É muito difícil começar.

Ele não começou, mas, em sua indecisão, encontrou o olhar. A testa da jovem ergueu-se naquela expressão singular — que também era encantadora e característica — e ela suspendeu a mão, como se, com aquele gesto involuntário, pudesse capturar ou deter alguma sombra fugidia.

— O senhor é realmente um desconhecido para mim?

— E não sou? — O senhor Lorry abriu as mãos, estendendo-as para a frente com um sorriso sugestivo.

Entre as sobrancelhas e um pouco acima do pequeno nariz feminino, da linha mais fina e delicada, a expressão aprofundou-se. Ela, que até então estivera de pé, acomodou-se pensativamente na cadeira. Ele observou-a refletir e, no instante em que a moça tornou a levantar os olhos, prosseguiu:

— Senhorita Manette, presumo que, em seu país adotivo, o melhor a fazer é dispensar-lhe o tratamento adequado a uma jovem inglesa?

— Se preferir, senhor.

— Senhorita Manette, sou um homem de negócios e tenho um para resolver com a senhorita. Ao ouvir-me, peço-lhe que não me dê mais atenção do que daria a uma máquina que fala, na verdade, não sou muito mais do que isso. Com sua permissão, eu lhe relatarei a história de um de nossos clientes.

— História!

O senhor Lorry intencionalmente pareceu ter confundido a palavra que ela repetiu, quando prosseguiu, apressado:

— Sim, cliente. Nos negócios financeiros, usualmente chamamos de “clientes” as pessoas com quem mantemos conexões. Esse de quem falo era um cavalheiro francês. Cientista, homem de grande erudição... um doutor.

— Não era de Beauvais, pois não?

— Ora, sim, de Beauvais. Como o *monsieur* Manette, seu pai, o cavalheiro era de Beauvais. E a exemplo de seu pai, *monsieur* Manette, ele gozava de grande reputação em Paris. Eu tive a honra de conhecê-lo lá. Nossas relações eram de natureza comercial, mas confidenciais. Eu estava naquela época em

nossa casa francesa, e já faz... oh! vinte anos.

— Naquela época, se me é dado perguntar, que época, senhor?

— Refiro-me, senhorita, a vinte anos passados. Ele se casou com uma dama inglesa, e eu fui um dos curadores. Os negócios dele, bem como os de muitos outros cavalheiros franceses e de suas famílias, estavam inteiramente nas mãos do Tellson. Do mesmo modo, eu próprio sou, ou tenho sido, curador de um tipo ou outro de negócio de nossos clientes. São apenas relações comerciais, senhorita, que não envolvem amizade, interesses particulares nem quaisquer outros sentimentos. No curso de minha vida profissional, eu ia de um caso a outro da mesma maneira que ia de um cliente a outro ao longo de um dia de trabalho. Em resumo, não sou afetado em termos emocionais. Não passo de uma simples máquina. Continuando...

— Mas esta é a história de meu pai, senhor, e começo a pensar que... — a testa curiosamente enrugada concentrava-se nele com mais intensidade — que, quando minha mãe morreu, dois anos depois de papai, e me tornei órfã, foi o senhor quem me levou para a Inglaterra. Tenho quase certeza de que foi o senhor.

O senhor Lorry segurou a pequena e hesitante mão que confiantemente avançou na direção da dele e levou-a aos lábios com certa cerimônia. Então, reconduziu a jovem senhorita a seu assento e, apoiando a mão esquerda no espaldar da cadeira ao mesmo tempo que, com a direita, alternadamente coçou o queixo, ajustou a peruca sobre as orelhas e gesticulou para enfatizar o que dizia, olhou para baixo, fitando-lhe o rosto que se erguia para contemplá-lo.

— Senhorita Manette, *fui* eu. E a senhorita verá o quanto fui franco a meu respeito ao afirmar que não era guiado por qualquer sentimento e que todas as relações que mantive com meus clientes eram estritamente profissionais, se considerar que nunca mais a vi desde então. Não, a senhorita esteve sob a tutela do Tellson todos esses anos e eu me mantive demasiado ocupado com outros assuntos dessa casa. Sentimentos! Não tenho tempo nem oportunidade para eles. Passei toda a minha vida, senhorita, ajudando a movimentar as engrenagens de uma imensa máquina financeira.

Após essa original descrição de sua rotina diária de trabalho, o senhor Lorry alisou o alto da peruca loura com ambas as mãos (o que era desnecessário, pois não havia nada mais liso do que o topo da peruca loura) e retornou à sua atitude anterior:

— Até aqui, senhorita, como bem observou, esta é a história de seu pranteado pai. Agora vem a diferença. Se seu pai não tivesse morrido naquela ocasião, não se alarme! Como parece assustada! Ela estava, de fato, assustada, e agarrou-lhe o pulso.

— Rogo-lhe — disse o senhor Lorry, em tom tranqüilizador, retirando a mão esquerda da cadeira para pousá-la sobre os dedos suplicantes e trêmulos que o apertavam —, rogo-lhe que domine a agitação. Estamos tratando de negócios, apenas isso. Como eu ia dizendo...

O aspecto dela era tão descomposto que ele parou, meditou e retomou o discurso:

— Como eu ia dizendo, se *monsieur* Manette não houvesse morrido e sim...

desaparecido súbita e silenciosamente, se lhe tivessem dado sumiço e ninguém pudesse descobrir-lhe o paradeiro... se ele possuísse como inimigo algum compatriota que pudesse exercer prerrogativas tais que, em meu tempo, vi muita gente destemida receosa de sequer comentá-las em voz baixa. Prerrogativas como, por exemplo, a de preencher formulários em branco, a fim de condenar qualquer um ao esquecimento e ao confinamento por período indeterminado. Se a esposa dele houvesse implorado em vão ao rei, à rainha, à corte e ao clero que lhe dessem notícias do marido... então a história de seu pai seria a mesma desse desafortunado cavalheiro, o doutor de Beauvais.

— Peça-lhe encarecidamente que me conte mais, senhor.

— Contarei. Tem certeza de que pode suportar?

— Posso suportar tudo, menos a incerteza em que acabou de me deixar.

— Fala com tanto controle, e a senhorita... *está* controlada. Muito bom! — aplaudiu, embora seus gestos lhe desmentissem as palavras. — Uma questão de negócios. Encare-a como uma questão de negócios... que precisam ser resolvidos. Ora, se a esposa do doutor, a despeito de sua grande coragem e determinação, sofresse tanto com o desaparecimento do marido antes do nascimento de sua pequena criança...

— Sua pequena criança era uma filha, senhor.

— Uma filha. Uma... questão de... negócios, não se aflija. Senhorita, se a pobre dama tivesse sofrido tão intensamente antes do nascimento da criança que ela tomou a decisão, para poupá-la de uma herança de agonia e desespero, de fazê-la acreditar que o pai havia morrido. Não, não se ajoelhe! Em nome do céu, por que se ajoelha diante de mim?

— Para que me revele a verdade. Oh, estimado, gentil e compassivo senhor, revele-me toda a verdade!

— Estamos tratando de negócios, não esqueça. Apenas... negócios. A senhorita me confunde... como poderei cuidar de negócios se me deixar confuso? Raciocinemos com calma. Se tivesse a bondade de me dizer, por exemplo, qual o resultado da multiplicação de nove pences por nove, ou a quantos xelins equivalem vinte guinéus, seria encorajador. Eu me sentiria mais tranqüilo quanto a seu estado emocional.

Sem responder diretamente àquele apelo, ela sentouse, empertigada e imóvel, depois que ele a ergueu com delicadeza, e as mãos que não haviam cessado de apertar-lhe os pulsos pousaram, suaves e firmes, sobre o regaço. Isso bastou para devolver a confiança ao senhor Jarvis Lorry.

— Assim está bem, está bem. Coragem! Negócios! Tem negócios a solucionar, senhorita, negócios importantes. Senhorita Manette, sua mãe tomou essa decisão a seu respeito. E quando ela faleceu, com o coração partido, suponho, sem jamais ter desistido de sua busca inútil, deixou-a, com dois anos de idade, para crescer, florescer, tornar-se linda e feliz, sem que nuvens negras pairassem sobre a sua cabeça e sem incertezas quanto ao seu pai, se logo sairia da prisão ou se ali permaneceria, desperdiçando a vida trancafiado por longos anos mais.

Ao pronunciar aquelas palavras, ele olhou para baixo com um admirável ar de piedade, fitando-lhe os sedosos cabelos dourados, como receando que já

estivessem prematuramente encanecidos.

— A senhorita sabe que seus pais não tinham grandes posses, e que o pouco que possuíam ficou segurado no nome de sua mãe e no seu. Não se descobriu nenhum outro bem, quer fosse em dinheiro, quer fosse em propriedades. Contudo... Senti que os dedos da jovem lhe apertavam o pulso e parou. A expressão na testa, que tanto o atraía e que agora apresentava-se fixa, havia-se aprofundado em sofrimento e horror.

— Contudo ele... foi encontrado. Está vivo. Muito mudado, é provável; quase destroçado, é possível, mas esperaremos pelo melhor. Ainda vivo, e isso é o que conta. Seu pai foi levado à casa de um velho criado em Paris, para onde nos dirigiremos em seguida. Eu, para identificá-lo, se o conseguir. E a senhorita, para devolvê-lo à vida, ao amor, às suas atividades, à tranqüilidade e ao conforto.

Um tremor percorreu-a e transmitiu-se ao senhor Lorry. Ela disse, numa voz baixa, pausada, uma voz de horror e estupefação, como se falasse num sonho:

— Verei seu espectro! Será seu espectro... não ele!

O senhor Lorry afagou com suavidade as mãos que lhe prendiam o braço.

— Não, não, não. Veja, compreenda. Já agora conhece tudo, o melhor e o pior. A senhorita está a caminho de encontrar o pobre e injustiçado cavaleiro. E, após uma travessia tranqüila do canal e uma jornada tranqüila por terra, irá para junto de seu ente querido.

Ela repetiu no mesmo tom, reduzido a um mero sussurro:

— Eu era livre, era feliz, pois seu espectro jamais me assombrou!

— Só mais uma coisa — acrescentou o senhor Lorry, enfatizando as palavras, no esforço de reconquistar-lhe a atenção. — Encontraram-no sob outro nome. O dele foi há muito esquecido ou ocultado. Seria inútil tentar averiguar qual das duas hipóteses é a correta, bem como seria inútil tentar apurar se ele foi simplesmente por anos esquecido ou se estava destinado ao cárcere permanente. Não devemos fazer perguntas de qualquer espécie, seria muito perigoso. E é melhor nos abstermos de tocar no assunto, não importa onde nem de que modo, e removê-lo da França o mais cedo possível. Mesmo eu, protegido por minha cidadania inglesa, e agente do Tellson, tão importante para as finanças francesas, evito qualquer alusão ao caso. Trago tudo na mente. Não disponho de um único papel que se refira abertamente ao tema. Afinal, não deixa de ser uma missão secreta. Minhas credenciais, ordens e memorandos, tudo se limita a uma frase, “De volta à vida”, que pode significar qualquer coisa. Mas, o que é isso?! Ela não ouviu uma palavra! Senhorita Manette!

Totalmente quieta e silenciosa, sem sequer encostarse no espaldar da cadeira, ela quedava-se sob suas mãos, completamente insensível, com os olhos abertos e fixos nele, e com aquela última expressão parecendo ter sido gravada ou marcada a fogo em seu semblante. Apertava com tanta força o seu braço que o senhor Lorry receou machucá-la, caso tentasse se libertar. Assim, gritou por ajuda sem se mover.

Uma mulher de aspecto feroz, que o senhor Lorry, mesmo em sua perturbação, não pôde deixar de observar ser toda de uma cor avermelhada, até na tonalidade dos cabelos ruivos, vestiu-se num estilo de roupas

extraordinariamente justas e ter sobre sua cabeça um formidável chapéu que mais parecia um recipiente de madeira de um granadeiro[24], e de bom tamanho, ou um grande queijo Stilton, entrou correndo no quarto, à frente dos criados do hotel, e prontamente solucionou o problema de sua separação da pobre senhorita, colocando a mão musculosa em seu peito e fazendo-o voar de encontro à parede vizinha.

“Que força! Essa mulher bem podia ter sido um homem!”, o senhor Lorry pensou, arquejando ao bater as costas na parede.

— Ora, olhem só para vocês! — berrou a estranha figura para os criados do hotel. — Por que não vão buscar alguma coisa, em vez de ficarem aí parados olhando para mim? Não sou nenhuma beldade para vocês me encararem desse modo! Vão procurar sais, água fria, vinagre, qualquer coisa para socorrer a senhorita, e rápido, ou terão de haver-se comigo!

Houve uma dispersão imediata, em busca desses tonificantes. Ela deitou gentilmente a paciente num sofá, enquanto a assistia com grande habilidade e solicitude, chamando-a de “minha preciosa!” e de “meu passarinho!” e ajeitando-lhe os cabelos dourados sobre os ombros com cuidado e visível orgulho.

— E o senhor, de marrom! — ela bradou, voltando-se indignada para o senhor Lorry. — Não podia contar-lhe o que precisava sem assustá-la até a morte? Olhe para ela, com seu lindo rosto tão pálido e suas mãos frias. Chama *isso* de trabalho próprio de um banqueiro?

O senhor Lorry sentiu-se desconcertado a tal ponto diante de questão tão difícil de responder que somente pôde observar a distância, com peserosa simpatia e humildade, enquanto a forte mulher, tendo expulso os criados sob a misteriosa ameaça de “haverem-se com ela”, cujas reais implicações não foram esclarecidas, conseguiu trazer aos poucos sua protegida de volta a si, e sentou-a de modo que apoiasse a cabeça em seu ombro.

— Espero que ela agora se recupere — disse o senhor Lorry.

— Não graças ao senhor. Minha pobre menina...

— Eu espero — o senhor Lorry prosseguiu, após outra pausa de humilde e peserosa simpatia — que a senhora acompanhe a senhorita Manette até a França?...

— É bem provável! — a forte mulher replicou. — Se estava escrito que eu cruzaria a água salgada, o senhor acha que a decisão da Providência seria manter-me numa ilha?

Sendo outra pergunta difícil de responder, o senhor Lorry retirou-se, para melhor considerá-la.



## CAPÍTULO V

### *A TABERNA*

Um grande tonel de vinho tombou na rua e se quebrou. O acidente aconteceu no momento em que o retiravam de uma carroça. O tonel despencou rapidamente, os arcos se romperam e ele rolou sobre as pedras bem na porta de uma taberna, espatifando-se como uma casca de noz.

Todas as pessoas das cercanias interromperam seus afazeres, ou seu ócio, e correram ao local para beber o vinho.

As pedras ásperas e irregulares da rua, cheias de pontas aguçadas, podendo-se pensar que teriam sido especialmente projetadas para aleijar a todos os seres vivos que sobre elas passassem, haviam represado o vinho em pequenas poças, cada qual rodeada, de acordo com seu tamanho, por grupos maiores ou menores de pessoas que se acotovelavam. Alguns homens se ajoelharam, juntaram as mãos em concha e beberam, ou tentaram ajudar as mulheres, que se curvavam sobre seus ombros e procuravam engolir o vinho antes que este lhes escapasse por entre os dedos. Outros, homens e mulheres, cavoucaram as poças com canecas de barro lascadas ou mesmo com os lenços de cabeça das mulheres, que eram torcidos para derramar gotas do líquido precioso na boca das crianças. Outros construíram diminutos aterros para deter o vinho que se espalhava. Outros, guiados pelos espectadores aboletados nas altas janelas, atiravam-se de um lado para o outro, interceptando os pequenos riachos de vinho que se afastavam em novas direções. Outros, ainda, dedicavam seus esforços aos pedaços encharcados e tingidos do barril, lambendo e até mastigando ruidosamente os fragmentos molhados de vinho com avidez. Não havia escoadouros para o vinho, e não só todo ele foi levado pelas pessoas como também carregou-se junto toda a lama, ficando a rua tão limpa que parecia que um varredor de ruas havia passado por ali, se é que alguém familiarizado com as redondezas pudesse acreditar em tão miraculosa presença.

O som agudo de riso e de vozes animadas, de homens, mulheres e crianças, ressoou na rua enquanto perdurou o jogo da “caça ao vinho”. Foi um jogo divertido e um tanto rude, caracterizado por uma camaradagem especial, por uma inclinação notável entre as pessoas para se unirem umas às outras, a qual conduziu, principalmente para os mais afortunados ou eufóricos, a abraços folgazões, brindes pela saúde, apertos de mão e a danças de roda com as mãos dadas. Quando o vinho se acabou, e os lugares onde a bebida se empoçara com abundância reduziram-se a marcas de dedos formando um curioso padrão de grades, essas demonstrações cessaram de modo tão repentino como quando

começaram. O homem que abandonara a serra cravada na lenha que cortava tornou a colocá-la em movimento. A mulher que deixara no umbral da porta um pequeno braseiro com cinzas quentes, com as quais tencionava aquecer as mãos e os pés, dela e do filho, retornou ao braseiro. Homens com os braços nus, cabeleiras hirsutas e faces cadavéricas, que haviam emergido dos porões para a luz vernal, regressaram a seus subterrâneos. A melancolia apossou-se do cenário, combinando-se com este de modo mais natural do que o brilho do sol.

O vinho era tinto e manchou de rubro o chão da rua estreita no subúrbio de Santo Antônio, em Paris, por onde se espalhou. Também tingiu muitas mãos, e muitos rostos, e muitos pés descalços e muitos sapatos de madeira. As mãos do homem que serrava lenha deixou marcas vermelhas nas toras. E a testa da mulher que embalava seu bebê foi manchada pelo trapo velho que tornara a amarrar na cabeça. Aqueles que se haviam atirado com avidez às aduelas do barril adquiriram nódoas vermelhas como sangue ao redor da boca. E um rapaz alto, brincalhão e muito manchado, de cuja cabeça quase caía um comprido barrete, mergulhou o dedo na lama tingida de vinho e garatujou num muro “SANGUE”. Aproximava-se o tempo em que também essa espécie de vinho se derramaria pelas pedras da rua, e seu corante tingiria de vermelho muitos dos que ali se encontravam.

E agora que a nuvem encobria Santo Antônio, cujo sagrado semblante fora momentaneamente iluminado por um raio de sol, e as trevas que sobre ele pesavam voltavam a se adensar — frio, sujeira, doença, ignorância e fome —, eram os senhores que se perfilavam perante a santificada presença, nobres de grande poder todos eles, mas especialmente o último. Espécimes de um povo que, de uma forma terrível, vinha sendo moído e remoído, e certamente não no moinho fabuloso que transformava velhos em jovens, experimentavam calafrios em cada esquina, entravam e saíam de cada porta, olhavam através de cada janela, tremulavam em cada farrapo que o vento agitava. O moinho que os havia triturado era aquele que transformava jovens em velhos. As crianças exibiam rostos envelhecidos e vozes graves; e sobre elas, e sobre seus rostos adultos, lavrado em cada sulco da idade e renovando-se a cada momento, estava o mesmo sinal, a Fome. Esta prevalecia por toda a parte. A Fome projetava-se das casas estreitas nas roupas esfarrapadas que pendiam de varas e cordas. A Fome era remendada no interior delas com retalhos de palha, trapos, madeira e papel. A Fome repetia o seu nome em cada fragmento da lenha miúda e escassa que os homens cortavam. A Fome os contemplava do alto das chaminés sem fumaça e do rés das vias imundas, sem nenhum resíduo, no meio de seu lixo, de algo que se pudesse comer. Fome era a inscrição nas prateleiras do padeiro, gravada em cada pãozinho de seu exíguo estoque de pão ruim; na salsicharia, em cada produto de carne de cachorro que era posto à venda. A Fome chacoalhava seus ossos secos entre as castanhas, no cilindro giratório em que eram postas a assar no braseiro. A Fome se estilhava em átomos em cada ínfima tigela de palhentas rodela fina de batata, fritas com algumas relutantes gotas de azeite.

Sua residência permanente lhe era de todo conveniente. Uma rua estreita e batida pelo vento, cheia de imundícies e mau cheiro, desembocando em outras

ruas estreitas e batidas pelo vento, todas povoadas por figuras andrajosas e bêbadas, cheirando a andrajos e bebida, e por todas as coisas que exibiam seu aspecto enfermizo ao olhar atento. Sob o ar acuado das pessoas existia, contudo, a idéia feroz quanto à possibilidade de se transformarem de caça em caçador. Embora deprimidos e furtivos, não faltavam no meio deles os olhos de fogo, nem lábios crispados, esbranquiçados por tudo quanto calavam, nem frentes cujas rugas se entreteciam como a corda dos patibulos que pensavam um dia vir a suportar ou infligir. Os sinais de comércio (e os havia em cada uma das lojas) eram todos sombrias ilustrações da Fome. O açougueiro e o homem que vendia carne de porco pintavam em suas tabuletas apenas as carnes de pescoço mais esqueléticas. O padeiro, os mais grosseiros e minguados pães. As pessoas toscamente retratadas bebendo nas tabernas resmungavam sobre as diminutas canecas de vinho e cerveja, trocando olhares dissimulados e ameaçadores. Nada era representado em condições de prosperidade, com exceção de ferramentas e armas. As facas e os machados do cuteleiro eram aguçados e brilhantes, o martelo do ferreiro era pesado e o estoque do fabricante de armas era mortífero. As pedras irregulares e afiadas do chão, com seus pequenos e numerosos reservatórios de lama e água parada, não ofereciam passeio para pedestres, parando abruptamente diante das portas. O esgoto, em compensação, corria pelo meio da rua, quando corria, já que isso só acontecia depois de chuvas fortes. Então, precipitava-se por muitos excêntricos caminhos para dentro das casas. Ao longo das ruas, em largos intervalos, havia toscos lampiões suspensos por roldana e corda. À noite, quando o acendedor de lampiões os abaixava para acendê-los e tornava a erguê-los, as luzes turvas oscilavam sobre as cabeças de modo nauseante, como se estivessem no interior de um navio. De fato estavam no mar, e tanto o navio quanto sua tripulação encontravam-se sob a iminência de uma tempestade, pois aproximava-se o tempo em que os lúgubres espantalhos que povoavam aquela região, entregues à sua inatividade e sua fome, observariam o acendedor de lampiões o suficiente para conceberem a idéia de aperfeiçoar o método, içando homens com aquelas cordas e roldanas, como uma forma de iluminar as trevas da condição em que viviam. Mas o tempo ainda não chegara. E cada vento que sacudia a França em vão agitava os farrapos do espantalho pois os pássaros, donos de um canto mavioso e de linda plumagem, não percebiam neles qualquer advertência.

A taberna era uma loja de esquina, melhor que a maioria das outras em aparência e categoria. Seu proprietário permanecera do lado de fora, de colete amarelo e calções verdes, contemplando a disputa pelo vinho derramado.

— O problema não é meu — comentou ele, com um sacudir de ombros conclusivo. — A responsabilidade é dos homens do mercado. Eles que tragam outro.

Nesse instante, seu olhar casualmente pousou no rapaz alto e brincalhão que escrevinhava sua brincadeira no muro. Chamou-o do outro lado da rua:

— Diga, então, meu Gaspar, o que faz aí?

O sujeito apontou-lhe o resultado de sua travessura com o ar grandemente significativo, freqüente entre os de sua gente. Como também sucede com freqüência entre eles, o gesto perdeu o significado e falhou completamente em

seu propósito.

— O que é isso agora? Resolveu candidatar-se a uma vaga no hospital de loucos? — objetou o taberneiro, atravessando a rua e acabando com a brincadeira ao lambuzar o muro com um punhado de lama apanhada do chão com esse propósito. — Por que escreve nas ruas públicas? Será que não existe, resposta, não existe nenhum outro lugar para escrever palavras como essa?

Ao repreendê-lo, deixou cair a mão esquerda (talvez por acaso, talvez não) sobre o coração do rapaz. Este bateulhe de leve na mão, deu um salto ágil no ar, desceu numa fantástica coreografia, segurando o sapato manchado que atirara para cima ao pular, e equilibrou-se na ponta dos pés. Um brincalhão que parecia possuir, naquelas circunstâncias, um caráter de extrema, se não feroz, jocosidade.

— Calce o sapato, calce-o logo — o outro mandou. — Aconselho-o a chamar o vinho de “vinho” e parar por aí.

Com tal advertência, limpou a mão enlameada na roupa do rapaz de modo deliberado, como se a houvesse sujado com esse único e exclusivo intento, e tornou a atravessar a rua, entrando na taberna.

Esse taberneiro era um homem de trinta anos, pescoço taurino e aspecto marcial. Devia ser dotado de uma compleição sanguínea, pois, apesar do dia frio, não vestira o paletó, trazendo-o dependurado sobre o ombro. Também dobrara as mangas da camisa, de forma que seus braços estavam despidos até os cotovelos. Tampouco usava qualquer coisa na cabeça além dos escuros cabelos crespos e curtos. Era um tipo totalmente trigueiro, com olhos separados por uma boa e atrevida distância. No fundo, um sujeito bem humorado, mas de ar implacável. Evidentemente, um homem determinado; e seria melhor não encontrá-lo num atalho estreito com um abismo de cada lado, pois nada no mundo o desviaria do seu caminho.

Madame Defarge, sua esposa, estava sentada atrás do balcão, na taberna, quando ele entrou. Era uma mulher robusta, aproximadamente da mesma idade do marido, com olhos argutos que jamais pareciam olhar diretamente para o que quer que fosse, mãos grandes cheias de anéis, um rosto resoluto, feições bem pronunciadas e grande compostura. Gozava da reputação de quase nunca cometer erros contra si mesma em qualquer das contas que fazia. Muito sensível ao frio, madame Defarge enrolara-se em peles e cingira a cabeça com vários xales de cores claras, tomando o cuidado para não esconder os grandes brincos. Tinha à frente um trabalho de tricô, que largara para esgaravatar os dentes com um palito. Assim ocupada, com o cotovelo direito apoiado na mão esquerda, nada disse quando seu marido entrou, mas tossiu de leve. Isso, e mais o leve arquear de suas ne-gras sobrancelhas, sugeriu ao marido que ele deveria olhar em torno e observar, entre os fregueses na taberna, um que entrara enquanto ele estava fora.

O taberneiro, assentindo, passeou com os olhos até repousá-los num cavalheiro de idade acompanhado de uma jovem dama, sentado a uma mesa de canto. Havia ali outros grupos: dois homens jogando cartas, dois jogando dominó, três no balcão dividindo um pouco de vinho. Ao passar por trás do balcão, ouviu o cavalheiro comentar com a moça:

— Eis aí nosso homem. — O que diabos fazem *estes senhores* nesta galé?

— *monsieur* Defarge

perguntou a si mesmo. — Eu não os conheço.

Contudo, fingiu não notar os dois estrangeiros e começou a conversar com o triunvirato que bebia junto ao balcão.

— Como foi, Jacques? — cumprimentou um dos três. — Beberam todo o vinho derramado?

— Cada gota, Jacques — respondeu *monsieur* Defarge. Quando essa troca de nomes foi efetuada, madame Defarge, esgaratando os dentes com o palito, tornou a tossir e a erguer as sobrancelhas.

— Não é sempre — observou o segundo dos três, dirigindo-se a *monsieur* Defarge — que a maioria desses miseráveis saboreia o gosto do vinho, ou de qualquer coisa além de pão preto e morte. Não concorda, Jacques?

— Concordo, Jacques — *monsieur* Defarge replicou.

Diante dessa segunda troca de nomes, madame Defarge, ainda manejando o palito com profunda compostura, de novo tossiu e ergueu as sobrancelhas.

O último dos três proferiu a sua fala, depois de pousar o copo vazio e estalar os lábios:

— Ah! Tanto pior! Um gosto amargo é o que essa pobre ralé traz na boca, com a vida árdua que leva, Jacques. Estou certo, Jacques?

— Você está certo, Jacques — foi a resposta de *monsieur* Defarge. A terceira troca de nomes completou-se no momento em que madame Defarge colocou o palito de lado, mantendo as sobrancelhas erguidas, e remexeu-se na cadeira com um ligeiro farfalhar.

— Ora, bem... — resmungou o marido. — Cavalheiros, esta é minha esposa.

Os três fregueses tiraram os respectivos chapéus com três floreios diante de madame Defarge. retribuindo o cumprimento, ela inclinou a cabeça e envolveu-os num rápido olhar. Então, sempre com ar casual, voltou a atenção para a taberna e retomou o tricô com aparente calma, absorvendose no trabalho.

— Cavalheiros — disse o marido, que mantivera seus grandes olhos atentos sobre ela —, bom dia. O quarto de solteiro que desejavam ver, e sobre o qual perguntavam antes de eu sair, fica no quinto andar. A porta da escada dá para um pequeno jardim à esquerda — ele apontou —, perto da janela do meu estabelecimento. Mas, agora me lembro, um dos senhores já esteve lá e pode mostrar o caminho. Cavalheiros, *adieu*.

Eles pagaram pelo vinho e deixaram a taberna. Os olhos de *monsieur* Defarge estudavam a esposa e suas agulhas de tricô, quando o cavalheiro de idade avançou em sua direção e pediu-lhe o favor de trocar algumas palavras.

— Com muito gosto, senhor — replicou *monsieur* Defarge, acompanhando-o disfarçadamente até a porta.

A conferência entre ambos foi muito curta, mas bastante incisiva. Quase na primeira palavra, *monsieur* Defarge assustou-se e ouviu-o com grande atenção. Cerca de um minuto mais tarde, balançou a cabeça em assentimento e saiu. O cavalheiro, então, acenou para a jovem e ambos saíram também. Madame Defarge, que tricotava com dedos ágeis e olhar concentrado, pareceu nada ver.

O senhor Jarvis Lorry e a senhorita Manette emergiram da taberna e

juntaram-se a *monsieur* Defarge na porta que ele acabara de indicar aos três outros fregueses, e que se abria para um pequeno e malcheiroso jardim de fundos, servindo de entrada para um cortiço habitado por inúmeras pessoas. Na sombria entrada com chão ladrilhado que conduzia à escadaria de chão também ladrilhado, *monsieur* Defarge curvou-se sobre um joelho diante da filha de seu velho senhor e beijou-lhe a mão. Era um gesto cortês, destituído, porém, de afabilidade. Uma transformação notável se operara nele em poucos segundos. Já não havia traço de bom humor em seu rosto, nem restara qualquer vestígio de lhaneza em seu semblante. Ele se tornara um homem de ar grave, taciturno e ameaçador.

— Fica lá no alto, a subida é um pouco difícil. É melhor irmos devagar — *monsieur* Defarge preveniu o senhor Lorry com voz grave, quando atacaram os degraus iniciais.

— Ele está sozinho? — o senhor Lorry cochichou.

— Sozinho! Que Deus se apiede dele, quem lhe faria companhia? — retrucou o outro no mesmo tom baixo.

— Então, ele está sempre sozinho?

— Sim.

— Por vontade dele?

— Por necessidade. Como ele estava, quando o vi pela primeira vez, depois que me encontraram e me perguntaram se cuidaria dele com discrição, sob risco de vida. Como ele estava então é como se encontra hoje.

— Ele está muito mudado?

— Mudado!

O taberneiro parou para esmurrar a parede, murmurando uma terrível imprecação. Nenhuma resposta direta teria possuído metade da força daquele ato.

O estado de espírito do senhor Lorry tornava-se mais e mais sombrio à medida que, junto com os dois companheiros, subia cada lance de escada.

Uma escadaria assim, com suas dependências, nas velhas e mais populosas regiões de Paris, já seria muito ruim nos dias de hoje. Mas, naquela época, era por demais repugnante para os que não estavam habituados a isso e não tivessem os sentidos embotados. Cada diminuto apartamento daquele alto e imundo pardieiro, ou seja, o quarto ou quartos atrás de cada porta que se abria para a escada, deixava seu monte de detritos no próprio patamar, além de atirar outros refugos pelas janelas. A incontável e inevitável massa em decomposição assim engendrada teria poluído o ar, mesmo que a pobreza e as privações já não o saturassem com suas impurezas intangíveis; as duas fontes de insalubridade combinadas tornavam-no irrespirável. O caminho prosseguia nessa atmosfera, como ingreme espiral de imundície e veneno. Rendendo-se à perturbação de sua mente e à agitação crescente de sua jovem companheira, o senhor Jarvis Lorry parou duas vezes para descansar. Cada uma dessas paradas foi feita junto a uma grade de aspecto deprimente, que parecia deixar escapar aos poucos o ar menos contaminado, enquanto todos os miasmas nocivos e infectos rastejavam para o interior. Através de suas barras enferrujadas, mais do que vislumbres, apreendiam-se sabores daquele bairro confuso. E nada, dentro de seus limites,

mais perto ou mais baixo que as duas grandes torres de Notre-Dame, oferecia qualquer promessa de vida saudável ou de aspirações salutares. Atingiram por fim o topo da escadaria e pararam pela terceira vez. Havia ainda que subir outra escada, de degraus extremamente íngremes e estreitos, antes de alcançarem a água-furtada. O taberneiro, seguindo sempre um pouco à frente, e sempre do lado escolhido pelo senhor Lorry, como se temesse ser interpelado pela dama, voltou-se e, vasculhando os bolsos do paletó que trazia pendurado no ombro, encontrou uma chave.

— A porta, então, fica trancada, meu amigo? — surpreendeu-se o senhor Lorry.

— Fica, sim — foi a resposta seca de *monsieur* Defarge.

— Acha mesmo necessário manter o pobre homem tão recluso?

— Acho necessário trancá-lo a chave — *monsieur* Defarge murmurou em seu ouvido, franzindo a testa.

— Por quê?

— Por quê? Porque ele viveu tanto tempo trancado que se amedrontaria, deliraria, decerto se despedaçaria, morreria, sabe-se lá o que faria se eu deixasse a porta aberta.

— Seria possível? — indagou o senhor Lorry.

— Seria possível! — repetiu Defarge com amargura. — Sim. Em que mundo maravilhoso vivemos, onde esta e muitas outras coisas *são* possíveis, e não apenas possíveis, mas efetivamente ocorrem, veja o senhor!, debaixo desse céu, todos os dias. Com todos os demônios! Continuemos.

O diálogo se travou num murmúrio baixo o suficiente para que nada chegasse aos ouvidos da jovem dama. Mas, a essa altura, ela estava tomada de uma emoção tão forte, e seu rosto expressava tão profunda ansiedade, e, sobretudo, tamanho espanto e terror, que o senhor Lorry sentiu-se impellido a dirigir-lhe uma ou duas palavras de encorajamento.

— Ânimo, prezada senhorita! Ânimo! Negócios, lembra-se? O pior momento em breve passará. Basta cruzarmos a porta do quarto e estará terminado. Então, todo o bem que a senhorita lhe trará, todo o alívio, toda a felicidade, tudo começará. Deixemos nosso bom amigo aqui ampará-la desse lado. Está ótimo, amigo Defarge. Agora, venha. Negócios, negócios!

Eles subiram devagar e silenciosamente. A escadaria era curta e logo alcançaram o topo. Lá, onde havia uma curva brusca, depararam-se com três homens, que estavam com as cabeças baixas, bem próximas umas das outras, ao lado da porta, observando com atenção o interior do quarto através de alguns buracos ou frestas na parede. Ao ouvirem passos na escada, eles se viraram e empertigaram, e se pôde neles reconhecer aqueles três fregueses que antes estavam bebendo na taberna.

— Com a surpresa da visita dos senhores, eu os esqueci — explicou *monsieur* Defarge. — Deixem-nos, amigos. Temos negócios a tratar aqui.

Os três deslizaram para longe da porta e desceram silenciosamente.

Não havendo aparentemente outra porta naquele pavimento, e como o taberneiro dirigiu-se direto a ela quando foram deixados a sós, o senhor Lorry indagou-lhe num murmúrio, um tanto irritado:

— Está promovendo um espetáculo à custa de *monsieur* Manette?

— Eu o mostro, como presenciou, a alguns poucos escolhidos.

— Acha correto esse procedimento?

— *Eu* acho, sim.

— Quem são esses “poucos”? Como os escolhe?

— Escolho homens dignos, todos com o meu nome, meu nome é Jacques, para quem essa visão pode trazer algum benefício. Já chega. O senhor é inglês, o caso é diferente. Fiquem aqui um momento, por favor.

Com um gesto admonitório para que ficassem atrás, ele parou e espiou através de uma rachadura na parede. Erguendo em seguida a cabeça, deu duas batidas na porta, evidentemente sem outra intenção que a de fazer algum ruído. Com igual propósito, raspou a chave na porta várias vezes antes de introduzi-la na fechadura e girou-a o mais ruidosamente que pôde.

Abriu a porta devagar, mantendo-a presa nas mãos, pôs a cabeça para dentro e disse alguma coisa. Uma voz débil respondeu qualquer coisa. Pouco mais do que uma sílaba foi pronunciada dos dois lados.

Ele olhou sobre seus ombros e acenou-lhes para que entrassem. O senhor Lorry enlaçou a cintura da moça com firmeza e amparou-a, pois ela parecia prestes a cair.

— Ahn... negócios, negócios! — ele lembrou-a, com gotas de suor nada comerciais brilhando em seu rosto. — Entre, entre!

— Tenho medo — ela confessou, estremecendo.

— De quê? Como assim?

— Dele. De meu pai.

Reagindo com desespero à perturbação dela e aos ace-nos insistentes do taberneiro, ele puxou para o pescoço o braço da moça que repousava em seu ombro, suspendeu-a ligeiramente e entrou depressa no quarto. Pousou-a no chão assim que cruzou o umbral, mantendo-a junto de si.

Defarge tirou a chave da fechadura, fechou a porta, trancou-a por dentro, tornou a tirar a chave da fechadura e segurou-a na mão. Fez tudo de maneira metódica e barulhenta. Por fim, atravessou o aposento com passos determinados até a janela, onde parou e olhou em torno.

O sótão, construído para servir de depósito de lenha e coisas do gênero, era sombrio e escuro, pois a janela em forma de trapeira era na verdade uma passagem para o telhado, com uma pequena grua para içar os suprimentos da rua. Assim, não tinha vidraça e se dividia em duas partes no centro, como qualquer outra porta nas construções francesas. Para proteger do frio, metade dessa porta estava bem fechada, enquanto a outra estava apenas ligeiramente entreaberta. Era tão escassa a luminosidade que entrava que tornava-se difícil, num primeiro momento, enxergar o que quer que fosse. E somente o hábito adquirido ao longo de muito tempo poderia ter lentamente desenvolvido em alguém a habilidade de realizar, em tal escuridão, algum trabalho que exigisse delicadeza. Pois um trabalho dessa natureza estava sendo realizado naquele sótão. Com as costas voltadas para a porta e o rosto virado para a janela onde o taberneiro se postara para fitá-lo, um homem de cabelos brancos, sentado num banco baixo, curvado para a frente e muito atarefado, fazia sapatos.





## CAPÍTULO VI

### O SAPATEIRO

— Bom dia! — cumprimentou *monsieur* Defarge, contemplando a cabeça branca inclinada sobre a tarefa.

A cabeça branca ergueu-se por um momento e uma voz fraca, como um eco longínquo, respondeu à saudação:

— Bom dia!

— O senhor continua firme no trabalho, pelo que vejo.

Após uma longa pausa, a cabeça ergueu-se de novo por outro instante e a voz replicou:

— Sim... estou trabalhando. Dessa vez, um par de olhos abatidos fitou o autor das perguntas antes que a cabeça tornasse a curvar-se.

A debilidade da voz era lastimável e assustadora. Não se tratava da debilidade decorrente de fraqueza física, embora o confinamento e os sofrimentos passados sem dúvida tivessem contribuído para isso. Sua deplorável peculiaridade devia-se à solidão e à falta de uso das cordas vocais. Soava como a última reverberação de um som produzido anos e anos antes. De tal modo perdera a ressonância da voz humana que ela afetava os sentidos como uma cor viva que desbotara até reduzir-se a uma pálida mancha; tão cava e abafada era que parecia brotar de algum subterrâneo, e tão bem expressava a desesperança de uma criatura perdida que um viajante faminto, exausto de perambular sozinho pelo deserto, recordaria nesse tom o lar e os amigos antes de sucumbir.

Alguns minutos de trabalho silencioso se passaram, e os olhos abatidos tornaram a erguer-se, não com interesse ou curiosidade, mas com a sombria e mecânica percepção de que o lugar onde estivera o único visitante que havia percebido ainda continuava ocupado.

— Eu gostaria — disse Defarge, que não desviara o olhar do sapateiro — de deixar entrar um pouco mais de luz aqui. Isso o incomodaria?

O sapateiro interrompeu o trabalho e olhou com um ar vago de quem procurava a origem do som no chão à sua direita e, em seguida, à esquerda. Por fim, fitou Defarge.

— O que disse?

— Perguntei se um pouco mais de luz o incomodaria.

— Acho que posso suportar — replicou, acentuando de leve a terceira palavra.

A meia-porta foi aberta um pouco mais e presa nesse ângulo. Um vivo raio de luz invadiu o sótão e mostrou o trabalhador com um sapato inacabado sobre o

colo, fazendo uma pausa no trabalho. As poucas ferramentas do ofício, bem como vários pedaços de couro, jaziam a seus pés. Ele possuía uma barba branca que, embora hirsuta, não era muito comprida, faces encovadas e olhos excessivamente brilhantes. A magreza de seu rosto os teria feito parecerem maiores, sob as sobrancelhas ainda escuras e o cabelo branco desgrenhado, mesmo se fossem pequenos. Contudo, já eram naturalmente grandes e, nas circunstâncias, assumiam uma aparência desproporcional. A esfarrapada camisa amarela estava aberta na garganta, revelando seu corpo murcho e desgastado. Ele próprio e sua velha túnica de tecido ordinário, as meias de pares diferentes e todos os pobres trapos que vestia, depois de um longo isolamento da luz e do ar puro, haviam empalidecido de tal forma, adquirindo uma tonalidade uniformemente amarelecida, que era quase impossível distinguir o homem de seus andrajos.

Ele erguera uma das mãos para proteger os olhos do raio de luz, e os seus ossos descarnados pareciam transparentes. Lá estava ele sentado, com o olhar imutavelmente vago, fazendo uma pausa em seu trabalho. Nunca erguia os olhos para a figura diante de si sem, primeiro, fitar o chão dos dois lados, como se tivesse perdido o hábito de discernir o lugar de onde vinha o som. Jamais falava sem primeiro perder-se em seus vagos devaneios. Então, esquecia-se de falar.

— Pretende terminar esse par de sapatos hoje? — perguntou Defarge, acenando para que o senhor Lorry se aproximasse.

— O que disse?

— Pretende terminar esse par de sapatos hoje?

— Não posso dizer que pretendo. Eu acho que sim. Não sei. A indagação, entretanto, fez que se lembrasse da tarefa e ele voltou a curvar-se.

O senhor Lorry avançou silenciosamente, deixando a jovem à espera na porta. Quando se deteve, por um minuto ou dois, ao lado de Defarge, o sapateiro levantou a cabeça. Não demonstrou surpresa por ver mais uma pessoa, mas levou os dedos trêmulos de uma das mãos aos lábios (que, assim como seu nariz, apresentava o mesmo tom esmaecido de amarelo) e retornou ao trabalho, novamente inclinando-se sobre o sapato. O olhar e o gesto não duraram mais que um instante.

— O senhor tem visitas, como vê — anunciou *monsieur* Defarge.

— O que disse?

— Visitas. O sapateiro fitou-os sem largar o trabalho.

— Ora, vamos! — exclamou Defarge. — Aqui está um cavalheiro que reconhece um par de sapatos bem-feito quando encontra um. Mostre-lhe o sapato que está fazendo. Apanhe-o, *monsieur*. O senhor Lorry segurou-o.

— Conte a *monsieur* que tipo de sapato é e qual o nome do artesão.

Houve uma pausa maior do que a usual antes que o sapateiro replicasse:

— Esqueci a pergunta. O que disse?

— Eu disse para o senhor descrever o sapato para *monsieur*.

— É feminino, para passeio. Está na moda. Não conheço a moda, mas tenho os modelos na minha mão — ele explicou, contemplando o sapato com um leve lampejo de orgulho.

— Qual o nome do artesão? — Defarge insistiu.

Agora que não tinha nas mãos um trabalho com que se ocupar, ele as esfregou e cofiou a barba, numa sucessão regular de movimentos. A tarefa de chamá-lo de volta do devaneio em que sempre mergulhava quando o interpelavam era como fazer alguém voltar a si após um desmaio, ou como um tremendo esforço para descobrir um meio de reter o espírito de um moribundo.

— O senhor perguntou o meu nome?

— Perguntei, sim.

— Cento e cinco, Torre Norte.

— É esse o seu nome?

— Cento e cinco, Torre Norte. Produzindo um estranho ruído que não era nem suspiro nem gemido, ele

curvou-se para trabalhar, até o silêncio ser novamente rompido.

— O senhor não é sapateiro por ofício? — inquiriu o senhor Lorry, fitando-o de modo resolutivo.

Seus olhos abatidos voltaram-se para Defarge, como se transferisse a questão para ele. Contudo, como nenhuma ajuda viesse dali, viraram-se para a pessoa que o questionara anteriormente.

— Se eu não sou sapateiro por ofício? Não, eu não era. Eu... eu aprendi o ofício aqui. Ensinei a mim mesmo. Pedi permissão para...

Sua mente pareceu ausentar-se por alguns minutos, enquanto as mãos repetiam a sucessão regular de movimentos. Os olhos se ergueram lentamente, por fim, para o rosto do qual se haviam evadido. Quando o encontraram, ele se assustou e prosseguiu, como alguém que acabara de despertar retomando um assunto da noite anterior.

— Pedi permissão para ensinar a mim mesmo e consegui, com muita dificuldade, depois de muito tempo. Desde então, faço sapatos.

Ao vê-lo estender as mãos para o sapato que lhe fora tirado, o senhor Lorry indagou, ainda contemplando-o com determinação:

— *Monsieur* Manette, não se lembra de mim?

O sapato caiu no chão. Ele olhava fixamente seu interlocutor.

— *Monsieur* Manette — o senhor Lorry pousou a mão sobre o braço de Defarge —, lembra-se deste homem? Olhe bem para ele. Agora, olhe bem para mim. Será que em sua memória não despertam as recordações de um antigo banqueiro e antigos negócios, dos antigos servos e dos velhos tempos, *monsieur* Manette?

Enquanto aquele cativo de tantos anos olhava com fixidez, ora para o senhor Lorry, ora para Defarge, algumas marcas desde muito obliteradas de uma inteligência arguta e ativa gradualmente formaram-se no centro da testa, ressurgidas da umbrosa névoa que a havia tragado. Elas estavam turvas de novo, estavam débeis e ausentes. Mas estiveram ali, por um momento, em sua testa. E tão exatamente a expressão se reproduzia no belo e jovem rosto da moça, que se encolhera, apavorada, junto da parede, de onde podia avistá-lo e de onde, agora, contemplava-o, com as mãos (que, a princípio, se haviam erguido em horror e compaixão, se não para mantê-lo afastado e escondê-lo de suas vistas) estendidas em sua direção, trêmulas de ansiedade para acolher o rosto espectral em seu seio jovem, e amá-lo e trazê-lo de volta à vida e à esperança, tão exatamente a

expressão se reproduzia, embora muito mais nítida, em seu semblante, que parecia ter passado de pai para filha como um facho de luz.

As trevas o envolveram mais uma vez. Ele fitou os dois com atenção decrescente, os olhos perdidos em sombria abstração pousados no chão como antes. Por fim, com um longo e profundo suspiro, ele apanhou o sapato e prosseguiu o trabalho.

— O senhor o reconheceu, *monsieur*? — Defarge perguntou ao senhor Lorry num murmúrio.

— Sim, por um instante. Primeiro, julguei-o sem esperanças, mas depois vi, sem nenhuma dúvida, por um único momento, a face que outrora conheci tão bem. Silêncio! Recuemos um pouco.

A moça afastara-se da parede do sótão e aproximara-se do banquinho do sapateiro. Havia algo de tenebroso em sua inconsciência da presença da jovem, que estava tão perto que poderia tocá-lo.

Nem uma palavra foi pronunciada, nem um som foi produzido. Ela quedou-se, como um espírito, ao lado do homem curvado sobre o trabalho.

Ocorreu, porém, que ele resolveu trocar a ferramenta que manuseava por uma faca de sapateiro. Esta jazia no lado oposto ao ocupado pela moça. Ele abaixou-se, efetuou a troca e voltou à posição anterior. Estava inclinado sobre o sapato quando vislumbrou a barra de sua saia. Lentamente, ergueu a cabeça e contemplou-lhe o rosto. Os dois espectadores deram um passo à frente, mas ela os deteve com um gesto. Não temia, como ambos, que ele a atacasse com a faca.

Ele a contemplava com apreensão e, após um instante, seus lábios começaram a formar algumas palavras inaudíveis. Aos poucos, nos intervalos de sua respiração acelerada e ofegante, ouviram-no dizer:

— O que é isto?

Com lágrimas deslizando pelas faces, ela levou as mãos à boca e beijou-as, enviando-lhe o beijo. Então, cruzou os braços sobre os ombros, como se o embalasse.

— Você é a filha do carcereiro? Ela suspirou:

— Não.

— Quem é você?

Não confiando ainda na firmeza da própria voz, ela sentou-se no banquinho ao lado dele. O sapateiro encolheu-se, mas ela colocou a mão em seu braço. Uma estranha emoção envolveu-o ao sentir aquele toque delicado e refletiu-se em seu semblante. Ele pousou a faca no chão e fitou-a.

Seu cabelo dourado, que ela penteava em cachos compridos, havia sido puxado às pressas para trás e pendia sobre a nuca. Avançando a mão pouco a pouco, ele o segurou e examinou. No meio do movimento, tornou a ausentar-se e, com outro suspiro profundo, retomou o trabalho.

Não por muito tempo, entretanto. Ela largou-lhe o braço e tocou-lhe o ombro. Depois de lançar dois ou três olhares hesitantes para a mão em seu ombro, como para assegurar-se de que ela realmente estava ali, depositou o trabalho no chão, levou a mão ao pescoço, onde havia um cordão enegrecido que prendia um pedaço de trapo dobrado. O sapateiro desdobrou-o cuidadosamente

sobre os joelhos e estudou seu conteúdo, uma pequena mecha, não mais do que alguns poucos fios dourados que ele havia, em algum dia perdido no tempo, enrolado entre os dedos.

Ele tornou a segurar o cabelo dela e encostou-o na mecha, comparando-os.

— Iguais. Como pode ser isso? Quando foi?! Como?

À medida que a expressão de concentração retornava a sua testa, ele parecia tornar-se cômico de que a mesma expressão assomava no semblante dela. Virou-a na direção da luz e perscrutou-a.

— Ela deitou a cabeça no meu ombro naquela noite em que fui intimado, minha partida a enchia de desespero, mas não a mim. Quando fui levado à Torre Norte encontraram esses fios de cabelo na manga de minha camisa. Pedi-lhes que os deixassem comigo. “Eles podem impedir meu corpo de escapar, mas não meu espírito.” Foram essas as palavras que eu disse. Lembro-as muito bem.

Ele ensaiou esse monólogo com os lábios muitas vezes antes de conseguir proferi-lo. Quando, porém, encontrou as palavras certas, elas lhe vieram de modo coerente, embora lento.

— Como foi? *Foi você?*

Novamente, os dois espectadores se alarmaram ao vê-lo virar-se para a filha com assustadora rapidez. Ela, todavia, permaneceu sentada com serenidade e murmurou:

— Eu lhes suplico, bondosos cavalheiros, não se aproximem de nós, não falem nem se movam!

— Ouça! — ele exclamou. — De quem era essa voz?

O sapateiro soltou-lhe as mãos e agarrou os próprios cabelos brancos, puxando-os com desespero. O desvario, contudo, desvaneceu-se como tudo nele, menos o trabalho de sapateiro, que parecia a única coisa persistente em sua consciência. Tornou a dobrar seu diminuto pacote e tentou segurá-lo junto ao peito. Sem deixar de fitá-la, sacudiu a cabeça com desalento.

— Não, não, não... você é demasiado jovem, está apenas desabrochando. Não pode ser. Veja no que se transformou o prisioneiro. Estas não são as mãos que ela conhecia, nem este é o rosto que ela contemplava, tampouco é esta a voz que ela escutava. Não, não. Ela foi, e *ele* foi, antes dos longos anos na Torre Norte, muitas eras atrás. Como se chama, meu suave anjo?

Retribuindo a suavidade de tom e de gestos, a filha ajoelhou-se diante do pai, com as mãos implorantes espalmadas no peito dele.

— Oh, senhor, no momento certo conhecerá o meu nome e também quem foram minha mãe e meu pai, bem como o motivo pelo qual eu jamais soube de sua triste história. Não posso, porém, revelar-lhe tudo agora, não aqui. Só o que lhe posso dizer neste instante é que lhe suplico que me toque e me abençoe. Beije-me, meu querido! Oh, meu querido!

Sua cabeça branca e fria aninhou-se nos cabelos radiantes da filha, que a aqueceu e iluminou como se fosse a luz da Liberdade resplandecendo sobre ele.

— Se percebe em minha voz, não sei se percebe, mas espero que sim, alguma semelhança com uma voz que outrora lhe soava doce e melodiosa, chore por ela! Se, ao tocar meus cabelos, o toque o fizer recordar a cabeça amada que deitou em seu ombro quando eram ambos jovens e livres, chore por ela! Se,

quando lhe sugiro um Lar à nossa espera, onde me colocarei, com toda a dedicação e fervor, a seu serviço, eu lhe reavivo lembranças de um Lar há muito perdido na desolação, enquanto seu coração sangrava, chore por ele... Ela enlaçou-lhe o pescoço e acolheu-o no peito como a uma criança.

— Se, quando lhe digo, meu adorador, que sua agonia terminou e que vim para tirá-lo deste horror e levá-lo para a Inglaterra, onde encontrará repouso e paz, eu o faço pensar no desperdício de sua vida, que poderia ter sido tão útil, e na nossa terra francesa que o tratou com tanta crueldade, chore por ela. E se, quando eu lhe revelar meu nome, o de meu pai, que ainda vive, e o de minha mãe já morta, o senhor descobrir que me ajoelho perante meu honrado pai e lhe suplico perdão por jamais ter intercedido em seu favor, por jamais ter derramado uma lágrima por seu sofrimento, visto que o amor de minha pobre mãe obrigou-a a esconder de mim a tortura que lhe infligiam, chore por ela! Chore por ela e por mim! Bondosos cavalheiros, graças a Deus! Sinto suas sagradas lágrimas molharem minhas faces e seus soluços agitarem-me o peito. Oh, vejam! Graças a Deus, graças a Deus!

Ele havia mergulhado nos braços dela, abrigando o rosto em seu colo. Era uma visão tão comovente, embora tão terrível pelo tremendo erro e pela dor que significavam, que os dois espectadores cobriram os olhos.

Quando, na quietude do sótão, o seu peito arfante e o seu corpo agitado cederam à calma que deve suceder à tempestade, símbolo para a humanidade do descanso e do silêncio a que deve, por fim, reduzir-se a tormenta chamada Vida, eles se aproximaram para levantar pai e filha do chão. Ele havia gradualmente escorregado para o piso, onde jazia, exausto, num estado letárgico. Ela se aninhara junto dele, de forma a continuar abrigando-lhe a cabeça entre os braços, os cabelos protegendo-lhe os olhos da luz como uma cortina dourada.

— Se, sem perturbá-lo — ela sussurrou, erguendo a mão para o senhor Lorry, que se inclinara diante deles —, pudermos fazer todos os arranjos para deixarmos Paris imediatamente, se o pudermos levar agora e...

— Mas, pense um pouco. Será que ele está em condições de enfrentar a jornada? — indagou o senhor Lorry.

— Mais em condições de enfrentar a jornada do que de permanecer nesta cidade tão terrível para ele.

— É verdade — concordou Defarge, que se agachara para participar da conversa. — Mais do que isso, há razões de sobra para *monsieur* Manette deixar a França o quanto antes. Diga, devo alugar uma carruagem e cavalos?

— Trata-se de negócios — disse o senhor Lorry, recuperando, da forma mais repentina, seus modos metódicos —, e, quando existem negócios a resolver, é melhor que eu os resolva.

— Então, por favor — rogou a senhorita Manette —, deixe-me aqui. Vê como ele se recompôs? Não há por que temer deixá-lo comigo agora. Por que recearia? Se trancar a porta para evitar que nos incomodem, estou certa de que o encontrará, ao voltar, tão tranqüilo quanto neste momento. De qualquer forma, eu tomarei conta dele até o seu regresso, quando o removeremos.

Tanto o senhor Lorry quanto Defarge sentiam-se pouco inclinados a seguirem aquela sugestão, ambos preferindo que um dos dois ficasse. Contudo,

como precisavam não só providenciar carruagem e cavalos mas também cuidar dos documentos para a viagem, e como o tempo urgia, pois o dia encaminhava-se para o fim, foram obrigados a dividir as tarefas e saíram apressados para cumpri-las.

Então, enquanto a penumbra aprofundava-se ao redor, a filha deitou a cabeça no chão duro ao lado do pai, observando-o. A escuridão se adensava mais e mais. Os dois permaneceram deitados e quietos até que uma luz tremulou através das rachaduras na parede.

O senhor Lorry e *monsieur* Defarge haviam concluído os preparativos para a jornada e traziam, além de mantos e agasalhos para a viagem, pão com carne, vinho e café quente. *Monsieur* Defarge colocou as provisões, bem como a lamparina que carregava, sobre o banco do sapateiro (não havia nada no sótão com exceção de um catre) e, junto com o senhor Lorry, ergueu o cativo e ajudou-o a manter-se de pé.

Nenhuma inteligência humana poderia decifrar os mistérios da mente dele, ocultos sob a palidez amedrontada de seu semblante. Se sabia o que ocorrera, se lembrava o que lhe haviam dito, se tinha consciência de estar livre, eram questões que ninguém, por mais sagaz, conseguiria responder. Tentaram falar-lhe, mas mostrou-se tão confuso, tão lento para replicar, que se assustaram com seu atordoamento e concordaram que seria melhor não pressioná-lo.

De vez em quando apertava a cabeça com as mãos, num gesto de confusa rebeldia, que antes não se havia percebido nele. Contudo, era evidente que a simples sonoridade da voz da filha lhe dava prazer, e ele invariavelmente virava a cabeça em sua direção sempre que a escutava.

Com a submissão de alguém acostumado a obedecer ordens sob coerção, ele comeu e bebeu tudo o que lhe deram para comer e beber e vestiu os agasalhos e o manto que lhe deram para usar. Reagiu prontamente quando a filha segurou-lhe o braço, enlaçando-lhe a mão e mantendo-a presa entre as dele.

Começaram a descer. *Monsieur* Defarge na frente, levando a lamparina, e o senhor Lorry encerrando o pequeno cortejo. Não haviam descido muitos degraus da longa escadaria quando ele parou e contemplou o teto e as paredes.

— O senhor se lembra deste lugar, meu pai? Lembre-se de subir esta escada?

— O que disse?

Antes, porém, que ela repetisse a pergunta, ele murmurou a resposta.

— Se me lembro? Não, não me lembro de nada. Foi há muito tempo.

Que ele não recordava coisa alguma de sua transferência da prisão para aquela casa ficou claro para todos. Ouviram-no resmungar:

— Cento e cinco, Torre Norte.

E quando olhou em torno, era patente que enxergava as grossas paredes da fortaleza que o aprisionaram por tantos anos.

Ao chegarem ao jardim, ele instintivamente alterou o passo, como que na expectativa de uma ponte levadiça. Como não encontrou nenhuma e viu a carruagem esperando na rua, largou a mão da filha e apertou a cabeça de novo.

Não havia ninguém na porta, tampouco nas janelas. Nem um único transeunte passava pela rua. Um silêncio anormal reinava ali. Uma só alma apareceu, madame Defarge, que tricotava recostada no batente da porta e como



sempre nada viu.

O prisioneiro havia entrado na carruagem, seguido pela filha, quando as passadas do senhor Lorry foram interrompidas pelas súplicas dele para que trouxessem suas ferramentas de sapateiro e os sapatos inacabados. Madame Defarge imediatamente avisou o marido que iria buscá-los e, tricotando, afastou-se da lamparina e atravessou o jardim. Com ligeireza, retornou com as ferramentas e os sapatos e entregou-os a ele. Ato contínuo, recostou-se de novo no umbral, continuou tricotando e nada viu.

Defarge subiu na boléia e ordenou:

— Para a Barreira! O boleeiro estalou o chicote e partiram sob a débil luz dos lampiões.

Sob a débil luz dos lampiões, mais forte nas ruas mais abastadas, e pelas lojas iluminadas, pelas multidões alegres, pelos cafés e teatros, rumo a um dos portões da cidade. Soldados com lanternas, na casa da guarda, detiveram-nos:

— Seus passaportes, senhores.

— Aqui estão, *monsieur* Oficial — disse Defarge, descendo e levando-o para um canto. — Estes são os documentos do cavalheiro de cabelos brancos. Foram-me confiados, junto com ele, na...

Defarge baixou o tom de voz, houve alguma agitação nas lanternas militares, uma das quais foi levada até a carruagem para que o oficial examinasse, profunda e demoradamente, o passageiro em questão.

— Está tudo bem. Avante!

— *Adieu!* — gritou Defarge. E assim, trocaram a luz bruxuleante das lanternas militares pelo brilho das estrelas.

Viajaram sob aquela abóbada de luzes eternas e imutáveis; algumas tão distantes de nossa pequena terra que os mestres nos afirmam que os seus raios podem ainda não ter descoberto este minúsculo ponto do espaço, onde tudo é sofrimento e luta. As sombras da noite se adensavam. Ao longo daquele frio e inquieto intervalo antes do alvorecer, elas mais uma vez cochichavam no ouvido do senhor Jarvis Lorry, que, sentado em frente ao homem enterrado que fora desencovado, perguntava-se quais poderes sutis estariam para sempre perdidos para ele, e quais seriam passíveis de restauração, a mesma velha pergunta:

— Você gostou de ser chamado de volta à vida? E a mesma velha resposta:

— Não sei.

**SEGUNDA PARTE**

***O FIO DOURADO***

## CAPÍTULO I

### *CINCO ANOS MAIS TARDE*

O Banco Tellson, em Temple Bar, era um lugar antiquado mesmo para o ano de 1780. Além de muito pequeno, escuro e feio, era também desconfortável. E era antiquado, acima de tudo, no caráter moralmente positivo que os sócios da casa orgulhosamente atribuíam à sua pequenez, sua escuridão, sua feiúra e desconforto. Eles se ufanavam de sua superioridade nesses aspectos, baseados na convicção explícita de que, se fosse um lugar menos questionável, seria igualmente menos respeitável. Não se tratava de uma crença passiva, mas de uma arma ativamente empunhada nas praças de comércio e nos momentos mais convenientes. O Tellson, eles afirmavam, não queria mais espaço, não queria mais luz, não queria embelezamento. Noakes & Cia. e Snooks Brothers talvez quisessem, mas o Tellson, pelos céus!

Qualquer dos sócios teria deserdado o filho se este propusesse a reforma do Tellson. Sob esse ângulo, a Casa se igualava ao pai, que muitas vezes deserda os filhos por sugerirem melhoramentos nas leis e costumes, que desde muito vêm sendo altamente questionados, mas por isso mesmo são os únicos de maior respeitabilidade. Desse modo, o Tellson era o triunfo perfeito da falta de comodidade.

Após arrombar uma porta de estúpida obstinação com um débil gemido de sua garganta ferruginosa, você rolaria dois degraus para o interior do Tellson e recobriria os sentidos num pequeno e miserável escritório, com dois minúsculos balcões onde os mais velhos dos homens fariam seu cheque tremular como se o vento o açoitasse, enquanto examinavam a assinatura sob a escassa luz proveniente da mais sombria das janelas, que se localizava sempre debaixo de uma torrente de lama da rua Fleet e que se tornava ainda mais umbrosa em razão das suas apropriadas barras de ferro e das sombras densas de Temple Bar. Se seus negócios exigissem uma visita “à Casa”, você seria levado a uma espécie de “câmara dos condenados”, nos fundos, onde o deixariam meditando sobre o desperdício da vida até que “a Casa” viesse atendê-lo, com as mãos nos bolsos, e você mal poderia expressar seu desagrado nessa triste penumbra. Seu dinheiro sairia de, ou entraria em gavetas de madeira velha e carcomida pelos cupins, cujo pó voaria para seu nariz e se alojaria em sua garganta, cada vez que se abrissem ou fechassem. Suas notas de banco teriam um odor de mofo, como se estivessem em pleno processo de decomposição. Sua prataria seria guardada em meio ao esgoto da vizinhança, e o contato com detritos arruinaria seu brilho em dois ou três dias. Seus documentos iriam para casas-fortes improvisadas em

cozinhas e copas, e seus pergaminhos se ressecariam no ar da casa bancária. Suas caixas mais delicadas contendo papéis da família seriam levadas escada acima para a sala Barmecide, que sempre teve uma grande mesa de jantar em que jamais se serviu qualquer refeição e onde, mesmo no ano de 1780, as primeiras cartas de seu antigo amor, ou de seus filhos, escapariam por pouco do horror de serem tragadas, através da janela, pelas cabeças expostas em Temple Bar com uma insensata brutalidade e uma ferocidade digna dos abissínios ou dos achantis.

Mas, de fato, matar era uma receita muito em voga naquela época em todos os ramos do comércio e entre todas as profissões, e não menos no Tellson. Se a morte é o remédio da natureza para todos os males, por que não o seria para a legislação? De acordo com tal princípio, o falsário era condenado à morte, o que emitia uma nota promissória e não a honrava era condenado à morte, assim como o violador de correspondência; o larápio que roubasse quarenta xelins e seis pence; o rapaz que tomava conta dos cavalos na porta do Tellson, se fugisse com um deles; o moedeiro que cunhasse um xelim falso; todos aqueles, enfim, que entoassem três quartas partes das notas da escala do crime eram condenados à morte. Não que isso surtisse o menor efeito preventivo, talvez seja importante ressaltar que ocorria exatamente o contrário, mas removia (assim como deste mundo) o problema de cada caso em particular, sem deixar nada por resolver mais tarde. Assim, o Tellson, em seu tempo, a exemplo das maiores casas de negócios de então, tirou tantas vidas que, se as cabeças não fossem discretamente descartadas, mas enfileiradas em Temple Bar, obscureceriam a rua por completo, extinguindo a pouca luminosidade que ainda entrava pelas janelas da Casa.

Presos aos mais variados tipos de sombrios armários e caixas que havia no Tellson, os mais velhos dos homens tratavam dos negócios com gravidade. Quando a casa de Londres do Tellson contratava um jovem, por certo o escondia em algum lugar até envelhecer. Provavelmente guardavam-no num lugar escuro, como fariam com um queijo, até ele adquirir uma tonalidade esverdeada de bolor. Só então o autorizariam a aparecer em público, formidavelmente absorvido nos imensos livros, acrescentando suas vestimentas antiquadas ao peso geral do estabelecimento.

Do lado de fora do Tellson, em hipótese alguma em seu interior, a menos que fosse chamado, ficava um biscateiro, um carregador e mensageiro ocasional, que servia como um letrado vivo do banco. Ele jamais se ausentava no horário de expediente, a não ser para levar recados, quando era substituído pelo filho, um moleque horrendo de doze anos que era a imagem do pai. As pessoas entendiam que o Tellson, com uma condescendência pomposa, tolerava o biscateiro. A Casa sempre tolerara a presença de alguém nessas condições em sua porta, e o tempo e a sorte conduziram esse homem em particular ao posto. Seu sobrenome era Cruncher, e quando, muito jovem, renunciou por procuração às tentações das trevas, na igreja da paróquia leste de Houndsditch, recebeu o nome de Jerry.

Mudemos agora de cenário e transportemo-nos até a moradia particular do senhor Cruncher em Hanging-swordalley, Whitefriars. A hora, sete e meia

de uma tempestuosa manhã de março, *Anno Domini* de 1780 (o senhor Cruncher sempre recitava o ano de “nosso Senhor” como sendo de “*Anna Dominoes*”, aparentemente imaginando que a era cristã datava da invenção de certo jogo popular, criado por uma senhora, que lhe emprestara o nome).

Os cômodos do senhor Cruncher não se localizavam num bairro agradável, e compunham-se de apenas dois, se é que se poderia contar como um cômodo um cubículo cuja janela não tinha mais que uma chapa de vidro. Eram, contudo, mantidos com esmero. Àquela hora da manhã tempestuosa de março, embora tão cedo, o aposento que servia de quarto já estava limpo e esfregado, e entre a mesa tosca e as xícaras e pratos arrumados para o desjejum estendia-se uma toalha imaculadamente branca.

O senhor Cruncher repousava debaixo de uma colcha de retalhos, como um arlequin em seu traje colorido. A princípio, dormia pesadamente, mas, aos poucos, começou a remexer-se, inquieto, no leito até despertar de vez e erguer-se com os cabelos desgrenhados e cheios de pontas ameaçando rasgar os lençóis, reduzindo-os a tiras de pano. Ele exclamou em tom exasperado:

— Macacos me mordam se não é ela de novo!

Uma mulher de aspecto ordeiro e laborioso levantouse do canto onde estivera ajoelhada, num movimento apressado e apreensivo que revelava ser ela a pessoa a quem ele se referia.

— Mas, como?! — resmungou o senhor Cruncher, procurando as botas no chão. — Outra vez?

Depois de homenagear a manhã com essa segunda saudação, o senhor Cruncher dirigiu-lhe uma terceira ao arremessar uma das botas sobre sua mulher. Era uma bota muito enlameada, e indicava as estranhas circunstâncias ligadas à economia doméstica do senhor Cruncher, o qual, embora chegasse sempre do trabalho do lado de fora do banco com as botas limpas, encontrava-as invariavelmente sujas de lama na manhã seguinte.

— O que está fazendo aí, mulher? — interpelou o senhor Cruncher, que errara o alvo.

— Estava só dizendo minhas orações.

— Dizendo suas orações! Que boa mulher! O que pretendia ajoelhando e rezando contra mim?

— Não estava rezando contra você, mas por você.

— Não estava, não. E, se estivesse, eu não lhe dei essa liberdade. Veja só! Sua mãe é uma boa mulher, pequeno Jerry, rezando contra a prosperidade de seu pai. Você tem mesmo uma mãe piedosa, meu filho. Uma mãe religiosa, ora se tem. Ajoelhando e orando para tirar o pão de cada dia da boca de seu único filho.

O pequeno Cruncher (que estava de camisolão) tomou o partido do pai e, virando-se para a mãe, lançou-lhe uma série de imprecisões por rezar pela sua miséria.

E que valor você acha, mulher presunçosa — inquiriu o senhor Cruncher, com uma incongruência despercebida —, que valor você acha que suas orações têm? Quanto valem, hein? Dê um preço, vamos!

São apenas orações que me vêm do fundo do coração, Jerry. É esse o seu valor.

— É esse o seu valor — repetiu o senhor Cruncher. — Então, não valem nada. Em todo o caso, não quero que rezem contra mim, fique sabendo. Não posso correr o risco de tornar-me um azarado por *sua* causa. Se gosta de se ajoelhar pelos cantos, então ajoelhe-se em favor de seu marido e de seu filho, não em oposição. Se eu não tivesse uma esposa tão desnaturada, se esse pobre menino não tivesse uma mãe tão desnaturada, eu poderia ter conseguido algum dinheiro na semana passada, em vez de ser atingido pela má sorte de suas orações. Macacos me mordam — praguejou o senhor Cruncher, enquanto se vestia —, se eu não fui, graças à sua piedade, atingido, na semana passada, pelo pior dos azares que podem atormentar um pobre negociante honrado e trabalhador! Pequeno Jerry, vista-se, meu garoto. E vigie sua mãe enquanto limpo as botas. Qualquer sinal de rezas, avise-me. Pois fique sabendo — aqui ele se virou para a esposa de novo — que não vou admitir que conspire contra mim desse modo. Já estou raquítico como um pangaré de coche de aluguel, sonolento como se tivesse tomado láudano, não fosse pela dor que sinto, não poderia afirmar se este lombo é meu ou de outra pessoa, e nem assim trago dinheiro no bolso. Não vou mais tolerar isso, mulher!

Resmungando, em complemento, frases como: “Ah, sim! Você é religiosa! Não agiria contra os interesses do marido e do filho, não é? Não você!”, e lançando-lhe outros comentários sarcásticos vindos do âmago de sua indignação, o senhor Cruncher dedicou-se a desenlamear as botas e concluir os preparativos gerais para iniciar mais um dia de trabalho. Entrementes, seu filho, cuja cabeça era guarnecida com tenros espigões, e cujos olhos infantis ficavam muito próximos um do outro, como acontecia com o pai, obedeceu à ordem de vigiar a mãe. Perturbava muito a infeliz mulher a todo o momento, pondo um pé para fora do cubículo que servia de quarto, onde se vestia, para admoestá-la:

— A senhora vai ajoelhar-se, mãe. Ei, papai! — e, depois de bradar seu alarme falso, voltava para o quarto com um sorriso irreverente.

O humor do senhor Cruncher não havia melhorado quando ele se sentou para o desjejum. Ressentiu-se com o fato de a senhora Cruncher dar graças pela refeição e reagiu com grande animosidade:

— Já chega, mulher! De novo? O que pretende agora? A esposa explicou que apenas pedia as bênçãos de Deus.

— Não faça isto! — replicou o senhor Cruncher, olhando em torno como se esperasse ver o pão desaparecer sob a eficácia das rezas da esposa. — Não quero ver-me privado do meu pão e do meu lar por causa de suas “graças”. Cale a boca!

Com os olhos excessivamente avermelhados e turvos, como se tivesse passado a noite inteira numa festa, Jerry Cruncher devorou sua comida, revirando os alimentos e rosnando como qualquer morador de quatro patas de um jardim zoológico. Antes das nove horas, ele recompôs a aparência e, parecendo tão respeitável quanto seu temperamento lhe permitia, rumou para a labuta.

Não se podia dizer que exercesse realmente algum comércio, a despeito de sua predileção por intitular-se “um negociante honrado”. Seu estabelecimento consistia num tamborete de madeira feito de uma cadeira cujo espaldar

quebrado fora serrado, e que o pequeno Jerry, caminhando ao lado do pai, carregava todas as manhãs e colocava sob a janela do Tellson mais próxima de Temple Bar, onde, com a ajuda da primeira mancheia de palha que podia ser recolhida de algum veículo, para protegê-los do frio, armavam o acampamento para o dia. Em seu posto, o senhor Cruncher era tão conhecido na rua Fleet como em Temple Bar, e tinha quase o mesmo aspecto sombrio desses locais.

Instalado às nove menos um quarto, bem a tempo de tirar o chapéu de três pontas para os mais velhos dos homens que entravam no Tellson, Jerry assumiu o seu posto naquela tempestuosa manhã de março, com o pequeno Jerry a seu lado, quando este não saía em incursões pelo Temple Bar, para infligir injúrias físicas e mentais de tipo doloroso aos meninos que por ali passavam e eram pequenos o bastante para servirem a seus amigáveis propósitos. Pai e filho, extremamente parecidos, contemplando em silêncio o tráfego matinal da rua Fleet, com as cabeças tão perto uma da outra quanto seus olhos eram juntos, apresentavam uma semelhança extraordinária com um par de macacos. Essa semelhança era reforçada pela circunstância casual de que Jerry, o pai, mordida e cuspiu palha enquanto os olhos brilhantes de Jerry, o filho, incansavelmente observavam-no e a tudo o mais na rua Fleet.

A cabeça de um dos mensageiros internos contratados pelo Tellson apareceu na porta, para dar a ordem:

— Precisa-se de um mensageiro!

— Hurrah, papai! Começamos cedo hoje, hein? Tendo assim estimulado o pai, que saiu apressado, o pequeno Jerry sentou-se no tamborete e dedicou-se a seu

interesse de herdeiro na palha que seu pai estivera mascando, refletindo: —

Sempre sujos! Os dedos dele estão sempre sujos de ferrugem! —  
resmungou. — Onde será que o pai suja os dedos de ferrugem? Aqui é que não.

## CAPÍTULO II

### UMA VISÃO

— Você conhece bem Old Bailey, não é? — indagou um dos escriturários mais velhos a Jerry, o mensageiro.

— Sim, senhor — replicou Jerry, com modos um tanto impertinentes. — Conheço muito bem o Bailey.

— Está certo. E conhece o senhor Lorry, presumo.

— Conheço o senhor Lorry, senhor, muito melhor do que conheço Bailey. Muito melhor — disse Jerry, de uma forma não diferente de uma testemunha relutante nesse mesmo tribunal — do que eu, como honrado comerciante, gostaria de conhecer Bailey.

— Muito bem. Encontre a porta reservada às testemunhas e mostre ao porteiro este bilhete endereçado ao senhor Lorry. Ele o deixará entrar.

— Entrar na corte, senhor?

— Na corte.

Os olhos do senhor Cruncher pareceram juntar-se ainda mais e fazer um ao outro a pergunta: “O que você acha disso?”

— Devo aguardar na corte, senhor? — inquiriu, como resultado dessa conferência.

— Eu vou dizer-lhe. O porteiro entregará o bilhete ao senhor Lorry e você fará um gesto qualquer para atrair-lhe a atenção e mostrar-lhe onde você está. Então, o que terá a fazer será permanecer no mesmo lugar até que ele precise de seus serviços.

— Só isso, senhor?

— Só. Ele necessitará de um mensageiro à sua disposição. Este bilhete é para comunicar-lhe que você está lá.

Enquanto o velho empregado vagarosamente dobrava e sobrescrevia o papel, o senhor Cruncher, depois de observá-lo em silêncio até ele chegar ao estágio de secar a tinta com o mata-borrão, comentou:

— Será que julgarão algum caso de falsificação esta manhã?

— Não. Traição!

— Então, a pena será esartejamento — disse Jerry. — Que barbaridade!

— É a lei — retrucou o idoso funcionário, voltando-lhe um olhar surpreso por trás do monóculo. — É a lei.

— É terrível que a lei corte um homem em pedaços, eu acho. Já é bem ruim que o mate, mas é terrível cortá-lo em pedaços, senhor.

— De modo algum — discordou o ancião. — Fale sempre bem da lei. Tome cuidado com seu peito e sua voz, meu bom amigo, e deixe que a lei cuide de si



mesma. É um conselho que lhe dou.

— É a umidade, senhor, que aflige meu peito e minha voz — Jerry retrucou.  
— Se o senhor soubesse como é úmido o meu modo de ganhar a vida!

— Bem, bem — atalhou-o o velho escriturário —, todos temos problemas em nossos ofícios. Alguns enfrentam a umidade, outros, a secura excessiva. Aqui está o bilhete. Pode levá-lo.

Jerry apanhou o papel e, com deferência menor do que a exibida, comentou consigo mesmo: “Se sou rouco, você também é uma velha carne magra”. Curvou-se, saiu e, de passagem, avisou o filho de seu destino.

Os enforcamentos tinham lugar em Tyburn naqueles dias, de forma que a rua do lado de fora de Newgate ainda não obtivera a infame notoriedade de que passou a gozar desde que se tornou palco das execuções. Contudo, o cárcere era um local vil, no qual se praticavam toda sorte de deboches e vilanias e onde se cultivavam moléstias terríveis, que vinham para a corte junto com os prisioneiros e que, às vezes, se espalhavam do banco dos réus para o Lorde Chefe de Justiça em pessoa, arrancando-o do estrado para o túmulo. Mais de uma vez aconteceu de o Juiz, em sua toga negra, decretar a própria morte enquanto condenava o réu, não raro morrendo antes mesmo do condenado. De resto, Old Bailey tinha a fama de uma espécie de jardim da morte, de onde páldios viajantes saíam continuamente, em carroças e coches, rumo ao outro mundo, atravessando cerca de cinco quilômetros entre rua e estrada, envergonhando alguns poucos bons cidadãos, se é que os havia desabitoados a esse espetáculo (tão poderoso é o hábito, e tão desejável que seja no início um bom hábito). Tinha fama, também, pelo pelourinho, uma sábia e antiga instituição, que infligia um castigo cuja extensão não se podia prever. Também pelo poste onde se prendiam as pessoas para açoitá-las, outra antiga e querida instituição, que inspirava sentimentos tão enternecedores e humanos àqueles que a viam em ação. Também por amplas transações com dinheiro sangrento, outra amostra de sabedoria ancestral, conduzindo sistematicamente aos mais terríveis crimes mercenários já cometidos sob o céu. Resumindo, Old Bailey, naquela época, era a ilustração perfeita do preceito de que “Tudo o que é, é correto”, um aforismo que seria tão conclusivo quanto satisfatório para o indolente, não fosse a incômoda consequência de que nada do que sempre foi, foi errado.

Abrindo caminho pela multidão infecta, que se acotovelava ao longo de todo aquele horrível teatro, com a habilidade de homem acostumado a fazer sua trilha de maneira silenciosa, o mensageiro encontrou a porta indicada e estendeu o bilhete através de uma abertura. As pessoas tinham de pagar para assistir ao espetáculo em Old Bailey, do mesmo modo como pagavam para assistir a espetáculos em Bedlam, embora o povo não os apreciasse tanto quanto o primeiro. Portanto, todas as portas de Old Bailey eram bem guardadas, com exceção, naturalmente, das portas sociais por onde entravam os criminosos. Estas estavam sempre escancaradas.

Após uma certa demora e algumas objeções, a porta entreabriu-se, rangendo nos gonzos, permitindo o acesso do senhor Jerry Cruncher à corte.

— O que estão julgando lá? — ele indagou, cochichando, ao homem de quem se aproximou.

— Nada, ainda.

— E o que vão julgar?

— O caso da Traição.

— O do esquarteramento, hein?

— Ah! — replicou o homem, com um suspiro. — Ele será arrastado para o patíbulo, onde será enforcado mas não ao ponto de morrer. Então, eles o tirarão de lá e o esquarterarão, removerão suas entranhas e as queimarão na frente do infeliz. Aí, deceparão sua cabeça e retalharão o corpo. Esta é a sentença.

— Você quer dizer, se ele for considerado culpado, não é? — Jerry perguntou, tentando estabelecer uma condição.

— Oh, eles o considerarão culpado — retorquiu o outro —, não se preocupe.

A atenção do senhor Cruncher desviou-se para o porteiro, que ele vira abrir caminho até o senhor Lorry, com o bilhete na mão. O senhor Lorry achava-se sentado a uma mesa junto com outros cavalheiros de peruca, perto de um que ostentava uma vasta peruca, o defensor do prisioneiro, tendo diante de si uma grande pilha de papéis, e no lado oposto a outro cavalheiro também de peruca e com as mãos nos bolsos, cuja atenção parecia inteiramente concentrada no teto, como notava o senhor Cruncher sempre que o olhava. Depois de tossir, coçar o queixo e acenar, Jerry conseguiu que o senhor Lorry, que se levantara, reparasse em sua presença, balançando a cabeça e tornando a sentar-se.

— O que *ele* tem a ver com o caso? — indagou o homem com quem ele estivera conversando.

— Macacos me mordam se eu sei — respondeu Jerry.

— O que *você* tem a ver com isso, então, se me permite a pergunta?

— Também não sei — replicou Jerry.

A entrada do juiz, com a conseqüente agitação na corte, interrompeu o diálogo. Nesse instante, o banco dos réus tornou-se o foco do interesse geral. Dois carcereiros, que estavam ali aguardando, saíram em busca do prisioneiro, que foi trazido para o recinto do tribunal.

Todos os presentes, com exceção do cavalheiro de peruca que contemplava o teto, convergiram os olhares para o réu. A respiração de todos na sala rolou em sua direção, como um mar, ou como o vento, ou o fogo. Cabeças ansiosas se esticavam à volta dos pilares e nos cantos para conseguirem vê-lo; os espectadores das fileiras de trás ergueram-se para não perderem um só detalhe de sua imagem; as pessoas no piso da corte apoiaram suas mãos nos ombros dos que estavam à frente, para usufruir, à custa de quem quer que fosse, da visão do acusado, ficavam na ponta dos pés, subiam em quaisquer saliências, equilibravam-se no nada, tudo para visualizar cada centímetro dele. Destacando-se dentre esses últimos, e parecendo um pedaço ambulante do pontiagudo muro de Newgate, lá estava Jerry, lançando em direção ao prisioneiro o hálito da cerveja que havia tomado no caminho como aperitivo, fazendo-o mesclar-se com as ondas de outros hálitos de cerveja, de gim, de chá e de café, e sabese lá mais o quê, que se arrojavam até ele e logo se quebravam nas amplas vidraças que ficavam às suas costas, condensando-se numa névoa úmida e impura.

O objeto de todo esse mirar e clamar era um rapaz de cerca de vinte e cinco anos, bem-criado e de bom aspecto, com a tez bronzeada e de olhos

escuros. Em resumo, um jovem cavalheiro. Totalmente vestido de preto, ou verde muito escuro, tinha os cabelos compridos e negros presos na nuca com uma fita, mais com o propósito de afastá-los do rosto do que para servir de adorno. Como as emoções mais profundas se expressam no rosto, não importa atrás de que máscara se esconda, assim a palidez gerada por sua situação vencia o bronzeado da face, revelando ser a alma mais forte do que o sol. De resto, ele se mostrava inteiramente senhor de si. Curvou-se perante o juiz e permaneceu ereto e silencioso.

O interesse com o qual esse homem era contemplado e bafejado não era da espécie que eleva a humanidade. Estivesse ele sob a ameaça de uma sentença menos tenebrosa, houvesse a possibilidade de algum daqueles detalhes selvagens ser dispensado, apenas por isso teria perdido muito de seu fascínio. A figura que estava destinada a ser mutilada de maneira tão infamante era A Visão; a criatura imortal que seria abatida e esquartejada fornecia a sensação. Qualquer que fosse o verniz com que os vários espectadores procuravam encobrir o seu interesse, de acordo com a capacidade que tinham de enganar a si próprios, esse interesse era, em sua raiz, digna dos ogros.

— Silêncio na corte! Charles Darnay declarou-se on-tem inocente quanto ao crime que lhe foi imputado, de traição ao nosso sereno, ilustre, excelente, etcétera, príncipe, nosso senhor o Rei, pela razão de ter, em diversas ocasiões, e por diversos meios e modos, apoiado Luiz, o rei francês, em suas guerras contra nosso sereno, ilustre, excelente, etcétera, Rei. O que significa dizer que, em suas idas e vindas entre os domínios de nosso sereno, ilustre, excelente, etcétera, e os do referido francês, Luiz, ele lhe descreveu quais forças nosso sereno, ilustre, excelente, etcétera, armava para enviar ao Canadá e à América do Norte. A esta altura, Jerry, com sua cabeça se tornando mais e mais cheia de pontas, na mesma medida em que os termos da lei se aguçavam, alcançou a compreensão, com grande contentamento, de que o supracitado, e cada vez mais supracitado, Charles Darnay, estava ali, diante de seus olhos, enfrentando seu julgamento, que os jurados estavam prestando juramento e que o senhor Procurador Geral se preparava para discursar.

O acusado, que estava (e que sabia que estava) sendo mentalmente enforcado, decapitado e esquartejado por todos os presentes, nem fugia da situação nem assumia uma postura teatral. Manteve-se calado e atento, observando os procedimentos de abertura com um grave interesse, de pé, com as mãos apoiadas na mesinha de madeira à sua frente, tão composto que nem desarrumou as folhas de ervas ali pousadas. A corte era juncada dessas ervas e espargida com vinagre, como precaução contra o ar do cárcere e sua febre.

Sobre a cabeça do prisioneiro havia um espelho que refletia a luz sobre ele. Multidões de malvados e miseráveis foram iluminados por seu reflexo, suas imagens estamparam-se em sua superfície e desapareceram para sempre da face da Terra. Aquele abominável lugar teria sido assustadoramente mal-assombrado se o vidro pudesse lançar de volta as imagens refletidas, como o oceano um dia renunciou a seus mortos. Algum pensamento acerca da infâmia e da desgraça para o qual o espelho fora reservado deve ter cruzado a mente do prisioneiro. Fosse como fosse, uma mudança em sua posição tornou-

côncio do facho de luz sobre seu rosto e o fez olhar para o alto. Quando avistou o espelho, suas faces coraram e sua mão direita empurrou as ervas para longe.

Com esse movimento, aconteceu-lhe olhar para o lado esquerdo da corte. Mais ou menos no nível de seus olhos, estavam sentadas, na direção do estrado do juiz, duas pessoas sobre as quais de imediato pousou o olhar. Tão bruscamente, e com tanta alteração de seu semblante, que todos os olhos que estavam voltados para ele, volveram então para elas.

Os espectadores distinguiram uma jovem dama com pouco mais de vinte anos e um cavalheiro que, evidentemente, era seu pai. Um homem de aparência marcante em virtude da brancura absoluta de seus cabelos e de uma certa intensidade indescritível de sua fisionomia, não de uma espécie ativa, mas de ponderação e introspecção. Quando essa expressão se estampava em seu rosto, ele parecia um velho. Contudo, quando se desfazia, como naquele instante em que se dirigia à filha, ele se tornava um homem bem apessoado, ainda na meia-idade.

A filha, sentada a seu lado, tinha uma das mãos pousada no braço dele e, com a outra, puxou-o para mais perto, aterrorizada com a cena e tomada de uma profunda piedade pelo prisioneiro. Com a testa expressando um crescente terror e compaixão, ela nada via além do perigo que rondava o acusado. Tudo isso foi tão notado, tão poderosa e naturalmente mostrado, que aqueles que não haviam sentido pena dele ficaram comovidos. E indagaram entre si:

— Quem são eles?

Jerry, o mensageiro, que fizera as próprias observações a seu próprio modo, e que, absorto, estivera lambendo a ferrugem depositada em seus dedos, esticou o pescoço para ouvir quem eram eles. A pergunta passara pela multidão ao seu redor e alcançara o atendente, que soprou a resposta, a qual também se espalhou de boca em boca, chegando, por fim, a Jerry.

— Testemunhas.

— De que lado?

— Contra.

— Contra que lado?

— O do prisioneiro.

O juiz, cujos olhos haviam passeado em todas as direções, recostou-se no espaldar da cadeira e fitou com firmeza o homem cuja vida estava em suas mãos, enquanto o senhor Procurador Geral erguia-se para dobrar a corda, afiar o machado e martelar os pregos do cadafalso.

## CAPÍTULO III

### *DESAPONTAMENTO*

O senhor Procurador Geral tinha a informar ao júri que o prisioneiro diante deles, embora jovem em anos, era velho na prática de traições que clamavam pelo confisco de sua vida. Que sua correspondência com o inimigo público não datava daquele dia, nem da véspera, nem do último ano, tampouco do anterior. Que era certo que o prisioneiro, por um período maior do que o mencionado, manteve o hábito de ir à França e voltar, em negócios secretos dos quais não podia prestar contas com honestidade. Que, se prosperar fosse próprio das atividades de traição (o que, felizmente, não ocorria), a verdadeira maldade e culpabilidade de seus negócios talvez jamais fossem descobertas. A Providência, entretanto, colocara no coração de uma pessoa sem medo e sem mácula a incumbência de deslindar a natureza dos esquemas do prisioneiro e, tomada pelo horror, essa pessoa os denunciou ao Chefe da Secretaria de Estado e ao honorável Conselho Privado de Sua Majestade. Que esse patriota seria apresentado ao júri. Que sua posição e atitude foram sublimes. Que ele fora amigo do prisioneiro, mas, desde o momento, ao mesmo tempo auspicioso e infeliz, em que lhe detectou a infâmia, resolveu imolar o traidor, com quem já não podia conviver em camaradagem, sobre o solo sagrado de sua pátria. Que, se estátuas fossem erigidas na Inglaterra, como o foram na antiga Grécia e em Roma, em homenagem a seus benfeitores, aquele insigne cidadão certamente ganharia uma. Que, como não era costume do país, ele provavelmente não ganharia nenhuma. Que a virtude, como bem observado pelos poetas (em muitas passagens, as quais, ele tinha certeza, o júri conhecia de cor e salteado. Com o que os semblantes dos jurados revelaram a consciência culpada por nada conhecerem sobre as tais passagens), era contagiante, especialmente a brilhante virtude do patriotismo, do amor ao país. Que o grandioso exemplo dessa imaculada e irreprochável testemunha em favor da Coroa, a quem se referia com orgulho, se havia comunicado ao criado do prisioneiro, em quem semeara a santa determinação de examinar as gavetas e bolsos de seu patrão e espionar seus papéis. Que o senhor Procurador Geral estava preparado para ouvir censuras àquele admirável criado, mas que, de modo geral, estimava-o mais do que a seus irmãos e honrava-o mais do que a seus pais. Que conclamava com confiança aos membros do júri que fizessem o mesmo. Que a evidência trazida pelas duas testemunhas, acrescida dos documentos comprobatórios que seriam apresentados, demonstraria que o prisioneiro obtivera listas das forças de Sua Majestade, bem como de sua disposição e preparação, tanto na terra quanto no

mar, e não restariam dúvidas de que ele fornecera tais informações ao inimigo. Que não se podia provar que a caligrafia dessas listas pertencesse ao prisioneiro, mas que isso não fazia diferença e que, na verdade, era até melhor para o processo, pois mostrava que o prisioneiro era ardiloso em suas precauções. Que a prova remontaria a cinco anos antes, revelando o prisioneiro já engajado em perniciosas missões, poucas semanas antes do início das hostilidades entre as tropas britânicas e as americanas. Que, por esses motivos, o júri, sendo leal (como ele tinha certeza de que era) e responsável (como *eles* sabiam que eram), indubitavelmente consideraria o réu culpado e poria um fim à sua vida, mesmo que tal decisão não lhes agradasse. Que eles jamais poderiam repousar a cabeça no travesseiro, que jamais poderiam tolerar a idéia de suas esposas repousando a cabeça no travesseiro, em suma, que eles jamais poderiam coisa alguma, muito menos repousar a cabeça no travesseiro, a menos que a cabeça do prisioneiro fosse decepada. Cabeça que o senhor Procurador Geral reclamava em sua peroração, em nome de tudo o que lhe ocorresse no momento, e sob a confiança em sua solene afirmação de que, no que lhe dizia respeito, o prisioneiro já estava morto.

Quando o Procurador Geral concluiu, um burburinho elevou-se na corte como se uma nuvem de moscas-varejeiras esvoejasse em torno do prisioneiro, na expectativa do que em breve aconteceria. Quando o bulício se abrandou, a irrefragável testemunha sentou-se na cadeira para depor.

O senhor Promotor Geral, então, sucedendo a seu líder, assumiu o comando e interrogou o patriota, cavalheiro John Barsad. Desfiou a história de sua alma pura exatamente como a descrevera o senhor Procurador Geral, talvez um pouco exatamente demais. Depois de cumprido o nobre fardo de sua responsabilidade, ele se teria modestamente retirado, não fosse pelo cavalheiro de peruca com papéis diante de si, que manifestou o desejo de fazer-lhe algumas poucas perguntas. O cavalheiro de peruca, que estava sentado na outra extremidade, ainda contemplava o teto da corte.

Teria ele sido um espião também? Não, ele desdenhou a vil insinuação. De que vivia? Dos rendimentos de sua propriedade. Onde ficava essa propriedade? Ele não se lembrava bem da localização. Que propriedade era essa? Não era da conta de ninguém. Recebera-a como herança? Sim, de herança. De quem? Um parente distante. Muito distante? Bastante. Alguma vez esteve preso? Certamente que não. Nunca foi preso por dívidas? Ele não via que ligação isso teria com o caso. Nunca foi preso por dívidas? Não vai responder? E então, nunca? Sim. Quantas vezes? Duas ou três. Não teriam sido cinco ou seis? Talvez. Qual era a profissão dele? Cavalheiro. Já foi chutado alguma vez? Podia ser. Com frequência? Não. Já foi chutado escada abaixo? Decididamente não; recebera, certa vez, um chute no alto de uma escada e caíra por conta própria. Fora chutado, nessa ocasião, por trapacear com os dados? Algo desse gênero foi dito pelo bêbado mentiroso que o agrediu, mas não era verdade. Jura que não é verdade? Positivamente. Já viveu à custa de roubar no jogo? Nunca. Já viveu à custa de jogo? Não mais do que qualquer cavalheiro. Já pediu dinheiro emprestado ao prisioneiro? Sim. Alguma vez pagou o empréstimo? Não. Não teria sido essa intimidade, que, na verdade, nem existia, com o prisioneiro,

impingida a ele nos coches, nas hospedarias e nos paquetes? Não. Ele naturalmente vira o prisioneiro com as listas? Certamente. Sabia alguma coisa mais sobre elas? Não. Não as havia procurado ele mesmo? Não. Espera receber alguma coisa pelo testemunho? Não. Nem um emprego no governo como agente provocador? Céus, não. Ou para fazer qualquer outra coisa? Céus, não. Jura? Quantas vezes forem necessárias. Não existem motivos outros para seu admirável patriotismo? Nenhum.

O virtuoso criado, Roger Cly, multiplicou seus protestos de falar toda a verdade e apenas a verdade. Ele se oferecera para trabalhar para o prisioneiro, com boa-fé e ingenuidade, quatro anos antes. Perguntara-lhe, a bordo do paquete de Calais, se desejava um criado e o prisioneiro o contratara. Ele não lhe pedira que o contratasse por caridade, nunca lhe ocorreria uma coisa dessas. Ele logo começou a suspeitar do prisioneiro e a observá-lo. Ao arrumar-lhe as roupas, durante as viagens, viu várias vezes listas semelhantes àquelas nos bolsos do prisioneiro. Ele tirou as listas da gaveta da escrivaninha do prisioneiro. Não fora ele quem as pusera ali. Ele viu o prisioneiro mostrar listas idênticas a cavalheiros franceses em Calais, bem como listas similares também a cavalheiros franceses, em Calais e Bolonha. Ele amava seu país, não podia suportar a traição e, assim, resolveu denunciá-lo. Ele jamais foi suspeito de roubar um bule de prata; que fora caluniado a respeito de um mostardeiro, que, mais tarde, constatou-se ser apenas banhado de prata. Ele conheceu a testemunha anterior sete ou oito anos antes, mas isso era mera coincidência. Não a considerava uma coincidência particularmente estranha. A maioria das coincidências era estranha. Tampouco considerava coincidência que um genuíno patriotismo fosse o único motivo também *dele*. Era um verdadeiro britânico e esperava que houvesse outros como ele.

As moscas-varejeiras tornaram a zumbir, e o senhor Procurador Geral chamou o senhor Jarvis Lorry.

— Senhor Jarvis Lorry, o senhor é funcionário do Banco Tellson?

— Sim, eu sou.

— Numa certa noite de sexta-feira, em novembro de 1775, os negócios o levaram a viajar de Londres a Dover na mala-posta?

— Levaram.

— Havia outros passageiros além do senhor?

— Dois.

— Eles desceram da mala-posta em algum momento daquela noite?

— Desceram.

— Senhor Lorry, olhe bem para o prisioneiro. Ele era um dos dois outros passageiros?

— Não posso afirmar com certeza que era.

— Ele se parece com um dos dois passageiros?

— Ambos estavam tão envolvidos em agasalhos, a noite estava tão escura e nós nos mantínhamos tão reservados que não posso afirmar com certeza que ele pareça.

— Senhor Lorry, olhe de novo para o prisioneiro. Imagine-o envolvido em agasalhos como aqueles dois passageiros. Existe algo em sua compleição física,

na sua estatura, que o leve a considerar improvável que ele seja um dos dois?

— Não.

— O senhor não jura, senhor Lorry, que ele não era um dos dois?

— Não.

— Então, ao menos o senhor pode afirmar que ele pode ter sido um dos dois?

— Sim. Exceto pelo fato de que, como me lembro, ambos mostraram-se, como eu mesmo, amedrontados com a possibilidade de sermos atacados por malfeteiros, e o prisioneiro não tem aspecto de medroso.

— Já viu expressões falsas de timidez, senhor Lorry?

— Certamente que sim.

— Senhor Lorry, olhe outra vez para o prisioneiro. Já o havia visto antes?

— Já.

— Quando?

— Eu regressava da França, alguns dias mais tarde, e, em Calais, o prisioneiro subiu a bordo do paquete em que eu estava e viajou comigo.

— A que horas ele subiu a bordo?

— Pouco depois da meia-noite.

— No fim da noite. Ele foi o único passageiro a subir em hora tão tardia?

— Por acaso foi, sim.

— Deixe de lado esse “por acaso”, senhor Lorry. Ele foi o único passageiro a subir a bordo em hora tão tardia?

— Foi.

— O senhor viajava sozinho, senhor Lorry, ou tinha acompanhante?

— Dois acompanhantes. Um cavalheiro e uma dama. Eles estão aqui.

— Eles estão aqui. O senhor manteve conversação com o prisioneiro?

— Praticamente nenhuma. O tempo estava tempestuoso, a travessia foi longa e difícil e eu recostei-me numa sofá, onde permaneci durante praticamente todo o percurso.

— Senhorita Manette!

A jovem dama, para quem todos os olhos se haviam voltado antes e novamente agora, levantou-se. O pai ergueuse junto com a filha, mantendo a mão dela aferrada a seu braço.

— Senhorita Manette, olhe para o prisioneiro.

Confrontar-se com tanta piedade e tais beleza e juventude era muito mais penoso para o acusado do que enfrentar toda a multidão. Olhando-a, como estava, da beira de seu túmulo, nem mesmo todos aqueles olhos que o fixavam com ávida curiosidade logravam, naquele instante, persuadi-lo a aquietar-se. Sua mão direita remexia as ervas diante de si, arrumando imaginários leitos de flores num jardim, e seus esforços para controlar-se e normalizar a respiração agitavam-lhe os lábios dos quais fugira toda a cor. O zumbido das moscas-varejeiras elevou-se mais uma vez.

— Senhorita Manette, já havia visto o prisioneiro antes?

— Sim, senhor.

— Onde?

— A bordo do paquete já mencionado aqui, senhor, e na mesma ocasião.



— É a senhorita a quem o senhor Lorry se referiu há pouco?

— Oh, infelizmente, sim.

O tom queixoso de sua compaixão misturou-se à voz menos musical do juiz, que disse com certa rudeza:

— Limite-se a responder as perguntas que lhe são formuladas, abstando-se de tecer comentários.

— Senhorita Manette, manteve alguma conversação com o prisioneiro durante a travessia do canal?

— Sim, senhor.

— Queira lembrá-la.

Emergindo das brumas de um profundo silêncio, ela principiou com voz débil:

— Quando o cavalheiro subiu a bordo...

— Refere-se ao prisioneiro? — inquiriu o juiz, franzindo as sobrancelhas.

— Sim, Milorde.

— Então diga “prisioneiro”.

— Quando o prisioneiro subiu a bordo, logo percebeu que meu pai — tornou os olhos amorosamente para ele, de pé a seu lado — estava fatigado e em condições precárias de saúde. Meu pai estava tão fraco que eu, temendo tirá-lo do ar puro, preparei-lhe uma cama no convés, perto da escada da cabine, e sentei-me junto dele. Não havia outros passageiros aquela noite, só nós quatro. O prisioneiro demonstrou gentileza ao pedir permissão para indicar-me um meio melhor de proteger meu pai do vento úmido. Eu não conseguira abrigá-lo bem, porque preparara tudo ainda no cais, sem imaginar a direção do vento em alto mar. Ele o fez para mim, revelando uma grande cortesia e generosidade em sua preocupação com o estado de meu pai, e tenho certeza de que era sincero. Foi assim que entabulamos conversação.

— Deixe-me interrompê-la por um momento. Ele subiu a bordo sozinho?

— Não.

— Quantas pessoas subiram com ele?

— Dois cavalheiros franceses.

— Eles conferenciaram?

— Conferenciaram até o último momento, quando foi necessário que os cavalheiros franceses regressassem em seu bote para a terra.

— Reparou se circularam entre eles papéis similares a estas listas?

— Alguns papéis, de fato, circularam entre eles, mas não sei de que se tratava.

— Eram parecidos, quanto à forma e tamanho?

— É possível, mas eu realmente não sei, embora eles conversassem perto de mim, no alto da escada da cabine, por causa do lampião dependurado ali. Mesmo assim, a luminosidade era pouca e eles murmuravam, de modo que não pude distinguir uma só palavra, notando apenas que examinavam papéis.

— Agora, voltemos à sua conversa com o prisioneiro, senhorita Manette.

— O prisioneiro mostrou-se tão franco em sua confiança em mim, o que me conduziu a esta triste situação, quanto se mostrara gentil, bondoso e útil com meu pai. Espero — rompeu em lágrimas — não retribuir sua generosidade

causando-lhe mal hoje. Zumbido das moscas-varejeiras.

— Senhorita Manette, se o prisioneiro não entende perfeitamente que a senhorita presta o depoimento que é seu dever prestar, que é obrigada a prestar, e que não pode esquivar-se a prestar, com grande má-vontade, ele é a única pessoa aqui presente nessa condição. Por favor, prossiga.

— Ele me contou que viajava a negócios, cuja natureza era delicada e difícil, chegando mesmo a colocar pessoas em apuros e que, por esse motivo, viajava com nome falso. Disse que os tais negócios o tinham levado, poucos dias antes, para a França e poderiam exigir que transitasse entre França e Inglaterra, com curtos intervalos, durante um longo tempo.

— Ele disse alguma coisa sobre a América, senhorita Manette? Seja específica.

— Ele tentou explicar-me como a disputa começara e afirmou que, até onde podia julgar, a atitude da Inglaterra era não só errada como tola. Acrescentou, gracejando, que talvez George Washington viesse a adquirir uma fama tão grande quanto a de Jorge III. Mas não havia maldade em sua maneira de falar, pois isso foi dito em tom de pilhéria, em meio a uma conversa amena, para passar o tempo.

Qualquer expressão mais forte no semblante do ator principal, para quem se dirigem todos os olhos, numa cena de grande interesse, é inconscientemente imitada pelos espectadores. Dolorosa ansiedade vincava sua testa, enquanto prestava depoimento, e nas pausas que ela fazia para que o juiz anotasse o interrogatório, observava-se esse efeito sobre os encarregados da acusação e da defesa. Quanto aos espectadores, via-se a mesma expressão nos quatro cantos da corte, a tal ponto que a grande maioria das testas parecia um espelho refletindo a testemunha, no instante em que o juiz deixou suas notas e dardejou um olhar furioso ao ouvir a tremenda heresia acerca de George Washington.

O senhor Procurador Geral argumentou, então, que, como medida de precaução e formalidade, julgava indispensável que se tomasse o depoimento do pai da jovem dama, doutor Manette, que foi chamado imediatamente.

— Doutor Manette, olhe para o prisioneiro. Já o havia visto antes?

— Uma vez, quando me procurou em minha residência em Londres, há cerca de três anos, três anos e meio.

— Pode identificá-lo como seu companheiro de viagem a bordo do paquete, ou contar algo a respeito da conversa que ele manteve com sua filha?

— Nem uma coisa nem outra, senhor.

— Existe algum motivo particular e especial que o impeça? Ele respondeu em voz baixa:

— Existe.

— Seria esse motivo a sua infelicidade de suportar um longo encarceramento, sem julgamento ou mesmo acusação, em seu país nativo, doutor Manette?

Ele confirmou, num tom que tocou cada coração:

— Um longo encarceramento.

— O senhor acabara de ser libertado na ocasião em tela?

— Disseram-me que sim.

— Não se lembra de nada dessa ocasião?

— Nada. Minha mente parece em branco, a partir do momento, não posso sequer precisar esse momento, em que passei a dedicar-me, durante o cativeiro, a fazer sapatos, até o instante em que me vi morando em Londres com minha querida filha. Ela se tornou familiar para mim quando um generoso Deus restaurou-me as faculdades; mas sou totalmente incapaz de dizer quando ela se tornou familiar. Não tenho lembranças desse processo.

O senhor Procurador Geral sentou-se. Pai e filha também sentaram-se.

Uma circunstância singular, então, alterou o rumo do caso. O objetivo, a esta altura, era demonstrar como o prisioneiro descera, com algum companheiro de conspiração ainda não identificado, da mala-posta de Dover, naquela noite de sexta-feira de novembro, cinco anos antes, e afastara-se do veículo no meio da noite, como um cego, numa parada que não era a sua, mas de onde retornara, viajando cerca de vinte quilômetros ou mais, até uma guarnição e arsenal naval, onde teria coletado informações. Uma testemunha foi chamada para declarar tê-lo visto, no preciso tempo necessário para ali chegar, na sala de refeições do hotel dessa cidade fortificada, aguardando por alguém. O defensor do prisioneiro estava interrogando a testemunha com todo o rigor sem obter qualquer resultado, exceto que esta jamais havia visto o prisioneiro em nenhuma outra circunstância, quando o cavalheiro de peruca que passara todo o tempo contemplando o teto escreveu uma palavra ou duas num pequeno pedaço de papel, torceu-o e lançou-o para o defensor. Abrindo o pequeno pedaço de papel durante a pausa seguinte, o defensor contemplou o prisioneiro com grande atenção e curiosidade.

— O senhor afirma de novo ter absoluta certeza de que ele *era* o prisioneiro? A testemunha tinha absoluta certeza.

— O senhor alguma vez encontrou alguém parecido com o prisioneiro?

— Não tão parecido — replicou a testemunha — que pudesse ser confundido com ele.

— Olhe bem para aquele cavalheiro, o meu douto colega ali — apontou para o homem que lhe atirara o papel — e, então, olhe de novo, com atenção, para o prisioneiro. O que acha? Eles são muito parecidos um com o outro?

Descotado-se a aparência indolente e desleixada, senão debochada, do “meu douto colega”, eles eram suficientemente parecidos entre si para surpreender não somente a testemunha como a todos os presentes, quando se fazia a comparação. Sendo solicitado a Milorde que ordenasse ao “meu douto colega” que tirasse a peruca, e tendo Milorde consentido com pouca disposição, a semelhança revelou-se muito mais marcante. Milorde inquiriu ao senhor Stryver (defensor do prisioneiro) se iria indiciar o senhor Carton (nome do “douto colega”) por traição. Mas, não (o senhor Stryver respondeu a Milorde); contudo, indagaria à testemunha se considerava possível que o que aconteceu uma vez pudesse acontecer duas; se teria demonstrado tanta convicção, se tivesse visto antes essa ilustração de sua atitude precipitada, se demonstraria a mesma convicção agora etc. O propósito era despedaçar o testemunho como a um vaso de louça, e lançar fora seu papel no processo, como um traste inútil.

O senhor Cruncher fizera uma refeição completa com a ferrugem dos

dedos enquanto acompanhava os interrogatórios. Prestava atenção, agora, enquanto o senhor Stryver ajustava o caso do prisioneiro para o júri como um bom alfaiate, mostrando-lhe como o patriota, Barsad, era um espião mercenário e traidor, um desavergonhado mercador de sangue, e um dos maiores velhacos sobre a terra desde o amaldiçoado Judas, com quem, aliás, era muito parecido. Como o virtuoso criado, Cly, fora seu amigo e sócio, e ambos se mereciam; como os olhos atentos daqueles falsários, que prestaram falso juramento, haviam pousado sobre o prisioneiro, escolhendo-o para vítima, em virtude do fato de que alguns negócios familiares na França, pois ele descendia de franceses, exigiam-lhe que cruzasse o canal com freqüência, embora a natureza desses negócios, em consideração aos que lhe eram caros, o proibisse de revelá-los, mesmo sob risco de vida. Como o depoimento que fora arrancado e distorcido da jovem dama, cuja angústia todos testemunharam, reduzirase a nada, envolvendo apenas as poucas e inocentes galanerias cortesias que comumente ocorrem entre um cavalheiro e uma dama reunidos pelas circunstâncias, com exceção daquela referência a George Washington, que não podia ser encarada de outra maneira além de uma brincadeira de mau gosto. Como seria uma fraqueza do governo sucumbir à tentação de angariar popularidade pela exploração dos mais indignos medos e antipatias nacionais, como fizera, em grande parte, o senhor Procurador Geral. Como, entretanto, isso não se fundamentou em nenhuma evidência, exceto naquela espécie vil e mesquinha de depoimentos que tão freqüentemente deturpavam casos como aquele, e da qual os Anais de Julgamentos do Estado deste país estavam abarrotados. Nesse momento, Milorde interveio (com o semblante grave como se estivesse ouvindo alguma inverdade), alegando que não toleraria tais alusões, enquanto presidisse aquele tribunal.

O senhor Stryver, então, convocou algumas poucas testemunhas e, em seguida, o senhor Cruncher assistiu com atenção ao trabalho do senhor Procurador Geral para virar pelo avesso o traje que o senhor Stryver ajustara para o júri, demonstrando como Barsad e Cly eram cem vezes melhores do que julgara antes, e o prisioneiro, cem vezes pior. Por fim, foi a vez de Milorde em pessoa virar e desvirar aquelas vestes, mas, no geral, decididamente remontando-as na forma de uma mortalha para o prisioneiro.

E agora, o júri voltara as costas para deliberar, e as grandes moscas varejeiras zumbiam de novo.

O senhor Carton, que permanecera tanto tempo contemplando o teto da corte, não mudou nem de posição nem de atitude, em meio a esse alvoroço. Enquanto seu douto colega, o senhor Stryver, manuseando os papéis diante dele, cochichava com as pessoas sentadas a seu lado, de quando em quando relanceando os olhos para o júri com ansiedade; enquanto todos os espectadores se moviam, uns mais e outros menos, reagrupando-se; e enquanto mesmo Milorde em pessoa se levantou e começou a passear para cima e para baixo em sua plataforma, criando no espírito da audiência a suspeita de que ele participava da agitação geral, apenas aquele homem recostava-se na cadeira, com sua toga rasgada meio aberta, sua peruca desalinhada parecendo ter surgido por acaso em sua cabeça, as mãos enfiadas nos bolsos e os olhos no teto como o sempre. Alguma coisa especialmente indolente em sua conduta não só lhe conferia uma aparência

pouco digna mas também diminuía a espantosa semelhança que sem dúvida havia entre ele e o prisioneiro (realçada por sua momentânea seriedade, no instante em que foram comparados), de tal modo que os vários espectadores, observando-o agora, comentavam entre si que dificilmente teriam cogitado da semelhança. O senhor Cruncher fez essa observação para o homem a seu lado e acrescentou:

— Sou capaz de apostar meio guinéu como ele não é advogado coisa nenhuma. Ele lá tem jeito disso?

Entretanto, esse senhor Carton reparava em mais detalhes da cena do que aparentava. Agora, por exemplo, quando a cabeça da senhorita Manette tombou sobre o peito do pai, ele foi o primeiro a perceber e a bradar em alto e bom som:

— Oficial! Olhe aquela jovem dama. Ajude o cavalheiro a levá-la daqui. Não vê que ela está prestes a cair?

Houve muita comiseração por ela enquanto era removida, e muita simpatia para com o pai. Era evidentemente motivo de grande aflição, para ele, recordar os dias de seu encarceramento. Ele havia mostrado grande agitação interior ao ser interrogado, e aquele ar de ponderação ou introspecção que o fazia parecer mais velho desde então estivera em seu semblante como uma nuvem sombria. Enquanto saíam, o júri, que se virara novamente na direção da corte e aguardava por um momento, manifestou-se através do primeiro jurado.

Eles não haviam chegado a um acordo e desejavam retirar-se. Milorde (talvez com George Washington em sua mente) demonstrou alguma surpresa por não terem chegado a um acordo, mas satisfeito por eles se retirarem sob vigilância e guarda, e ele mesmo pudesse se ausentar. O julgamento se estendera por todo o dia e já se acendiam os lampiões da corte. Começou a espalhar-se o rumor de que o júri ficaria ausente por muito tempo. Os espectadores saíram para se refrescar, e o prisioneiro sentou-se no banco dos réus.

O senhor Lorry, que havia se retirado logo após a saída da jovem e seu pai, reapareceu agora e acenou para Jerry, que, graças ao menor número de pessoas, pôde aproximar-se dele facilmente.

— Jerry, se você quiser comer alguma coisa, pode ir. Mas fique por perto. Assim, ouvirá quando o júri retornar. Então, entre sem perda de tempo, porque quero informar o veredicto ao Banco. Você é o mensageiro mais rápido que conheço, e chegará a Temple Bar muito antes de mim.

Jerry, em cuja testa mal existia espaço para isso, bateu nela com os nós dos dedos, em reconhecimento da comunicação e do xelim recebido. O senhor Carton, nesse momento, surgiu e tocou o braço do senhor Lorry.

— Como está a jovem dama?

— Muíttissimo aflita, mas o pai a está reconfortando e ela se sente melhor depois que saiu da corte.

— Eu contarei ao prisioneiro. Não ficaria bem para um respeitável cavalheiro do Banco, como o senhor, ser visto conversando em público com o prisioneiro, como sabe.

O senhor Lorry corou como se tivesse consciência de ter debatido esse ponto em sua mente, e o senhor Carton dirigiu-se até a grade. A saída da corte era naquela direção, de modo que Jerry seguiu-o, todo ouvidos, olhos e cabelos

pontudos.

— Senhor Darnay! O prisioneiro avançou imediatamente.

— O senhor naturalmente deve estar ansioso para obter notícias da testemunha, senhorita Manette. Ela passa muito bem. O senhor presenciou o clímax de sua agitação.

— Lamento profundamente ter sido o causador. Poderia dizer-lhe isso por mim, com a minha fervorosa gratidão?

— Sim, poderia. E o farei, se pedir.

Os modos do senhor Carton eram tão descuidados a ponto de serem quase insolentes. Ele permaneceu meio voltado para o prisioneiro, apoiando o cotovelo na grade.

— Pois eu peço. Aceite meu cordial agradecimento.

— O que — indagou Carton, ainda meio voltado para ele — o senhor espera, senhor Darnay?

— O pior.

— É a coisa mais sábia a esperar, e também a mais provável. Contudo, considero a retirada do júri bastante favorável ao senhor.

Não lhe sendo possível demorar-se mais para sair da corte, Jerry não logrou ouvir mais nada, mas deixou-os, tão parecidos um com o outro nas feições e tão diferentes em modos, de pé, lado a lado, ambos refletidos no espelho acima deles.

Uma hora e meia arrastou-se pesadamente nos corredores apinhados de ladrões e velhacos do andar de baixo, apesar da ajuda dos seus pastéis de carne de carneiro e cerveja. O rouco mensageiro, desconfortavelmente sentado num banco depois de fazer a refeição, caíra num cochilo, quando um burburinho ruidoso despertou-o e uma onda veloz de pessoas subindo as escadas rumo à corte carregou-o para cima.

— Jerry! Jerry! — o senhor Lorry já chamava à porta quando ele chegou lá.

— Aqui, senhor! Foi uma luta para voltar. Aqui estou, senhor.

O senhor Lorry estendeu-lhe um papel por entre a multidão.

— Depressa! Apanhou?

— Sim, senhor!

Apressadamente rabiscada no papel estava a palavra “ABSOLVIDO”.

— Se o senhor enviasse a mensagem “De volta à Vida” de novo — murmurou Jerry, virando-se —, desta vez eu entenderia o significado.

Ele não teve oportunidade de dizer, nem mesmo de pensar, nada mais até alcançar Old Bailey, pois a multidão saía aos borbotões, com tal ímpeto que quase lhe tiraram as pernas do chão, e um zumbido alto espalhou-se pelas ruas como se as moscas varejeiras se dispersassem em busca de outra carniça.

## CAPÍTULO IV

### CONGRATULAÇÕES

Da penumbra dos corredores da corte, o último sedimento do ensopado humano que fervera naquele caldeirão ao longo do dia forcejava porta fora, quando o doutor Manette, Lucie Manette, sua filha, o senhor Lorry, o assistente da defesa e o defensor, senhor Stryver, reuniram-se em torno do senhor Charles Darnay — recém-libertado — para congratulá-lo por escapar da morte.

Teria sido difícil, sob uma luz mais brilhante, reconhecer no doutor Manette, de semblante culto e de porte empertigado, o sapateiro do sótão de Paris. Contudo, ninguém poderia observá-lo com mais cuidado sem que a sua figura lhe prendesse a atenção — mesmo que não tivesse a oportunidade de observar a cadência plangente de sua voz baixa e grave e o alheamento que ensombreava às vezes a sua frente, sem nenhuma razão aparente. Não era apenas uma causa externa, como a menção à sua longa e lenta agonia — do modo que ocorrera durante o julgamento — que fazia emergir essa condição das profundezas de sua alma, mas também era próprio de sua natureza erguer-se de si mesma e envolvê-lo em melancolia, uma melancolia tão incompreensível para aqueles não familiarizados com sua história, como se houvessem visto a sombra da verdadeira Bastilha lançada sobre ele pelo sol de verão, embora sua real substância estivesse a quase quinhentos quilômetros de distância.

Apenas sua filha tinha o poder de afugentar de sua mente aquela nuvem sombria. Ela era o fio dourado que o unia ao passado que antecedeu ao seu tormento, e ao presente, que o sucedeu, e o som de sua voz, a luz de seu rosto e o toque de sua mão exerciam quase sempre sobre ele uma influência grandemente benéfica. Não sem algumas exceções, pois ela podia se lembrar de algumas ocasiões em que seu poder falhou. Mas eram poucas e breves essas ocorrências, e julgava-as superadas.

O senhor Darnay beijou a mão dela com fervor e gratidão e voltou-se para o senhor Stryver, a quem agradeceu calorosamente. O senhor Stryver, um homem de pouco mais de trinta anos[62], mas com aparência de vinte anos mais velho, robusto, ruidoso, sanguíneo, franco e livre dos inconvenientes de qualquer sentimento mais delicado, tinha um jeito agressivo de abrir caminho com os ombros (moral e fisicamente) para impor sua participação nos grupos e nas conversas, que traduzia bem seu modo de subir na vida aos empurrões.

Ainda envergando peruca e toga, disse, abrindo espaço junto a seu último cliente de tal forma que obrigou o inofensivo senhor Lorry a afastar-se um pouco do grupo:

— Estou feliz por tê-lo livrado com honra, senhor Darnay. Esse foi um processo infame, grosseiramente infame; mas não com menos possibilidade de conduzir a resultados funestos.

— Deixou-me em débito para com o senhor por toda a vida, em dois sentidos — replicou seu último cliente, tomando-lhe a mão.

— Fiz o melhor que pude pelo senhor, senhor Darnay. E creio que o melhor que posso é tão bom quanto o de qualquer outro advogado.

Ficando patente que alguém deveria contestá-lo, o senhor Lorry assumiu a incumbência:

— Muito melhor — protestou, de forma talvez não de todo desinteressada, mas com o objetivo de recuperar o seu lugar no grupo.

— Acha mesmo? — retorquiu o senhor Stryver. — Bem, o senhor esteve presente o dia inteiro e deve saber. É um homem de negócios, também.

— E, como tal — declarou o senhor Lorry, a quem o douto defensor agora empurrou com o ombro de volta para o grupo, do mesmo modo como o havia expulsado —, como tal, apellarei ao doutor Manette para que encerre esta conferência e nos envie a todos para casa. A senhorita Lucie parece adoentada, o senhor Darnay teve um dia terrível, e estamos todos exaustos.

— Fale por si mesmo, senhor Lorry — retrucou Stryver.

— Ainda tenho uma noite de trabalho pela frente. Fale por si mesmo.

— Falo por mim mesmo — respondeu o senhor Lorry

— e pelo senhor Darnay, bem como pela senhorita Lucie e... senhorita Lucie, acha que eu deveria falar em nome de todos? — indagou com ênfase, ranceando os olhos para o pai dela.

O rosto dele se imobilizara num olhar muito curioso a Darnay, um olhar intenso, aprofundando-se numa expressão de desagrado e desconfiança, numa mistura não isenta de medo. Com essa estranha mescla de sentimentos impressos no semblante, seus pensamentos vagavam longe.

— Meu pai — murmurou Lucie, pousando a mão com suavidade na dele.

O doutor Manette lentamente repeliu a sombra e voltou-se para ela.

— Vamos para casa, meu pai? Com um longo suspiro, ele concordou:

— Sim.

Os amigos do prisioneiro absolvido se haviam dispersado sob a impressão, que ele próprio causara, de que não o libertariam aquela noite. Quase todas as luzes se extinguíram nos corredores, os portões de ferro se fecharam com um rangido e um estrépito, e aquele triste lugar ficaria deserto até que o interesse despertado pelo cadafalso, pelo poste onde se açoitavam as pessoas, pelo pelourinho e pelo ferrete o repovoassem na manhã do dia seguinte. Caminhando entre o pai e o senhor Darnay, Lucie Manette saiu para o ar livre. Chamaram um coche de aluguel, no qual pai e filha partiram.

O senhor Stryver os havia deixado nos corredores, para abrir caminho com os ombros até o vestiário. Outro homem, que não se juntara ao grupo nem trocara palavra alguma com nenhum de seus integrantes, mas que estivera encostado na parede onde as sombras eram mais escuras, silenciosamente seguiu os demais e observou-os até o coche se afastar. Só aí aproximou-se do senhor Lorry e do senhor Darnay no passeio.



— Então, senhor Lorry! Os homens de negócio já podem conversar em público com o senhor Darnay?

Ninguém havia demonstrado reconhecimento quanto à participação do senhor Carton nos episódios do dia; ninguém sequer tomara conhecimento disso. Ele estava sem a toga e nem por isso seu aspecto melhorara.

— O senhor se divertiria, senhor Darnay, se soubesse do conflito que agita a mente de um negociante quando está dividida entre o impulso ditado pela boa índole e a atitude adequada aos negócios. O senhor Lorry corou e replicou, acalorado:

— Já mencionou o fato antes, senhor. Nós, homens de negócios que servimos a um estabelecimento, não somos senhores de nós mesmos. Temos de pensar no estabelecimento antes de pensarmos em nós.

— Eu sei, eu sei — retrucou o senhor Carton descuidadamente. — Não se exaspere, senhor Lorry. O senhor é tão bom quanto qualquer outro, não tenho dúvida. Até melhor, eu ousaria afirmar.

— Francamente — prosseguiu o senhor Lorry, ignorando o aparte —, não consigo ver o que o senhor tem a ver com o assunto. Se me desculpar pelo que vou dizer, como bem mais velho que sou, eu realmente sugiro que se preocupe com seus próprios negócios.

— Negócios! Deus me livre e guarde, não tenho negócio algum — retorquiu o senhor Carton.

— É uma pena que não tenha, senhor.

— Eu também acho.

— Se tivesse — continuou o senhor Lorry —, talvez se ocupasse com ele.

— Por Deus todo poderoso, não! Não o faria — contestou o senhor Carton.

— Bem, senhor! — bradou o senhor Lorry, totalmente apouquetado com a indiferença dele. — Os negócios são uma coisa excelente, além de respeitável, meu caro senhor. E, se impõem restrições, silêncio e impedimentos, o senhor Darnay, como um jovem cavalheiro de conhecida generosidade, saberá levar essa circunstância em consideração. Senhor Darnay, boa noite, e que Deus o abençoe! Espero que o dia de hoje marque o início de uma vida próspera e feliz. Cocheiro!

Talvez aborrecido não apenas com o advogado, mas um pouco consigo mesmo, o senhor Lorry embarcou apressadamente no coche e seguiu para o Banco Tellson. Carton, que cheirava a vinho do Porto e não parecia inteiramente sóbrio, riu-se e disse a Darnay:

— É uma estranha ocasião esta que nos reúne aqui. Deve ser uma noite bastante estranha para o senhor, ficar a sós com seu sócia nesta rua deserta.

— Ainda não me habituei à idéia — replicou Charles Darnay — de pertencer a este mundo novamente.

— Eu não me surpreendo com isso, pois não faz muito tempo o senhor estava bem próximo de passar desta para melhor. Mas, parece-me extenuado!

— *Estou* extenuado, começo a crer que desmaiarei.

— Nesse caso, por que diabos não vai jantar? Eu jantei, enquanto aqueles parvos decidiam a que mundo o senhor deveria pertencer, ao nosso, ou a outro qualquer. Per-mita-me indicar-lhe a taberna mais próxima onde se pode comer

bem.

Segurando-o pelo braço, conduziu-o para baixo da colina Ludgate até a rua Fleet e dali, por um caminho coberto, para o interior de uma taberna. Foram então guiados para uma pequena sala, onde Charles Darnay logo recobrou as forças com um bom jantar completo e um bom vinho, enquanto Carton sentava-se na extremidade oposta da mesa, com sua garrafa de Porto diante dele e com seu característico jeito um tanto insolente.

— O senhor já se sente pertencendo de novo a este esquema terrestre, senhor Darnay?

— Estou assustadoramente confuso com relação a tempo e espaço. Mas estou aos poucos me recuperando.

— Deve ser uma satisfação imensa!

Ele teceu o comentário com amargura, tornando a encher um copo dos bem grandes.

— Quanto a mim, meu maior desejo é esquecer que faço parte deste mundo. Não tem sido bom para mim, exceto por um vinho como este, nem eu para ele. De forma que não somos muito parecidos nesse particular. Na verdade, começo a pensar que não somos muito parecidos em nada.

Transtornado pelas emoções do dia, e sentindo sua permanência ali na companhia de seu sócia de comportamento grosseiro como uma espécie de sonho, Charles Darnay não sabia como responder. Por fim, não respondeu nada.

— Agora que terminou de jantar — Carton disse —, por que não ergue um brinde, senhor Darnay? Por que não faz a sua saudação?

— Que brinde? Saudar a quem?

— Como assim, a quem? Está na ponta da sua língua. Devia estar, tem de estar, juro que está.

— À senhorita Manette, então!

— À senhorita Manette, pois!

Fitando seu companheiro diretamente nos olhos enquanto bebia, Carton arremessou por sobre o ombro o copo na parede, onde se espatifou. Tocou, então, a sineta e pediu outro.

— É uma jovem linda demais para desaparecer num coche no meio da noite, senhor Darnay! — declarou, enchendo o novo copo.

Um ligeiro franzir de cenho e um lacônico “sim” constituíram a resposta.

— É uma linda jovem compadecendo-se do senhor e lamentando a sua sorte! O que acha? Não vale o preço de uma vida tornar-se objeto de tal simpatia e compaixão, senhor Darnay? Novamente, Darnay absteve-se de responder.

— Ela ficou deveras encantada ao receber seu recado, quando o transmiti. Não que o tenha demonstrado, mas eu percebi.

A alusão serviu como um oportuno lembrete para Darnay de que seu desagradável companheiro o havia, de livre e espontânea vontade, assistido ao longo do dia. Dirigiu o diálogo para aquele ponto e agradeceu-lhe.

— Eu não quero nem mereço sua gratidão — foi a resposta, no mesmo tom descuidado — Não me custou nada ajudá-lo, em primeiro lugar. E, em segundo, não sei por que o fiz. Senhor Darnay, permita-me que lhe faça uma pergunta.

— Com todo o gosto, é o mínimo que posso fazer para retribuir seus bons

serviços.

— Julga que gosto especialmente do senhor?

— Realmente, senhor Carton — retrucou o outro, desconcertado —, nem havia cogitado dessa questão.

— Pois, então, pense nela agora.

— O senhor agiu como se gostasse. Mas não acredito que goste.

— Também não acredito — concordou Carton. — Começo a formar uma boa opinião sobre seu discernimento.

— Contudo — prosseguiu Darnay, erguendo-se para to-car a sineta —, não há nada que impeça, espero, que eu peça a conta e que partamos sem ressentimentos de parte a parte.

Carton assentiu.

— Absolutamente nada. Darnay tocou a sineta.

— Vai pagar toda a despesa? — indagou Carton. Ao receber uma resposta afirmativa, ordenou ao taberneiro: — Então, traga-me outro quartilho do mesmo vinho e me acorde às dez.

Tendo pago a conta, Charles Darnay levantou-se e desejou-lhe boa noite. Sem retribuir o cumprimento, Carton também se levantou, com um toque de ameaça ou desafio em seu semblante, e disse:

— Uma última palavra, senhor Darnay. Acha que estou embriagado?

— Penso que bebeu bastante, senhor Carton.

— Pensa? O senhor sabe que bebi.

— Se me permite dizê-lo, eu sei que sim.

— Então, pode muito bem saber por que. Eu sou um pobre e desiludido escravo, senhor. Não me importo com ninguém na face da terra, e ninguém na face da terra se importa comigo.

— Lamento muito. Devia ter empregado melhor os seus talentos.

— Talvez sim, senhor Darnay, talvez não. Todavia, não se deixe inebriar pela sua sobriedade. Nunca se sabe o que pode acontecer amanhã. Tenha uma boa noite.

Quando foi deixado a sós, essa estranha criatura apanhou uma vela, aproximou-se do espelho dependurado na parede e observou a própria imagem detidamente.

— Você gosta realmente desse homem? — murmurou.

— Por que deveria gostar especialmente de alguém parecido com você? Não existe nada em você que se possa apreciar, como sabe. Ah, está confuso! Que mudança promoveu em si mesmo! Haveria uma boa razão para afeiçoar-se a uma pessoa que lhe mostra o quanto você decaiu e o que poderia ter sido? Será que, se trocasse de lugar com ele, você seria fitado da mesma forma por aqueles olhos azuis, e se tornaria alvo da comiseração daquele rosto aflito, como aconteceu com ele? Ora, vamos, admita! Você odeia o sujeito.

Ele serviu-se de vinho para se consolar, bebeu toda a garrafa em poucos minutos e adormeceu sobre os braços, com os cabelos espalhados sobre a mesa, e um longo sudário no candeieiro.

## CAPÍTULO V

### *O CHACAL*

Aqueles eram dias de muita bebida e a maioria dos homens bebia além da conta. Tão grande foi o progresso que o tempo trouxe em relação a tais hábitos, que qualquer estimativa moderada da quantidade de vinho e ponche que um homem engoliria no decurso de uma noite, sem detrimento de sua reputação de perfeito cavalheiro, pareceria, nos dias de hoje, um ridículo exagero. A douda profissão da lei não estava certamente atrás de nenhuma outra douda profissão, no que se refere à propensão dionisiaca; tampouco o senhor Stryver, já adiantado em seu caminho aberto com os ombros para uma prática forense longa e lucrativa, o qual rivalizava nesse particular com seus pares, com melhor desempenho ainda que nas partes mais secas da competição legal.

Gozando de favoritismo em Old Bailey, da mesma forma que em Sessions House, o senhor Stryver começara a galgar os primeiros degraus da escada de sua carreira de forma cautelosa. Agora, as sessões em Old Bailey tinham de convocar especialmente o predileto para seus braços ansiosos. E, elevando-se na direção do rosto do lorde Chefe da Justiça na corte do Tribunal Superior de Justiça, o rosado semblante do senhor Stryver podia ser visto diariamente, destacando-se do canteiro de perucas como um grande girassol em busca de espaço sob o sol por entre fileiras de brilhantes companheiros.

Fora certa vez notado no tribunal que, conquanto o senhor Stryver fosse um homem volúvel, inescrupuloso, esperto e atrevido, não possuía a faculdade de extrair a essência de uma série de fatos, faculdade que se inclui entre as mais marcantes e necessárias para um advogado. Contudo, ele fazia progressos excepcionais também aí. Quanto mais causas ele defendia, mais parecia crescer seu poder de cap-tar o medular e o essencial. E mesmo que se demorasse até tarde farreando com Sydney Carton, tinha sempre suas defesas na ponta da língua na manhã seguinte.

Sydney Carton, o mais indolente e o menos promissor entre os homens, era o grande aliado de Stryver. A quantidade de bebida ingerida pelos dois juntos, de Hilary Term a Michaelmas, faria flutuar um dos navios de Sua Majestade. Stryver jamais teve um caso nas mãos, em lugar algum, sem que lá estivesse Carton, com as mãos nos bolsos, contemplando o teto da corte. Eles freqüentavam os mesmos Circuitos, e mesmo ali prolongavam suas costumeiras orgias noite adentro. Havia rumores de que Carton fora visto, em pleno dia, voltando furtivamente para casa com passos trôpegos, como um gato bêbado. Por fim, começou a surgir um consenso, entre os que se interessavam

pelo assunto, quanto ao fato de que, embora Sydney Carton jamais viesse a ser um leão, ele era um chacal surpreendentemente bom, que prestava todo tipo de serviço a Stryver nessa humilde condição.

— Dez horas, senhor — disse o taberneiro, a quem Carton encarregara de despertá-lo. — Dez horas.

— O que foi?

— Dez horas, senhor.

— O que quer dizer? Dez horas da noite?

— Sim, senhor. Vossa Senhoria pediu-me para acordá-lo.

— Oh! Sim, eu me lembro. Muito bem, muito bem.

Após alguns desorientados esforços para voltar a dormir, os quais o taberneiro combateu habilidosamente, atizando o fogo de forma deliberadamente ruidosa durante cinco minutos, ele finalmente levantou-se, enfiou o chapéu na cabeça e saiu. Virou na direção de Temple e, tendo-se reanimado percorrendo por duas vezes o caminho entre o Passeio do Superior Tribunal de Justiça e o Paper-buildings, dirigiu-se para o escritório de Stryver.

O escrevente do advogado, que jamais assistia a essas conferências, já havia ido para casa, de forma que o próprio Stryver abriu-lhe a porta. Estava de chinelas e trajava um roupão solto, que lhe deixava o pescoço nu, proporcionando maior conforto. Ele possuía aquela dissoluta, fatigada e fanada prega sob os olhos, que se pode observar em todos os bebedores de sua classe, a partir do retrato de Jeffries para trás, e que pode ser notada, a despeito dos esforços dos artistas para dissimulá-la, em todos os retratos da Idade da Bebida.

— Está um tanto atrasado, *Mnemósine* — disse Stryver.

— Cheguei no horário usual, talvez um quarto de hora mais tarde.

Entraram numa sala escura forrada de livros e abarrotada de papéis onde havia uma lareira crepitante, em cuja parte lateral fumegava uma chaleira. Em meio ao dilúvio de papéis distinguia-se uma mesa, sobre a qual estavam garrafas de vinho, conhaque, rum, bem como açúcar e alguns limões.

— Parece-me que você já tomou uma garrafa, Sydney.

— Acho que duas, esta noite. Jantei com o cliente de hoje... ou o vi jantar, o que dá na mesma!

— Foi um detalhe espantoso, Sydney, esse que você apontou quanto à semelhança. Como a percebeu? Em que momento?

— Pensei que ele era um sujeito bem apessoado e que eu seria exatamente esse tipo de sujeito, se tivesse tido sorte. O senhor Stryver gargalhou até sacudir sua precoce pança.

— Você e sua sorte, Sydney! Vamos trabalhar, vamos trabalhar.

Bastante mal-humorado, o chacal desapertou a roupa, dirigiu-se ao aposento contíguo e voltou com um jarro grande de água fria, uma bacia e uma ou duas toalhas. Depois de molhar as toalhas na água, e torcê-las parcialmente, enrolou-as na cabeça de modo grotesco, sentou-se à mesa e disse:

— Agora estou pronto!

— Não há muito trabalho a ser feito esta noite, *Mnemósine* — anunciou o senhor Stryver com alegria, examinando seus papéis.

- Quantos casos?
- Apenas dois.
- Dê-me primeiro o pior.
- Pode escolher, Sydney. Eles estão ali.

O leão então sentou-se muito ereto num sofá ao lado da mesa de bebidas, enquanto o chagal se acomodou diante da própria escrivaninha repleta de papéis espalhados, do outro lado da mesa, com garrafas e copos ao alcance de sua mão. Ambos serviam-se generosamente, embora cada um a seu modo. O leão, na maior parte do tempo reclinado, com as mãos no cós do culote, contemplando o fogo ou lançando olhares ocasionais a alguns documentos. O chagal, com as sobranceiras arqueadas e o semblante concentrado, tão absorvido pela tarefa que seus olhos nem sequer acompanhavam a mão que ele estendia para o copo, a qual sempre tateava por um minuto ou mais antes de encontrar o que buscava. Duas ou três vezes, o caso mostrou-se tão espinhoso que o chagal viu-se obrigado a se levantar e tornar a molhar as toalhas. Dessas peregrinações ao jarro e à bacia, retornava com turbantes tão exóticos que seria impossível descrevê-los, comentando-se apenas que se tornavam ainda mais cômicos em contraste com sua expressão de ansiosa gravidade.

Por fim, o chagal preparou um repasto completo para o leão e preparou-se para servi-lo. O leão aceitou-o com cautela, selecionou alguns trechos, comentou outros, e o chagal assistiu-o nessas tarefas. Quando o repasto foi inteiramente digerido, o leão colocou as mãos no cós do culote de novo e recostou-se para meditar. O chagal revigorou-se com um copo cheio para umedecer a garganta e outra aplicação de toalha fria na cabeça, passando a dedicar-se ao preparo do segundo repasto. Este foi ministrado ao leão de maneira idêntica, não antes de o relógio bater as três da manhã.

— Agora que terminamos, Sydney, encha um copo de ponche — disse o senhor Stryver.

O chagal removeu as toalhas da cabeça, que haviam secado novamente, sacudiu-se, bocejou, estremeceu e obedeceu.

— Hoje você estava muito seguro, Sydney, quanto àquelas testemunhas da coroa, em cada pergunta formulada.

— Eu estou sempre seguro. Ou não?

— Não nego. O que lhe estragou o humor? Tome um pouco de ponche e trate de melhorá-lo.

Com uma imprecisão surda, o chagal obedeceu novamente. — O velho

Sydney Carton da velha Escola Shrewsbury — comentou

Stryver, balançando a cabeça como se revisse nele o passado, junto com o presente —, o velho e conhecido Sydney. Cheio de altos e baixos... ei-lo bem-disposto num minuto, e, no seguinte, tomado pelo desalento.

— Ah! — replicou o outro, suspirando — Sim! O mesmo Sydney, com a mesma sorte. Mesmo então, eu fazia os exercícios para os outros rapazes e deixava de fazer os meus.

— Por quê?

— Só Deus sabe. Era o meu jeito, suponho.

O chagal sentou-se, com as mãos nos bolsos e as pernas esticadas para a

frente, contemplando o fogo.

— Carton — disse o amigo, apurando-se diante dele com ar de importância, como se a lareira fosse uma fornalha onde se forjava a capacidade de esforço persistente, de maneira que a única coisa gentil a se fazer pelo velho Sydney Carton da velha Escola de Shrewsbury seria atirá-lo lá —, o seu jeito é, e sempre foi, inaceitável. Você carece de energia e de propósito. Olhe para mim.

— Oh, que aborrecimento! — retorquiu Sydney, com uma risada leve e mais bem-humorada. — Não me venha  *você*  com lições de moral!

— Como acha que fiz tudo o que fiz? — indagou Stry ver.

— Como faço o que faço?

— Em parte, pagando-me para ajudá-lo, creio. Mas não vale a pena você perder tempo pregando-me sermões, ou assumindo ares de importância sobre isso. O que quer fazer, você faz. Esteve sempre na primeira fila e eu, sempre atrás.

— Tive de abrir caminho para a primeira fila. Não nasci lá, nasci?

— Eu não estava presente à cerimônia. Minha opinião, porém, é que você nasceu lá, sim — retrucou Carton, tornando a rir, agora acompanhado pelo amigo.

— Antes de Shrewsbury, e em Shrewsbury, e também depois de Shrewsbury — prosseguiu Carton —, você assumiu seu posto na primeira fileira e eu, na minha fileira de trás. Mesmo quando éramos companheiros no Bairro dos Estudantes de Paris, onde recolhíamos algumas noções do francês, das leis francesas e outras migalhas das quais não tirávamos grande proveito, você estava sempre em algum lugar, enquanto eu nunca estava em lugar algum.

— E de quem era a culpa?

— Pela minha alma, juro não estar certo de que não era sua. Você estava sempre abrindo caminho e empurrando e pressionando, com tanta agitação que não me restou alternativa na vida senão a ausência de movimento e a inação. Todavia, é algo mórbido revolver o passado enquanto o dia nasce lá fora. Falemos de algo mais agradável antes que eu me vá.

— Muito bem. Brindemos àquela bela testemunha — propôs Stry ver, erguendo o copo. — Considera esse assunto agradável?

Aparentemente não, pois ele tornou-se sombrio novamente.

— Bela testemunha — resmungou, fitando o próprio copo. — Já suportei bastantes testemunhas por hoje. Quem é essa bela testemunha a quem se referiu?

— A graciosa filha do doutor, senhorita Manette.

— *Ela* é bonita?

— E não é?

— Não.

— Como, homem de Deus! A moça tornou-se alvo da admiração de todo o tribunal!

— Dane-se a admiração de todo o tribunal! Quem disse que Old Bailey também julga beleza? Ela não passa de uma boneca de cabelos dourados.

— Sabe de uma coisa, Sydney? — rebateu o senhor Stry ver, fitando-o com sagacidade e lentamente deslizando a mão pelas faces rosadas — Sabe de uma coisa, eu cheguei a pensar, durante o julgamento, que você havia simpatizado

com a boneca de cabelos dourados e que foi até muito solícito para com ela.

— Solícito! Se uma moça, boneca ou não, desmaia na frente de um homem, ele pode constatar o fato sem o uso de uma lente de longa distância. Eu brindo com você, mas nego a beleza da senhorita Manette. E agora, não beberei nem mais uma gota. Vou dormir.

Quando seu anfitrião o seguiu pela escada portando uma vela para iluminar os degraus, a luz fria do dia já espreitava através das janelas encardidas. Ao sair da casa, o ar estava frio e melancólico, o céu escuro mostrava-se carregado de nuvens, o rio turvo e sombrio, o cenário inteiro parecendo um deserto sem vida. Espirais de névoa volteavam e volteavam sob as rajadas do vento matinal, como se as areias do deserto se erguessem ao longe e avançassem, já começando a envolver a cidade.

Com suas forças exauridas e cercado pelo deserto álgido, esse homem parou um momento, quando atravessava um terraço silencioso, e, por um momento, vislumbrou, descortinando-se na imensidão à sua frente, a miragem de uma ambição digna, abnegação e perseverança. Na bela cidade que o sonho estendia diante de seus olhos havia galerias arejadas, de onde os amores e as graças se inclinavam para ele, jardins onde os frutos da vida amadureciam e regatos de esperança refulgiam-se ao sol. A visão durou apenas um instante e desvaneceu-se. Escalando a escadaria até seu quarto no alto de um prédio sombrio, atirou-se sem se despir sobre a cama desarrumada e encharcou o travesseiro de lágrimas.

Triste, tristemente o sol se ergueu. Levantou-se sobre todas as coisas e nenhuma mais triste do que a visão daquele homem de boas habilidades e bons sentimentos, incapaz, entretanto, de exercitá-los diretamente, incapaz de ajudar a si mesmo e de lutar por sua felicidade, consciente de sua má sorte, mas resignando-se a deixar que ela o conduzisse à destruição.



## CAPÍTULO VI

### *CENTENAS DE PESSOAS*

A sossegada residência do doutor Manette localizava-se numa esquina pouco movimentada perto da Praça do Soho. Numa linda tarde de domingo, quando as ondas de quatro meses haviam rolado sobre o julgamento de traição, fazendo-o imergir no mar do tempo e desaparecer do interesse e da memória do público, o senhor Jarvis Lorry caminhava pelas ruas ensolaradas de Clerkenwell, onde morava, rumando para a casa do doutor, com quem iria jantar. Após vários períodos em que se deixou absorver pelo trabalho e esqueceu tudo o mais, o senhor Lorry tornara-se amigo do doutor e passara a considerar a sossegada esquina como o recanto ensolarado de sua vida.

Nessa linda tarde de domingo, o senhor Lorry caminhava pelo Soho por três motivos. O primeiro referia-se ao próprio hábito de caminhar, antes da refeição, com o doutor e Lucie. O segundo era que, em domingos chuvosos, gostava de ser recebido na casa dos Manette na qualidade de amigo da família, e os três se entretinham conversando, lendo e olhando o dia pela janela. E o terceiro ligava-se ao fato de que ele abrigava em seu espírito algumas pequenas mas agudas indagações, e conhecia os hábitos da casa do doutor para saber o melhor momento de obter as respostas que desejava.

Não havia em Londres recanto mais aprazível do que aquele onde morava o doutor. Não havia cruzamentos, e as janelas da frente dos alojamentos que ocupava ofereciam uma agradável visão de parte da rua, cuja atmosfera de isolamento era um convite à introspecção. Havia, na época, alguns poucos prédios ao norte da rua Oxford, e as árvores verdejavam em pequenos bosques, flores silvestres cresciam e pilriteiros desabrochavam nos campos, hoje desaparecidos. Em conseqüência, as brisas do campo circulavam pelo Soho com vigorosa liberdade, em vez de arrastar-se pelo bairro como os mendigos que perambulam pelas ruas sem endereço certo. Havia, não muito longe dali, alguns terrenos onde os pêssegos amadureciam na sua estação.

A luminosidade estival inundava a esquina durante toda a manhã; mas, nas horas de calor mais intenso nas ruas, a esquina ficava na sombra, embora não tão densa que impedisse de ver a claridade brilhante que havia além dela.

Era um lugar fresco e agradável, sóbrio sem ser triste, como, também, um lugar onde os sons ecoavam de uma forma prodigiosa, e um porto seguro para quem vinha do movimento e nervosismo das ruas.

Tinha de haver uma barca sossegada em tal ancoradouro, e havia. O doutor ocupava dois pavimentos de uma casa grande e tranqüila, onde alguns visitantes

poderiam representar algum incômodo durante o dia, mas em geral pouco ou nenhum ruído produziam, cessando todo o movimento ao anoitecer. Numa edificação nos fundos, acessível através de um pátio onde sussurravam as folhas verdes de um plátano, construíam-se órgãos de igreja numa porta, cinzelava-se prata em outra, e também o ouro aguardava ser marchetado por algum misterioso gigante, cujo braço dourado projetava-se da fachada, como se ele se houvesse transformado nesse metal precioso e ameaçasse a todos os visitantes de conversão similar. Muito pouco se via ou ouvia desse comércio, ou do movimento de um inquilino solitário que se dizia morar no andar de cima, ou de um fabricante de acessórios para carruagens que, conforme os comentários, possuía um escritório de negócios no térreo. Ocasionalmente, um trabalhador extraviado, vestindo o seu casaco, atravessava o vestibulo, ou um estranho perambulava por ali, ou um tinido distante vinha do jardim, ou escutava-se uma batida do gigante dourado. Essas, contudo, as únicas exceções que comprovavam a regra de que o canto dos pardais pousados no plátano e os ecos da esquina eram os sons que imperavam desde as manhãs de domingo às noites de sábado.

O doutor Manette atendia ali tantos pacientes quantos sua antiga reputação, reavivada pelos cochichos acerca de sua história, atraía. Seus sólidos conhecimentos científicos, sua cautela e habilidade em conduzir experiências engenhosas, valeram-lhe, por outro lado, um boa clientela, e ele ganhava o suficiente para desfrutar de certo conforto.

Esses detalhes eram conhecidos pelo senhor Jarvis Lorry e estavam em seu pensamento ao tocar o sino à porta da sossegada casa de esquina, numa linda tarde de domingo.

— O doutor Manette está em casa? Saiu, mas voltaria logo.— A senhorita L. ucie está em casa? Saiu, mas voltaria logo.— A senhorita Pross está em casa?

Possivelmente, porém, em virtude da impossibilidade de uma criada adivinhar as intenções da senhorita Pross, não lhe era dado admitir ou negar o fato.

— Bem, como eu estou em casa — disse o senhor Lorry —, subirei. Embora a filha do doutor nada conhecesse sobre seu país de nascimento, parecia ter o talento inato para fazer muito com poucos meios, o que constitui uma das mais úteis e agradáveis características dos franceses. A mobília era simples, mas decorada com tantos pequenos adornos, de pouco valor mas de muito bom gosto, que o efeito revelava-se delicioso. A disposição de tudo nos aposentos, do maior ao me-nor objeto, a combinação de cores, a elegante variedade e contraste conseguidos com o uso parcimonioso dos objetos, pelas mãos delicadas, pelos olhos claros e pelo bom senso, criaram um ambiente tão aconchegante e tão evocativo de sua autora que, quando o senhor Lorry olhou em torno, as cadeiras e mesas pareciam perguntar-lhe, com um toque daquela expressão que ele aprendera a conhecer bem, se lhe mereciam a aprovação.

Havia três aposentos em cada andar e as portas de comunicação estavam abertas, para permitir que o ar circulasse livremente. O senhor Lorry, observando com prazer aquela extraordinária semelhança com a expressão da moça que detectava ao seu redor, vagou de um quarto para outro. O primeiro era

o melhor deles, e abrigava os pássaros de Lucie, suas flores, livros, escrivaninha, mesa de trabalho e sua caixa de aquarela. O segundo servia de consultório ao doutor e também de sala de jantar. O terceiro, onde incidiam as sombras cambiantes do plátano que havia no jardim interno, era o quarto de dormir do doutor. Num dos cantos jazia o tamborete de sapateiro e a caixa de ferramentas, os quais haviam sido tão utilizados no quinto andar de uma triste casa perto de uma taberna, no subúrbio de Santo Antônio, em Paris.

— Espanta-me — murmurou o senhor Lorry, detendo-se — que ele guarde essa lembrança de seu sofrimento.

— E por que se espanta? — a indagação abrupta assustou-o.

Procedia da senhorita Pross, a forte mulher de cabelos de um tom selvagem de vermelho que conhecera no Hotel Royal George, em Dover, conhecimento que se aprofundara desde então.

— Eu imaginei que... — o senhor Lorry começou.

— Hum... Imaginou! — rebateu a senhorita Pross, e o senhor Lorry saiu.

— Como tem passado? — ela inquiriu rapidamente, e já com a intenção de mostrar que não estava zangada com ele.

— Muito bem, obrigado — respondeu o senhor Lorry com brandura. — E a senhorita, como vai?

— Sem nada de que me possa vangloriar.

— É mesmo?

— Ah, sim! — suspirou a senhorita Pross. — Ando muito preocupada com a minha menina.

— É mesmo?

— Pelo amor de Deus, diga qualquer coisa que não “é mesmo?” ou acabarei tendo um acesso de nervos — resmungou a senhorita Pross, cuja característica (dissociada de sua estatura) era a pequenez de sua paciência.

— É verdade, então? — emendou o senhor Lorry.

— Não acho “verdade” grande coisa — retorquiu a senhorita Pross —, mas é melhor. Sim, ando bastante preocupada.

— Posso perguntar-lhe a razão?

— Não quero dúzias de pessoas indignas da minha menina vindo aqui para vê-la.

— E *tem vindo* dúzias de pessoas aqui com esse propósito?

— Centenas — disse a senhorita Pross.

Era característico dessa dama (e de algumas outras pessoas antes e depois dela) que, sempre que se questionava uma afirmação sua, ela a exagerava.

— Meu Deus! — exclamou o senhor Lorry, considerando aquele comentário o mais seguro que pôde encontrar.

— Tenho vivido com a minha querida, ou a minha querida tem vivido comigo, e me pagando para isso, o que ela nunca deveria ter feito, eu lhe garanto, pois se dispusesse de recursos manteria a nós duas sem qualquer retribuição, desde quando ela contava apenas dez anos. E o que ocorre é realmente bastante penoso — perorou a senhorita Pross.

Não percebendo com precisão o que era bastante penoso, o senhor Lorry sacudiu a cabeça, empregando essa importante parte de seu corpo como uma

espécie de capa mágica que se ajustava a qualquer coisa.

— Todos os tipos de pessoas indignas até de pisar o mesmo chão que a minha bonequinha estão sempre aparecendo — prosseguiu a senhorita Pross. — Quando o senhor iniciou esse desfile...

*Eu iniciei o desfile, senhorita Pross?*

— E não? Quem trouxe o pai dela de volta à vida?

— Oh! Se *esse* foi o início... — murmurou o senhor Lorry.

— Suponho que não tenha sido o fim. Como eu dizia, quando o senhor iniciou o desfile, foi muito penoso; não que eu tenha qualquer coisa contra o doutor Manette, exceto que ele não é merecedor da filha que tem, o que não constitui uma acusação contra ele, pois ninguém seria digno dela, sob quaisquer circunstâncias. Mas é duas vezes, senão três vezes mais penoso suportar essa multidão chegando por sua causa (e eu poderia tê-lo perdoado), para me roubar o afeto da minha menina.

O senhor Lorry não ignorava que a senhorita Pross fosse muito ciumenta, mas já a conhecia o suficiente para saber que ela era também, sob a máscara de excentricidade, uma daquelas criaturas altruístas — encontradas apenas entre as mulheres — que se escravizariam de bom grado, por puro amor e admiração, à juventude que já não possuíam, à beleza que jamais tiveram, às realizações que o destino sempre lhes negaram, às esperanças que nunca brilharam em suas vidas sombrias. Ele conhecia o mundo o bastante para saber que não existe nada melhor que os leais serviços do coração; tão abnegados e destituídos de qualquer mácula mercenária. Tinha por eles tão grande respeito que, no cômputo mental que fazia (e todos fazemos essa espécie de contabilidade, com maior ou menor frequência), ele colocava a senhorita Pross muito mais perto dos anjos menores do que muitas das damas incomensuravelmente mais bem agraciadas tanto pela natureza quanto pela arte, que mantinham suas contas no Banco Tellson.

— Jamais houve nem haverá senão um homem à altura da minha menina — continuou a senhorita Pross —, e esse homem seria meu irmão Solomon, se ele não tivesse cometido um erro na vida.

Na verdade, as indagações do senhor Lorry sobre a história pessoal da senhorita Pross haviam estabelecido o fato de que seu irmão Solomon não passava de um velho desalmado que a despojara de tudo quanto possuía, investindo o produto de seu roubo no jogo, e abandonando-a na miséria sem nenhum traço de remorso. A inabalável confiança da senhorita Pross em Solomon (que pouco diminuía diante de um erro tão insignificante) representava uma virtude das mais raras para o senhor Lorry, e reforçava o bom conceito que formara a seu respeito.

— Tendo em vista estarmos sozinhos no momento, e já que somos ambos pessoas práticas — ele disse, quando retornaram à sala e sentaram-se amigavelmente —, permita-me perguntar-lhe: o doutor, ao conversar com Lucie, nunca se refere a seus tempos de sapateiro?

— Nunca.

— Mas, ainda assim, conserva o tamborete e as ferramentas no quarto?

— Ah! — a senhorita Pross sacudiu a cabeça. — Eu não disse, todavia, que ele não se refere ao assunto quando fala sozinho.

Acredita que ele pense muito nisso?

Acredito, sim — confirmou a senhorita Pross.

— A senhorita imagina que... — o senhor Lorry principiava, quando a senhorita Pross atalhou:

— Jamais imagino nada. Sou totalmente destituída de imaginação.

— Deixe-me corrigir, então. A senhorita supõe — consegue supor, pois não?

— Às vezes — respondeu a senhorita Pross.

— A senhorita supõe — o senhor Lorry prosseguiu, com um lampejo divertido e afetuoso no olhar — que o doutor Manette tenha concebido, e guardado para si mesmo todos esses anos, alguma teoria relativa à causa de sua opressão, talvez até o nome de seu opressor?

— Não fiz nenhuma suposição a esse respeito e só sei o que a minha menina me conta.

— E ela conta que?...

— Que ela julga que sim.

— Agora, por favor, não se aborreça com as minhas perguntas. Eu sou apenas um rude homem de negócios, e a senhorita também é uma mulher prática.

— E rude? — A senhorita Pross inquiriu com placidez.

Arrependido de ter utilizado esse adjetivo, o senhor Lorry replicou:

— Não, não. Certamente que não. Voltando às questões práticas, não é intrigante que o doutor Manette, inquestionavelmente inocente de qualquer crime como sabemos que ele é, jamais toque nesse assunto? Não que devesse discutir-lo comigo, embora mantenhamos negócios há tanto tempo que acabamos por tornar-nos íntimos, mas com a filha a quem é tão devotadamente ligado, e que lhe retribui essa dedicação? Creiame, senhorita Pross, não abordei esse tema com a senhorita por simples curiosidade, mas por um zeloso interesse.

— Bem! Pelo que pude compreender, que não é muito e, portanto, o senhor me dirá se estou errada — retrucou a senhorita Pross, abrandada pelo tom de desculpa —, ele tem medo do assunto.

— Medo?

— Parece-me bastante claro por que ele tem medo. São lembranças terríveis. Além disso, a perda de si mesmo origina-se daí. Sem saber de que modo se perdera, nem de que modo se reencontrara, ele nunca tem certeza de que não se perderá de novo. Só isso já bastaria para tornar o assunto desagradável, eu diria.

Aquela era uma análise mais profunda do que esperara o senhor Lorry.

— É verdade — concordou ele —, e assustador de se refletir. Contudo, uma dúvida me assalta a mente, senhorita Pross. Será bom para o doutor Manette guardar tudo isso oculto dentro de si? Na realidade, é essa dúvida, e a inquietação que por vezes me causa, que me levou a desabafar com a senhorita.

— Não se pode fazer nada — retorquiu a senhorita Pross, sacudindo a cabeça. — Toque essa corda e ele instantaneamente muda para pior. É melhor deixarmos como está. Em suma, é melhor realmente deixarmos como está, quer gostemos, quer não. Às vezes, ele se levanta na calada da noite e o ouvimos andar de um lado para o outro, de um lado para o outro... em seu quarto. A

menina percebeu que, nessas ocasiões, a mente dele vagueia de um lado para o outro, de um lado para o outro... em sua velha prisão. Ela corre para o pai e caminha com ele, de um lado para o outro, de um lado para o outro... até a crise passar. Mas ele jamais lhe diz uma palavra sobre o verdadeiro motivo de sua agitação, e ela prefere não pressioná-lo. Em silêncio, os dois andam de um lado para o outro juntos, de um lado para o outro juntos... até que seu amor e companhia o trazem de volta à realidade.

Apesar de a senhorita Pross negar a si própria o dom da imaginação, a percepção da dor de ser monotonamente assombrado por uma triste idéia revelava-se na maneira como ela descreveu as crises, repetindo a frase “de um lado para o outro” numa cantilena sombria, o que testificava que ela possuía tal atributo.

Realmente, aquela era uma esquina com estranhas propriedades acústicas, como se fosse uma espécie de ouvido do lugar, de forma que o senhor Lorry, postado à janela e procurando pelo pai e filha cujos passos ele ouvia, começava a imaginar que jamais chegariam. Não apenas os seus ecos morreriam ao longe, como também os próprios passos teriam desaparecido; contudo, ecos de outros passos que nunca chegaram seriam ouvidos em seu lugar, e se perderiam à distância para sempre no momento em que mais parecessem próximos. Pai e filha, entretanto, finalmente apareceram, e a senhorita Pross estava a postos na porta da frente para recebê-los.

Era agradável de se ver a senhorita Pross, se bem que agitada, sanguínea e austera, tirando o chapéu de sua querida quando esta chegou ao andar de cima, retocando-o com a ponta do lenço e tirando-lhe a poeira, dobrando o manto dela para guardá-lo, alisando-lhe os sedosos cabelos com tanto orgulho quanto teria sentido dos próprios cabelos, se fosse a mais linda e vaidosa das mulheres. Era agradável de se ver sua menina abraçando-a e agradecendo-lhe os cuidados, protestando por dar-lhe tanto trabalho, em tom de brincadeira, caso contrário a senhorita Pross se teria retirado, magoada, para chorar no quarto. O doutor era agradável de se ver, também, fitando-as e repreendendo a senhorita Pross por mimar Lucie, falando de tal modo e com tais olhares que ficava claro que ele próprio a mimava tanto quanto ela, e a mimaria ainda mais, se fosse possível. Também o senhor Lorry era agradável de se ver, radiante sob a pequena peruca diante da cena, agradecendo ao santo protetor dos celibatários pela graça de encontrar, no declínio de sua vida, um lar. Contudo, as centenas de pessoas não apareceram para presenciar tantas coisas agradáveis, e o senhor Lorry esperou em vão pela realização do prognóstico da senhorita Pross.

Chegou a hora do jantar e nada das centenas de pessoas. Nos arranjos domésticos, a senhorita Pross tomava conta das tarefas do andar de baixo, saindo-se admiravelmente bem. Seus jantares, embora modestos, eram tão bem preparados e servidos, os pratos, que mesclavam a culinária inglesa e a francesa, tão aseados que não poderiam ser melhores. Como a dedicação da senhorita Pross possuía um caráter essencialmente prático, ela vasculhara o Soho e as regiões adjacentes em busca de franceses empobrecidos, os quais, tentados por alguns xelins e meias-coroas, revelaram-lhe os mistérios da cozinha de seu país. Com esses decadentes filhos e filhas da Gália, ela adquiriu artes tão maravilhosas

que a mulher e a moça que formavam a criadagem consideravam-na uma espécie de feiticeira, como a fadamadrinha de Cinderela, que apanharia uma galinha, ou um coelho, um vegetal ou dois da horta e os transformaria em tudo o que quisesse.

Nos domingos, a senhorita Pross jantava à mesa do doutor, enquanto nos outros dias insistia em tomar as refeições em horários desconhecidos de todos, no andar de baixo ou em seu quarto, no andar de cima, um aposento em tons de azul, onde ninguém, exceto a sua menina, tinha permissão para entrar. Nesse domingo, ela, correspondendo à alegre disposição de sua querida e a seus esforços para agradá-la, descontraiu-se mais que o habitual e o jantar também foi muito agradável.

O dia fora de um calor opressivo e, após o jantar, Lucie propôs que o vinho fosse levado para fora sob o plátano, e que se sentassem ali, ao ar livre. Como ela era o eixo em torno do qual tudo girava, eles se acomodaram debaixo da árvore e ela levou o vinho, para especial benefício do senhor Lorry; ela se havia nomeado, algum tempo antes, como guardiã do copo do senhor Lorry. Assim, ali sentados sob o plátano, encarregou-se de mantê-lo sempre cheio. Sombras misteriosas dos cantos e quinas das casas espreitavam-nos enquanto conversavam, e as folhas do plátano sussurravam para eles a seu modo sobre suas cabeças.

Nem assim as centenas de pessoas se apresentaram. O senhor Darnay apresentou-se quando tomavam vinho debaixo do plátano, mas ele era apenas o primeiro.

O doutor Manette recebeu-o com cordialidade e assim também procedeu Lucie. A senhorita Pross, contudo, afligiu-se de súbito com um espasmo na cabeça e no corpo e recolheu-se. Não era incomum que ela se tornasse vítima desse distúrbio, ao qual se referia, em conversas familiares, como “seus ataques de nervos”.

O doutor estava em ótimas condições físicas, parecendo especialmente rejuvenescido. A parecença entre ele e Lucie era bem grande em certos momentos e, como estivessem sentados lado a lado, ela com a cabeça recostada no ombro do pai e ele com o braço apoiado no espaldar da cadeira da filha, era bastante agradável apreciar-lhes a semelhança.

Ele falara o dia inteiro, sobre vários assuntos, com vivacidade que não lhe era habitual.

— Diga-me, doutor Manette — começou a perguntar o senhor Darnay, juntando-se a eles debaixo da árvore, e a pergunta era proferida em prosseguimento ao tema em discussão, que por acaso eram os prédios antigos de Londres —, o senhor conhece a Torre?

— Lucie e eu estivemos lá, mas por puro acaso. Vimos o bastante apenas para sabermos que é muito interessante.

— *Eu* estive lá, como decerto se lembra — replicou Darnay com um sorriso, embora com alguma raiva corandolhe o rosto —, de uma maneira bem diferente, uma maneira que não nos possibilita ver muito. De qualquer modo, contaram-me um fato curioso quando eu estava lá.

— De que se trata? — Lucie indagou.

— Quando faziam algumas reformas, os trabalhadores descobriram uma antiga masmorra, que fora, por muitos anos, cerrada e esquecida. Cada pedra de sua parede interna estava recoberta de inscrições entalhadas por prisioneiros, datas, nomes, queixas e orações. Sobre uma pedra num ângulo da parede, um prisioneiro, que, ao que parece, foi executado, entalhou três letras como sua última mensagem: “C.A.V.”. O trabalho foi realizado com alguma ferramenta inadequada e às pressas, com a mão trêmula. A princípio, julgou-se que fossem as iniciais do autor. Não havia, contudo, registro ou lenda sobre algum prisioneiro com essas iniciais e foram feitas muitas suposições infrutíferas acerca do nome a que se referiam. Por fim, cogitou-se que as letras não seriam iniciais mas uma palavra incompleta, “Cave”. Examinou-se cuidadosamente o chão sob a inscrição e, na terra, debaixo de uma pedra, ou telha, ou um fragmento qualquer de ladrilho, encontraram-se fragmentos de papel misturados com os restos de uma pequena pasta ou bolsa de couro. Era impossível ler o que o prisioneiro desconhecido escrevera, mas ele havia escrito alguma coisa e ocultado ali, fora das vistas do carcereiro.

— Papai — exclamou Lucie — o senhor está doente!

Ele se havia erguido de súbito, com as mãos na cabeça. Seu aspecto e modos aterrorizaram a todos.

— Não, minha querida, não estou doente. Apenas assustei-me com essas grossas gotas de chuva que começam a cair. É melhor entrarmos.

O doutor se recobrou quase instantaneamente. A chuva de fato desabava em gotas pesadas, que lhe molharam as costas das mãos. Todavia, ele não disse uma única palavra em referência à descoberta narrada por Darnay e, ao entrarem na casa, o olho experiente do senhor Lorry detectou, ou fantasiou que detectava, em seu semblante voltado para Charles Darnay, a mesma expressão singular que percebera nos corredores do tribunal.

Ele se recobrou tão depressa, contudo, que o senhor Lorry duvidou da sua percepção. O braço do gigante dourado no vestibulo não estava mais firme do que o doutor, ao parar debaixo dele para lhes observar que ainda não era à prova de pequenas surpresas (se é que um dia o seria) e que a chuva o assustara.

Chegara a hora do chá. A senhorita Pross preparou-o, sob o impacto de outro de “seus ataques de nervos”, e não houve sequer sinal das centenas de pessoas. O senhor Carton aparecera, mas ele era apenas o segundo.

Aquele começo de noite estava tão abafado que, embora sentados com as portas e janelas abertas, eles sufocavam com o calor. Quando a mesa de chá foi posta, todos se moveram para junto de uma das janelas e contemplaram o crepúsculo tempestuoso. Lucie sentou-se ao lado do pai, Darnay sentou-se junto dela, Carton recostou-se na janela. As cortinas eram brancas e longas; algumas rajadas de vento que rodopiavam pela esquina erguiam-nas até o teto e as faziam ondular como asas espectrais.

— A chuva ainda se limita a gotas grossas, pesadas e esparsas — comentou o doutor Manette. — A tempestade vem chegando devagar.

— Mas chegará com toda a certeza — replicou Carton.

Eles falavam baixo, como as pessoas que esperam e observam fazem na maioria das vezes. Como as pessoas num quarto escuro, observando e esperando



pelos relâmpagos, fazem na maioria das vezes.

Havia uma grande pressa nas ruas, as pessoas corriam para abrigos antes que a tempestade desabasse. A esquina de acústica extraordinária ressoava com os ecos de passos indo e vindo, embora nenhum passo ali houvesse.

— Uma verdadeira multidão e, contudo, estamos só!

— disse Darnay, depois de ouvirem os ruídos por algum tempo.

— Não é impressionante, senhor Darnay? — indagou Lucie. — Às vezes, eu me sento aqui durante a noite e fantasio, mas mesmo a sombra de uma fantasia tola me faz estremecer à noite, quando tudo parece tão escuro e solene...

— Deixe-nos estremecer também. Queremos saber que fantasias são essas.

— Os senhores as julgarão insignificantes. Só impressionam no momento em que as criamos, suponho. É impossível transmiti-las. Às vezes sento-me aqui sozinha à noite, ouvindo, até que imagino que os ecos são de passos que se aproximam pouco a pouco de nossas vidas.

— Se for assim, há uma grande multidão prestes a entrar em nossas vidas — Sydney Carton interveio, com seu jeito mal-humorado.

Os passos eram incessantes, e sua pressa tornava-os mais e mais rápidos. A esquina ecoava e ressoava com o ruído deles. Alguns pareciam estar sob a janela. Outros pareciam estar na sala. Alguns vindo, outros indo, alguns surgindo, outros parando. Todos originários das ruas distantes e nenhum à vista.

— Esses passos destinam-se a todos, senhorita Manette, ou a cada um de nós?

— Não sei, senhor Darnay. Eu o avisei de que eram fantasias tolas, mas o senhor insistiu. Quando me entreguei a elas, estava sozinha e imaginei que os passos pertenciam a pessoas que entrariam na minha vida e na de meu pai.

— Pois que entrem na minha! — exclamou Carton. — *Eu* não lhes farei perguntas nem imporei condições. Há uma grande multidão. Há uma grande multidão avançando sobre nós, senhorita Manette, e eu posso vê-los... nos relâmpagos — acrescentou as últimas palavras logo após o vívido clarão que o mostrou reclinado na janela. — E eu os escuto!

— tornou a acrescentar, depois do ribombar de um trovão.

— Aqui vêm eles, rápidos, ferozes e irados! Foi o ímpeto e o rugido da chuva que ele anunciou que o deteve, pois nenhuma voz se faria ouvir com o barulho da tempestade. Uma memorável tempestade de trovões e relâmpagos desabou junto com o aguaceiro, sem oferecer sequer um momento de intervalo na exibição de raios, estrondos e chuva antes que a lua se erguesse no céu à meia-noite.

O grande sino de Saint Paul bateu uma hora no ar límpido, quando o senhor Lorry, acompanhado por Jerry, de botas de cano alto e munido de uma lanterna, fez o caminho de volta para Clerkenwell. Havia alguns trechos solitários de estrada no caminho entre o Soho e Clerkenwell, e o senhor Lorry, atento aos salteadores, sempre requisitava Jerry para esse serviço, embora habitualmente isso ocorresse umas duas horas mais cedo.

Que noite! Quase uma noite, Jerry — disse o senhor Lorry —, para fazer os mortos saírem de seus sepulcros.

Eu nunca vi uma noite, mestre, e espero nunca ver nenhuma, que faça uma

coisa dessas — respondeu Jerry.

Boa noite, senhor Carton — despediu-se o homem de negócios. — Boa noite, senhor Darnay. Será que nos tornaremos a ver em outra noite como a de hoje?

Talvez. Talvez vissem também a grande multidão de pessoas com seu ímpeto e seu rugido avançando sobre eles.

## CAPÍTULO VII

### O MARQUÊS NACIDADE

*Monseigneur*, um dos homens de maior poderio na Corte, oferecia quinzenalmente uma recepção em seu palácio em Paris. Sua excelência estava em seu aposento particular, o santuário dos santuários, o mais venerado entre os venerados pela multidão de adoradores na suíte do lado de fora. *Monseigneur* preparava-se para tomar seu chocolate. *Monseigneur* podia engolir uma grande variedade de coisas com facilidade, razão pela qual algumas mentes rabugentas julgavam-no capaz de engolir a França com rapidez ainda maior. Contudo, seu chocolate matinal não lhe desceria pela garganta sem a ajuda de quatro homens fortes, além do cozinheiro

Sim. Foram necessários quatro homens, todos suntuosamente engalanados, cujo chefe não concebia a existência com menos do que dois relógios de ouro em seu bolso, rivalizando com a nobre e modesta moda lançada por sua excelência, para conduzir o venturoso chocolate aos lábios dele. Um laçaiou levou a chocolateira até a sagrada presença. O segundo moeu e espumou o chocolate com o pequeno instrumento que trouxe para essa finalidade. O terceiro apresentou o guardanapo favorito e o quarto (o tal dos dois relógios de ouro) encheu a xícara. Seria impossível, para sua excelência, dispensar qualquer dos laçaios que serviam chocolate sem perder sua elevada posição sob o céu. Grande teria sido a mácula em seu brasão se seu chocolate fosse ignobilmente servido por apenas três homens. Só dois, então, e ele morreria.

*Monseigneur* ceava fora na noite anterior, onde encantadoramente se representavam a Comédia e a Grande Ópera. Sua excelência ceava fora na maioria das noites, sempre com companhias fascinantes. Tão delicado e sensível era ele que a Comédia e a Grande Ópera influenciavam-no mais, no que dizia respeito aos aborrecidos negócios e segredos de Estado, do que as necessidades de toda a França. O que constituía uma feliz circunstância para a França, bem como para outros países igualmente favorecidos!, como o foi para a Inglaterra (a título de ilustração), nos saudosos tempos em que esta foi vendida pelos alegres Stuart.

*Monseigneur* nutria uma idéia verdadeiramente nobre acerca dos interesses do povo em geral, que era a de deixar as coisas seguirem o próprio curso. Quanto aos interesses públicos em que estava diretamente envolvido, sua excelência nutria outra idéia verdadeiramente nobre, que era a de deixar que as coisas seguissem o curso dele, na direção de seu bolso e intensificando-lhe o poder. Quanto a seus prazeres, gerais e particulares, sua excelência também possuía

uma idéia verdadeiramente nobre, que era a de que o mundo fora concebido para satisfazê-los. O texto de seu lema (alterado do original por apenas um pronome, o que não é muito) rezava: “De *Monseigneur* é a terra e a sua plenitude, o mundo e aqueles que nele habitam.”

Contudo, sua excelência havia gradualmente descoberto que alguns embaraços vulgares vinham se insinuando em seus negócios, tanto privados quanto públicos. E as circunstâncias o obrigaram, nas duas classes de negócios, a aliar-se a um coletor de impostos. No que dizia respeito às finanças públicas, porque *Monseigneur*, não podendo fazer nada com elas, devia, conseqüentemente, entregá-las nas mãos de quem pudesse; e no tocante às finanças particulares, porque o rendeiro era milionário e sua excelência, após gerações de grande luxo e extravagância, estava empobrecendo. Assim, sua excelência retirou a irmã do convento antes que ela tomasse o hábito, o traje mais barato que poderia usar, e concedeu-a como um prêmio para o rico rendeiro, que carecia do aconchego de uma família. Rendeiro esse que, portando uma apropriada bengala com uma maçã de ouro em seu castão, encontrava-se agora entre as pessoas nos aposentos externos, servindo de objeto de veneração entre os mortais, sempre excetuada aquela parcela superior da humanidade com a estirpe de *Monseigneur*, a qual, incluindo a própria esposa do rendeiro, encarava-o com o mais arrogante desdém.

Homem suntuoso era o rendeiro. Possuía trinta cavalos nas cocheiras, vinte e quatro lacaios para as tarefas domésticas do palácio e seis criadas de quarto a serviço de sua esposa. Como alguém que aparentava nada fazer além de vasculhar e pilhar o que pudesse, o rendeiro, por mais que suas relações matrimoniais o conduzissem na direção da moralidade social, era, no final das contas, a mais real entre as personagens que aguardavam no palácio de sua excelência naquele dia.

De fato, os aposentos, embora surgissem aos olhos como um belo cenário, adornado com todos os detalhes de decoração que o bom gosto e a habilidade da época podiam oferecer, eram, na verdade, algo que carecia de solidez. Confrontados com os espantalhos trajados com farrapos e barretes de algodão habitando alhures (e não tão distante dali, já que das torres de observação de Notre-Dame, quase equidistantes dos dois extremos, podiam ambos ser avistados), a situação mostrar-se-ia extremamente desconfortável, se alguém se desse ao trabalho de estabelecer tal contraste na casa de sua excelência. Oficiais do exército destituídos de conhecimentos militares, oficiais da marinha que nada sabiam a respeito de navios, oficiais civis sem nenhuma noção acerca de suas atribuições, eclesiásticos impudentes, que adotavam os mais dissolutos hábitos mundanos, de olhos sensuais, línguas soltas e vidas dissipadas, todos tão inadequados para suas respectivas atividades, todos mentindo desavergonhadamente, fingindo ser o que não eram, mas todos direta ou indiretamente da casta de sua excelência, e, portanto, introduzidos subrepticamente em todos os cargos públicos dos quais se podia tirar algum proveito. Não eram menos abundantes as pessoas sem ligação imediata com sua excelência ou com o Estado, embora igualmente sem ligações com qualquer coisa que fosse real, ou cujas vidas eram passadas em viagens por estradas que

conduziam diretamente a lugar algum. Médicos que acumularam grandes fortunas receitando remédios de sabor delicado para doenças que jamais existiram sorriam para seus pacientes cortesãos nas antecâmaras de sua excelência. Planejadores que haviam descoberto todos os tipos de remédios para exorcizar os pequenos demônios que se apossavam do Estado, exceto o remédio de trabalhar honestamente para erradicar um único pecado, derramavam sua espantosa tagarelice nos ouvidos que conseguissem atrair na recepção de sua excelência. Filósofos incrédulos, que reformavam o mundo com palavras, erguendo torres de Babel com cartas de baralho para alcançarem os céus, conversavam com químicos incrédulos que tinham um olho na transmutação de metais nesse fantástico agrupamento em torno de sua excelência. Cavalheiros requintados, da mais fina educação, que viriam a ser conhecidos, nessa época memorável — e têm sido desde então —, pelos frutos de sua indiferença em relação a todo tema de interesse humano, desfilavam o seu mais característico estado de desfastio pelos salões de sua excelência. Lares tão bem constituídos estas várias notabilidades deixavam para trás no elegante círculo de Paris, que os espiões em meio à assembléia de devotados de *Monseigneur* — formando uma boa metade dessa polida companhia — encontrariam dificuldade em descobrir entre os anjos dessa esfera uma única esposa que, por suas maneiras e aparência, denunciasse a sua condição de mãe. Realmente, exceto pelo simples ato de trazer uma enfadonha criatura para este mundo, o que sequer se aproxima da realização do nome de mãe, esta situação não era prevista pela moda. As mulheres da aldeia mantinham consigo estes bebês fora de moda e os criavam, e charmosas avós de sessenta anos vestiam-se e recebiam como jovens de vinte.

A lepra da irrealidade desfigurava cada ser humano nas salas de espera de sua excelência. No salão mais afastado encontrava-se meia dúzia de pessoas excepcionais, que haviam acalentado, durante alguns anos, um vago receio de que as coisas em geral estivessem dando errado. Como uma forma promissora de consertá-las, alguns deles — metade dessa meia dúzia — tornaram-se membros de uma fantástica seita de convulsionários, e ponderavam, mesmo ali, sobre a conveniência de espumarem, atirarem-se ao chão, urrarem e sofrerem ataques epiléticos, estabelecendo, desse modo, uma inteligível baliza para o futuro, para orientação de *Monseigneur*. Além desses dervixes, havia outros três que ingressaram em outra seita, que visava a resolver a situação com um jargão sobre “o Centro da Verdade”, sustentando que o Homem saíra do Centro da Verdade — o que não carecia de muita demonstração — mas não escapara da Circunferência, por isso era preciso evitar que escapasse, sendo mesmo necessário empurrá-lo de volta para o Centro, por meio de jejum e do contato com os espíritos. Em consequência, os membros desse grupo travavam muitos diálogos com os espíritos, resultando em tremendos benefícios que entretanto jamais se manifestaram.

Contudo, havia o consolo de que todos os visitantes do palácio de sua excelência apresentavam-se bem trajados. Se ficasse estabelecido que o dia do juízo final seria o dia do julgamento da elegância, todos ali estariam preparados para a eternidade. Tantos cabelos frisados, empoados e armados, tantas cútis

artificialmente corrigidas e preservadas, tantas espadas valentes e tanta delicadeza para com o olfato, certamente manteriam o bom andamento de qualquer coisa, para todo o sempre. Os cavalheiros requintados, da mais fina educação, traziam dependurados pequenos berloquesques tilintavam quando eles se moviam languidamente. Aqueles grilhões dourados repicavam como preciosos sininhos, e, com esse repenique, com o farfarhar da seda, do brocado e do mais delicado linho, havia uma agitação no ar que soprava para longe Santo Antônio e sua fome devoradora.

Trajar-se bem era o único talismã infalível empregado para manter as coisas em seus devidos lugares. Todos estavam vestidos como para uma baile de máscaras do qual jamais sairiam. Do Palácio das Tulherias, através de sua excelência e de toda a corte, bem como do Parlamento, dos Tribunais de Justiça e de toda a sociedade (com exceção dos espantelhos), o baile de máscaras descia até os verdugos, os quais, contribuindo para a elegância geral, eram convocados para o ofício “frisados, empoados, vestindo casacos engalanados de dourado, calçando escarpins e meias brancas de seda”. Nos cadafalsos e nas rodas de suplício — o machado raramente era empregado — “*Monsieur Paris*” (o modo episcopal pelo qual era conhecido entre seus irmãos que professavam nas províncias, “*Monsieur Orleans*” e os demais) oficiava com esses trajes requintados. Mas quem, dentre a multidão que aguardava nas antecâmaras de sua excelência naquele ano do Senhor de 1780, poderia duvidar da eternidade de um sistema que se assentava em verdugos frisados, empoados, enfeitados com laços dourados, de escarpins e meias brancas de seda?

Sua excelência, tendo tomado o chocolate, liberando, assim, seus quatro homens da penosa tarefa, ordenou que abrissem as portas do sagrado santuário e saiu. Então, que submissão, que bajulação, que servilismo, que abjeta humilhação! Como se curvavam tanto no corpo quanto na alma, nada nesse sentido era deixado para o Paraíso, o que podia ter sido uma dentre outras razões pelas quais os adoradores de *Monseigneur* jamais se preocupavam com as coisas do espírito.

Concedendo uma promessa aqui e um sorriso ali, um murmúrio a um feliz escravo e um ou outro aceno, sua excelência afavelmente atravessou as salas até a remota região da Circunferência da Verdade. Lá, *Monseigneur* virou-se, voltou novamente e, assim, no devido curso de tempo, tornou a fechar-se em seu santuário para reanimar-se com chocolate, não mais sendo visto.

Com o fim do espetáculo, a agitação no ar cresceu, transformando-se numa leve tormenta, e os preciosos sininhos badalaram escadas abaixo. Dentro em pouco, um único homem restou de toda a multidão, e ele, com o chapéu sob o braço e a bolsa de rapé na mão, lentamente passou pelos espelhos em seu caminho de saída.

— Eu o consagro — murmurou esse homem, detendo-se na última porta e virando-se na direção do santuário — ao demônio!

Com essas palavras, ele sacudiu o rapé dos dedos como se sacudisse a poeira dos pés e silenciosamente desceu as escadas.

Era um homem de cerca de sessenta anos, muito bem vestido, com ar arrogante e um rosto que parecia uma perfeita máscara. Uma face de

translúcida palidez, com traços claramente delineados e uma expressão como que desenhada ali. O nariz, sob outros aspectos belamente formado, estava ligeiramente apertado no topo de cada narina. Nessas duas depressões, ou mossas, residia a única pequena alteração que aquela face exhibia. Elas insistiam em, por vezes, mudar de cor e ocasionalmente se dilatavam e contraíam num movimento similar a uma débil pulsação. Nesses momentos, conferiam um ar traiçoeiro e cruel a todo o semblante. Examinando-se com atenção, essa expressão era auxiliada pelas linhas da boca e das órbitas dos olhos, demasiado finas e horizontais. Ainda assim, malgrado o efeito que causava, era uma face bela e marcante.

O dono dessa face desceu as escadas e chegou ao pátio interno, entrou na carruagem e partiu. Poucas pessoas haviam conversado com ele na sala de espera. Ele se mantivera um tanto apartado, e sua excelência poderia ter sido mais acolhedor. Parecia, naquelas circunstâncias, que lhe era mais agradável ver as pessoas comuns que seus cavalos dispersavam, as quais freqüentemente escapavam por um triz de serem pisoteadas. Seu cocheiro conduzia os animais como se perseguisse um inimigo, e a sua furiosa negligência não produzia nenhuma reação na face, ou nos lábios, do homem. Queixas por vezes se faziam ouvir, mesmo naquela cidade surda e naquela época emudecida, quanto ao estilo feroz de conduzir os coches dos patricios, que, naquelas ruas estreitas e sem passeio, colocavam em risco e mutilavam a plebe de maneira bárbara. Poucos contudo, importavam-se o suficiente para dedicar um segundo pensamento ao assunto e, quanto a isso e a tudo o mais, os miseráveis comuns eram abandonados para resolverem como pudessem as próprias dificuldades.

Com um estrépito selvagem e uma desumana falta de consideração difícil de entender em nossos dias, a carruagem arremeteu pelas ruas e precipitou-se pelas esquinas, provocando gritos nas mulheres à sua frente e obrigando os homens a se chocarem na pressa de sair e de tirar as crianças do caminho. Por fim, investindo sobre uma esquina perto de uma fonte, uma das rodas sofreu um solavanco mais forte e ouviu-se o brado de numerosas vozes. Os cavalos recuaram e empinaram as patas dianteiras.

Não fosse por essa inconveniência, a carruagem provavelmente não se teria detido. Era comum que as carruagens prosseguissem, deixando aqueles que atropelavam para trás. Por que não? Mas, precipitadamente, o criado desceu, e logo havia vinte mãos segurando as rédeas dos cavalos.

— O que aconteceu? — indagou *monsieur*, olhando calmamente pela janela.

Um homem alto, com um gorro na cabeça, havia retirado de sob as patas dos cavalos uma espécie de embrulho, depusera-o sobre a mureta da fonte e abaixara-se sobre a lama, ganindo como um animal bravo.

— Perdão, *monsieur* marquês! — respondeu um homem esfarrapado e submisso. — É uma criança.

— Por que ele está fazendo esse barulho abominável? A criança lhe pertence?

— Perdoe-me, *monsieur* marquês... é uma pena... Sim.

A fonte ficava um tanto afastada, do outro lado de um largo de onze ou treze metros quadrados. Quando o homem alto subitamente ergueu-se do chão e

correu para a carruagem, *monsieur* marquês fechou a mão por um instante em torno do punho de sua espada.

— Assassinado! — berrou o homem, tomado por um desespero selvagem, levantando ambos os braços por sobre a cabeça e fitando-o. — Morto!

As pessoas o circundaram e olharam para *monsieur* marquês. Os muitos olhos voltados para ele nada revelavam além de vigilância e avidez. Não havia ameaça ou raiva visíveis. Tampouco proferiram qualquer palavra. Depois do primeiro grito, calaram-se e permaneceram silenciosos. A voz do homem submisso que respondera a *monsieur* marquês era átona e amansada pela extrema subserviência. *Monsieur* marquês percorreu com o olhar todos eles como se não passassem de ratos saídos dos esgotos.

Apanhou a bolsa.

— Espanta-me — disse ele — que vocês do povo não saibam tomar conta de vocês mesmos e de suas crianças. Há sempre um de vocês no caminho. Quantos danos têm causado a meus cavalos. Tome! Dê isso a ele.

*Monsieur* marquês atirou uma moeda de ouro ao criado. Todas as cabeças se ergueram e abaixaram, seguindo o movimento da moeda. O homem alto tornou a gritar em tom quase sobrenatural:

— Morto!

A multidão abriu caminho para que um outro homem se aproximasse dele correndo e o prendesse entre os braços. Ao vê-lo, a miserável criatura desabou em seu ombro, soluçando num pranto copioso, apontando para a fonte, onde algumas mulheres rodeavam gentilmente o embrulho inerte. Elas estavam, contudo, tão silentes quanto os homens.

— Eu sei, eu sei — disse o recém-chegado. — Tenha coragem, meu Gaspar! Morrer foi melhor para o pobrezinho do que viver. Ele morreu num instante, sem dor. Será que ele poderia viver uma hora igualmente feliz?

— Você é um filósofo, você aí — observou o marquês, sorrindo. — Como o chamam?

— Chamam-me Defarge.

— Em que trabalha?

*Monsieur*, eu vendo vinho.

— Tome, filósofo e vendedor de vinho — disse o marquês, lançando-lhe outra moeda de ouro —, e gaste como quiser. Verifique se os cavalos estão bem.

Sem se dignar a contemplar a multidão pela segunda vez, *monsieur* marquês recostou-se em seu assento. Mal principiava a ser levado embora com o ar de um cavalheiro que acidentalmente quebrara algum objeto sem importância, quando seu sossego foi repentinamente perturbado por uma moeda que entrou voando pela janela e tilintou ao cair a seus pés.

— Pare! — ordenou *monsieur* marquês. — Pare os cavalos! Quem jogou isto? Ele olhou para o lugar onde Defarge, o vendedor de vinho, estivera um momento antes. Mas, naquele local, o infeliz pai rastejava com o rosto pelo chão, e a figura que se via por trás dele era a de uma mulher tricotando.

— Seus cachorros! — disse o marquês, porém com suavidade, sem nenhuma alteração em seu semblante, exceto no nariz, sobre as narinas. — De bom grado eu passaria por cima de qualquer um de vocês e os exterminaria da



face da Terra. Se eu soubesse qual foi o velhaco que jogou a moeda dentro da carruagem, e se esse bandido estivesse suficientemente perto, eu o esmagaria sob as rodas.

Tão acovardada era a condição deles, e tão vasta era sua experiência sobre os horrores que um homem como aquele podia infligir-lhes com todo o apoio da lei, que nenhuma voz, ou mão, ou mesmo olhar, se ergueu. Entre os homens, nenhum. Entre as mulheres, contudo, aquela que tricotava fitou o marquês no rosto com firmeza. Não seria digno dele perceber esse detalhe. Seus desdenhosos olhos passaram por ela e por todos os outros ratos. E, novamente, recostou-se no assento e ordenou:

— Vamos embora!

Ele foi conduzido para longe, outras carruagens vie-ram numa rápida sucessão. O ministro, o planejador do Estado, o cobrador fiscal, o médico, o advogado, o eclesiástico, o artista da Grande Ópera, o da Comédia, o baile de máscaras inteiro num cintilante e contínuo desfile, todos passaram por ali. Os ratos rastejaram para fora dos esgotos para contemplá-los, e continuaram contemplando durante horas. Os soldados e a polícia freqüentemente se interpunham entre eles e o desfile, formando uma barreira atrás da qual eles se esquivavam e através da qual espreitavam. O pai havia muito levava seu embrulho e se escondera com ele quando as mulheres que o haviam rodeado enquanto ainda jazia sobre a mureta da fonte sentaram-se lá para observar a água jorrando e o desfile do baile de máscaras. A única mulher que, tricotando, distinguira-se das demais, ainda tricotava com a mesma tenacidade do destino. A água corria na fonte, o rio corria ligeiro, o dia corria para a noite, tanta vida na cidade corria para a morte de acordo com a regra de que o tempo e a maré não esperavam por ninguém, de novo os ratos dormiam juntos uns dos outros em seus esgotos sombrios, o baile de máscaras refulgiu para a ceia, todas as coisas seguiam seu curso.

## CAPÍTULO VIII

### O MARQUÊS NO CAMPO

Uma linda paisagem, onde o trigo refulgia, embora pouco abundante[107]. Leiras de centeio de qualidade inferior onde o trigo deveria estar, leiras de ervilhas e feijões de qualidade inferior, leiras dos vegetais mais ordinários em substituição ao trigo. Numa natureza tão enfermiça quanto os homens e mulheres que a cultivavam, prevalecia a tendência ao aparecimento de uma vegetação relutante, com uma desalentada tendência para brotar, e murchar logo em seguida.

*Monsieur* marquês, em seu coche de viagem (que deveria ser mais leve) puxado por quatro cavalos e conduzido por dois postilhões, subia penosamente uma colina escarpada. O rubor no semblante de *monsieur* marquês não desacreditava sua fina educação[108], pois não vinha de dentro, mas era causada por uma circunstância externa, fora de seu controle: o sol poente.

O crepúsculo invadia tão brilhantemente o coche de viagem quando este chegou ao topo da colina que seu ocupante estava banhado de carmim.

— Ele se extinguirá — murmurou *monsieur* marquês, lançando os olhos para as mãos — rapidamente.

Com efeito, o sol afundava no horizonte. Quando a pesada trava foi ajustada às rodas e o coche começou a deslizar morro abaixo, com um odor de queimado e envolto numa nuvem de poeira, o brilho carmesim rapidamente desapareceu. O sol e o marquês desceram juntos, e já não havia mais brilho atrás dele quando a trava foi retirada.

Contudo, ainda restava no cenário uma terra arruinada, aberta e nua, uma pequena aldeia no sopé da colina, uma subida em curva ampla além dela, uma torre de igreja, um moinho, um bosque para as caçadas e um penhasco onde havia uma fortaleza utilizada como prisão. Do alto da colina, enquanto a noite traçava os seus contornos sombrios, o marquês contemplava tudo com ar de quem se aproximava do lar.

O vilarejo possuía uma única e pobre rua, onde havia uma pobre cervejaria, um pobre curtume, uma pobre taberna, uma pobre cocheira para troca de cavalos, uma pobre fonte e todos os pobres petrechos usuais. Possuía pobres habitantes, também. Todos os seus habitantes eram pobres e alguns deles estavam sentados à porta, cortando sobras de cebola e coisas do gênero para o jantar, enquanto outros estavam na fonte, lavando folhas e ervas, e alguns pequenos frutos silvestres comestíveis. Sinais visíveis do que os empobrecia não faltavam. Impostos para o Estado, dízimos para a Igreja, tributos para o senhor,

contribuições locais e contribuições gerais deviam ser pagos a todo o momento, de acordo com os solenes editais ali afixados, de forma que era de se espantar que o vilarejo ainda não tivesse sido consumido por tão vorazes impostos.

Viam-se poucas crianças e nenhum cachorro. Quanto aos homens e mulheres, suas alternativas no mundo resumiam-se à vida no padrão mais baixo de subsistência na pequena aldeia sob o moinho, ou cativo e morte na prisão do penhasco.

Anunciado por um mensageiro e pelos estalidos das chicotadas dos postilhões, que serpenteavam sobre suas cabeças no ar vespertino, como se ele viesse acompanhado das Fúrias, *monsieur* marquês ergueu-se em seu coche de viagem ao chegar ao portão da estalagem. Como esta ficasse perto da fonte, os camponeses interromperam seus afazeres para observá-lo. Ele fitou-os, e viu neles, sem se dar conta disso, o lento e inexorável desgaste de suas faces descarnadas e corpos esqueléticos, que fizera a magreza dos franceses tornar-se uma crença na Inglaterra e que permaneceria verdadeira ainda por uns bons cem anos.

*Monsieur* marquês pousou os olhos sobre os submissos rostos que se curvavam diante dele, do mesmo modo como seus pares se haviam curvado diante de *monseigneur* — a única diferença residia no fato de que naqueles rostos ali inclinados havia apenas sofrimento, sem nenhum traço de bajulação — quando um grisalho reparador de estradas juntou-se ao grupo.

— Traga-me aqui aquele sujeito! — o marquês ordenou ao mensageiro. O sujeito foi trazido, com o barrete na mão, e outros sujeitos se aproximaram para ver e ouvir, como fizeram as pessoas na fonte em Paris.

— Eu passei por você na estrada?

— É verdade, *monseigneur*. Eu tive a honra de estar no caminho na passagem de *monseigneur*.

— Tanto na subida da colina como no topo?

— É verdade, *monseigneur*.

— O que você olhava tão fixamente?

— Eu olhava para o homem, *monseigneur*. Ele se inclinou ligeiramente e, com o esfarrapado barrete azul, apontou para baixo do coche. Todos os seus companheiros se inclinaram para observar o lugar apontado.

— Que homem, seu animal? E o que está vendo aí?

— Perdão, *monseigneur*. Ele estava pendurado na corrente da trava das rodas.

— Quem?

— O homem, *monseigneur*.

— Que o diabo carregue esses idiotas! Como se chama esse homem? Você conhece todos os camponeses da região. Quem era ele?

— Clemência, *monseigneur*! Ele não é daqui. Nunca o vi em toda a minha vida.

— Pendurado na corrente? Então se enforcou? — Com sua graciosa permissão, foi isso o que me espantou, *monseigneur*.

Ele se pendurou pela cabeça, assim! O sujeito virou-se de lado para o coche

deitou-se com o rosto voltado para o céu, deixando pender a cabeça. Em seguida, pôs-se de pé e, revirando o barrete, curvou-se numa reverência.

— Como era ele?

— Mais pálido do que o moleiro, *monseigneur*. Todo coberto de poeira, branco e alto como um fantasma!

A imagem causou grande sensação ao pequeno grupo. Todos os olhos, porém, sem trocarem impressões entre si, convergiram para o *monsieur* marquês. Com o intuito, talvez, de verificar se ele trazia algum fantasma na consciência.

— Você agiu bem — replicou o marquês, sensível demais para deixar-se exasperar por um verme como aquele.

— Viu um ladrão em meu coche e ficou de boca fechada. Ora! Tire-o da minha frente, *monsieur* Gabelle!

*Monsieur* Gabelle era o chefe do correio, além de cobrador de impostos. Ele se aproximara com grande solicitude para assistir ao interrogatório, mantendo, com ar autoritário, o interrogado firmemente preso pela manga da camisa rota.

— Arre! Saia da frente! — bradou *monsieur* Gabelle.

— Prenda esse estranho, caso ele procure abrigo no seu vilarejo esta noite, e certifique-se de que as intenções dele eram honestas, Gabelle.

— *Monseigneur*, orgulho-me de colocar-me às suas ordens.

— O tal sujeito fugiu? Mas... onde está aquele amaldiçoado?

O amaldiçoado estava debaixo do coche junto com meia dúzia de amigos, mostrando-lhes a corrente com o barrete azul. Outra meia dúzia de amigos prontamente o arrastou para fora e o apresentou, sem fôlego, a *monsieur* marquês.

— Diga-me, seu parvo: o tal sujeito fugiu quando paramos para tirar a trava?

— Ele saiu de sob o coche e se lançou de cabeça para os lados do morro, como se mergulhasse num rio, *monseigneur*.

— Vá investigar, Gabelle. Ande, vá logo!

A meia dúzia de amigos que inspecionava a corrente ainda vagava como ovelhas por entre as rodas; estas se puseram tão repentinamente em movimento que foi por pura sorte que conseguiram salvar os ossos e a pele. Eles possuíam muito pouco mais para salvar, ou não teriam sido tão afortunados.

O ímpeto com que o coche irrompeu no vilarejo e principiou a subida da colina além dela perdeu a intensidade na estrada íngreme. Gradualmente, a velocidade reduziu-se a mera andadura, o coche oscilando e arrastando-se para cima envolto pelos vários aromas adocicados da noite de verão. Os postilhões, com um milhar de diáfanos mosquitos rodopiando à sua volta e fazendo as vezes das Fúrias, quietamente remendavam as pontas das correias de seus chicotes. O criado caminhava ao lado dos cavalos. Ouvia-se o mensageiro trotando à frente, penetrando na escuridão.

No ponto mais íngreme da colina havia um pequeno túmulo, marcado por uma cruz e uma nova e grande imagem de Nosso Senhor. Era uma pobre imagem de madeira, esculpida por algum rústico e inexperiente artífice, que, entretanto, se havia inspirado na vida, talvez na sua própria, e por isso era

terrivelmente esquelada.

Diante desse símbolo de uma grande angústia que há tanto tempo vinha sendo cultivada e intensificada e ainda não atingira a plenitude, havia uma mulher ajoelhada. Ela virou a cabeça para o coche que se aproximava, levantou-se depressa e postou-se diante da carruagem.

— É o senhor, *monseigneur!* *Monseigneur*, tenho uma súplica a fazer.

Com uma exclamação de impaciência, porém mantendo o semblante impassível, *monseigneur* fitou-a.

— Mas, o que é isso? Sempre suplicando!

— *Monseigneur*, pelo amor do bom Deus! Meu marido, o guarda-florestal...

— O que há com seu marido, o guarda-florestal? É sempre o mesmo, com essa gente. Ele não pode pagar, não é?

— Ele já pagou tudo, *monseigneur*. Ele morreu.

— Bem. Que descanse em paz. Não pretende que eu o devolva à senhora, pois não?

— Ai de mim, não, *monseigneur*. Mas ele jaz sob um pequeno monte de grama ruim.

— E daí?

— *Monseigneur*, há tantos montes de grama ruim espalhados por aí...

— E daí?

Embora aparentasse idade, ela era jovem. Sua atitude revelava uma tristeza apaixonada. Ora juntava energeticamente as mãos calejadas e riscadas de veias, ora pousava uma delas sobre a porta do coche — ternamente, acariciando-a como se fosse o coração de alguém e pudesse comover-se com a suavidade de seu toque.

— Ouça-me, *monseigneur!* Ouça minha súplica! Meu marido morreu de fome. Tantos morrem de fome... tantos ainda morrerão!

— E daí? Por acaso posso alimentá-los?

— Oh, *monseigneur*, o bom Deus sabe... mas eu ainda não lhe fiz minha súplica. Meu rogo é que arranje um pedaço de pedra ou de madeira com o nome de meu marido, para colocar em seu túmulo. Caso contrário, o lugar será logo esquecido, nunca o encontrarão quando eu morrer do mesmo mal e eu serei enterrada sob um pequeno monte de grama ruim longe dele. *Monseigneur*, há tantos assim, por aí. O número aumenta a cada dia, há tanta fome... *Monseigneur! Monseigneur!*

O criado a afastou da porta, a carruagem partiu num trote ligeiro, os postilhões aceleraram o passo, deixando a mulher para trás, e *Monseigneur*, novamente escoltado pelas Fúrias, diminuiu rapidamente a distância de uma ou duas léguas que o separavam de sua propriedade.

Os adocicados aromas da noite de verão ergueram-se ao redor dele, e ergueram-se, como a chuva quando cai, imparcialmente, também sobre o empoeirado, esfarrapado e esfaldado grupo reunido na fonte, não muito distante, a quem o reparador de estradas, com a ajuda do barrete azul sem o qual ele não era ninguém, ainda contava e recontava a história do fantasma, cada vez acrescentando-lhe um detalhe. Aos poucos, quando não mais puderam ouvir a mesma narrativa, eles se dispersaram um a um. Luzes começaram a tremeluzir

atrás das pequenas janelas. Luzes que, à medida que as janelas se perdiam nas trevas, e mais estrelas surgiam no céu, pareciam ter-se transportado para o firmamento em vez de meramente se extinguirem.

A sombra de uma grande casa, cujo alto telhado emergia entre as árvores, surgiu diante de *monsieur* marquês naquele instante. E a sombra foi substituída pela luz de um archote quando a carruagem parou e as portas de seu castelo se abriram.

— *Monsieur* Charles, a quem espero, já chegou da Inglaterra?

— Ainda não, *Monseigneur*.

## CAPÍTULO IX

### ACABEÇA DE MEDUSA

Era uma construção maciça, aquele castelo de *monsieur* marquês, com um amplo pátio de pedra na frente e duas escadarias também de pedra conduzindo a um terraço igualmente de pedra diante da porta principal. Uma edificação completamente pétreo, com balaustradas de pedra maciça, vasos de pedra, flores de pedra, rostos humanos de pedra e cabeças de leão de pedra por todos os lados. Era como se a cabeça da Medusa houvesse inspecionado tudo depois de pronto, dois séculos antes.

Em direção às escadas de degraus baixos, *monsieur* marquês, precedido de um archote, saiu da carruagem, perturbando as trevas o bastante para provocar o sonoro protesto de uma coruja pousada no telhado da cocheira oculta entre as árvores. Tudo ali estava tão quieto que o archote carregado escada acima, e os demais, junto à porta principal, ardiam como se estivessem em ambiente fechado e não ao ar livre. Não havia outro som além do pio da coruja, além do murmúrio da água cascateando na fonte de pedra. Era uma daquelas noites escuras que prendem o fôlego por várias horas, exalam um suspiro e tornam a prender o fôlego.

A grande porta fechou-se com estrépito atrás dele e *monsieur* marquês cruzou um sinistro vestibulo com as indefectíveis velhas armas de caça nas paredes — lanças de caça ao javali, espadas, facas de caça —, e mais sinistro ainda pelas também indefectíveis varas e vergastas de cavaleiro, das quais muitos camponeses, despachados para sua benfeitora, a Morte, haviam sentido o peso quando seu senhor se zangava.

Evitando os salões maiores, que permaneciam escuros e fechados durante a noite, *monsieur* marquês, com o carregador de archote seguindo na frente, subiu uma escadaria e alcançou uma porta no corredor. Esta foi aberta para que ele entrasse nos próprios aposentos, que compreendiam três quartos — o de dormir e mais dois. Quartos de teto abobadado, frios pisos sem tapete, grandes cachorros sobre as lareiras, onde se queimava madeira no inverno, e todos os luxos que convinham à condição de marquês num país e numa era de extremo luxo. O estilo do antepenúltimo Luís, de uma linha de sucessão que nunca deveria ser rompida — a de Luís XIV —, predominava no rico mobiliário; mas a diversificação se dava por muitos objetos que eram ilustrações de antigas páginas da história da França.

A mesa da ceia fora posta para dois no terceiro dos quartos — um aposento circular, instalado numa das quatro torres encimadas por coberturas

coniformes. Um pequeno e majestoso quarto, com as janelas abertas de par em par e as venezianas de madeira fechadas para que a escura noite só se mostrasse na forma de linhas horizontais negras alternadas com amplas linhas cinzentas das pedras.

— Meu sobrinho... — observou o marquês, fitando a mesa de relance. — Disseram-me que ele ainda não havia chegado.

E não havia. Mas era esperado junto com *monseigneur*.

— Ah! Não é provável que chegue esta noite. Contudo, deixe a mesa como está. Eu me aprontarei para a ceia dentro de um quarto de hora.

Um quarto de hora mais tarde, *monseigneur* estava pronto e sentou-se sozinho para uma suntuosa ceia. Sua cadeira ficava do lado oposto ao da janela. Ele tomou a sopa e levava sua taça de bordô aos lábios quando tornou a posá-la sobre a mesa.

— O que é isso? — indagou calmamente, fitando com atenção as linhas horizontais negras e cinzentas.

— O quê, *monseigneur*?

— Lá fora. Abra as persianas. A ordem foi cumprida.

— E então?

— Não há nada lá, *monseigneur*. Apenas as árvores e a noite. O criado que assim respondeu havia escancarado as venezianas e esquadrinhado as trevas e aguardava, de pé, novas instruções.

— Está bem — retrucou o imperturbável senhor. — Feche-as de novo. Essa ordem também foi cumprida e o marquês retornou à sua ceia. Estava na metade dela quando tornou a parar, segurando a taça no ar, escutando o ruído de rodas que vinha, forte, da parte frontal do castelo.

— Vá ver quem chegou.

Tratava-se do sobrinho de *monseigneur*. Ele estivera poucas léguas apenas atrás do tio, no começo da tarde. Conseguira, depois, diminuir ainda mais a distância que os separava, mas não o suficiente para alcançá-lo na estrada. Informaram-lhe, na estalagem, que *monseigneur* acabara de passar por ali. Na entrada do castelo, comunicaram-lhe que

o tio o esperava para a ceia e que, portanto, devia subir imediatamente. E ele subiu. Na Inglaterra, era conhecido como Charles Darnay. *Monseigneur* recebeu-o com cortesia, mas não lhe apertou a mão.

— O senhor deixou Paris ontem, meu tio? — ele indagou a *monseigneur*, ao assumir seu lugar à mesa.

— Sim, ontem. E você?

— Vim direto.

— De Londres?

— Sim. — Demorou um bocado para vir — comentou o marquês com um sorriso. — Ao contrário, vim direto.

— Perdão. Não me referi à duração de sua jornada, mas ao tempo que demorou para decidir-se a vir.

— Fui retido por... — o sobrinho hesitou — vários negócios.

— Sem dúvida — replicou o polido tio.



Enquanto os criados estavam presentes, eles se abstiveram de trocar outras palavras. Quando o café foi servido e ficaram a sós, o sobrinho, fitando o tio e encontrando os olhos naquele rosto que se assemelhava a uma máscara, abriu a conversação.

— Eu voltei, senhor, como deve ter adivinhado, em razão do mesmo motivo pelo qual parti. Esse motivo causoume um grande e inesperado perigo. Contudo, trata-se de um motivo sagrado e, se me tivesse conduzido à morte, penso que me teria sustentado.

— À morte, não — retorquiu o tio. — Não é necessário dizer “à morte”.

— Eu duvido, senhor — retrucou o sobrinho —, que, caso me tivesse conduzido à beira extrema da morte, o senhor teria estendido a mão para me deter.

As profundas marcas no nariz, e a extensão das finas e estreitas linhas da face cruel, pareceram sinistras diante dessa afirmação. O tio esboçou um gracioso gesto de protesto, que, por ser obviamente apenas um sinal de boa educação, não o tranqüilizou.

— Na verdade — prosseguiu o sobrinho —, por tudo o que sei, o senhor pode ter contribuído expressamente para conferir uma aparência mais suspeita às circunstâncias que me cercavam.

— Não, não, não — o tio rebateu com amabilidade.

— Contudo, mesmo que assim tenha sido — concluiu o sobrinho, fitando-o de relance com profunda desconfiança —, estou convicto de que sua diplomacia teria me impedido a qualquer custo e sem quaisquer escrúpulos.

— Meu caro, eu o preveni — disse o tio, com uma ligeira pulsação nas duas marcas. — Faça-me a gentileza de lembrar que eu o preveni, há muito tempo.

— Eu me lembro.

— Obrigado — agradeceu o tio com muita doçura.

Sua voz pairou no ar, quase como o som de um instrumento musical.

— Na verdade — continuou o sobrinho —, acredito que tenha sido a sua má sorte, e a minha boa fortuna, que me mantiveram longe da prisão aqui na França.

— Eu não compreendo em absoluto — replicou o tio, sorvendo um gole de café. — Seria ousadia minha pedir-lhe que se explique?

— Creio que, se o senhor não houvesse caído em desgraça na corte e se não estivesse encoberto por essa nuvem há alguns anos, uma carta *de cachet* me teria enviado para alguma fortaleza por tempo indeterminado.

— É possível — concordou o tio com grande serenidade. — Em defesa da honra da família, eu poderia tê-lo incomodado a esse ponto. Rogo-lhe que me perdoe!

— Percebo que, felizmente para mim, a recepção de anteontem foi, como de hábito, muito fria — observou o sobrinho.

— Em seu lugar, eu não diria “felizmente”, meu caro — retrucou o tio com refinada cortesia. — Eu não estaria tão certo disso. Uma boa oportunidade para reflexão, cercado pelas vantagens da solidão, poderia influenciar seu destino de modo mais vantajoso do que você é capaz de imaginar. Todavia, é inútil discutir a questão. Eu estou, como você mencionou, em desvantagem. Esses pequenos instrumentos de correção, esses gentis socorros ao poder e honra das famílias,

esses insignificantes favores que podem incomodá-lo tanto, só se podem obter agora por meio de importunações e de interesse. Tantos os procuram, e tão poucos (comparativamente) os obtêm! Não era assim antes, mas a França, sob esse aspecto, mudou para pior. Nossos ancestrais não muito distantes detinham o poder de vida e morte sobre seus inferiores. Deste mesmo aposento, quantos patifes não saíram rumo ao patíbulo! No quarto ao lado (onde durmo), um sujeito, para seu conhecimento, foi apunhalado ao proferir algumas insinuações impertinentes sobre a filha dele. Filha *dele*! ? Nós temos perdido muitos privilégios. Uma nova filosofia tornou-se moda, bem como a afirmação de que nossa posição, nos dias de hoje, poderia (não vou tão longe a ponto de dizer que “poderá”, preferindo esse “poderia”) causar-nos grandes problemas. As coisas vão mal, muito mal!

O marquês aspirou uma pitada de rapé e sacudiu a cabeça, tão elegantemente desanimado quanto o decoro lhe permitia em relação a esse país que, apesar de tudo, ainda contava com um filho tão ilustre, o que lhe dava grandes esperanças de regeneração.

— De tal forma nossa posição foi defendida no passado e ainda o é agora — comentou o sobrinho em tom sornoso — que eu receio que nosso nome seja mais detestado do que qualquer outro na França.

— Esperemos que sim — retrucou o tio. — O ódio pelos superiores é a homenagem involuntária que lhes prestam os inferiores.

— Não existe um rosto sequer — prosseguiu o sobrinho —, em toda a redondeza, que me fite com respeito. Nesses semblantes vejo apenas uma lúgubre deferência resultante do medo e da escravidão.

— Um cumprimento — rebateu o tio — à grandeza de nossa família, merecida pelo modo como temos conseguido mantê-la. Hah! — ele aspirou outra pitada de rapé e cruzou as pernas. Entretanto, quando o sobrinho, apoiando um cotovelo sobre a mesa, cobriu os olhos desalentadamente com a mão, a máscara contemplou-o de viés com uma forte mistura de agudeza, rigor e aversão, incompatível com a sua assumida indiferença.

— A repressão constitui a única filosofia perdurável. A lúgubre deferência resultante do medo e da escravidão, meu caro — argumentou o marquês —, é o que garantirá a obediência dos animais ao chicote enquanto este teto — ele olhou para cima — ocultar o céu.

O que poderia equivaler a um período bem menor do que supunha o marquês. Se lhe mostrassem, naquela noite, uma pintura de como o castelo seria poucos anos mais tarde, ele teria dificuldade em reconhecer como suas aquelas sinistras, carbonizadas e saqueadas ruínas. Quanto ao teto de que acabara de vangloriar-se, este talvez continuasse a ocultar o céu de outra forma; isto é, para sempre, dos olhos dos corpos atingidos pelo próprio chumbo, disparados dos canos de cem mil mosquetes.

— Enquanto isso — asseverou o marquês —, eu preservarei a honra e a tranqüilidade da família, mesmo que você não o faça. Mas você deve estar exausto. Não acha melhor encerrarmos nossa conversa por hoje?

— Um momento mais, por favor.

— Uma hora inteira, se lhe agradar.

— Senhor — declarou o sobrinho —, nós cometemos muitos erros e estamos colhendo os frutos.

— Nós cometemos muitos erros? — repetiu o marquês com um sorriso inquisitivo, apontando delicadamente primeiro para o sobrinho e, em seguida, para si mesmo.

— Nossa família. Nossa honrada família, cuja honra significa tanto para nós dois, embora de maneiras distintas. Mesmo no tempo de meu pai, cometeram-se erros graves, que atingiram cada ser humano que se interpôs entre nós e nosso prazer. Por que devo referir-me ao tempo de meu pai, quando é também o seu? Posso separar de meu pai seu irmão gêmeo, co-herdeiro e sucessor?

— A morte já o fez — comentou o marquês.

— E me deixou — rebateu o sobrinho — ligado a um sistema que me assusta, responsável por ele, mas sem nenhum poder sobre ele. Esforçando-me para executar o último desejo proferido pelos lábios de minha querida mãe e obedecer ao seu último olhar, que me implorava piedade e reparação, e torturando-me com a busca inútil de auxílio e poder para fazê-lo.

— Se os buscar em mim, meu sobrinho — disse o marquês, tocando-lhe o peito com o dedo indicador. Ambos achavam-se, agora, junto da lareira —, asseguro-lhe de que jamais os encontrará.

Cada linha fina que se destacava na palidez de seu rosto era cruel e astuta. Ele contemplava serenamente o sobrinho, tendo na mão a pequena caixa de rapé. Uma vez mais, tocou-lhe o peito como se seu dedo fosse a ponta afiada de um espadim, com o qual, delicadamente, perfurar-lhe-ia o corpo, e disse:

— Meu caro, morrerei perpetuando o sistema sob o qual tenho vivido.

Ao pronunciar tais palavras, fez a derradeira aspiração de rapé e guardou a caixa no bolso.

— É melhor agir como uma criatura racional — acrescentou, depois de tocar a sineta que havia sobre a mesa — e aceitar seu destino. Mas receio que esteja perdido, *monsieur* Charles.

— Esta propriedade e a França estão perdidas para mim — redargüiu o sobrinho com tristeza. — Eu renuncio a ambas.

— E por acaso lhe pertencem, para que possa renunciar a elas? A França, talvez... mas, esta propriedade? Mal vale a pena tocar no assunto, porém... ela já lhe pertence?

— Não tive a menor intenção de reclamá-la agora. Se eu a herdar do senhor, amanhã...

— O que tenho a vaidade de esperar que seja improvável.

— Ou daqui a vinte anos...

— É muita honra — aparteu o marquês. — Prefiro essa segunda suposição.

— Eu a abandonaria e viveria em outro lugar. Não é muito para se abrir mão. Não passa de um aglomerado de miséria e ruína!

— Ha! — exclamou o marquês, lançando um olhar ao luxo que os rodeava.

— Pode parecer bonita, contudo se a examinarmos em sua inteireza, sob o céu e à luz do dia, perceberemos que esta torre está desabando sob o peso da má administração, de tantas extorsões, dívidas, hipoteca, opressão, miséria e sofrimento.

— Ha! — tornou a exclamar o marquês, com ar de satisfação.

— Se eu a herdar, terei de confiá-la a mãos mais qualificadas para que aos poucos a libertem (se isso ainda for possível) desse peso, para que o povo miserável, que não pode abandoná-la e que há muito vem sendo oprimido até os limites da resistência, possa, em outra geração, sofrer menos. Mas isso não é para mim. Existe uma maldição em toda esta terra.

— E quanto a você? — indagou o tio. — Perdoe minha curiosidade, mas... sob essa sua nova filosofia, de que pretende viver?

— Eu deverei fazer o que os meus compatriotas, mesmo com toda a ascendência nobre, podem ter de fazer um dia: trabalhar.

— Na Inglaterra, por exemplo?

— Sim. A honra da família, senhor, está a salvo de mim nesse país. O bom nome da família estará a salvo em qualquer país, uma vez que não mais o usarei. Em consequência do toque da sineta, acenderam-se as luzes no aposento contíguo, que agora refulgia através da porta. O marquês voltou o olhar para o quarto e ouviu os passos do criado se afastando.

— A Inglaterra deve oferecer muitos atrativos para você, vendo quão pouco prosperou ali — o tio observou, virando o calmo semblante para o sobrinho, com um sorriso.

— Como já lhe disse, com relação à minha pouca prosperidade na Inglaterra, parece-me que estou em débito com o senhor. De resto, lá é o meu refúgio.

— Dizem, esses fanfarrões ingleses, que é o refúgio de muitos. Conhece um compatriota que se refugiou lá? Um médico?

— Sim.

— Com uma filha?

— Sim.

— Sim — ecoou o marquês. — Você está fatigado, vá dormir. Boa noite! Ao inclinar a cabeça do modo mais cortês, havia algo de secreto em sua face sorridente, e ele conferiu um ar de mistério àquelas palavras, atingindo poderosamente olhos e ouvidos do seu sobrinho. Ao mesmo tempo, as linhas finas que lhe constituíam os olhos e os lábios, além das marcas no nariz, curvaram-se com diabólico sarcasmo.

— Sim — repetiu o marquês. — Um médico com uma filha. Sim. Assim começa a nova filosofia! Você está fatigado. Boa noite! Teria sido mais proveitoso inquirir uma das faces de pedra da fachada do castelo do que interrogar aquela que estava à sua frente. O sobrinho contemplou-o, em vão, ao passar pela porta.

— Boa noite! — tornou a dizer o tio. — Será um prazer vê-lo novamente pela manhã. Bom descanso! — virando-se para o criado que acabara de chegar, ordenou: — Ilumine o caminho até os aposentos de meu sobrinho — acrescentando para si mesmo: — E cuide para que ele arda em chamas em seu leito, por favor.

O criado foi e voltou, e *monsieur* marquês andava de um lado para o outro com seu roupão aberto, preparando-se gentilmente para dormir naquela noite quente. Farfalhando pelo quarto, pisando sem barulho com suas chinelas

delicadas, ele movia-se como um tigre requintado: assemelhava-se a algum marquês encantado do tipo malvado e impenitente, como na lenda, cuja periódica transformação em tigre estivesse terminando — ou começando.

Ele ia de uma ponta à outra de seu voluptuoso quarto de dormir, rememorando trechos de sua jornada que lhe assomavam espontaneamente à lembrança: a lenta subida da colina no crepúsculo, o sol poente, a descida, o moinho, a prisão no penhasco, a aldeia no vale, os camponeses na fonte e o reparador de estradas apontando com o barrete azul a corrente sob o coche. Aquela fonte evocava a de Paris, o pequeno embrulho jazendo sobre a mureta, as mulheres curvadas sobre ele e o homem alto com os braços erguidos, gritando: “Morto!”

— Sinto-me refrescado, agora — murmurou *monsieur* marquês. — Já posso dormir.

Então, iluminado apenas pela luz bruxuleante que vinha da grande lareira, ele deixou o cortinado fechar-se em torno de si e ouviu a noite romper o silêncio com um longo suspiro ao se acomodar para dormir.

As pétreas faces das paredes externas contemplaram, cegas, a noite escura durante três horas. Por três horas, os cavalos se agitaram nas cocheiras e a coruja emitiu um som que em nada se assemelhava ao pio que os poetas lhe atribuem. Contudo, é um obstinado costume dessas criaturas jamais fazerem o que delas se espera.

Por três horas, as pétreas faces do castelo, as leoninas e as humanas, contemplaram cegamente a noite. Uma escuridão mortal envolvia a paisagem e silenciava ainda mais a silenciosa poeira das estradas. No cemitério, os pequenos montes de grama ruim não se distinguiam uns dos outros; a imagem da cruz tornara-se tão pouco visível que não era impossível que houvesse tombado. No vilarejo, cobradores de impostos e contribuintes dormiam a sono solto. Sonhando, talvez, com banquetes, como geralmente fazem os esfaimados, e com alívio e descanso, como ocorre com os exauridos escravos e com os bois submetidos ao jugo. Em sonhos, eram alimentados e libertos.

A fonte no vilarejo jorrava sem que a vissem ou ouvissem, e a fonte do castelo também jorrava sem ser vista nem ouvida, ambas desaparecendo sem que dessem pelo fato, como os minutos que se escoam com a areia de uma ampulheta durante três sombrias horas. Então, as águas cinzentas das duas começaram a brilhar fantasmagoricamente sob a luz, e os olhos das faces pétreas do castelo se abriram.

Clareava cada vez mais, até que, por fim, o sol tocou o topo das árvores e derramou sua radiância sobre as colinas. Sob aquele brilho, a água da fonte do castelo parecia adquirir uma tonalidade purpúrea e as faces de pedra, um tom carmesim. O canto dos pássaros surgiu alto e agudo e, no peitoril desgastado pelo tempo da janela do quarto de *monsieur* marquês, um passarinho entoou seu canto mais delicado. Ao ouvi-lo, a face pétreia mais próxima pareceu esgazear os olhos de assombro e, com a boca aberta e a mandíbula caída, assumiu um aspecto aterrorizado.

Agora, o sol terminara de nascer e o movimento no vilarejo iniciava-se. As janelas de batente se abriram e ti-raram-se as travas das portas desconjuntadas.

As pessoas saíram para a rua trêmulas de frio, enregeladas pelo ar novo e doce. Então, os habitantes do vilarejo começaram sua raramente suave labuta diária. Alguns dirigiram-se para a fonte; outros, para os campos. Homens e mulheres cuidavam de suas poucas galinhas e conduziam suas esqueléticas vacas para o pasto ralo à beira da estrada. Na igreja e junto da cruz, uma ou duas pessoas se ajoelhavam. Acompanhando aqueles que rezavam, uma vaca tentava devorar algumas sementes espalhadas no chão à guisa de desjejum.

O castelo acordou mais tarde, como convinha à sua condição, despertando gradualmente. Primeiro, os solitários chuços, espadas e facas de caça refulgiram sob o sol da manhã como se fossem de ouro. Depois, portas e janelas se escancararam, os cavalos nas cocheiras contemplaram por sobre os ombros a luz que se filtrava pela entrada, as folhas cintilavam e farfalhavam nas grades de ferro das janelas, os cachorros esticavam suas correntes, impacientes por serem libertados.

Todos esses incidentes triviais pertenciam à rotina da vida e ao retorno do dia. Seria possível, porém, dizer-se o mesmo do soar do grande sino do castelo, ou da correria para cima e para baixo nas escadas, ou das figuras agitadas no terraço, ou do rebuliço que passou a reinar por toda a parte, ou da urgência em selar os cavalos e sair a galope?

Que ventos levavam essa pressa ao grisalho reparador de estrada, que já trabalhava sobre uma pilha de pedras no alto da colina do outro lado do vilarejo, com seu almoço (não era muito para carregar) embrulhado num mísero pacote que nem aos corvos apetecia? Teriam os pássaros, transportando alguns grãos dessa agitação, deixado cair um sobre ele? Se assim foi ou não, o fato é que o reparador de estradas correu morro abaixo, na manhã abafada, como se disso dependesse sua vida, envolto numa nuvem de poeira e sem se deter até alcançar a fonte.

Todos os habitantes do vilarejo já se haviam ali reunido, conversando baixinho, com seu jeito entristecido, não demonstrando, contudo, nenhuma emoção além de surpresa e curiosidade mórbida. As vacas, apressadamente recolhidas e amarradas em qualquer lugar, olhavam estupidamente ou deitavam-se para ruminar o que haviam abocanhado durante o interrompido passeio e que nem sequer compensava esse trabalho. Alguns homens do castelo, e também alguns da estalagem, além de todas as autoridades ligadas à cobrança de impostos, estavam armados, alguns mais, outros menos, e agrupados de forma desordenada no outro lado da pequena rua, demonstrando a ansiedade de quem não sabia o que fazer ou esperar. O reparador de estradas já se juntara a um grupo de cinquenta amigos e batia no peito com o barrete azul. O que significava todo esse tumulto, e o que significava a rápida subida de *monsieur* Gabelle para a garupa de um cavalo montado por um criado, e o transporte do dito Gabelle (embora o cavalo estivesse duplamente carregado), a galope, como uma nova versão da balada alemã de Leonora?

Significava que havia mais uma face pétrea no Castelo.

A Medusa inspecionara novamente o edifício durante a madrugada, e acrescentara a face de pedra que faltava. A face pétrea pela qual o castelo esperara por longos duzentos anos.

Ela jazia de costas sobre o travesseiro de *monsieur* marquês. Era uma excelente máscara, iniciada com o terror, transformada em cólera, e finalmente petrificada. Fincada bem fundo no coração da pétrea figura a ela ligada havia uma faca, e envolvendo o seu cabo, um pedaço de papel, no qual estava garatujado:

*“Levem-no depressa para sua tumba. Da parte de JACQUES”.*

## CAPÍTULO X

### *DUAS PROMESSAS*

Outros meses, num total de doze, vieram e se foram. O senhor Charles Darnay se estabeleceu na Inglaterra como professor de idioma francês versado em literatura francesa. Em nossa época, ele teria sido um professor naquela, porém, não passava de um preceptor. Lecionava para rapazes que encontravam prazer e interesse pelo estudo de uma língua viva, falada no mundo inteiro, e cultivava o seu gosto por aquele importante repositório de conhecimentos e imaginação. Além disso, dava-lhes aulas num excelente inglês. Professores como ele não se encontravam facilmente naqueles dias. Antigos príncipes e futuros reis ainda não faziam parte da classe dos educadores e nenhum nobre arruinado saíra ainda do livro-caixa do Tellson para trabalhar como cozinheiro ou carpinteiro. Como preceptor, cujos métodos tornavam a vida dos alunos agradável e proveitosa, e como tradutor, que trazia alguma coisa a seu trabalho que não o mero conhecimento de dicionário, o jovem senhor Darnay logo tornou-se conhecido e apreciado. Era, além disso, bem familiarizado com as circunstâncias de seu país, as quais despertavam interesse sempre crescente. Assim, com grande perseverança e incansável empenho, ele prosperou.

Em Londres, ele não esperara caminhar sobre calçadas de ouro nem deitar-se em leitos de rosas. Se houvesse acalentado tão elevada expectativa, não teria prosperado.

Ao invés, esperara trabalho e o encontrara, e o realizara do melhor modo possível. Nisso consistiu seu progresso.

Uma certa parte de seu tempo era passada em Cambridge, onde lecionava para graduandos como uma espécie de contrabandista tolerado que mantinha seu comércio escuso de línguas européias, em vez de transportar grego e latim através da alfândega. O resto do tempo ele passava em Londres.

Desde os dias em que era verão eterno no Éden até estes em que é quase sempre inverno nas latitudes decaídas, o mundo dos homens tem seguido invariavelmente uma direção, a direção tomada por Charles Darnay: o caminho do amor por uma mulher.

Ele se apaixonou por Lucie Manette naquele momento em que sua vida corria perigo. Jamais ouvira som mais doce e melodioso do que sua voz compassiva; jamais vira rosto mais terno e bonito do que o dela quando confrontou-se com o dele à beira do túmulo que lhe cavavam. Contudo, ainda não lhe revelara seu amor. O assassinato no castelo distante, do outro lado do canal e além das longas, longas e poeirentas estradas — o sólido castelo de pedra



que se transformara na névoa de um sonho — acontecera um ano antes e, desde então, ele nunca proferira uma só palavra a respeito de seus sentimentos para sua amada.

Que ele tinha razões para isso, sabia muito bem. Era de novo um dia de verão quando, tendo chegado tarde a Londres, voltando de suas ocupações em Cambridge, virou a tranqüila esquina em Soho, visando a buscar uma oportunidade de abrir seu coração ao doutor Manette. O dia de verão findava, e ele sabia que Lucie estaria fora com a senhorita Pross.

Encontrou o doutor recostado numa poltrona junto da janela, lendo. A energia que sustentara o médico durante os prolongados tormentos e lhe agravara a agudeza se havia pouco a pouco restaurado. Ele era agora um homem cheio de vitalidade, dotado de grande firmeza de propósito, força de resolução e vigor nas ações. Com as energias recuperadas, ele ainda por vezes se mostrava repentinamente compulsivo, como ocorrera no início, no exercício das outras faculdades recém-recobradas. Estas crises, porém, não eram observadas com tanta freqüência e vinham-se tornando mais e mais raras.

Ele estudava mais, dormia menos, suportava a fadiga com facilidade e vivia alegre. Diante dele, surgia agora Charles Darnay. Ao perceber sua chegada, largou o livro e estendeu a mão.

— Charles Darnay! É um prazer vê-lo. Esperamos seu regresso há três ou quatro dias. O senhor Stryver e Sydney Carton estiveram aqui ontem e reclamaram que o senhor se ausenta mais do que o obrigam seus deveres.

— Eu lhes agradeço pelo interesse — Charles replicou com certa frieza à menção dos dois, mas calorosamente em relação ao médico. — A senhorita Manette...

— Vai bem — respondeu o doutor — e não tarda a alegrar-nos com sua presença. Ela saiu para resolver um assunto doméstico qualquer.

— Doutor Manette, eu sabia que não a encontraria em casa. Resolvi aproveitar sua ausência para pedir-lhe que me conceda alguns minutos. Eu... gostaria de conversar com o senhor. Seguiu-se um silêncio desconcertado.

— Sim? — perguntou o doutor com evidente constrangimento. — Puxe uma cadeira para cá e fale. Charles arrastou uma cadeira para perto do médico. Falar, porém, parecia-lhe bem mais difícil.

— Eu... tenho a felicidade, doutor Manette, de ser amigo íntimo desta casa — ele, por fim, começou — há já um ano e meio, e espero que o que lhe vou dizer não abale...

O doutor ergueu a mão, interrompendo-o. Após um instante, recostou-se na poltrona e indagou:

— É a respeito de Lucie?

— Sim.

— É difícil, para mim, falar a respeito dela em qualquer momento. É mais difícil ainda, para mim, ouvir falarem sobre ela nesse tom, Charles Darnay.

— É um tom de fervorosa admiração, de sincero respeito e de profundo amor, doutor Manette! — ele replicou com obsequiosidade.

Outro silêncio desconcertado antes que o pai dela retrucasse:

— Acredito. Faça-lhe justiça e acredito.

Seu embaraço era tão manifesto, e também era tão manifesto que se originava de sua relutância em abordar o assunto, que Charles Darnay hesitou.

— Posso prosseguir, senhor? Outro silêncio desconcertado.

— Sim, prossiga.

— O senhor anticipa as minhas palavras, mas não pode adivinhar com quanta sinceridade eu as proferirei e com que profundidade eu as sinto, a menos que conheça este segredo que guardo em meu coração, bem como as esperanças, os temores e a ansiedade com que tenho guardado tal segredo. Prezado doutor Manette, eu amo sua filha profundamente, terna, desinteressada e devotadamente. Se existe amor no mundo, é o meu por ela. O senhor também já amou. Deixe que esse antigo sentimento fale por mim! O médico virou o rosto e baixou os olhos. Ao escutar as derradeiras palavras, ergueu a mão novamente, agitado, e exclamou:

— Isso não, senhor! Esqueça! Eu lhe suplico, não me faça recordar!

Sua voz exprimia uma dor tão profunda e genuína que ecoou nos ouvidos de Charles Darnay por longos segundos. O doutor moveu a mão, como se rogasse a Darnay que fizesse uma pausa. Ele percebeu e permaneceu calado.

— Eu lhe peço que me perdoe — desculpou-se o doutor Manette, num tom derrotado, após alguns momentos. — Não duvido de que o senhor ame Lucie, creia-me.

Ele girou o corpo em sua direção, conquanto não voltasse a cabeça nem erguesse os olhos. Apoiou o queixo na mão, os cabelos brancos ensombreado-lhe a face.

— Já falou com Lucie?

— Não.

— Nem lhe escreveu?

— Nunca.

— Não seria generoso fingir ignorar que sua reserva é uma deferência para com o pai dela. O pai dela agradece. O médico estendeu-lhe a mão, mas não o fitou.

— Eu sei — disse Darnay reverentemente —, como poderia deixar de sabê-lo, doutor Manette, vendo-os juntos dia após dia, que entre o senhor e sua filha existe uma afeição tão extraordinária, tão comvente, tão ligada às circunstâncias das quais se nutre, que não há paralelos sequer entre um pai e uma criança. Eu sei, doutor Manette, como poderia deixar de sabê-lo, que, misturados ao afeto e à obediência de uma filha adulta, existe, no coração dela, um amor e uma confiança infantis pelo senhor. Eu sei que, tendo passado a infância sem o carinho dos pais, ela agora devota ao senhor toda a lealdade e fervor não só de sua idade atual, mas também dos primeiros e solitários anos de sua vida. Compreendo perfeitamente bem que o senhor, sendo-lhe devolvido como se houvesse ressurgido dos mortos, assumiu um caráter quase sagrado perante seus olhos, o que não ocorreria se jamais se tivessem separado. Compreendo tudo isso quando a vejo enlaçar-lhe o pescoço com mãos de um bebê, de uma menina e de uma mulher, todas ao mesmo tempo. Compreendo que, ao amá-lo, ela vê e ama a mãe na idade dela, vê e ama o senhor na minha idade, ama a desventurada mãe e o ama através de seu terrível tormento e de sua abençoada

recuperação. Compreendo tudo isso desde que passei a freqüentar esta casa.

O pai ouviu em silêncio, de cabeça baixa. Sua respiração acelerara-se um pouco. Afora esse detalhe, entretanto, não havia outros sinais de agitação.

— Prezado doutor Manette, sabendo desses fatos desde o começo, desde o começo observando-os iluminados pela mesma luz santificada, eu evitei falar dos meus sentimentos, evitei por mais tempo do que permite a natureza humana. Eu senti, e ainda sinto, que interpor o meu amor entre o senhor e ela seria o mesmo que tocar sua história com algo inferior a ela. Mas eu a amo. O céu é testemunha do quanto a amo!

— Acredito — respondeu o pai em tom lamentoso. — Eu já havia percebido.

— Contudo, não pense — continuou Darnay, para quem

o tom lamentoso parecera uma censura — que, se a sorte me agraciara com a felicidade de desposar a senhorita Manette, eu causarei uma separação entre ambos, dou-lhe minha palavra. Além de saber que seria inútil tentar, seria uma baixezinha imperdoável. Se houvesse essa possibilidade, mesmo num futuro remoto, abrigada em meus pensamentos ou oculta em meu coração, eu não poderia agora apertar sua honrada mão.

Darnay segurou-lhe a mão ao dizer isso.

— Não, meu caro doutor Manette. Como o senhor, exilei-me voluntariamente da França. Como o senhor, afastei-me de nosso país em consequência de seu desvario, sua opressão e miséria. Como o senhor, esforcei-me para viver por meus próprios meios, confiando num futuro melhor. Desejo apenas partilhar a minha vida com vocês e ser-lhes fiel até a morte. Não pretendo disputar com sua filha o privilégio de tê-lo como pai, companheiro e amigo. Ao contrário, gostaria de aproximá-la ainda mais do senhor, se possível.

Sua mão ainda tocava a do pai de Lucie. Depois de responder a esse toque por um breve instante, sem frieza, ele pousou as mãos sobre os braços da poltrona e fitou-o pela primeira vez desde o início da conversa. Em seu semblante estampava-se uma batalha. Uma batalha contra aquela expressão ocasional que tendia a conferir-lhe um aspecto envelhecido e sombrio.

— Fala com sensibilidade e hombridade, Charles Darnay, e lhe agradeço muito por isso. Eu lhe abrirei meu coração, ou, ao menos, tentarei. Existe algum motivo que o leve a crer que Lucie o ama?

— Nenhum. Até agora, nenhum.

— O senhor espera que lhe dê algum conselho?

— De forma alguma, senhor. Apenas imaginei que o senhor teria o poder de orientar-me, se lhe parecesse correto.

— Então, o senhor espera alguma coisa de mim! Uma promessa, talvez...

— É verdade, senhor.

— O quê?

— Percebo que, sem o senhor, eu não tenho a menor esperança. Percebo que, mesmo se a senhorita Manette me abrigasse em seu inocente coração, não pense que eu alimente tal presunção, eu não teria lugar em sua vida sem o amor do pai dela.

— E se for o contrário? Já pensou nisso?

— Penso que uma só palavra de seu pai em favor de um pretendente a influenciaria de modo decisivo. Por essa razão, doutor Manette — disse Darnay, modesta porém firmemente —, eu não lhe pediria que intercedesse por mim, nem que disso dependesse minha vida.

— Estou certo que não. Charles Darnay, os mistérios surgem tanto entre as pessoas mais íntimas quanto entre as mais distantes. No primeiro caso, eles são sutis e delicados, difíceis de deslindar. Minha filha Lucie é, sob esse aspecto, um completo mistério para mim. Não faço a menor idéia sobre o que se passa em seu coração.

— Posso perguntar-lhe, senhor, se julga que ela... Ao vê-lo hesitar, o pai complementou:

— Se ela tem outro pretendente?

— Exato, era a isso que me referia. O pai refletiu um pouco antes de responder:

— O senhor já encontrou o senhor Carton aqui. O senhor Stryver também nos visita de vez em quando. Se houver outro pretendente, tem de ser um dos dois.

— Ou ambos — ponderou Darnay.

— Não creio. Como também não creio que qualquer um deles lhe faça a corte. Mas, o senhor disse que deseja uma promessa minha. Não vai contar-me do que se trata?

— Pois bem. Se a senhorita Manette, um dia, fizer-lhe confidências como as que lhe faço hoje, eu apreciaria que o senhor lhe revelasse o que ouviu de mim e lhe assegurasse que acreditou em minhas palavras. Espero merecer a sua estima o bastante para que não advogue contra mim. É tudo quanto espero. Agora, o senhor pode estipular as condições a que tem direito e eu as aceitarei de bom grado.

— Tem a minha promessa — assentiu o doutor —, sem quaisquer condições. Confio na pureza de seus sentimentos e na sinceridade de suas palavras. Acredito que sua intenção seja a de perpetuar, e não a de enfraquecer, os laços que me ligam à outra e querida parte de mim mesmo. Se ela algum dia me disser que o senhor é essencial à sua felicidade, eu lhes darei as minhas bênçãos. Se houvesse, Charles Darnay, se houvesse... O médico interrompeu-se e Charles segurou-lhe a mão com gratidão. Após uma pausa ele prosseguiu:

— Se houvesse quaisquer suposições, ou razões, ou temores, qualquer coisa, recente ou antiga, contra o homem que Lucie realmente amasse, desde que ele não fosse o responsável direto por isso, tudo deveria ser apagado pelo bem dela. Minha filha representa mais para mim do que o sofrimento, do que os erros, do que... Bem! Já falei em demasia.

Tão estranho foi o modo como ele mergulhou no silêncio, e tão estranho se tornou seu olhar quando se calou, que Darnay sentiu a própria mão enregelar-se sob a mão dele, que lentamente se soltou e afastou.

— O senhor, porém, disse alguma coisa — o doutor Manette rompeu o mutismo, sorrindo. — O que foi mesmo que o senhor me disse?

Ele ficou confuso por um instante, sem saber como responder, até lembrar-se de que fizera menção a confidências. Aliviado por recordar o detalhe,

replicou:

— Sua confiança em mim deve ser retribuída com igual confiança. Meu nome atual, embora seja o de minha mãe com apenas uma ligeira alteração, não é, como se lembrará, o meu verdadeiro nome. Gostaria de revelá-lo ao senhor, bem como o motivo por que vim para a Inglaterra.

— Cale-se! — exclamou o doutor de Beauvais.

— Gostaria de, para merecer sua confiança, não guardar qualquer segredo do senhor.

— Cale-se!

Por um momento, o doutor tampou os ouvidos com as mãos. Por outro momento, pousou-as sobre os lábios de Darnay.

— Conte-me apenas quando eu lhe perguntar, não agora. Se sua pretensão prosperar, se Lucie o amar, o senhor me contará na manhã do seu casamento. Promete?

— De bom grado.

— Dê-me sua mão. Ela em breve voltará e é melhor que não nos encontre aqui conversando esta noite. Vá! Deus o abençoe!

Já estava escuro quando Charles Darnay o deixou, e ainda mais escuro quando Lucie regressou, uma hora mais tarde. Ela entrou na sala, apressada e sozinha, pois a senhorita Pross subira direto para seu aposento, e surpreendeu-se ao encontrar a poltrona de leitura de seu pai vazia.

— Papai! — chamou-o. — Pai querido!

Nada foi dito em resposta, mas ela ouviu o ruído de marteladas no quarto dele. Atravessando rapidamente o quarto intermediário, olhou pela porta e retornou correndo, em prantos, assustada, sentindo o sangue gelar nas veias.

— O que farei? O que farei?

Sua incerteza só durou um instante. Correu de volta, bateu na porta e chamou-o com suavidade. O barulho cessou ao som de sua voz e ele aproximou-se dela. Os dois caminharam de um lado para o outro por um longo tempo.

Lucie levantou-se da cama diversas vezes, durante a noite, para vigiar-lhe o sono. Ele dormia pesadamente. As ferramentas de sapateiro, e seu antigo trabalho inacabado, estavam no lugar de sempre.

## CAPÍTULO XI

### UMADECISÃO

— Sydney — disse o senhor Stryver, naquela mesma noite, ou manhã, a seu chagal —, misture outra jarra de ponche. Tenho algo a lhe revelar.

Sydney havia trabalhado em dobro naquela noite, e na noite anterior, e na noite anterior àquela, e em bom número de noites em sucessão, num grande esforço por organizar os papéis do senhor Stryver antes do início do longo recesso forense. O serviço, por fim, completara-se. As tarefas atrasadas do senhor Stryver foram eficientemente colocadas em dia; estavam livres de tudo até novembro chegar com suas perturbações atmosféricas e legais, trazendo os peixes de volta para a rede deles.

Sydney não estava a pessoa mais animada, tampouco a mais sóbria, para tanto empenho. Foi necessária uma quantidade adicional de toalhas molhadas para ajudá-lo a atravessar a noite. Uma correspondente quantidade extra de vinho havia precedido as toalhas, de forma que ele se encontrava em condições bastante precárias naquele momento em que removia o turbante e atirava-o na bacia onde o mergulhara tantas vezes nas últimas seis horas.

— Está preparando outra jarra de ponche? — indagou Stryver, o majestoso, com as mãos apoiadas no cós, olhando em torno do divã onde se deitara.

— Estou.

— Ande logo! Eu vou revelar-lhe algo que o surpreenderá e que o levará, talvez, a pensar que não sou tão esperto quanto você supõe. Tenho a intenção de casar-me.

— *Têm?*

— Sim. E não por dinheiro. O que me diz disso?

— Não me sinto inclinado a dizer muito. Quem é ela?

— Adivinhe.

— Eu a conheço?

— Adivinhe.

— Não me peça para adivinhar nada às cinco horas da manhã, com meus miolos fritando e estalando dentro da cabeça. Se quer que eu adivinhe, ofereça-me um jantar.

— Está bem, então. Eu lhe contarei — replicou Stryver, mudando lentamente para a posição de sentado. — Sydney, eu quase desisto de fazer-me inteligível para você, que é tão insensível como um animal.

— E você — retrucou Sydney, ocupado com o preparo do ponche — tem uma alma tão sensível e poética.

— Ora, vamos! — rebateu Stryver, rindo com fanfarrice. — Embora não pretenda reivindicar a condição de alma romântica (considero-me vivido demais para isso), eu ainda sou um tipo de pessoa mais afetuosa que *você*.

— Mais afortunada, se é o que quer dizer.

— Não é o que quero dizer. O fato é que eu sou um homem mais... mais...

— Cavalheiresco, quando lhe interessa — sugeriu Carton.

— Perfeito! Cavalheiresco. Eu queria dizer que sou um homem — afirmou Stryver, enfatuando-se diante do amigo, que misturava o ponche — que gosta mais de ser agradável, que se esforça mais para ser agradável, que sabe melhor como ser agradável, na presença de mulheres, do que *você*.

— Continue — provocou-o Sydney Carton.

— Não. Antes de continuar —olveu Stryver, sacudindo a cabeça com seu jeito autoritário —, eu preciso esclarecer um ponto com *você*. Tanto quanto eu, ou até mais, *você* tem visitado a casa do doutor Manette. Ora, eu me envergonho da rabugice que *você* demonstra quando está lá! Suas maneiras têm sido as de um patife silencioso e malhumorado. Por Deus, eu juro que me envergonho de *você*, Sydney!

— Seria realmente benéfico para um homem com sua conduta no tribunal envergonhar-se de alguma coisa — respondeu Sydney. — *Você* devia agradecer-me.

— *Você* não se esquivará tão facilmente do assunto — redargüiu Stryver, empurrando-lhe de volta a réplica. — Não, Sydney, é meu dever dizer-lhe, e eu lhe digo face a face, em seu próprio benefício, que *você* é um sujeito execrável e irascível no trato com as mulheres. *Você* é uma pessoa desagradável.

Sydney bebeu um gole do ponche que acabara de preparar e riu.

— Olhe para mim! — disse Stryver, apurando-se. — Eu tenho menos necessidade de fazer-me agradável do que *você*, graças à posição que desfruto. Por que me empenho, então?

— Eu ainda não o vi empenhar-se — resmungou Carton.

— Eu me empenho por uma questão de política, por princípios. E olhe para mim! Vou prosseguir.

— *Você* interrompeu o relato acerca de suas intenções matrimoniais — aparteu Carton com ar negligente. — Gostaria que falasse mais a esse respeito. Quanto a mim... será que jamais entenderá que sou incorrigível? Ele formulou a pergunta com um certo desprezo.

— *Você* não tem o direito de ser incorrigível — foi a resposta do amigo, proferida em tom não muito tranquilizador.

— Não tenho o direito de ser coisa alguma, que eu saiba — replicou Sydney Carton. — Quem é a dama?

— Bem... não se deixe abater pelo que vou anunciar, Sydney — advertiu-o o senhor Stryver, preparando-o com ostensiva cordialidade para a descoberta que em breve faria —, porque eu sei que *você* não quer dizer metade do que diz. E, se quisesse, não teria a menor importância. Elaborei este pequeno preâmbulo porque, certa vez, *você* se referiu à jovem dama com termos depreciativos.

— Eu fiz tal coisa?

— Certamente. E nestes aposentos. Sydney Carton contemplou o ponche e,

em seguida, fitou o complacente amigo. Bebeu o ponche e fitou-o novamente.

— Você se referiu à jovem dama como uma “boneca de cabelos dourados”. A jovem é a senhorita Manette. Se você possuísse um mínimo de sensibilidade ou delicadeza de sentimentos nessa espécie de coisas, Sydney, eu poderia ter me ressentido um pouco pelo seu emprego de tal designação. Mas você não possui. Falta-lhe qualquer sentimento dessa natureza. Portanto, não estou mais aborrecido, quando pen-so na expressão que usou, do que estaria com a opinião de um homem destituído de sensibilidade artística acerca de um quadro meu, ou a de um homem sem ouvido acerca de uma música composta por mim.

Sydney Carton tomava o ponche com grande velocidade. Engolia copos sucessivos, fitando o amigo.

— Agora você já sabe de tudo, Sydney — concluiu Stryver. — Eu não me preocupo com dinheiro. A senhorita Manette é uma criatura encantadora, e eu já me decidi a agradar a mim mesmo. Em suma, creio que posso agradar a mim mesmo. Minha noiva terá em mim um homem já bem posto na vida e em rápida ascensão, um homem de alguma distinção. É uma sorte para ela, contudo estou convicto de que a merece. Está surpreso?

Carton, ainda bebendo o ponche, retrucou:

— Por que eu deveria estar surpreso?

— Você aprova? Carton, ainda bebendo o ponche, retrucou:

— Por que eu não deveria aprovar?

— Ótimo! — exclamou seu amigo Stryver. — Você recebeu a notícia melhor do que eu esperava, e mostrou-se menos mercenário em meu benefício do que imaginei. Embora, é claro, você já saiba, a essa altura, que seu antigo companheiro é um homem dotado de grande força de vontade. Sim, Sydney, já tive o bastante deste estilo de vida, sem nenhum outro para variar. Eu sinto que é prazeroso para um homem possuir um lar para aonde ir quando desejar (se não desejar, pode permanecer longe), e sinto que poderei contar com a senhorita Manette em qualquer situação, que terei sempre sua confiança. Assim, tomei a decisão. E agora, Sydney, meu velho, quero dizer algumas palavras a  *você*  sobre as  *suas*  perspectivas. Está indo pelo mau caminho, como sabe. Está realmente indo pelo mau caminho. Não conhece o valor do dinheiro, vive precariamente... dessa maneira, acabará por esgotar-se. E terminará doente e pobre. Devia considerar a possibilidade de arranjar alguém que cuide de você.

A arrogante condescendência com que o aconselhou o fez parecer duas vezes maior do que era na realidade, e quatro vezes mais ofensivo.

— Agora, recomendo-lhe que encare a vida — prosseguiu Stryver. — Eu a tenho encarado, a meu modo. Encarea, a seu modo. Case-se. Encontre alguém para cuidar de você. Não se preocupe por não ter prática em lidar com as mulheres, por não as compreender, por não possuir tato com elas. Encontre alguém. Encontre uma mulher respeitável com

uma pequena propriedade, talvez uma estalajadeira, e despose-a, para proteger seu futuro. Esse é o tipo de coisa que serve para você. Reflita sobre o assunto, Sydney.

— Pensarei sobre isso — respondeu Sydney.



## CAPÍTULO XII

### *UM HOMEM SENSÍVEL E DELICADO*

O senhor Stryver, tendo tomado a magnânima decisão de fazer à filha do médico a concessão de desposá-la, resolveu tornar pública a felicidade da jovem antes de deixar a cidade para gozar as longas férias forenses. Depois de debater mentalmente o assunto, chegou à conclusão de que seria conveniente terminar logo a etapa preliminar, após a qual ele determinaria se lhe daria a mão uma semana ou duas antes da reabertura dos Tribunais — para o período de Michaelmas — ou durante as curtas férias de Natal, entre esse período e o de Hilary.

Não tinha a menor dúvida de que aquela causa já estava ganha, vendo claramente a tramitação de todo o processo até o veredicto. Demonstradas ao júri as substanciais premissas mundanas, as únicas que valiam a pena demonstrar, o caso não ofereceria nenhum problema. Ele se apresentaria como o autor da causa, seria dispensado de juntar provas ou arguir testemunhas, a defesa se absteria de qualquer pronunciamento e os jurados nem sequer se dariam ao trabalho de ponderar antes de o brindarem com uma decisão favorável. Stryver, o eminente advogado, estava satisfeito com a simplicidade do caso que tinha diante de si.

Conseqüentemente, o senhor Stryver iniciou as longas férias convidando formalmente a senhorita Manette para passear nos Jardins Vauxhall. Recusado o convite, ele propôs levá-la a Ranelagh. Inexplicavelmente recusada também essa proposta, ele deliberou visitar a casa do Soho e lá declarar suas nobres intenções.

Em direção ao Soho, pois, o senhor Stryver abria com os ombros seu caminho através de Temple Bar, ainda animado com a perspectiva das prolongadas férias que se estendiam à sua frente. Quem o visse movendo-se com determinação rumo ao Soho, conquanto ainda estivesse em Temple Bar, do lado da igreja de Saint Dunstan, arrojando-se em seu estilo característico pelas calçadas, esbarrando e empurrando os transeuntes mais fracos, perceberia que homem forte e seguro era ele.

Ao passar pelo Banco Tellson, do qual era cliente, e conhecendo o senhor Lorry como o amigo íntimo dos Manette, ocorreu ao senhor Stryver a idéia de entrar e revelar ao banqueiro o brilhante horizonte que se descortinava perante Lucie. Assim, empurrou a porta rangente, saltou os dois degraus, passou pelos dois velhos empregados e dirigiu-se ao sombrio e bolorento escritório nos fundos, onde encontrou o senhor Lorry cercado por grandes livros repletos de cifras,

sentado à escrivaninha ao lado de uma janela com barras de ferro perpendiculares, dando a impressão de destinar-se a ser também preenchida com números, como se tudo sob as nuvens se reduzisse a contas.

— Olá! — interrompeu-o o senhor Stryver. — Como vai? Espero que esteja bem!

A grande característica de Stryver era que ele sempre parecia demasiado grande para qualquer ambiente. Ele era tão excessivamente corpulento para o Tellson que os velhos empregados que trabalhavam nos cantos mais afastados da sala fitaram-no com ar de protesto, como se sua vultosa presença os constrangesse ainda mais contra as paredes. A própria “Casa”, lendo magnificientemente o jornal, lançou-lhe um olhar de desgosto e censura.

A voz discreta do senhor Lorry redargüiu, num exemplo de voz que ele teria recomendado para aquela circunstância:

— Como vai, senhor Stryver? — e apertou-lhe a mão. Havia algo de peculiar naquele aperto de mão, algo que se observava todas as vezes em que os empregados apertavam as mãos dos clientes diante da “Casa”. Era um modo abnegado, como se Tellson & Cia., e não um de seus funcionários, apertasse a mão. — Em que lhe posso ser útil, senhor Stryver? — indagou em tom profissional.

— Ora essa, em nada. Trata-se de uma visita social, senhor Lorry. Na verdade, gostaria de falar-lhe em particular.

— Oh, é mesmo? — o senhor Lorry replicou, aguçando os ouvidos enquanto seu olhar se afastava na direção da “Casa”.

— Eu pretendo — começou a revelar o senhor Stryver, apoiando os braços sobre a escrivaninha com ar confidencial. Em consequência, a mesa, malgrado suas amplas dimensões, pareceu não ter metade do tamanho necessário para o advogado —, eu pretendo oferecer-me em casamento à sua encantadora amiguinha, a senhorita Manette.

— Não diga! — exclamou o senhor Lorry, coçando o queixo e fitando seu visitante com aparência de dúvida.

— Não diga, senhor?! — ecoou Stryver, distanciandose ligeiramente. — O que significa esse “não diga”, senhor Lorry?

— Significa que... — respondeu o homem de negócios

— que, claro, como seu amigo, aprecio sua iniciativa, a qual muito o honra e... em suma, significa o que desejar. Contudo... realmente, o senhor sabe, senhor Stryver... — o senhor Lorry fez uma pausa, sacudindo a cabeça de forma estranha, como se lutasse para refrear o ímpeto de acrescentar: “o senhor sabe que esse casamento está muito além do que pode ambicionar”.

— Bem — suspirou Stryver, batendo no tempo da escrivaninha com sua contenciosa mão e arregalando os olhos —, se compreendi as suas entrelinhas, senhor Lorry, não disponho da menor chance.

O senhor Lorry ajustou a curta peruca sobre as orelhas e mordiscou a pena da caneta.

— Em sua opinião — declarou Stryver —, não sou um pretendente aceitável.

— Mas, não! É claro que o senhor é aceitável! — retrucou o senhor Lorry.

— Se o senhor se considera aceitável, então é aceitável.

— Não sou um homem próspero? — indagou Stryver.

— Oh! Se atingiu a prosperidade, então é próspero — ponderou o senhor Lorry.

— E em ascensão?

— Se vem ascendendo, como sabe — replicou o senhor Lorry, deliciado por poder concordar de novo —, ninguém pode duvidar.

— Então, o que diabos significa a sua reação, senhor Lorry? — inquiriu Stryver, visivelmente abatido.

— Ora! Eu... o senhor está a caminho da casa dos Manette agora? — o senhor Lorry perguntou.

— Exato — confirmou Stryver, aplicando um murro sobre a escrivanhinha.

— Eu não iria lá, se fosse o senhor.

— Por quê? — questionou Stryver. — Exijo que não falte com a verdade — ordenou-lhe em tom forense, erguendo um dedo em sua direção. — O senhor é um homem de negócios e sempre age de acordo com os motivos. Declare o seu motivo. Por que, em meu lugar, não iria à casa do doutor Manette?

— Porque eu não levaria em frente um empreendimento dessa natureza — respondeu o senhor Lorry — se não tivesse razões para acreditar nas minhas possibilidades de êxito.

— Com todos os diabos! — bradou Stryver. — Isso acaba com as minhas esperanças.

O senhor Lorry relanceou os olhos para a “Casa” e tornou a fitar o irado Stryver.

— O senhor é um homem de negócios, de certa idade, um homem experiente em *assuntos comerciais* — argumentou o advogado. — Eu lhe pedi para enunciar alguns motivos que me impedissem de pedir a mão da senhorita Manette e o senhor admitiu não haver nenhum! E o admitiu *com* toda a convicção! — o senhor Stryver observou, como se a admissão tivesse sido bem menos digna de nota se feita sem convicção.

— Quando me refiro a êxito, refiro-me a êxito junto à dama em questão. E quando me refiro a causas e motivos para o êxito, refiro-me a causas e motivos que possam sugerir os sentimentos dela. A jovem dama, meu bom senhor — ponderou o senhor Lorry, dando pequenas e suaves pancadas no braço de Stryver —, a jovem dama. Ela vem em primeiro lugar.

— Então, o senhor está insinuando, senhor Lorry — ripostou Stryver, endireitando os cotovelos —, que sua opinião deliberada é a de que a jovem dama em questão não passa de uma tola mimada?

— Não exatamente. O que quero dizer, senhor Stryver — replicou o senhor Lorry, corando —, é que não consentirei que falem sobre essa jovem de forma desrespeitosa na minha presença. E que, se eu conhecesse algum homem, e espero não conhecer nenhum, que tivesse tanto mau gosto e cujo temperamento fosse tão intolerável que ele não se pudesse abster de falar desrespeitosamente sobre essa jovem dama diante da minha escrivanhinha, nem mesmo os meus deveres para com o Tellson me impediriam de lhe dar uma boa lição. A necessidade de expressar sua raiva num tom contido fazia ferver perigosamente

nas veias o sangue do senhor Stryver. O sangue do senhor Lorry, que de hábito corria metodicamente pelas veias, não se encontrava em melhor estado.

— Era isso o que eu queria dizer, senhor — concluiu o senhor Lorry. — Peço-lhe que não me entenda mal.

O senhor Stryver apanhou uma régua de sobre a mesa e mordiscou-lhe a ponta. Em seguida, bateu com ela nos dentes com tal força que seria impossível não se ter machucado. Por fim, rompeu o silêncio constrangedor ao afirmar:

— Tudo isso é novidade para mim, senhor Lorry. O senhor deliberadamente aconselhou-me a não ir ao Soho apresentar-me como pretendente... aconselhou a *mim*, Stryver, advogado famoso no Tribunal Superior de Justiça?

— Não pediu a minha opinião?

— Sim, senhor.

— Muito bem. Eu lhe dei a minha opinião e o senhor a repetiu corretamente.

— Só o que posso comentar a respeito — retrucou o advogado com um riso forçado — é que... ha, ha! Nunca houve nem haverá absurdo maior.

— Compreenda-me, por favor — temporizou o senhor Lorry. — Como homem de negócios, não me sinto à vontade para externar qualquer opinião a esse respeito, pois não entendo desses assuntos. Contudo, na qualidade de um velho amigo, que carregou a senhorita Manette nos braços, que merece a confiança dela e a de seu pai, e que lhes dedica uma grande afeição, eu o fiz. Lembre-se de que a sua confidência partiu do senhor, eu não o forcei. Ainda acha que posso estar errado?

— Eu não! — sibilo Stryver. — Não posso pretender encontrar nos outros o bom senso que só em mim devo buscar. Tenho a minha própria concepção de bom senso. O que é sensato para mim, não o é para o senhor, que supõe seja um contra-senso viver com conforto. De qualquer forma, ouse dizer que está certo.

— O que suponho ou deixo de supor, senhor Stryver, é problema meu. Entenda-me, senhor — ripostou o senhor Lorry, tornando a corar —, não permitirei, a despeito de estar aqui no Tellson, que minhas suposições sejam formuladas por ninguém, nem mesmo por um cavalheiro.

— Por favor! Aceite as minhas desculpas!

— Eu as aceito e agradeço. Bem, senhor Stryver, eu estava prestes a dizer-lhe o seguinte: seria doloroso para o senhor se descobrisse que se enganou, seria dolorosa para o doutor Manette a tarefa de ser explícito com o senhor, seria muito doloroso para a senhorita Manette o dever de falar-lhe com franqueza. O senhor não ignora em que termos eu tenho a honra e a felicidade de privar com a família. Se concordar, eu me encarregarei de, sem envolver o seu nome, para não o comprometer, sondar o terreno e verificar se meu conselho foi acertado. Se não concordar com o meu julgamento, poderá conferir pessoalmente a sua exatidão. Por outro lado, se concordar com o meu julgamento e este se revelar correto, essa providência pouparia a todos um grande constrangimento. O que acha deste plano?

— Quanto tempo terei de ficar na cidade à espera de uma resposta?

— Oh! É uma questão de apenas algumas horas. Eu poderia visitar os Manette esta noite e depois passaria em seu escritório.

— Nesse caso, estou de acordo. Não irei lá agora, pois já não estou tão

ansioso como quando cheguei aqui. Espero o senhor ainda esta noite. Tenha um bom dia.

Então, o senhor Stryver levantou-se e precipitou-se para fora do banco, causando tal comoção ao passar que os dois empregados que se inclinaram para cumprimentá-lo precisaram de todas as suas forças para permanecerem de pé. A clientela sempre via esses dois veneráveis e débeis homens curvando-se e jocosamente comentava que eles permaneciam, depois de o último cliente se ter retirado, curvando-se na sala vazia, aguardando a entrada do primeiro cliente do dia seguinte.

O advogado era astuto o bastante para adivinhar que o senhor Lorry não teria ido tão longe ao externar sua opinião se não o movesse uma forte convicção. E, conquanto a pilula fosse amarga, tratou de a engolir. “E agora”, disse consigo mesmo, sacudindo o dedo na direção de Temple Bar, “minha única saída é provar que estão todos errados.”

Aquela era uma das mais preciosas táticas praticadas em Old Bailey, na qual encontrou um profundo alívio.

— A senhorita não me tirará a razão, cara jovem — murmurou Stryver —, eu é que tirarei a sua.

Quando o senhor Lorry, conforme o combinado, chegou ao seu escritório por volta das dez da noite, o senhor Stryver, rodeado por uma quantidade de livros e papéis, parecia não se lembrar mais do assunto de que tratara pela manhã. Demonstrou até mesmo surpresa ao ver o senhor Lorry, mostrando-se distraído e preocupado.

— Bem! — exclamou o bondoso emissário, depois de meia hora de tentativas frustradas de abordar a questão. — Estive no Soho.

— No Soho? — repetiu o senhor Stryver com frieza. — Ah, mas é claro! Onde estou com a cabeça?

— Não tenho a menor dúvida — declarou o senhor Lorry

— de que meu julgamento foi correto. Confirmei minha opinião e, portanto, reitero o meu conselho.

— Asseguro-lhe — respondeu Stryver em seu tom mais afetuoso — que lastimo por sua causa e também pelo pobre pai. Imagino que esses casos sejam sempre penosos para a família. Não toquemos mais nesse assunto.

— Não o compreendo — espantou-se o senhor Lorry.

— Ouso dizer que não mesmo — replicou o senhor Stryver, balançando a cabeça de modo a dar a conversa por encerrada. — Mas não tem importância.

— Tem importância, sim — insistiu o senhor Lorry.

— Não, não tem. Garanto-lhe que não. Eu supus que havia bom senso e uma louvável ambição onde não havia nem uma coisa nem outra. Foi um engano, mas não faz mal. Muitas moças cometem esse tipo de tolice e se arrependem mais tarde, quando se vêem imersas na obscuridade e na pobreza. De uma forma altruísta, eu sinto muito por ela. Quanto a mim, esse casamento teria sido um mau negócio, analisando-o sob um ponto de vista material. Nem é preciso comentar que eu não ganharia nada com essa união. Felizmente, ninguém sofreu prejuízo algum. Eu não fiz nenhuma proposta a essa dama, e, cá entre nós, estou quase certo de que jamais chegaria a esse extremo. Senhor Lorry, não se pode

controlar as vaidades e as bobagens que guiam essas jovens de cabeça oca. Quem tentar isso, acabará por se decepcionar. Agora, rogo-lhe que não tornemos a esse assunto. Confesso-lhe que lamento pelos outros, mas estou muito satisfeito por mim. E agradeço-lhe de coração por iluminarme com tão sábio conselho. O senhor conhece a dama melhor do que eu e tinha razão: jamais daria certo.

O senhor Lorry ficara tão estupefato que parecia totalmente apavorado quando o senhor Stryver empurrou-o com o ombro na direção da porta, afetando generosidade, indulgência e boa vontade.

— Não toquemos mais no assunto, meu caro senhor — repetiu o senhor Stryver. — Mais uma vez, obrigado pelo conselho. Boa noite!

O senhor Lorry viu-se fora, na noite escura, antes de saber como ali chegara.

Uma vez sozinho, Stryver recostou-se no divã, pestanejando os olhos pousados no teto.

## CAPÍTULO XIII

### *UM HOMEM INSENSÍVEL E INDELICADO*

Se Sydney Carton algum dia brilhou em alguma parte, com certeza não foi na casa do médico. Visitara-a com frequência durante um ano inteiro e sempre se mostrara malhumorado e indolente. Quando se dava ao trabalho de falar, falava bem, mas a nuvem obscura de indiferença que o envolvia em trevas abismais raras vezes permitia revelar a luz que refulgia em seu interior.

E, contudo, apegava-se tanto às ruas que rodeavam aquela casa tranqüila que adorava até mesmo as pedras do chão. Muitas noites vagara por ali, distraído e infeliz, quando o vinho não o bafejava com uma efêmera alegria. Muitas vezes, os primeiros alvares do dia traçavam os contornos de sua figura solitária que por ali perambulava, e ainda vagueava por ali quando os primeiros raios de sol lhe traziam um profundo alívio, descortinando-lhe a beleza arquitetônica dos prédios e das volutas das igrejas, como se talvez a quietude do momento o brindasse com a visão de um mundo melhor, embora tão esquecido quanto inatingível para ele. Ultimamente, seu negligenciado quarto em Temple Court via-o menos do que nunca e, nas raras vezes em que ia para casa à noite, repousava apenas alguns minutos e levantava-se novamente para voltar às imediações da casa do Soho.

Num certo dia de agosto, depois que o senhor Stryver (que notificara seu chagal de que “pensara melhor e desistira do casamento”) levou sua delicadeza para Devonshire, e quando a vista e o perfume das flores pelas ruas da cidade inspiravam bons sentimentos aos maus e devolviam a saúde aos enfermos e a juventude aos velhos, os passos de Sydney conduziram-no para o Soho. Como estivesse sem rumo e sem propósito, seus passos animaram-se com um propósito qualquer e, na tentativa de realizá-lo, encaminharam-se para a casa do médico.

Foi introduzido no andar de cima e encontrou Lucie trabalhando, sozinha na sala. Ela jamais se sentira muito à vontade com ele, por isso recebeu-o com embaraço ao vê-lo sentar-se junto à sua mesa de trabalho. Contudo, perscrutando-lhe o semblante enquanto respondia às trivialidades iniciais, notou uma mudança em sua expressão.

— Receio que esteja indisposto, senhor Carton!

— Não. Entretanto, a vida que levo, senhorita Manette, não é benéfica para a saúde. Que esperar de tanta dissipação?

— Não acha que... Perdoe-me, não me posso abster de perguntar, mas... não é uma pena o senhor não levar uma vida melhor?

— Deus sabe que é uma vergonha!

— Então, por que não muda de vida?

Dirigindo-lhe um olhar gentil, ela se surpreendeu e entristeceu ao ver lágrimas nos olhos de Carton. Havia lágrimas também em sua voz ao replicar:

— É demasiado tarde. Jamais serei melhor do que sou agora. Mergulharei cada vez mais fundo nesse abismo e me tornarei ainda pior.

Ele apoiou o cotovelo sobre a mesa e cobriu os olhos com as mãos. A mesa tremulou no silêncio que se seguiu. Lucie nunca o vira assim e ficou profundamente comovida. Carton sabia de sua emoção, mesmo sem fitá-la, e disse:

— Rogo-lhe que me perdoe, senhorita Manette. Creio vergar-me sob o peso do que tenho a revelar-lhe. Consentiria em ouvir-me?

— Se lhe fizer algum bem, senhor Carton, se o tornar mais feliz, ficarei contente em ouvi-lo.

— Deus a abençoe por sua doce compaixão!

Carton descobriu o rosto por um momento e prosseguiu com firmeza:

— Não tenha medo de ouvir-me. Tampouco se deixe assustar por minhas palavras. Sou como alguém que morreu na juventude. Minha vida poderia ter sido muito mais proveitosa.

— Não, senhor Carton. Tenho certeza de que a melhor parte dela ainda está por vir. Como tenho também certeza de que o senhor se provará digno de si mesmo.

— Pense assim, se preferir, pois, malgrado eu não me iluda, malgrado no misterioso recôndito de meu coração eu não me iluda, jamais esquecerei sua atitude!

Lucie estava pálida e trêmula. Carton lhe surgira tomado por tamanho desespero que a conversa fluía diferente de todas as que haviam mantido até aquele instante.

— Se tivesse sido possível, senhorita Manette, que correspondesse ao amor do homem que tem à sua frente, perdido, inútil, bêbado, uma pobre criatura malbaratada como sabe que é, ele teria consciência, a despeito de toda a sua felicidade, de que a levaria à miséria, ao sofrimento e ao arrependimento, que a arruinaria e desgraçaria, arrastando-a para o abismo com ele. Estou ciente de que a senhorita não me dedica nenhum sentimento terno, nem lhe peço isso. Sinto-me mesmo grato por não ser possível que me estime.

— Não existe outra forma de eu o salvar, senhor Carton? Não poderia eu fazê-lo pensar, perdoe-me outra vez!, num destino mais feliz? Não haveria um modo de eu recompensá-lo pela confiança? Porque sei tratar-se da mais profunda confiança — ela replicou com modéstia, após um momento de hesitação, rompendo em lágrimas sinceras. — O senhor não se abriria assim com mais ninguém. Não poderia eu retribuir fazendo alguma coisa em seu favor, senhor Carton? Ele sacudiu a cabeça.

— Não. Não, senhorita Manette. Se me ouvir um pouco mais, já terá feito o bastante. Quero que saiba que foi o último sonho da minha alma. O que atenua minha degradação é vê-la junto de seu pai, neste lar que a senhorita tornou tão aconchegante, pois essa visão afugentou antigas sombras que eu julgava me terem aniquilado. Desde que a vi, torturei-me com um remorso de que não me considerava capaz e ouvi murmúrios de vozes esquecidas que me impulsionavam



para a frente, vozes que julguei silenciadas para sempre. Passei a acalantar o vago anseio de empenhar-me, de começar de novo, libertando-me da indolência e da sensualidade e retomando a abandonada luta. Um sonho, tudo um sonho que termina em nada e deixa o sonhador a jazer no mesmo lugar em que adormecera. Contudo, desejava que soubesse que foi a senhorita quem me inspirou esse sonho.

— Nada restará de tão belo sonho? Oh, senhor Carton, reflita bem! Tente lutar novamente!

— Não, senhorita Manette. Mesmo durante o sonho, sabia não merecê-lo em absoluto. Todavia, tive a fraqueza, e ainda a tenho, de querer que tomasse conhecimento do seu poder de subitamente transformar as cinzas que sou em fogo fogo, entretanto, inseparável de mim em sua natureza, que nada queima, nada ilumina, nenhum serviço presta e se con-some indolente e inutilmente.

— Já que é minha desventura, senhor Carton, tê-lo tornado mais infeliz do que era antes de me conhecer...

— Não diga isso, senhorita Manette, pois me teria regenerado quando tudo o mais fracassou. Não é sua a culpa da minha decadência.

— Já que o estado de espírito que descreveu é, sob todos os aspectos, atribuível a alguma influência minha, e isso é o que gostaria de deixar claro, não poderia usar essa influência para ajudá-lo? Não tenho nenhum poder para o bem no que se refere ao senhor?

— O maior bem que poderia proporcionar-me, senhorita Manette, é o que me proporciona agora. Deixe-me levar pelo resto de minha desorientada vida a recordação de que lhe abri meu coração pela última vez no mundo e que nele encontrou algo para lamentar e de que se apiedar.

— Algo que, suplico-lhe que creia, e suplico-lhe fervorosamente com todo o meu coração, que é capaz de muito mais. O senhor é muito melhor do que acredita, senhor Carton!

— Não me suplique mais para crer nisso, senhorita Manette. Conheço a mim mesmo e não me iludo. Mas, vejo que a aflijo. Perdoe-me. Apenas uma palavra mais e terminarei. Prometa-me que, quando recordar este dia, esta última confidência de minha vida repousará no fundo de sua alma pura e inocente, sem jamais ter sido partilhada com ninguém.

— Se isso lhe servir de consolo, eu prometo.

— Sem ter sido partilhada nem com a pessoa a quem amará mais do que a si própria?

— Senhor Carton — ela respondeu após uma agitada pausa —, o segredo lhe pertence, não a mim. E eu prometo respeitá-lo.

— Muito obrigado. Mais uma vez, que Deus a abençoe.

Levou a mão de Lucie aos lábios e dirigiu-se para a porta.

— Não tenha o menor receio, senhorita Manette, de que eu torne a tocar nesse assunto. Jamais o mencionarei novamente. Não poderia ter mais certeza disso se eu estivesse morto. No último instante de minha vida, ainda manterei como sagrada a única boa recordação, e por ela lhe serei grato e a abençoarei, a de que a derradeira confissão de minha miséria foi feita à senhorita, e que, portanto, meu nome, minhas faltas e desgraças foram gentilmente guardados em

seu coração. Que seja essa a única mágoa que nele pese!

Carton estava tão diferente do que habitualmente se mostrava, e era tão triste pensar no quanto atirara fora e no quanto se corrompia todos os dias, que Lucie Manette soluçou amargamente por ele, diante de seus olhos.

— Não chore — murmurou Carton. — Não sou digno dos seus sentimentos, senhorita Manette. Bastarão algumas poucas horas para que os maus hábitos e os péssimos companheiros, os quais desprezo e aos quais, entretanto, acabo cedendo, tornem-me ainda mais indigno da sua compaixão do que o miserável que cai numa sarjeta. Não chore! Pois, no fundo do meu coração, serei sempre para a senhorita o que sou agora, embora exteriormente eu pareça o mesmo de antes. Minha última súplica é que acredite nisso.

— Acreditei, senhor Carton.

— Uma última palavra, e com ela eu a libertarei de um visitante com quem, bem sei, nada tem em comum e de quem um abismo a separa. É ocioso dizer-lhe isso, não o ignoro, mas a minha alma não o pode calar. Pela senhorita e por todos a quem ama, eu faria tudo. Se minha posição fosse outra, se eu tivesse uma oportunidade para sacrificar-me, aceitaria de bom grado todo e qualquer sacrifício por sua felicidade e pela dos que lhe são caros. Tente guardar-me assim ardente e sincero em sua lembrança, nos seus momentos de sossego. Chegará o dia, e não tardará muito, em que novos laços surgirão ao seu redor, laços que a prenderão mais terna e poderosamente ao lar que torna tão aconchegante, os preciosos laços que sempre a adornarão e a farão feliz. Oh, senhorita Manette, quando o gracioso quadro de um rosto venturoso de pai contemplar o seu, quando vir sua própria beleza radiante desenvolver-se nas feições dos filhos, lembre-se, uma vez ou outra, de que existe um homem que daria a vida para preservar ao seu lado a vida daqueles a quem ama.

Ele disse “Adeus!”, repetiu pela última vez “Deus a abençoe!” e deixou-a.

## CAPÍTULO XIV

### *UM HONRADO NEGOCIANTE*

Diante dos olhos do senhor Jeremiah Cruncher, sentado em seu tamborete na rua Fleet ao lado de seu horrendo filho, desfilava todos os dias um grande e variado número de pessoas e de objetos em movimento. Quem se sentasse sobre um tamborete na rua Fleet durante as horas mais agitadas do dia, com certeza ficaria tonto e ensurdecido com as duas imensas correntezas humanas, uma seguindo para o oeste junto com o sol, e a outra indo para o leste, contra o sol, ambas desaparecendo para além da linha de ouro e púrpura onde o sol mergulha!

Mordiscando um fio de palha, o senhor Cruncher observava as duas torrentes, como o camponês pagão que, durante vários séculos, cumpriu seu dever de observar uma correnteza; a diferença era que Jerry não tinha a expectativa de que as suas secassem. Nem teria sido esta uma boa expectativa, já que uma pequena parte de sua renda provinha da exploração das mulheres tímidas, a maioria já passada da meia-idade, que atravessavam do lado do fluxo que passava pelo Tellson em direção à calçada oposta. Por breve que fosse o tempo de que dispunha para fazer-lhes a corte, o senhor Cruncher jamais deixava de se interessar pelas damas a ponto de expressar o forte desejo de ter a honra de brindar-lhes à saúde. E era com os presentes concedidos em retribuição à execução de tão benevolente propósito que ele revigorava suas finanças. Como pretendia fazer naquele momento.

Numa certa época, houve um poeta que se sentava num banco em local público e meditava à vista dos homens. O senhor Cruncher, sentado num banco em local público, mas não sendo poeta, meditava o mínimo possível e observava o que acontecia ao redor.

Ocorreu que Jerry Cruncher assim estivesse ocupado, numa hora em que o movimento era escasso e ainda mais escassas as mulheres, e quando seus negócios em geral iam tão mal que levantava-se em seu peito a forte suspeita de que a senhora Cruncher se estivesse ajoelhando pelos cantos para atrair o infortúnio sobre o marido, quando uma procissão inusitada que descia a rua Fleet no sentido oeste chamou-lhe a atenção. Olhando em sua direção, Jerry percebeu que algum tipo de cortejo fúnebre se aproximava, provocando o furor do povo, o qual se agitava num grande tumulto.

— Pequeno Jerry — anunciou o senhor Cruncher, virando-se para seu rebento —, aí vem um enterro.

— Hurrah, pai! — exclamou o pequeno Jerry.

O jovem cavalheiro proferiu essa interjeição em tom misterioso. O

cavalheiro mais velho ofendeu-se tanto com aquele som misterioso que, aproveitando a oportunidade, pespegoou-lhe um safanão na base da orelha.

— Que história é essa? Está dando “hurrah” a quê, posso saber? Que modos são esses, hein? Esse moleque me está saindo melhor do que a encomenda! — esbravejou o senhor Cruncher, examinando-o. — Ele e esse “hurrah”! Nunca mais diga isso na minha frente, ou juro que lhe darei uma lição! Ouviu?

— Eu não fiz nada de mal — o pequeno Jerry protestou, esfregando a orelha.

— Então, cale a boca — ordenou o senhor Cruncher. — Não fez nada de mal, é? Pois sim! Agora, sente ali e assista ao enterro!

O filho obedeceu e o cortejo se aproximou. Gritando e vaiando, a plebe rodeava a lúgubre carroça fúnebre e a lúgubre carruagem que levava os pranteadores do defunto, na verdade, apenas um homem, vestido com os trajes funéreos considerados essenciais à dignidade de seu papel. Papel, todavia, que aparentemente não o agradava nem um pouco, em razão da multidão crescente que circundava a carruagem, escarnecendo dele, fazendo-lhe caretas e incessantemente vociferando: “Abaixo os espíões!”, além de uma saraivada de cumprimentos demasiado numerosos e violentos para os repetirmos aqui.

Os funerais sempre exerceram grande atração sobre o senhor Cruncher. Aguçava os sentidos e se entusiasmava todas as vezes que via um desfilar diante do Tellson. Era, pois, natural que se exaltasse sobremaneira perante tão insólito cortejo. Curioso, indagou ao primeiro homem que lhe passou correndo pela frente:

— O que está havendo, irmão? Por que o tumulto?

— Não sei — respondeu o homem. E gritou: — Abaixo os espíões!!! Ele indagou a outro transeunte:

— Quem é o defunto?

— Não sei — respondeu o outro homem. Colocando as mãos em concha ao redor da boca, berrou com surpreendente veemência e um profundo ardor: — Abaixo os espíões!!!

Por fim, encontrou alguém mais informado sobre os detalhes do caso e, por seu intermédio, descobriu que aquele era o enterro de um tal Roger Cly.

— Ele era espíão? — inquiriu o senhor Cruncher.

— Era, sim. De Old Bailey — revelou o informante. — Abaixo o espíão de Old Bailey!!!

— Ora, é isso mesmo! — exclamou Jerry, lembrando-se do julgamento a que assistira. — Eu já o vi. Está morto, é?

— E bem morto — replicou o homem. — Mais morto, impossível. Tirem-no da carroça! Abaixo os espíões! Tiremno logo dessa carroça!!

A idéia pareceu tão boa, em vista da predominante falta de idéias, que a turba aceitou-a com avidez e, repetindo em altos brados a sugestão de retirar o féretro de dentro da carroça, cercou os dois veículos de tal forma que estes tiveram de parar. Quando o populacho abriu as portas da carruagem, o único acompanhante do falecido foi arrancado de seu interior, ficando à sua mercê por um momento. Contudo, ele estava tão alerta, e valeu-se tão bem das chances de escapar, que, no instante seguinte, alcançava uma rua transversal, depois de

livrar-se da casaca, do chapéu que exibia um largo fumo, do lenço branco e de outras lágrimas simbólicas.

Imediatamente, a plebe rasgou tudo e espalhou os pedaços com grande contentamento, enquanto os comerciantes apressadamente cerravam as portas de seus estabelecimentos. Pois, naquela época, as multidões não se detinham por nada, constituindo-se num monstro dos mais temíveis. Os que cercavam a carroça já haviam chegado ao ponto de abri-la para removerem o féretro quando algum gênio brilhante propôs que, em vez disso, escoltassem o caixão a seu destino com demonstrações do rejúbilo geral. Como careciam muito de sugestões práticas, esta, também, foi recebida com aclamação; oito homens entraram na carroça e doze rodearam-na, enquanto, sobre o teto, empoleiraram-se todos os que conseguiram acomodar-se ali, valendo-se de grande habilidade em contorcionismo. Entre os primeiros desses voluntários estava o próprio Jerry Cruncher, que prudentemente escondeu a cabeça de cabelos eriçados para não ser visto na esquina seguinte, por observadores do Tellson.

Os agentes funerários responsáveis pela organização do enterro esboçaram protestos contra as mudanças no cerimonial. Contudo, como o rio ficava alarmantemente próximo, e várias vezes se elevavam para ressaltar a eficácia da imersão em água fria para trazer à razão os membros refratários daquela categoria profissional, os protestos se revelaram débeis e efêmeros. A remodelada procissão retomou a marcha. Um limpador de chaminés conduzia a carroça fúnebre, sob a orientação do verdadeiro cocheiro, que fora colocado a seu lado, sob vigilância, especificamente para esse propósito, enquanto um pasteleiro, também auxiliado por seu ministro de gabinete, conduzia a carruagem que acompanhava o cortejo. Um domador de ursos, personagem de rua muito popular naquela época, causou impressão como um ornamento adicional, juntando-se à multidão antes de o desfile avançar muito pelo Strand. Seu urso, que era negro e esquelético, conferia àquele setor da procissão um ar de pom-pa funerária.

E assim, bebendo cerveja, fumando cachimbo, engrolando canções e caricaturando os lamentos usuais em enterros, o desordenado cortejo seguiu seu caminho, arrebanhando mais pessoas a cada passo, enquanto os comerciantes ao longo das ruas fechavam as portas de suas lojas. O destino era a velha igreja de São Pancrácio já fora da cidade, no campo. O cortejo lá chegou ao fim de algum tempo e insistiu em espalhar-se pelo campo santo. Por fim, procedeu-se, a seu modo e para o próprio regozijo, ao sepultamento do finado Roger Cly.

Enterrado o falecido, e a multidão necessitando que lhe provesses novos entretenimentos, um outro gênio brilhante, ou quiçá o mesmo, concebeu o jocoso plano de deter eventuais transeuntes, acusá-los de serem espíões de Old Bailey e castigá-los sem dó nem piedade. Na realização dessa brincadeira, foram caçadas algumas vintenas de pessoas inofensivas, que jamais haviam sequer passado na frente de Old Bailey em suas vidas, e que foram cruelmente empurradas e maltratadas. A transição do esporte para a depredação de janelas e daí para o saque a tabernas foi fácil e natural. Por fim, após várias horas, quando diversas casas de veraneio já haviam sido invadidas e algumas cercas tinham sido derrubadas para servirem de arma aos espíritos mais beligerantes, correu o

rumor de que a guarda se aproximava.

Diante dessa notícia, a turba gradualmente se dispersou. Talvez a guarda nem estivesse a caminho de lá, mas esse era o comportamento usual das hordas.

O senhor Cruncher não participou dos folguedos de encerramento do enterro, ficando para trás no cemitério, para conferenciar e apresentar seus pêsames aos agentes funerários. Aquele local exercia uma apaziguadora influência sobre ele. Procurou um cachimbo numa taberna nas vizinhanças, fumou-o e, espiando através das cercas da necrópole, meditou com maturidade.

— Jerry — murmurou para si mesmo, como fazia habitualmente —, ali jaz o tal Cly, que, como você viu naquele dia, era um homem novo e robusto.

Terminou de fumar o cachimbo, ruminou por algum tempo mais e virou-se para ir embora, refletindo que poderia retornar a seu posto no Tellson antes de o expediente se encerrar. Fosse porque sua meditação sobre a mortalidade afetou-lhe o fígado, fosse porque seu estado geral de saúde não era dos melhores, ou porque desejava prestar seus respeitos a um homem eminente, não vem ao caso, o fato é que ele fez uma curta visita a seu médico, um famoso cirurgião, no caminho de volta.

O pequeno Jerry, que substituíra o pai, como era seu dever, anunciou que “Não houve nenhum recado durante a sua ausência”. O banco fechou as portas, seus idosos funcionários saíram, o vigia instalou-se como de costume e o senhor Cruncher, levando seu filho ao lado, voltou a casa para o chá.

— Agora, mulher, vou preveni-la de uma coisa! — o senhor Cruncher disse à esposa logo ao entrar. — Se, como um honrado negociante, eu fracassar esta noite, será porque você rezou contra mim outra vez, e vou castigá-la como se a tivesse visto ajoelhada. A desalentada senhora Cruncher sacudiu a cabeça.

— Como, você já começou bem diante do meu nariz! — o senhor Cruncher acusou-a, revelando uma zangada apreensão.

— Mas eu nem disse nada.

— Nesse caso, não pense nada. Você pode rezar em pensamento. De um modo ou de outro, pare já com essa história.

— Sim, Jerry.

— “Sim, Jerry” — arremedou-a o senhor Cruncher, sentado-se para o chá. — E é assim mesmo que deve responder a seu marido. Deve sempre responder: “Sim, Jerry”.

O senhor Cruncher não tinha nenhuma intenção em particular com esses mal-humorados resmungos. Empregava-os, apenas, como as pessoas não raramente fazem, para exprimir com ironia sua insatisfação generalizada.

— Você e seu “sim, Jerry” — prosseguiu o senhor Cruncher, abocanhando um pedaço de pão com manteiga.

— Acredito muito nisso.

— Vai sair esta noite? — indagou sua decente esposa, quando ele deu outra mordida no pão.

— Vou, sim.

— Posso ir com o senhor, pai? — perguntou o filho, animadamente.

— Não, não pode. Eu vou, como sua mãe sabe, a... uma pescaria. É aonde vou. A uma pescaria.

— A sua vara de pescar se quebrou e os anzóis se enferrujaram, não é, pai?

— Não é da sua conta.

— O senhor trará peixes para casa?

— Se não trouxer, você terá pouco o que comer amanhã — retrucou o cavalheiro, balançando a cabeça. — Já chega de perguntas. Eu não sairei senão depois que você for dormir.

Ele dedicou o resto da noite a uma intensa vigilância sobre a senhora Cruncher, obrigando-a de forma rabugenta a participar da conversação, para impedi-la de meditar orações que o desfavorecessem. Com esse intento, estimulou o filho a esforçar-se também para manter a mãe entretida na conversa, e atormentou a desventurada mulher, repisando todos e quaisquer motivos de reclamação contra ela, não lhe deixando um momento para refletir. A mais devota das pessoas não teria prestado homenagem maior à eficácia de uma prece honesta do que ele, com essa desconfiança em relação à esposa. Era como se alguém que se proclamasse cético quanto à existência de almas do outro mundo se assustasse com histórias sobre fantasmas.

— E ouça bem! — bradou o senhor Cruncher. — Nada de brincadeiras, amanhã! Se eu, como um honrado negociante, conseguir comprar um pedaço ou dois de carne, não quero saber de vocês dois deixando a carne de lado para comer pão. Se eu, como um honrado negociante, tiver condições de trazer para casa um pouco de cerveja, ai de vocês se preferirem água. Quando em Roma, aja como os romanos ou se arrependerá, se não o fizer. Eu sou sua Roma, como sabe.

Após uma pausa, ele começou de novo a desfiar o rosário de queixas:

— Com essas malditas orações bem diante do nariz de seu marido! Não vê que o seu comportamento desnaturado só nos traz miséria? Olhe para o seu filho: ele é seu filho, não? Magro como um pangaré. Você se diz mãe e, no entanto, ignora que o primeiro dever das mães é engordar o filho?

Essa argumentação comoveu o pequeno Jerry, que exortou a mãe a cumprir o seu primeiro dever e, não importando tudo o mais que ela fizesse ou negligenciasse, acima de tudo e de todos, se dedicasse a essa função maternal que o pai tão afetuosa e delicadamente apontara.

Assim transcorreu o tempo no lar dos Cruncher, até que o pequeno Jerry recebeu ordens de ir para a cama, e sua mãe, submetida a injunções similares, também obedeceu. O senhor Cruncher, para burlar a vigilância mais intensa das primeiras horas da noite, fumou várias e solitárias cachimbadas e só iniciou sua expedição por volta de uma da madrugada. Ao soar essa curta e fantasmagórica hora, ergueuse da cadeira, apanhou uma chave dentro do bolso, destrancou um armário e de lá retirou um saco, uma alavanca de bom tamanho, uma corda e uma corrente, bem como alguns apetrechos de pesca dessa natureza. Dispondo esses artigos com habilidade, concedeu um olhar de desafio à senhora Cruncher, extinguiu a luz e saiu.

O pequeno Jerry, que apenas fingira despir-se quando se deitou, não tardou a sair atrás do pai. Escondido pela escuridão, seguiu-o para fora da sala e pelas escadas abaixo, seguiu-o também pelo jardim e através das ruas. Não lhe causava preocupação a maneira como tornaria a entrar em casa, pois o prédio

abrigava muitos inquilinos e, por isso, a porta permanecia entreaberta a noite inteira.

Impelido pela louvável ambição de estudar a arte e o mistério daquele honrado negócio de seu honesto pai, o pequeno Jerry, mantendo das paredes e portas das casas uma distância tão pequena quanto a existente entre seu olho direito e o esquerdo, não perdia seu honrado pai de vista. O honrado pai tomou a direção norte e ainda não tinha ido muito longe quando foi abordado por outro discípulo de Izaak Walton. A partir daí, os dois caminharam juntos.

Meia hora depois do início da excursão, já haviam deixado os baloiçantes lampiões para trás, burlando a vigilância de mais um guarda, e entraram numa estrada deserta. Outro pescador reuniu-se a eles nesse ponto, e tão silenciosamente que, se o pequeno Jerry fosse supersticioso, teria suposto que sua aparição resultara da divisão em dois do segundo adepto do manso ofício.

Os três prosseguiram, e o pequeno Jerry continuou a segui-los, até pararem diante de um barranco que se projetava para o alto. No parte mais elevada do barranco havia um muro de tijolos encimado por uma cerca de ferro. Sob a sombra do barranco e do muro, os três saíram da estrada e chegaram a um beco sem saída, do qual o muro, que aí atingia de dois a dois metros e meio de altura, constituía um dos lados. Ao espreitar o beco, acororado num canto, a primeira coisa que o pequeno Jerry avistou foi o vulto de seu honrado pai, claramente definido contra a luz nevoenta da lua, agilmente escalando um portão de ferro. Não tardou para que Cruncher alcançasse o topo, chegando a vez do segundo pescador e, na seqüência, a do terceiro. Todos pularam cautelosamente para o lado de dentro do portão e lá ficaram por alguns instantes, talvez com os ouvidos em alerta. Então, afastaram-se de rastros.

O pequeno Jerry aproximou-se do portão, sustendo a respiração. Acororando-se novamente num canto e espiando por entre as grades, percebeu que os três pescadores rastejavam pela grama espessa! E as lápides do cemitério da igreja, pois era num imenso cemitério de igreja que eles estavam, tinham o aspecto de fantasmas brancos, enquanto a própria torre da igreja afigurava o fantasma de um gigantesco monstro. Os pescadores não rastejaram muito mais antes de pararem e se erguerem. E, então, começaram a pescar.

A princípio, pescaram com uma pá. Naquele instante, o honrado pai parecia ajustar uma ferramenta semelhante a um grande saca-rolhas. Quaisquer que fossem as ferramentas que empregassem, os três trabalharam arduamente até que o lúgubre badalar do campanário assustou tanto o pequeno Jerry que ele se pôs a correr, com os cabelos tão eriçados quanto os do pai.

Contudo, seu longamente acalentado desejo de aprender mais sobre aqueles misteriosos negócios não apenas o deteve como também atraíu-o de volta a seu posto de observação. Eles ainda pescavam perseverantemente quando ele espiou por entre as grades do portão pela segunda vez. Agora, porém, pareciam ter fisgado alguma coisa. De baixo veio um ruído áspero e lamentoso, e as três figuras curvadas aparentavam tensão, como se puxassem algo pesado. Lentamente, o objeto pesado foi içado de dentro da terra e alcançou a superfície. O pequeno Jerry sabia bem do que se tratava. Ainda assim, quando pousou o olhar nele, e viu seu honrado pai a ponto de arrombá-lo, ficou tão aterrorizado,



pois era uma visão inédita, que tornou a fugir e não parou de correr senão depois de quase dois quilômetros.

Ele não teria interrompido, não fosse a necessidade de recuperar o fôlego, aquele tipo espectral de corrida que disputava, tal era sua ansiedade por cruzar a linha de chegada. Tinha a forte impressão de que o caixão que acabara de ver corria atrás dele. E imaginava-o pulando atrás de si, direito como um fio de prumo sobre a extremidade estreita, sempre prestes a alcançá-lo, a saltar a seu lado, talvez prendendo-lhe o braço. Aquele era um perseguidor que devia evitar. Era, também, um imaterial e ubíquo demônio que lhe transformou a noite num pesadelo, forçando-o a precipitar-se para a estrada, a fim de evitar as ruas escuras, temeroso de vê-lo surgir das trevas aos pulos, como um hidrópico papagaio de criança, desses feitos com papel, sem cauda nem asas. O demônio se escondia nos umbrais, esfregando seus medonhos ombros nas portas e suspendendo-os até as orelhas, como se risse. Ocultava-se nas sombras da estrada para surpreendê-lo numa emboscada. Durante todo o trajeto, pulou incessantemente em seu encaicho, avançando em sua direção de tal modo que, ao chegar a casa, o garoto tinha razões para sentir-se semimorto. E mesmo então, não o abandonou. Subiu com ele as escadas, batendo ruidosamente nos degraus, meteu-se sob as cobertas com ele e desabou, morto e pesado, sobre seu peito quando adormeceu.

De seu opressivo sono, o pequeno Jerry foi despertado, no diminuto quarto, naquele momento intermediário entre a aurora e o nascer do sol, pela presença de seu pai no outro cubículo. Algo dera errado para ele. Ao menos, assim inferiu o pequeno Jerry do fato de o pai, segurando a senhora Cruncher pelas orelhas, bater-lhe a cabeça contra a cabeceira da cama.

— Eu avisei que a castigaria — bradou o senhor Cruncher — e a estou castigando.

— Jerry, Jerry, Jerry! — a mulher implorava.

— Você se opôs ao êxito dos meus negócios — acusou-a Jerry — e, por sua causa, eu e meus sócios sofremos. Você me devia honrar e obedecer. Por que diabos não o faz?

— Eu tento ser uma boa esposa, Jerry — a pobre protestou, em lágrimas.

— E ser uma boa esposa significa opor-se aos negócios do marido? Desonrar-lhe os negócios é honrar o marido? Por acaso desobedecer ao marido é o mesmo que desobedecer-lhe em assuntos tão vitais?

— Quando lhe jurei obediência, você ainda não se dedicava a esse terrível negócio, Jerry.

— É bastante para você — retorquiu com maus modos o senhor Cruncher — ser a esposa de um honrado negociante e não ocupar sua mente feminina com reflexões sobre o trabalho do marido. Uma esposa obediente deixaria os negócios por conta dele. Você se considera uma mulher religiosa? Pois então, prefiro uma que não o seja! Você tem tanto senso de dever quanto o leito do Tâmisia tem consciência de uma pedra que se atire nele, e que deveria, igualmente, ser atirada em você.

A alteração foi conduzida em tom baixo e terminou quando o honrado negociante chutou longe as botas enlameadas e estendeu-se no chão. Depois de

timidamente espiar o pai, deitado de costas, com as mãos sujas de terra e ferrugem sob a cabeça à guisa de travesseiro, o filho também se deitou e tornou a dormir.

Não houve peixe no café da manhã. Na verdade, não houve praticamente nada. O senhor Cruncher, deprimido e mal-humorado, manteve junto de si uma tampa de panela de ferro, como um projétil para lançar sobre a senhora Cruncher, como corretivo, caso ela manifestasse algum sintoma de sua mania por rezas. Ele se lavara e escovara na hora habitual, e, na hora habitual, saiu com o filho para se dedicar à sua ocupação não secreta.

O pequeno Jerry, caminhando com o tamborete debaixo do braço ao lado do pai pela ensolarada e apinhada rua Fleet, parecia muito diferente do pequeno Jerry que, na noite anterior, correria para casa, sozinho sob as trevas, fugindo de seu cruel perseguidor. Sua malícia estava fresca como o dia, havendo seus receios desaparecido com a noite, e, neste particular, não era improvável que tivesse companheiros na rua Fleet e na cidade de Londres, naquela adorável manhã.

— Pai — disse o pequeno Jerry, enquanto andavam, tomando cuidado para manter-se a um braço de distância dele e escudando-se com o tamborete —, o que é um ressurrecionista?

O senhor Cruncher estacou na calçada antes de responder:

— Como vou saber?

— Pensei que o senhor soubesse tudo, pai — replicou o ingênuo garoto.

— É... bem! — o senhor Cruncher pigarreou, retomando a caminhada e tirando o chapéu para libertar os cabelos espetados. — É um negociante.

— E ele negocia que mercadorias, pai? — indagou o curioso menino.

— Suas mercadorias — ripostou o senhor Cruncher, depois de meditar sobre o assunto — destinam-se a um ramo da ciência.

— Cadáveres, não é, pai? — inquiriu o vivaz moleque.

— Acredito que seja alguma coisa desse gênero — admitiu o senhor Cruncher.

— Oh, papai, quando eu crescer, quero ser um ressurrecionista! O senhor Cruncher sentiu-se aliviado, mas balançou a cabeça, com um ar incerto e moralista.

— Isso dependerá de como você desenvolve seus talentos. Desenvolva-os com todo o empenho e jamais diga a ninguém mais do que permite a prudência. Por ora, é melhor não revelar planos que talvez não se concretizem.

Quando o pequeno Jerry, assim encorajado, adiantouse alguns metros para instalar o tamborete sob a sombra de Temple Bar, o senhor Cruncher acrescentou para si mesmo: “Jerry, seu honrado negociante, há esperanças de que esse garoto venha a ser uma bênção para você, e uma recompensa por suportar-lhe a mãe”.

## CAPÍTULO XV

### O TRICÓ

Começou-se a beber mais cedo do que o usual na taberna de *monsieur* Defarge. Desde as seis horas da manhã, os rostos macilentos que espreitavam pelas grades das janelas avistavam outros rostos lá dentro, inclinando-se sobre copos de vinho. *Monsieur* Defarge vendia sempre um vinho ordinário, mesmo nos melhores tempos, mas nunca tão ruim como naquela época. Era um vinho azedo, a julgar pelo azedume que infundia naqueles que o bebiam. Nenhuma viva chama dionisiaca crepitava no mosto do vinho de *monsieur* Defarge.

Em vez disso, ocultava-se em sua borra um fogo ardente, que queimava nas trevas.

Aquela era a terceira manhã consecutiva em que se começava cedo a beber na taberna de *monsieur* Defarge. Isso tivera início na segunda-feira e já era quarta-feira. Na verdade, os fregueses iam ali mais para meditar do que para beber, pois a maioria dos homens havia ouvido e cochichado e se movido furtivamente pela taberna desde o momento em que se abriram as portas; homens que não teriam podido deixar uma moeda no balcão mesmo que fosse para salvar a própria alma, mas que se mostravam interessados pelo lugar como se pudessem ordenar barris inteiros de vinho. E passavam de uma mesa para a outra, de um canto para o outro, sorvendo palavras em vez de vinho, com um ar cobiçoso.

Apesar de tão extraordinária freguesia, o dono da taberna não estava presente. Mas não lhe sentiram a falta, já que nenhum dos que cruzaram a soleira da porta o procurou, nem perguntou por ele e tampouco se admirou por ver somente madame Defarge em sua cadeira, presidindo à distribuição de vinho, tendo ao lado uma tigela cheia de moedinhas amassadas e sujas, com a effigie tão apagada quanto o esmaecido cunho de humanidade daqueles de cujos bolsos haviam saído.

Um súbito desinteresse e um aspecto distraído eram talvez observados pelos espíões que se introduziram na taberna Defarge como, de resto, faziam em toda a parte, dos melhores lugares aos piores, desde o palácio do rei até o cárcere dos criminosos. Os jogos de cartas se prolongavam, jogadores de dominó divertiam-se construindo torres com as pedras, os que bebiam traçavam cifras sobre as mesas aproveitando as gotas de vinho derramadas. Madame Defarge, apoiada no balcão, produzia o desenho de suas mangas com a ponta de um palito, vendo e ouvindo coisas muito distantes, invisíveis e inaudíveis para os fregueses.

Assim se passou a manhã de Santo Antônio. Já era meia-dia quando dois

homens empoeirados entraram pelas ruas do bairro, passando sob a fileira de lâmpões que se balançavam na corda. Um deles era *monsieur* Defarge. O outro, um reparador de estradas que trazia na cabeça um barrete azul. Sedentos e cobertos de pó, entraram na taberna.

Sua chegada acendera uma espécie de fogo no coração de Santo Antônio, que rapidamente se espalhou à medida que os dois avançaram pelas ruas, suas chamas aticando-se e tremulando nos rostos por trás das janelas e portas. Contudo, ninguém os seguiu e nenhuma palavra foi pronunciada quando eles entraram na taberna, conquanto os olhos de cada um dos homens se voltassem para fitá-los.

— Bom dia, cavalheiros! — cumprimentou *monsieur* Defarge.

A saudação funcionou como uma espécie de sinal para que as línguas se soltassem, provocando uma resposta em coro:

— Bom dia!

— O tempo está péssimo, cavalheiros — Defarge observou, sacudindo a cabeça.

Diante disso, cada homem olhou para seu vizinho e todos baixaram a cabeça, calados. Todos, com exceção de um, que se levantou e saiu da taberna.

— Mulher — disse Defarge em voz alta, dirigindo-se à madame Defarge —, viajei muitas léguas com esse bom reparador de estradas. Chama-se Jacques. Encontrei-o durante a jornada, por acaso, a um dia e meio de Paris. É um bom rapaz, esse reparador de estradas chamado Jacques. Sirvalhe algo para beber, mulher!

Outro homem, então, ergueu-se e saiu da taberna. Madame Defarge colocou um copo cheio diante do reparador de estradas chamado Jacques, que tirou o barrete e bebeu um trago de vinho. No interior de sua camisa, ele carregava uma côdea de pão preto. Comeu-a aos poucos, sentando-se junto de madame Defarge, mastigando e tomando longos goles de vinho. Um terceiro indivíduo se levantou e saiu como os outros dois.

Defarge também se refrescou com um trago de vinho — serviu-se, porém, de menos do que fora ofertado ao forasteiro, já que, para ele, a bebida não era uma raridade — e permaneceu de pé, esperando que o companheiro terminasse seu almoço. Não olhava para ninguém e ninguém olhava para ele, nem mesmo madame Defarge, que retomara seu tricô.

— Acabou seu repasto, amigo? — ele perguntou, quando viu que não havia mais pão.

— Sim, obrigado.

— Então, siga-me. Verá o quarto que eu lhe disse que poderia ocupar. Acho que lhe convém perfeitamente.

Sairam para a rua, dirigiram-se ao pátio, de lá subiram pela escada íngreme e encontraram-se finalmente num sótão onde outrora havia um homem de cabelos brancos, que costumava sentar-se num banco baixo, inclinado para a frente, empenhado na manufatura de sapatos.

Agora não se via nenhum homem de cabelos brancos ali, mas sim os três indivíduos que tinham saído da taberna, cada qual por seu turno. Entre eles e o homem de cabelos brancos, que estava tão distante, existia apenas um pequeno

elo, constituído pelo fato de que os três rapazes certa vez o haviam espreitado pelas frestas da parede.

Defarge fechou a porta cuidadosamente e disse em voz baixa:

— Jacques primeiro, Jacques segundo, Jacques terceiro, esta é a testemunha localizada por mim, Jacques quarto. Ele lhes contará tudo. Fale, Jacques quinto.

O reparador de estradas enxugou o suor da testa com o barrete azul e indagou:

— Por onde deverei começar, *monsieur*?

— Comece pelo começo — foi a ponderada resposta de Defarge.

— Vi-o então, *messieurs* — principiou o reparador de estradas —, um ano antes do verão corrente, sob a carruagem do marquês, pendurado numa corrente. Exatamente deste jeito como lhes mostro. Eu já ia deixar o trabalho, o sol se deitava, a carruagem do marquês subia a colina devagar, e ele arrastado pela corrente, desta maneira.

Mais uma vez, o reparador de estradas exibiu o número completo de seu espetáculo. No qual decerto já atingira a perfeição, pois sua pantomima representara a única fonte de indispensável entretenimento do vilarejo ao longo do ano.

Jacques primeiro interrompeu-o para inquirir se havia visto o homem antes.

— Nunca — respondeu o reparador de estradas, retornando à posição perpendicular. Jacques terceiro quis saber como o reconheceu, mais tarde.

— Por sua elevada estatura — replicou o reparador de estradas com simplicidade, tocando a ponta do nariz com o dedo. — Quando *monsieur* marquês me perguntou aquela noite: “Como era ele?”, eu respondi: “Alto como um fantasma”.

— Podia ter dito que era pequeno como um anão — interveio Jacques segundo.

— Que sabia eu? A coisa não estava feita ainda, nem ele confiava em mim. Observe que, naquelas circunstâncias, nem sequer ofereci meu testemunho. *Monsieur* marquês apontou-me com o dedo, eu estava perto da pequena fonte, e esbravejou: “Traga-me aqui aquele sujeito!” Juro-lhes, *messieurs*, que tive de obedecer, mas não lhe ofereci nada.

— Ele está certo, Jacques — murmurou Defarge ao que aparteara. — Continue!

— Ótimo! — exclamou o reparador de estradas com ar de mistério. — O homem alto fugira e deram-lhe busca... há quantos meses? Nove, dez, onze?

— O número não importa — disse Defarge. — Ele estava bem escondido, mas, infelizmente, acabaram por encontrá-lo. Adiante!

— Bem. Estou eu de novo trabalhando no alto da colina e o sol se deitando outra vez. Guardo as ferramentas para descer até minha casa na aldeia, onde já escureceu, quando levanto os olhos e vejo seis soldados subindo o morro. No meio deles segue um homem alto, com os braços amarrados ao lado do corpo, assim.

Com o auxílio do indispensável barrete, imitou o homem com os cotovelos bem presos aos quadris por cordas atadas com nós nas costas.

— Eu me escondi, *messieurs*, atrás da minha pilha de pedras, para ver os

soldados e seu prisioneiro passarem, pois é uma estrada tão deserta que qualquer coisa serve de distração, e, a princípio, quando se aproximavam, só pude constatar que eram seis soldados levando um homem alto amarrado. Pareciam quase negros para a minha vista, exceto do lado onde o sol se deitava, onde tudo se avermelhava, *messieurs*. Vi, também, que as suas sombras se alongavam pelo lado oposto da estrada e subiam a colina, como sombras de gigantes. Reparei depois que estavam cobertos de pó e que a poeira do caminho se movia com eles à medida que marchavam. Mas, quando chegaram bem perto de mim, reconheci o homem alto e ele me reconheceu também. Ah, como o homem teria ficado contente se tivesse descido a encosta como naquela tarde em que o encontrei, quase no mesmo lugar.

O camponês descrevia a cena como se a tivesse diante dos olhos, o que evidenciava que observara tudo de maneira vívida. Talvez ele não houvesse visto muitas coisas em sua vida.

— Não demonstrei aos soldados que conhecia o homem alto, nem ele mostrou reconhecer-me. Mas nós nos reconhecemos, sabíamos disso e nos comunicamos através dos olhos. “Vamos”, ordenou o chefe da companhia, indicando a aldeia, “levem-no depressa à sua sepultura”, e os soldados apressaram a marcha. Eu os segui. Os braços do prisioneiro tinham inchado porque as cordas estavam muito apertadas; seus sapatos de madeira eram grandes e pesados e faziam-no coxear. Como coxear, ia mais devagar, e, por isso, os soldados o empurravam com as armas, assim! E imitou os movimentos de um homem sendo impelido para a frente pelos cabos de arcabuzes.

— Quando desciam a colina correndo como loucos, ele caiu. Os soldados riram e o puseram de pé outra vez. A poeira grudara-se em seu rosto ensangüentado, mas o homem não podia limpá-lo. Então, riram de novo. Chegaram finalmente à aldeia. Todo o mundo correu para ver. Passaram pelo moinho e subiram até a prisão. O vilarejo inteiro presenciou o portão abrir-se para o negrume da noite e tragá-lo, assim!

O aldeão escancarou a boca o mais que pôde e fechou-a em seguida, rangendo sonoramente os dentes. Notando que ele não queria abrir a boca para não estragar o efeito da pantomima, Defarge instou:

— Prossiga, Jacques.

— Toda a aldeia — continuou o reparador de estradas, baixando a voz e pisando na ponta dos pés —, toda a aldeia rumou para a fonte; toda a aldeia cochichou; depois, toda a aldeia dormiu e sonhou com o infeliz trancafiado atrás das grades da prisão no desfiladeiro, de onde não sairia senão para morrer. Na manhã seguinte, quando ia para o trabalho com as ferramentas sobre o ombro e comendo a minha fatia de pão preto pelo caminho, dei uma volta pelo cárcere. Lá o vi, bem no alto, atrás das barras de uma gaiola de ferro, ensangüentado e empoeirado como na noite anterior, olhando para mim. Tinha ainda os braços atados e não pôde fazer-me um aceno. Seus olhos me fitaram como os de um morto.

Defarge e os outros três trocaram olhares sombrios. Durante a narrativa do camponês, o semblante de cada um mostrava-se soturno, contido e vingativo. A atitude de todos, agora que estavam protegidos pelo sigilo, era autoritária.

Ostentavam o aspecto de juizes implacáveis. Jacques primeiro e Jacques segundo estavam sentados sobre a enxerga, com o queixo apoiado na mão. O terceiro, não menos atento, ajoelhado por detrás, acariciava com os dedos crispados os lábios e o nariz. Defarge, de pé entre os três e o narrador, que se colocara perto da janela, olhava ora para este, ora para os outros.

— Continue, Jacques — insistiu Defarge.

— Ele ficou lá, em sua gaiola de ferro, por alguns dias. O povo da aldeia o espiava de longe, porque tinha medo. Mas sempre espiava a distância a prisão sobre o penhasco. Ao anoitecer, terminada a tarefa do dia, nós nos reuníamos na fonte e todos os rostos se voltavam para o cárcere. Antes, eles se voltavam para a casa da posta, agora, para o cárcere. Tagarelava-se muito ao redor da fonte. Uns diziam em voz baixa que ele não seria executado; diziam que haviam sido apresentadas petições, provando que enlouquecera com a morte do filho; diziam até mesmo que uma dessas petições havia chegado às mãos do próprio rei. Que sei eu? É possível. Talvez sim, talvez não.

— Então, ouça, Jacques — interpôs o número um do nome severamente imposto: — Saiba que uma das petições foi apresentada ao rei e à rainha. Todos nós, com exceção de você, vimos o rei recebê-la, na sua carruagem, ao lado da rainha. Foi Defarge quem, pondo em risco a vida, lançou-se na frente dos cavalos com a petição nas mãos.

— E mais uma vez, ouça, Jacques — aparteu o Jacques que estava ajoelhado atrás dos companheiros, seus dedos vagando de um lado para o outro convulsivamente, com avidez, como se buscassem alguma coisa que nada tinha a ver com comida ou bebida —, a guarda real com seus cavalos e pés cercou-o e o agrediu. Está ouvindo, Jacques?

— Estou sim, *messieurs*.

— Então, continue — interveio Defarge.

— Nas conversas da fonte — prosseguiu o camponês —, havia outros que diziam que ele fora trazido à aldeia a fim de ser levado à morte no mesmo local do crime, e que certamente seria executado. Comentavam até que, por ter assassinado *monseigneur* e sendo *monseigneur* o pai de seus feudatários, ou servos, como preferirem, seria executado na qualidade de parricida. Um dos velhos do vilarejo afirmou que a mão direita do prisioneiro, armada com o punhal, seria queimada sob a vista dele. Em seguida, nas feridas que lhe fariam nos braços, peito e pernas, derramariam azeite fervente misturado com chumbo derretido, resina, cera e enxofre, e finalmente o esquartejariam com a ajuda de quatro cavalos fortes. Segundo o velho, tudo isso fora feito com um homem que atentara contra a vida do rei Luís XV. Mas como eu poderia saber se estava mentando, se não sou letrado?

— Nesse caso, ouça ainda uma vez, Jacques — replicou o homem da mão irrequieta e de aspecto ávido. — O nome do prisioneiro era Damiens e o executaram desse modo em plena luz do dia, nas ruas desta cidade de Paris.

E nada foi mais notado, na vasta platéia que assistiu ao espetáculo, do que a multidão de damas distintas e elegantes que permaneceram ali, atentas, até o final, até o final Jacques, quando já a noite caía e ele, tendo perdido as duas pernas e um braço, ainda respirava! Isso aconteceu há... qual é a sua idade?

— Trinta e cinco anos — respondeu o reparador de estradas, que aparentava sessenta.

— Isso aconteceu quando você contava mais de dez anos. Podia ter assistido.

— Basta! — gritou Defarge, impaciente. — Com os diabos! Continue.

— Está bem. Uns cochichavam isto, outros cochichavam aquilo. Não se falava de outra coisa. Até a fonte parecia murmurar sobre o caso. Por fim, numa noite de domingo, quando toda a aldeia dormia, vários soldados desceram da prisão arrastando as armas pelas pedras da pequenina rua. Lavradores cavaram, os carpinteiros manejaram suas ferramentas, os soldados riram e cantaram. De manhã, junto à fonte, erguia-se uma forca de doze metros de altura, envenenando-lhe a água.

O reparador de estradas olhou *através* do teto do sótão, e não *para* ele, e apontou como se avistasse a forca em algum ponto do céu.

— Toda a atividade cessou. Ninguém levou as vacas para o pasto e estas ficaram ali com as pessoas reunidas em torno da fonte. Ao meio-dia, ouviu-se o rufar de tambores. Os soldados, que haviam marchado de volta para a prisão durante a madrugada, retornavam com o condenado. Ele vinha amarrado como antes, e em sua boca havia uma mordaca apertada de tal forma que ele parecia rir — o camponês fez a mímica, pagueando as faces com os polegares dos cantos da boca às orelhas. — No alto da forca, tinham colocado o punhal, com a lâmina virada para cima, com a ponta para o ar. Ele foi enforcado ali, a doze metros de altura, e lá ficou pendurado, envenenando a água da fonte.

Os quatro ouvintes olharam uns para os outros, enquanto o reparador de estradas usava o barrete azul para enxugar o rosto, que se banhara de suor quando ele recordou o espetáculo.

— É assustador, *messieurs*. Como podem as mulheres e as crianças tirar água da fonte? Quem consegue conversar ao anoitecer, sob a sombra do enforcado? Sob aquela sombra, compreendem? Quando deixei o vilarejo, segunda-feira à tarde, o sol se deitava. Chegando ao alto da colina, volvei o rosto e vi a sombra sobre a igreja, sobre o moinho, sobre o cárcere. Parecia alcançar, *messieurs*, até o ponto onde a terra se junta com o céu.

O homem faminto roía as unhas, fitando os companheiros, e os seus dedos crispavam-se com a avidez que o devorava.

— Isso é tudo, *messieurs*. Saí da aldeia ao pôr-do-sol, como me haviam instruído, e andei durante toda a noite e metade do dia seguinte, até que encontrei esse camarada, como me avisaram que encontraria. Junto com ele, continuei o caminho, ora a pé, ora a cavalo, pelo resto do dia de ontem e pela noite passada. E aqui estou!

Depois de um lúgubre silêncio, o primeiro Jacques observou:

— Muito bom! O senhor contou e representou com fidelidade. Poderia sair e esperar por nós do lado de fora da porta um momento?

— Com prazer — replicou o reparador de estradas, a quem Defarge acompanhou até o topo da escada, deixou-o lá sentado e regressou. Os outros três se haviam levantado e conversavam, bem próximos, quando Defarge entrou.

— Que lhe parece, Jacques? — perguntou o número um. — Deve ser registrado?



— Deve, sim — respondeu o taberneiro. — Como condenação à destruição.

— Magnífico! — cacarejou o homem ávido.

— O castelo e toda a família? — indagou Jacques primeiro. — O castelo e toda a família — retorquiu Defarge. —

Exterminio. O homem faminto repetiu, num cacarejo extasiado:

— Magnífico! — roendo as unhas da outra mão.

— Tem certeza — inquiriu o segundo Jacques a Defarge

— de que nosso modo de manter os registros não nos trará nenhum problema? Sem dúvida, o método é seguro, pois ninguém, além de nós, pode decifrar os registros. Mas... será que saberemos sempre decifrá-los... será que ela conseguirá?

— Jacques — replicou Defarge com orgulho —, se madame, minha esposa, foi capaz de memorizar cada registro, ela não perderá uma só palavra, nem uma sílaba sequer. Gravados nos pontos de tricô em símbolos que ela mesma criou, serão para madame claros como o sol. Confie em madame Defarge. É mais fácil o último dos covardes apagar sua própria existência do que apagar-se da malha de minha mulher uma letra do seu nome ou da lista dos seus crimes. Um murmúrio de aprovação e confiança acolheu essas palavras, e o homem ávido indagou:

— Devemos mandar logo esse camponês de volta ao vilarejo? Espero que sim. Ele é muito simplório. Não seria um tanto perigoso?

— O homem não sabe de nada — ponderou Defarge —. Ao menos, nada além do que poderia facilmente içá-lo para uma força da mesma altura que descreveu. Encarrego-me dele. Deixe-o comigo. Tomarei conta do pobre diabo e o mandarei embora quando convier. Ele deseja ver o rei, a rainha e toda a corte. Proponho-me a dar-lhe esse prazer no domingo.

— O quê? — exclamou o homem ávido, arregalando os olhos. — Não seria um mal sinal, esse desejo de ver a realeza e a nobreza?

— Jacques — disse Defarge —, se quer que um gato tenha sede, acene-lhe com leite; e ponha um cão diante da presa, se quiser que ele a ataque um dia.

Nada mais foi dito. Ao saírem, encontraram o camponês cochilando no topo da escada. Aconselharam-no a ir deitar-se na enxerga para repousar. O homem não necessitava de persuasão e logo caiu num sono profundo.

Havia em Paris alojamentos piores do que a taberna de Defarge para um escravo tacanho como aquele. Exceto por um misterioso receio de madame Defarge, que o assombrava constantemente, a nova vida do reparador de estradas agradava-o plenamente. Entretanto, a dona da casa permanecia o dia inteiro na taberna sem lhe prestar a menor atenção, tão determinada a não perceber que a presença dele ali tivesse conexão com qualquer coisa oculta sob a superfície, que ele estremecia em seus sapatos de madeira sempre que seus olhos se fixavam nela. Refletia com seus botões que era impossível prever o que a dama simularia em seguida e convencera-se de que, se lhe desse na cabeça afirmar que o tinha visto matar e esfolar alguém, não vacilaria em coisa alguma até o fim e continuaria a afirmar o mesmo até vê-lo enforcado.

Assim, pois, quando chegou o domingo, o reparador de estradas não ficou satisfeito, embora declarasse o contrário, ao descobrir que madame Defarge os

acompanharia a Versalhes Era desconcertante ter a seu lado, durante todo o caminho, uma mulher tricotando ininterruptamente em público; e ainda mais desconcertante era aquele tricô nas mãos dela no meio da multidão que esperava para ver a chegada do rei e da rainha.

— A senhora trabalha bastante — observou um homem que estava por perto.

— Sim — respondeu madame Defarge —, tenho muito o que fazer.

— Que tipo de malhas a senhora tece?

— Vários tipos.

— Quais?

— Por exemplo — ripostou madame Defarge, tranqüilamente —, mortaldas.

O homem afastou-se assim que pôde, e o reparador de estradas começou a abanar-se com o barrete azul, sentindo o tempo subitamente quente e opressivo. Se ele precisava de um rei e uma rainha para restabelecer-se, teve sorte em encontrar o remédio à mão, pois, pouco depois, o rei com uma grande mandíbula e a rainha com um belo rosto chegaram em sua carruagem dourada, escoltados pelo resplandecente “Olho de Boi” de sua corte, uma cintilante multidão de damas sorridentes e lordes elegantes. Diante de tantas jóias e tanta seda, de tantas figuras empoadas, esplendorosas, luxuosamente trajadas, e dos rostos belos e desdenhosos dos nobres de ambos os sexos, o camponês ficou a tal ponto entusiasmado que, no meio da sua exaltação, ergueu vivas ao rei, à rainha, aos grandes senhores, a tudo e a todos, como se não tivesse ouvido os estranhos Jacques. Em seguida, admirando os jardins, as galerias, os terraços, as fontes e os bancos de relva e contemplando novamente o rei, a rainha e toda a comitiva, tornou a erguer vivas, ficando tão comovido que desatou a chorar. Durante três horas, ele gritou e soluçou como criança. Defarge segurava-o pelo colarinho, como para evitar que, levado por tão grande arrebatamento, ele se atirasse sobre os objetos daquela devoção momentânea, rompendo-os em pedaços.

— Bravo! — elogiou o taberneiro, batendo-lhe no ombro, quando o espetáculo terminou. — Você é um bom rapaz.

O reparador de estradas, voltando a si, ficou confuso, julgando ter cometido um erro ao entregar-se àqueles arroubos. Mas, não... não cometera nenhum erro.

— Você é o companheiro que desejávamos — murmurou-lhe Defarge ao ouvido. — Fez os idiotas pensarem que isso durará para sempre. Contudo, a insolência deles está no fim.

— Ei! — exclamou o reparador de estradas com ar pensativo. — É verdade.

— Esses tolos não desconfiam de nada. Enquanto desprezam o ar que você respira, e o impediriam de respirar para sempre, não só a você, mas a todos da sua espécie, preferindo a morte de cem pessoas de sua classe à morte de um de seus cavalos ou cães, eles só sabem o que o seu bafejo lhes conta. Que essas manifestações os enganem. Não os enganarão por muito tempo mais.

Madame Defarge olhou para o hóspede com ar de superioridade e inclinou a cabeça em confirmação.

— Quanto ao senhor — ela comentou —, creio que gritará e chorará por qualquer coisa colorida e ruidosa. Estou enganada? Diga!

— Para falar a verdade, madame, acho que tem razão. No momento.

— Se lhe apontassem uma porção de bonecas, para que as fizesse em pedaços e as despojasse para seu proveito, o senhor escolheria a mais brilhante e a mais rica. Não é?

— Decerto, minha senhora.

— E se o pusessem diante de um bando de pássaros que não pudessem voar e o mandassem arrancar-lhes a plumagem para seu proveito, o senhor escolheria os que tivessem a plumagem mais vistosa. Não é?

— É fato, minha senhora.

— Pois o senhor viu aqui magníficas bonecas e pássaros de rica plumagem — declarou madame Defarge, indicando o lugar onde acabara de ser representado o espetáculo. — Agora, volte para casa!

## CAPÍTULO XVI

### MADAME DEFARGE CONTINUA A TRICOTAR

Enquanto madame Defarge e *monsieur* seu marido regressavam amistosamente ao coração de Santo Antônio, uma mancha com um barrete azul se movia por entre as sombras e pela poeira, descendo as intermináveis alamedas na beira da estrada, lentamente rumando para o ponto em que o castelo de *monsieur* marquês, agora em seu túmulo, ouvia as árvores farfalhantes. Tão vastas horas possuíam as faces pétreas para escutar as árvores e a fonte que os poucos espantalhos da aldeia que, em busca de ervas para comer e pedaços de lenha para queimar, extraviavam-se na direção do castelo e se viam diante do grande pátio e da escadaria de pedra, julgavam perceber, em seu desvario de fome, que as faces se haviam alterado. Acabara de correr no vilarejo o rumor, que teve ali uma vida tão débil e curta quanto a dos aldeões, de que, quando a faca matou o dono do castelo, a expressão daquelas faces deixou de ostentar orgulho para mostrar raiva e dor. Também se dizia que, no dia em que o infeliz fora pendurado na forca de doze metros de altura erguida ao lado da fonte, sua expressão tornara a mudar, passando a exibir, desse momento em diante, um ar cruel de vingança cumprida. Na pétrea face sobre a grande janela do aposento onde o assassinato fora perpetrado, percebiam-se duas rugas profundas que lhe sulcavam o nariz, as quais, até então, ninguém havia notado; e, nas raras ocasiões em que dois ou três camponeses maltrapilhos emergiam da multidão para espiar apressadamente o rosto petrificado de *monsieur* marquês, estes logo fugiam espavoridos por entre as folhas e o musgo, como as lebres mais afortunadas que conseguiam viver ali, e tão rápido que um dedo descarnado não lhes teria apontado na direção por um minuto sequer.

Castelos e cabanas, pétreas máscaras e esqueleto de enforcado, manchas de sangue nas pedras do chão, água pura do poço da aldeia, milhares de acres de terra, toda uma província da França, a própria França, jaziam sob o céu noturno, condensados numa única e frágil linha. Assim o mundo inteiro, com sua grandeza e insignificância, jaz numa estrela tremeluzente. Do mesmo modo como o simples conhecimento humano é capaz de decompor um raio de luz e analisar-lhe a estrutura, assim também as inteligências mais sublimes podem ler, no flébil cintilar desta nossa Terra, cada pensamento e ato, cada vício e virtude de cada criatura que o concebeu.

Os Defarge, marido e mulher, chegaram, sacolejando sob as estrelas na carruagem pública, àquele portão de Paris ao qual sua jornada naturalmente conduzia. Houve a parada habitual na barreira, e as habituais lanternas iluminaram-lhes os rostos para a habitual inspeção e interrogatório.

Defarge desceu da carruagem, pois conhecia um ou dois dos soldados da guarda e um agente de polícia, com quem mantinha tão íntima amizade que o abraçou afetuosamente.

Quando o bairro de Santo Antônio envolveu novamente o casal Defarge em suas sombrias asas, e eles, tendo finalmente desembarcado perto dos limites do Santo, faziam a pé o último trecho do percurso pela lama e detritos das ruas, madame Defarge indagou ao marido:

— Diga, meu amigo, o que o Jacques da polícia lhe contou?

— Bem pouco, esta noite, mas era tudo quanto sabia. Há outro espião comissionado para o nosso bairro. Ele imagina que haja muitos mais, porém não conhece nenhum outro.

— É... — suspirou madame Defarge, erguendo as sobrancelhas com um frio ar de negócios. — É necessário registrá-lo. Como chamam esse homem?

— É um inglês.

— Tanto melhor. Qual o nome?

— Barsad — informou o taberneiro, afrancesando o nome. Contudo, tivera tanto cuidado para entendê-lo com precisão que pôde soletrá-lo com uma exatidão perfeita.

Barsad — ecoou madame. — Bom. Nome de batismo?

— John.

— John Barsad — repetiu a mulher, depois de murmurá-lo para si mesma. — Sabem que aparência tem?

— Idade, em torno de quarenta anos; altura, cerca de um metro e setenta e cinco; cabelos negros, pele amorenada; em termos gerais, mais para bonito do que para feio; olhos escuros, rosto fino, comprido e pálido; nariz aquilino e ligeiramente torto, com uma tendência peculiar a inclinar-se para a bochecha esquerda; fisionomia sinistra.

— Por Deus. É um verdadeiro retrato! — exclamou madame, rindo. — Será registrado amanhã.

Entraram na taberna, que estava fechada, pois já era meia-noite. Madame Defarge imediatamente assumiu seu posto atrás do balcão, contou as poucas moedas que haviam sido recebidas na sua ausência, conferiu o estoque, examinou as anotações no livro-caixa, acrescentou outras, interrogou o empregado de todas as formas possíveis e finalmente dispensou-o para que se recolhesse. Então, esvaziou pela segunda vez o jarro que continha as pequenas moedas e amarrou-as num lenço, numa corrente de nós separados, para guardá-las com maior segurança durante a madrugada. Nesse ínterim, Defarge, com o cachimbo na boca, andava de um lado para o outro, admirando-a complacentemente e em momento algum interferindo. Era, na verdade, com essa postura de não interferência, no que se referia tanto aos negócios quanto aos assuntos domésticos, que ele caminhava de um lado para o outro pela vida.

A noite estava quente e a taberna, fechada e cercada por tão imunda vizinhança, cheirava mal. O olfato de *monsieur* Defarge não era nem um pouco aguçado, porém o estoque de vinho apresentava um odor mais forte do que o usual, o mesmo ocorrendo com o de rum, o de conhaque e o de anis. Soltando uma baforada, espantou o fedor para longe e desfez-se do cachimbo apagado.

— Você está fatigado — declarou madame, levantando os olhos enquanto amarrava o dinheiro. — É o mesmo cheiro de todos os dias. Não há outro.

— É, estou um pouco cansado — admitiu o marido.

— E um pouco deprimido, também — prosseguiu madame, cujos olhos argutos jamais se concentraram com tanta intensidade nas contas, embora se desviassem uma vez ou duas para ele. — Oh, os homens, os homens!

— Mas, minha querida... — principiou Defarge.

— “Mas, minha querida”! — ecoou madame, balançando a cabeça com firmeza. — “Mas, minha querida”! Você está medroso, esta noite, meu caro!

— E por que não? — confessou Defarge, num impulso de franqueza. — Está demorando demais!

— Está demorando demais — madame repetiu. — E quando é que não demora? A vingança exige tempo. É a regra.

— Não demora nada para um raio aniquilar um homem! — replicou Defarge.

— Mas quanto tempo é preciso — inquiriu madame, pausadamente — para se formar a tempestade? Diga-me.

Defarge ergueu a cabeça pensativamente, como se aquele ponto merecesse uma profunda reflexão.

— Não demora muito — continuou madame — para um terremoto tragar uma cidade. É... bem! Sabe dizer-me quanto tempo é necessário para preparar um terremoto?

— Um longo período, suponho — ripostou o taberneiro.

— Entretanto, quando está pronto, destrói tudo o que existe à sua frente. Não esqueça, contudo, que seus preparativos foram demorados e silenciosos. Ninguém os viu nem ouviu. Que isso lhe sirva de consolo. Deu mais um nó no lenço, com os olhos cintilando, como se tivesse acabado de estrangular um inimigo.

— Eu lhe garanto — prosseguiu, estendendo a mão como para enfatizar as palavras — que, malgrado se demore na estrada, *está* na estrada e a caminho. Fique certo de que nunca retrocede, nunca pára, mas avança sempre. Olhe em tor-no, considere as vidas em todo o mundo que conhecemos, considere as faces em todo o mundo que conhecemos, considere a raiva e a insatisfação aos quais a Jacquerie se dirige com mais e mais convicção a cada hora. Acha que essa situação pode durar muito mais? Bah! Seu desânimo me faz rir!

— Minha corajosa esposa — retrucou Defarge, detendo-se diante dela com a cabeça ligeiramente curvada e as mãos cruzadas atrás das costas, como um catecúmeno dócil e atento perante seu catequista —, não questiono nada do que disse. Mas a espera tem sido demasiada longa, e é possível... você sabe, minha esposa, que é possível... que jamais aconteça durante nossas vidas.

— Ora... e daí? — inquiriu madame, fazendo outro nó como se estrangulasse outro inimigo.

— Bem! — exclamou Defarge, sacudindo os ombros com ar de lamento e desculpa. — Não testem unharemos o triunfo.

— Mas teremos participado dele — argumentou madame, estendendo a mão energicamente. — Nada do que fizermos será em vão. Acredito

firmemente que testemunharemos o triunfo. Entretanto, mesmo que tal não ocorra, e até se tivesse certeza de que não ocorreria, mostre-me o pescoço de um aristocrata, de um tirano, e, ainda assim, eu... Então, madame, rangendo os dentes, amarrou um nó verdadeiramente terrível.

— Espere! — bradou Defarge, corando um pouco como se a esposa o houvesse acusado de covardia. — Eu tampouco recuaria diante de coisa alguma.

— Sim, é claro. Sua fraqueza, porém, é que, para sustentar a luta, por vezes necessita ter diante dos olhos a sua vítima e a sua oportunidade. Sustente-a sem isso. Quando chegar o momento, liberte o tigre e o demônio que existem em você. Até lá, mantenha o tigre e o demônio enjaulados, e escondidos, embora prontos para o combate.

Madame Defarge reforçou a conclusão de seu conselho batendo o lenço cheio de moedas sobre o balcão como se lhe quisesse arrancar os miolos fora e, então, guardando o lenço debaixo do braço com um movimento sereno, observou que já era hora de irem dormir.

A manhã seguinte encontrou a admirável mulher em seu lugar costumeiro, atrás do balcão da taberna, tricotando com afã. Uma rosa jazia ao seu lado, e quando madame, de quando em vez, relanceava os olhos para a flor, fazia-o com o habitual olhar absorto. Havia poucos fregueses espalhados pela taberna, bebendo ou não, sentados ou de pé. O dia estava muito quente e nuvens de moscas, que estendiam suas inquisitivas e aventureiras incursões até os copos pegajosos colocados junto de madame, caíam no fundo deles, mortas. A sua morte não produzia a menor impressão nas outras moscas aventureiras, que olhavam as defuntas com frieza, como se elas mesmas fossem elefantes, ou qualquer coisa assim diferente, até encontrarem destino idêntico. É interessante notar quão irrefletidas são as moscas!, talvez refletissem tanto quanto se refletia na corte, naquele ensolarado dia de verão.

Uma figura atravessou o umbral e lançou sobre madame Defarge uma sombra, que ela sentiu pertencer a um estranho.

Pousou a malha sobre o balcão e prendeu a rosa no toucado antes de voltar o rosto para o homem que acabara de entrar.

Fato curioso. No momento em que madame Defarge pegou na rosa, os fregueses pararam de conversar e começaram a sair da taberna, um após o outro.

— Bom dia, madame — o recém-chegado cumprimentou.

— Bom dia, *monsieur*.

Madame Defarge respondera em voz alta, mas acrescentou consigo mesma, ao retomar o tricô: “Ha! Bom dia, quarenta anos, um metro e setenta e cinco, cabelos negros, pele morenada, olhos escuros, rosto comprido e pálido, nariz aquilino e ligeiramente torto, com uma peculiar inclinação para a bochecha esquerda que lhe confere uma fisionomia sinistra. Bom dia para todos!”

— Tenha a bondade de servir-me um cálice de conha

que e um copo de água fresca, madame. Madame Defarge obedeceu com polidez.

— Excelente conhaque, madame!

Era a primeira vez que aquele conhaque recebia um elogio, porém madame

Defarge conhecia bem o que o motivara. Replicou, contudo, que o conhaque era sempre elogiado e continuou a tricotar. O visitante observou-lhe os dedos por alguns momentos e aproveitou a oportunidade para examinar a taberna em geral.

— É muito hábil no tricô, madame.

— Estou acostumada.

— E o desenho é lindo!

— *O senhor* acha? — redargüiu madame, fitando-o com um sorriso.

— Definitivamente. Pode-se perguntar a que se destina essa malha?

— É só um passatempo — respondeu madame Defarge, olhando-o ainda com um sorriso enquanto movia os dedos com agilidade.

— Não será para uso?

— Depende. Pode ser que lhe dê um bom uso, qualquer dia desses. Se o fizer... bem — ripostou madame, soltando um suspiro e balançando a cabeça com rígido coquetismo —, eu o usarei!

Fato notável. O senso estético de Santo Antônio parecia decididamente opor-se à rosa no toucado de madame Defarge. Dois homens que entraram separados e estavam prestes a pedir vinho, ao se depararem com aquela novidade, hesitaram; fingindo ter entrado para procurar algum amigo que não se encontrava ali, foram embora. Como também não se encontrava ali nenhum dos fregueses que estavam na taberna antes de o visitante chegar. Todos haviam saído. O espião mantivera os olhos bem abertos, mas não detectara nenhuma troca de sinais. Tinham saído um atrás do outro, de forma inocente, casual, totalmente natural e impossível de impedir.

“John”, pensou madame, contando os pontos enquanto seus dedos trabalhavam, e fixando os olhos no estranho. Refletiu com seus botões: “Fique mais um pouco, para que eu possa tecer ‘Barsad’ antes que se vá”.

— A senhora tem marido, madame?

— Tenho.

— Filhos?

— Não.

— Os negócios vão mal?

— Vão muito mal. O povo é muito pobre.

— Ah, o desafortunado e miserável povo! Tão oprimido, como a senhora diz.

— Como *o senhor* diz — madame corrigiu-o com maus modos, destramente acrescentando ao nome de Barsad alguns pontos que nada de bom pressagiavam para ele.

— Perdão. Decerto fui eu que disse, mas a senhora naturalmente pensa como eu. É claro.

— Eu penso? — retrucou madame, alteando a voz. — Eu e meu marido temos bastante o que fazer para conservar o nosso estabelecimento aberto. Não há tempo para pensar, a não ser em nossa sobrevivência. Essa é a única coisa em que *nós* pensamos, e já nos ocupa a cabeça de manhã até a noite, sem precisarmos nos afligir com os problemas alheios. *Eu* pensar nos outros? Não é não.

O espião, que fora até lá para recolher as migalhas que pudesse encontrar



ou fabricar, não se permitiu trair a própria frustração com uma expressão sinistra. Manteve a postura de cordial tagarelice, apoiando o cotovelo no balcão de madame Defarge e, ocasionalmente, servendo goles de seu conhaque.

— Que tristeza, madame, foi a execução de Gaspar. Ah! O pobre Gaspar! — exclamou, com um suspiro piedoso.

— Ora essa! — replicou madame com serena indiferença. — Quando alguém usa uma faca com esse propósito, tem de pagar. Ele sabia qual era o preço, mas ainda assim quis dar-se ao luxo... pagou.

— Eu acredito — comentou o espião, abaixando a voz para um tom que convidava a confidências, e exprimindo uma insultada suscetibilidade revolucionária em cada músculo de sua maldosa face —, acredito que haja muita compaixão e raiva neste bairro, por causa do infeliz sujeito. Aqui entre nós, não é verdade?

— Há? indagou madame Defarge, com ar vago.

— E não há?

— Ah! Aí vem meu marido — madame Defarge anunciou.

Quando o taberneiro cruzou a porta, o espião tocou o chapéu à guisa de saudação e cumprimento, com um insinuante sorriso:

— Bom dia, Jacques! Defarge estacou e olhou fixamente para ele.

— Bom dia, Jacques! — repetiu o espião, já não tão confiante, o sorriso empalidecendo nos lábios.

— Está enganado, *monsieur* — replicou o taberneiro.

— Confundi-me com outra pessoa. Esse não é o meu nome. Eu sou Ernesto Defarge.

— Dá na mesma — retrucou o espião, airosamente, mas também desconcertado. — Bom dia!

— Bom dia — respondeu Defarge, com secura.

— Estava dizendo à madame, com quem tive o prazer de conversar um pouco, que, segundo me contaram, há, o que não me espanta, muita comiseração e raiva em Santo Antônio, por causa do infeliz destino do pobre Gaspar.

— Pois a mim não contaram nada — rebateu Defarge.

— Não sei de nada a respeito.

Dizendo isso, passou para trás do balcão e apoiou as mãos no espaldar da cadeira da mulher, fitando por sobre essa barreira a pessoa a quem ambos se opunham e que teriam varado com um tiro com a maior satisfação.

O espião, hábil no seu ofício, não mudou de atitude, mas esvaziou o cálice, tomou um gole de água e pediu outro conhaque. Madame Defarge serviu-o e, apanhando de novo o tricô, cantarolou baixinho.

— O senhor parece conhecer muito bem este bairro. Será que o conhece melhor do que eu? — observou Defarge.

— De modo algum; mas espero conhecê-lo melhor. Interesse-me profundamente por seus miseráveis habitantes.

— Ah! exclamou Defarge.

— O prazer que sinto em conversar com o senhor, *monsieur* Defarge, me traz à lembrança — prosseguiu o espião — que eu andei fazendo umas associações interessantes com o seu nome.

— É mesmo? — redargüiu Defarge com grande indiferença.

— É, sim. Quando o doutor Manette foi libertado, sei que o senhor, seu antigo criado, passou a tomar conta dele. Na verdade, ele foi direto da masmorra para a sua casa. Vê como estou bem informado?

— Esses são os fatos — admitiu Defarge. Um leve empurrão do cotovelo de sua mulher, que continuava trabalhando, indicara a Defarge que era melhor responder, embora sem se alongar muito.

— Foi ao senhor — continuou o espião — que a filha dele recorreu. E foi de seus cuidados que a moça o retirou, acompanhada por um distinto cavalheiro... como se chamava? Usava uma peruca curta e um terno marrom... ah! Seu nome era Lorry, do Banco Tellson, de Londres.

— Tudo isso é exato — confirmou Defarge.

— São recordações muito interessantes! — comentou o espião. — Conheci o doutor Manette e sua filha na Inglaterra.

— Ah, é? — disse Defarge.

— O senhor recebe notícias deles com frequência? — perguntou o espião.

— Não, senhor — respondeu Defarge.

— Na realidade — interveio madame, erguendo os olhos do tricô e interrompendo a canção que cantarolava —, nunca recebemos nenhuma notícia deles. Soubemos que chegaram com segurança a Londres e depois chegaram umas duas cartas da senhorita Manette. A partir daí, eles começaram a cuidar de suas vidas, e nós, da nossa, e a correspondência cessou.

— Perfeitamente, madame — replicou o espião. — A senhorita Manette vai se casar.

— Vai se casar? — ecoou madame. — Ela era muito bonita, já devia ter-se casado há muito tempo. Vocês, ingleses, são muito frios, parece-me.

— Oh! A senhora sabe que sou inglês.

— Percebi pela sua língua — voltou madame. — E o que a língua é, suponho que seu dono também seja.

Ele não acatou a identificação como um cumprimento. Contudo, procurou lidar com a situação da maneira mais adequada possível, soltando uma gargalhada. Depois de beber um gole de conhaque, acrescentou:

— A senhorita Manette vai se casar, mas não com um inglês, e sim com um rapaz que, como ela, é francês de nascimento. Mas, por falar em Gaspar, ah, pobre Gaspar!, não é uma coincidência que a senhorita Manette vá desposar justamente o sobrinho de *monsieur* marquês, por cuja morte Gaspar foi dependurado naquela forca de tantos metros de altura, por conseguinte, o atual marquês? Ele, porém, vive incógnito na Inglaterra. Lá, o nosso marquês não usa nenhum título, sendo conhecido como senhor Charles Darnay. Deve ser uma adaptação do nome da família de sua mãe, D'Aulnais.

Madame Defarge tricotava, impassível, mas a informação exercera um efeito perceptível sobre seu marido. Não importava o que fizesse atrás do pequeno balcão, como, por exemplo, acender o cachimbo, ele se mostrava visivelmente perturbado, e suas mãos tremiam. O espião não seria digno de sua profissão se deixasse de perceber e de registrar aquela reação.

Feita ao menos essa descoberta, que só o tempo diria se possuía algum valor,

e não vendo mais fregueses que o auxiliassem a encontrar novos indícios, o senhor Barsad pagou a conta e preparou-se para ir embora, aproveitando a oportunidade para dizer, com muita amabilidade, que ansiava por encontrar *monsieur* e madame Defarge outra vez. Por alguns minutos depois que o espíao atravessou a porta e imergiu em Santo Antônio, marido e mulher permaneceram na mesma posição em que ele os deixara, para o caso de Barsad retornar.

— Será verdade — inquiriu Defarge em voz baixa, fitando a esposa e fumando com a mão apoiada no espaldar de sua cadeira — o que ele disse sobre *Mam'selle Manette*?

— Vindo a informação de quem veio — replicou madame, erguendo ligeiramente as sobrancelhas —, provavelmente é mentira. Mas talvez não o seja.

— Se for verdade... — principiou Defarge, e parou.

— Se for verdade? — repetiu a esposa.

— E se chegarmos a ver o triunfo da nossa causa... espero, em consideração a ela, que o destino mantenha seu marido longe da França.

— O destino de seu marido — retrucou madame Defarge com sua habitual serenidade — o conduzirá ao lugar certo, onde encontrará o fim que lhe cabe. É só o que sei.

— Contudo, não é estranho... embora, talvez, não seja tão estranho assim — ponderou Defarge, mais suplicando do que induzindo a esposa a admitir —, que, a despeito de toda a nossa compaixão para com *monsieur* doutor e para com ela mesma, o nome do marido esteja sendo condenado por suas mãos neste exato instante, junto com o desse cão do inferno que acabou de sair?

— Coisas muito mais estranhas acontecerão quando chegar o momento — ripostou madame. — Tenho os dois nomes aqui, é certo. E ambos foram inscritos em minha malha por merecimento próprio. E é o bastante.

Enrolou o trabalho e tirou a rosa do lenço que lhe servia de toucado. Ou Santo Antônio descobriu por instinto que o desagradável adorno fora descartado ou soube-o por aguardar vigilante o seu desaparecimento. Fosse como fosse, o Santo armou-se de coragem para entrar na taberna pouco depois, e o estabelecimento retomou seu aspecto habitual.

Ao anoitecer, hora em que todos em Santo Antônio saíam de suas casas e se sentavam nas soleiras e no parapeito das janelas, quando não iam vasculhar as esquinas e pátios imundos à procura de um ar mais puro para respirar, madame Defarge também costumava sair com o seu trabalho debaixo do braço, passeando de grupo em grupo, falando em voz baixa: era uma verdadeira missionária, e havia muitos como ela, da espécie que o mundo faria bem em jamais abrigar novamente. Todas as mulheres tricotavam. Tricotavam malhas sem valor, mas o trabalho mecânico substituía mecanicamente a bebida e a comida, já que as mãos se moviam em vez das mandíbulas e do aparelho digestivo; se os dedos magros se imobilizassem, a fome reclamaria mais alto nos estômagos vazios.

Contudo, à medida que os dedos se moviam, carregavam junto os olhos e os pensamentos. Enquanto madame Defarge ia de um grupo a outro, dedos, olhos e pensamentos corriam mais depressa e com maior ferocidade entre as mulheres

com quem ela havia conversado e deixado para trás.

O marido fumava na porta, contemplando a esposa com admiração.

— Extraordinária mulher! — murmurava ele. — Que mulher forte, grandiosa e assustadora! A noite caiu de todo e ouviu-se então o soar dos sinos e o rufar distante dos tambores militares no pátio do palácio. As mulheres continuavam sentadas a tricotar, a tricotar, envolvidas pelas trevas noturnas. Trevas ainda mais profundas se fechariam a seu redor quando os sinos das igrejas, que naquele instante badalavam alegremente em toda a França, fundissem-se num trovejante canhão, quando os tambores militares retumbassem para abafar uma lamentosa voz que seria tão potente quanto a voz do Poder, da Fartura, da Liberdade e da Vida. Eram tantas as sombras que se adensavam em torno daquelas mulheres que tricotavam, tricotavam, que elas próprias se fechavam ao redor de uma estrutura ainda por construir, diante da qual se sentariam a tricotar, a tricotar e a contar o número de cabeças decepadas.

## CAPÍTULO XVII

### UMANOITE

Jamais o sol se ocultara com um brilho mais radioso, naquela esquina tranqüila do Soho, do que naquele memorável entardecer em que o médico e sua filha sentaram-se juntos debaixo do plátano. Jamais a lua surgira derramando um esplendor mais suave sobre a grande Londres do que naquele anoitecer em que iluminou os rostos de pai e filha através da folhagem.

Lucie se casaria no dia seguinte. Havia reservado para seu pai aquela última tarde e ali estavam os dois sozinhos, sob a árvore.

— Está contente, meu querido pai?

— Muiíssimo, minha criança.

Tinham falado pouco, conquanto estivessem ali havia um longo tempo. Mesmo quando havia luz bastante para trabalhar e ler, ela não se dedicara a seu trabalho costumeiro nem lera para seu pai. Sob aquela mesma árvore, fizera as duas coisas muitas e muitas vezes. Aquele dia, porém, era diferente de todos os outros e nada poderia torná-lo igual.

— E eu estou muito contente esta noite, pai querido. Sinto-me profundamente feliz pelo amor com que o céu me abençoou, meu amor por Charles e o dele por mim. Todavia, se não pudesse mais dedicar-me ao senhor, ou se meu casamento ameaçasse separar-nos, ainda que fosse uma distância de algumas poucas ruas, minha infelicidade seria maior do que sou capaz de descrever. Mesmo como é...

Mesmo como era, não lhe foi possível prosseguir.

Sob o tristonho luar, atirou-se nos braços do pai e mergulhou o rosto em seu peito. Sob o luar, que é sempre tão tristonho como a luz do próprio sol, e como a da própria vida humana, com suas idas e vindas.

— Oh, meu querido, querido! Diga-me, pela última vez, se está realmente convencido de que nenhuma afeição nova, nenhum dos meus novos deveres, nada se interporá entre nós. *Eu* tenho absoluta certeza disto, mas será que o senhor partilha da minha convicção? Em seu coração, está tão seguro quanto eu?

O pai respondeu com uma firmeza jovial que lhe foi difícil adotar:

— Inteiramente seguro, querida! Mais do que isso — acrescentou, beijando-a ternamente —, o meu futuro me parece muito mais radioso com o seu casamento, Lucie, do que seria caso este não ocorresse.

— Se eu pudesse ter certeza...

— Acredite, querida. É realmente assim. Considere o quanto é evidente e lógico que assim o seja, minha criança. Tão jovem e devotada, você ainda não

sabe avaliar a minha apreensão diante da perspectiva de vê-la desperdiçar sua vida...

Ela aproximou a mão de seus lábios para interrompê-lo, porém o pai tomou-a nas suas e repetiu a palavra.

— Desperdiçar, sim, minha filha, subtraindo-se à ordem natural das coisas por minha causa. Em seu altruísmo, você não pode compreender a que ponto esse receio me atormentava. Contudo, pergunte a si mesma: seria completa a minha felicidade se a sua não o fosse?

— Se eu jamais houvesse conhecido Charles, teria sido completamente feliz com o senhor. O doutor sorriu ao ouvir-lhe a admissão inconsciente de que, depois de ter conhecido Charles, seria infeliz sem ele.

— Mas você o conheceu, criança. Se não fosse Charles, teria sido outro. Se não tivesse havido ninguém, teria sido eu o culpado disso. A parte obscura da minha vida teria projetado a sua sombra para além de mim mesmo, fazendo-a recair sobre você.

Era a primeira vez, não contando o julgamento de Charles, que ela o ouvia aludir ao seu período de cativo. Essas palavras lhe produziram uma sensação nova e estranha, e as recordaria por muito tempo.

— Veja! — exclamou o doutor Manette, erguendo a mão para a lua. — Eu a contemplei através das grades do meu calabouço quando não lhe podia suportar a luz. Contemplei-a quando me torturava tanto a idéia de que brilhava sobre o que eu havia perdido que eu batia com a cabeça pelas paredes da prisão. Contemplei-a depois, quando, abismado numa letargia profunda, já não pensava senão em contar as linhas transversais com que poderia cobri-la, quando cheia, e as perpendiculares com que a cortava nas outras fases — acrescentou com seu ar introspectivo: — De um extremo a outro, eu me lembro, havia apenas vinte linhas, e era difícil traçar a vigésima.

Lucie sentiu aprofundar-se a sensação de estranheza à medida que o pai discorria sobre o passado. Contudo, nada havia a temer naquelas reminiscências. Ele parecia apenas contrastar a felicidade do presente com o sofrimento que findara.

— Contemplei-a pensando mil vezes no filho que me fora arrancado antes de nascer — prosseguiu o médico. — Se estaria vivo. Se teria morrido em consequência do terrível abalo sofrido pela mãe. Se seria um varão que um dia me vingaria. Houve uma época em que meu desejo de vingança era intolerável. Se, caso estivesse vivo, saberia um dia da história do pai. Se acreditaria que eu tivesse partido por minha própria vontade. Se seria uma filha que, um dia, se tornaria uma mulher. Lucie aproximou-se do pai, beijou-lhe a face e a mão.

— Imaginei minha filha como alguém que se esqueceu de mim, pior, que nem sequer tinha consciência da minha existência. Visualizava a sua vida, ano após ano. Via-a casada com um homem que nada sabia sobre meu infortúnio. Eu fora inteiramente banido da lembrança, de forma que a geração seguinte nem sequer veria um vácuo no lugar que eu ocupara.

— Papai! Só de ouvir que o senhor acalentou tais pensamentos sobre uma filha que jamais existiu, sinto-me tão perturbada como se eu tivesse sido essa filha.

— Você, Lucie? Não. O consolo e a recuperação que me proporcionou nada têm a ver com essas recordações que surgem e passam entre nós e a lua, nesta última tarde... que dizia eu, minha filha?

— Que ela nada sabia sobre o senhor. Que não se importava.

— Isso! Em outras noites enluaradas, entretanto, quando a tristeza e o silêncio me afetavam de outro modo, conferindo-me uma sensação melancólica de paz, como confere qualquer emoção baseada na dor, eu a imaginava entrando no calabouço e levando-me de volta para a liberdade. Vi com freqüência a sua imagem ao resplendor da lua, como a vejo neste instante, exceto que eu jamais a tomava em meus braços. Ficava entre a porta e as grades da janela. Compreende agora que não era a filha de que eu falava?

— A figura não era; a... a... imagem; a fantasia?

— Não, era outra coisa. Ficava em pé e eu a via com a vista turvada. Mas não se movia. O fantasma que a minha imaginação perseguia era outro, de uma criança mais real. De suas feições, sabia apenas que se pareceria com a mãe. A outra também apresentava essa semelhança, como você, minha filha, mas não era a mesma. Consegue entender-me Lucie? Acho difícil. É preciso ter sido um prisioneiro solitário para apreender essas distinções sutis. O modo calmo e controlado do pai não a impediui de sentir o sangue gelar em suas veias enquanto ele tentava dissecar essas antigas impressões.

— Nesse estado de maior serenidade, imaginava-a ao luar, via-a chegar e levar-me consigo para mostrar-me que o seu lar estava cheio de recordações do pai que perdera. Tinha o meu retrato em seu quarto, e eu figurava em suas preces. A sua vida era ativa, alegre e útil, mas ainda assim a minha infeliz história impregnava tudo.

— *Essa* filha era eu, meu pai. Não possuo as suas virtudes, porém tenho todo o seu amor.

— Ela mostrou-me os filhos — prosseguiu o doutor de Beauvais. — Eles haviam ouvido a meu respeito e tinham aprendido a compadecer-se de mim. Quando passavam por uma prisão do Estado, afastavam-se dos seus sombrios muros, erguiam os olhos para as grades e falavam em voz baixa. Ela não podia libertar-me. E eu imaginava que sempre me trazia de volta à prisão, depois de me ter mostrado todas essas coisas. Mas então, aliviado pela bênção das lágrimas, eu caía de joelhos e abençoava minha filha.

— Essa filha era eu, meu pai. Oh, meu querido, o senhor me abençoará amanhã com igual fervor?

— Se evoco hoje essas tristes recordações, Lucie, é que tenho esta tarde para amá-la mais do que as palavras podem traduzir e para agradecer a Deus por minha grande alegria. Meus pensamentos mais delirantes nunca chegaram nem perto de conceber a felicidade que você me tem dado e que se estende diante de nós.

Ele a abraçou, encomendando-a solenemente ao céu e humildemente dando graças a Deus por tê-la enviado. Alguns momentos depois entravam em casa.

Ninguém fora convidado para o casamento, exceto o senhor Lorry, e não haveria dama de honra além da senhorita Pross. Os noivos não mudariam da casa, mas passariam a ocupar o andar superior, habitado até então por um

inquieto invisível, e esse arranjo lhes bastava.

O doutor Manette mostrou-se muito alegre durante a ceia. Eram apenas três à mesa, incluindo a senhorita Pross. Ele lamentou, entretanto, a ausência de Charles e, censurando a conspiração afetuosa que o mantivera afastado, ergueu um brinde afetuoso em sua homenagem.

Assim, chegou o momento de ele despedir-se da filha e ambos se separaram. Contudo, na quietude da terceira hora da madrugada, Lucie tornou a descer as escadas e entrou no quarto do pai, tomada por um medo vago e repentino.

Todas as coisas, porém, encontravam-se em seus devidos lugares. Tudo estava tranqüilo. Ele dormia, os cabelos brancos espalhados sobre o travesseiro onde não se via uma prega, as mãos repousando serenamente sobre a coberta. Lucie colocou o desnecessário castiçal num canto distante do aposento, aproximou-se do leito do pai e, depois de depositar-lhe um beijo na fronte, ficou a contemplá-lo por um longo tempo.

Naquele belo rosto, haviam secado as águas amargas do cativeiro. Mas as marcas que estas lhe imprimiram nas faces, ele as ocultava com tal determinação que não se podia distingui-las nem mesmo quando dormia. E não havia rosto mais impressivo durante o sono do que aquele, em sua silenciosa, resoluta e incessante batalha contra um inimigo invisível.

Lucie pousou brandamente a mão sobre seu peito querido e murmurou uma oração para conservar-se sempre tão fiel ao pai quanto anelava o amor que lhe dedicava e quanto ele merecia por tudo o que sofrera. Então, afastou a mão, beijou-lhe a fronte ainda uma vez e retirou-se. Assim, o sol nasceu e as sombras das folhas do plátano tocaram a fronte do médico, suaves como os lábios da filha ao rezar pelo pai.



## CAPÍTULO XVIII

### NOVE DIAS

O dia do casamento amanhecera radioso. O doutor Manette, encerrado em seu quarto, conversava com Charles Darnay. Do lado de fora, prontos para rumarem para a igreja, estavam à espera a linda noiva, o senhor Lorry e a senhorita Pross, para quem o evento, graças a um processo gradual de reconciliação com o inevitável, teria sido motivo de absoluto êxtase não fosse a idéia de que o noivo perfeito seria Solomon, seu irmão.

— Então — disse o senhor Lorry, que não se cansava de admirar a noiva, rodeando-a para apreciar todos os detalhes de seu encantador vestido —, então, foi para conduzi-la a este momento que eu a trouxe no colo, quando criança, através do canal! Por Deus! Eu nem podia imaginar a repercussão do que fazia! Estava longe de desconfiar que prestaria tamanho favor a meu amigo Charles!

— O senhor não tinha essa intenção — comentou em tom casual a senhorita Pross —, e, portanto, como poderia adivinhar? Bobagem!

— É mesmo? Bem, não chore — murmurou o senhor Lorry com gentileza.

— Não estou chorando — retrucou a senhorita Pross.

— *O senhor é que está.*

— Eu, minha Pross? — (A essa altura, o senhor Lorry já se atrevia a gracejar com ela, de quando em vez.)

— Estava chorando ainda há pouco; eu vi, mas não estranhei. O faqueiro de prata com que presenteou os noivos é digno de levar lágrimas aos olhos de qualquer um. Ontem à noite, depois que o presente chegou, não houve um garfo nem uma colher que não me fizessem chorar até não conseguir mais enxergá-los.

— Declaro-me profundamente gratificado — respondeu o senhor Lorry —, embora eu lhe dê minha palavra de que, ao ofertar esses artigos tão insignificantes, não pretendi que se tornassem invisíveis para ninguém. Valha-me Deus! É em ocasiões como esta que um homem reflete sobre tudo quanto perdeu. Que pena! Pensar que podia ter existido uma senhora Lorry nestes quase cinqüenta anos!

— De modo algum! — exclamou a senhorita Pross.

— Não concorda que poderia ter existido uma senhora Lorry? — indagou com gentileza o cavalheiro que portava esse nome.

— Bah! — a senhorita Pross replicou. — O senhor já era um celibatário quando estava no berço.

— Bem, parece provável — assentiu o senhor Lorry com um sorriso,

enquanto ajustava a pequena peruca.

— E o senhor já estava talhado para ser um celibatário

— prosseguiu a senhorita Pross — antes mesmo de ser colocado no berço.

— Neste caso — ripostou o senhor Lorry —, creio que se portaram muito mal comigo, pois me deviam ter consultado quanto ao molde com que me talhariam. Mas basta disso! Agora, minha querida Lucie — ele enlaçou-lhe a cintura —, ouço um rumor no quarto vizinho, e a senhorita Pross e eu, como pessoas práticas que somos, estamos ansiosos para aproveitar esta última oportunidade de lhe dizer algo que gostará de ouvir. Deixará seu bom pai, minha querida, em mãos tão sinceras e carinhosas quanto as suas. Cuidaremos dele com todo o desvelo. Durante os próximos quinze dias, enquanto estiverem em Warwickshire e imediações, até mesmo o Tellson sucumbirá, mera força de expressão, naturalmente, perante seu pai. E quando, terminada a quinzena, o doutor Manette partir para reunir-se ao jovem casal para a excursão de quinze dias pelo País de Gales, a senhorita verá que o mandamos gozando de perfeita saúde e muito feliz. Mas eis que escuto passos se aproximando da porta. Deixe-me beijá-la, minha querida menina, e dar-lhe as bênçãos de um celibatário antiquado antes que alguém venha reclamar seu tesouro.

Por um instante, segurou-lhe o lindo rosto para contemplar a familiar expressão em sua fronte, e, então, encostou sua curta peruca marrom nos brilhantes cabelos dourados com genuína ternura e com delicadeza, sentimentos esses que, antiquados ou não, eram próprios do Homem desde o tempo de Adão.

A porta do quarto se abriu e o doutor Manette saiu junto com Charles Darnay. O médico estava tão mortalmente pálido, ao contrário de quando entrara no aposento com o futuro genro, que não se notava nenhum vestígio de cor em sua face. Contudo, na compostura de seus modos o médico parecia inalterado, embora o olhar perspicaz do senhor Lorry percebesse que aquele antigo ar de ausência e medo havia perpassado por seu semblante como um vento frio.

Ele deu o braço à filha e conduziu-a através da escada até o coche leve que o senhor Lorry alugara especialmente para a ocasião. Os demais seguiram numa carruagem e, dali a pouco, chegaram à igreja da vizinhança, onde, a salvo do olhar de estranhos, Charles Darnay e Lucie Manette se uniram por felizes laços matrimoniais.

Além das lágrimas que brilhavam entre os sorrisos do pequeno grupo quando a cerimônia terminou, alguns diamantes cintilavam na mão da noiva, os quais haviam recentemente emergido das profundezas sombrias de um dos bolsos do senhor Lorry.

Retornaram a casa para o café da manhã, as horas transcorreram alegres e, no devido tempo, os cabelos dourados que se haviam confundido com as cãs do pobre sapateiro, na água-furtada de Paris, tornaram a unir-se a elas sob o sol matinal, no limiar da porta, ao chegar o momento da partida.

Malgrado a brevidade da separação, a despedida foi muito difícil. Mas o doutor Manette consolou a filha e, por fim, desprendendo-se dos braços que o estreitavam, disse ao genro:

— Leve-a, Charles! Ela é sua! Lucie acenou-lhes com a mão trêmula pela janela da caleça e se foi.

Como a esquina situava-se fora do caminho dos vadios e dos curiosos, e como os preparativos haviam sido simples e poucos, o doutor, o senhor Lorry e a senhorita Pross ficaram completamente sozinhos. Foi no momento em que voltaram à bem-vinda sombra e ao frescor do velho saguão que o senhor Lorry observou a grande mudança que se operara no médico. Era como se o braço dourado que se erguia sobre a porta o tivesse ferido com uma seta envenenada.

O doutor Manette naturalmente se controlara muito e era de prever que sofresse alguma reação quando já não houvesse necessidade de se controlar. Contudo, era aquela antiga expressão perdida e atemorizada que preocupava o senhor Lorry. E, ao ver a forma alheada com que ele apertou a cabeça nas mãos e lugubrememente afastou-se na direção de seu quarto depois de subirem as escadas, o senhor Lorry recordou-se de Defarge, o taberneiro, e da viagem sob a luz das estrelas.

— Eu acho — cochichou para a senhorita Pross, após uma ansiosa reflexão — que é melhor não falarmos com o doutor agora, para não perturbá-lo. Preciso resolver alguns assuntos no Tellson, mas irei num passo e voltarei noutra. Então, nós o levaremos para um passeio no campo, jantaremos por lá e tudo correrá bem.

Era mais fácil para o senhor Lorry ir ao Tellson do que sair de lá. O trabalho o reteve por duas horas. Quando regressou, subiu a escada sozinho, sem ter feito nenhuma pergunta à criada. Rumava diretamente para o quarto do doutor quando foi detido pelo ruído surdo de marteladas.

— Deus do céu! — exclamou, assustado. — O que é isso?

A senhorita Pross, com um semblante aterrorizado, estava a seu lado.

— Valha-nos Deus! Está tudo perdido! — lamentou-se, torcendo as mãos. — O que diremos à menina? Ele não me reconhece, e voltou a fazer sapatos!

O senhor Lorry murmurou-lhe tudo o que podia para acalmá-la e entrou no quarto. O banco estava virado na direção da luz de modo idêntico ao da primeira vez em que o vira naquela atividade; a cabeça do médico curvava-se para baixo e ele parecia muito atarefado.

— Doutor Manette. Meu querido amigo, doutor Manette!

O doutor fitou-o por um instante, um tanto curioso e um tanto como que aborrecido por lhe terem dirigido a palavra, e tornou a curvar-se sobre o trabalho.

Tirara a casaca e o colete. Tinha a camisa aberta sobre o peito, como era seu costume quando se dedicava àquela ocupação. E até seu rosto parecia reassumir aquele velho ar desfigurado. Ele trabalhava com ardor, impacientemente, como se quisesse recuperar o tempo que perdera com a interrupção.

O senhor Lorry relanceou os olhos para o sapato nas mãos dele e reparou que era do mesmo formato e tamanho daquele que manufaturava no sótão em Paris. Apanhou o outro que estava no chão e indagou que tipo de sapato era.

— É feminino, para passeio — resmungou, sem erguer o olhar. — Já devia estar pronto há muitos anos. Deixe-me em paz.

— Mas, doutor Manette... olhe para mim!

Ele obedeceu, com a mesma submissão mecânica, sem parar o trabalho.

— O senhor me reconhece, meu querido amigo? Tente lembrar-se. Essa não é a sua profissão. Lembre-se, meu caro amigo.

Nada, porém, o induziria a falar novamente. Porque lhe pediram, levantou a cabeça uma única vez, por um momento. Contudo, nenhum esforço de persuasão conseguiria extrair-lhe mais uma palavra que fosse. Ele trabalhou, e trabalhou, em silêncio, as palavras caíam sobre ele como se batessem numa parede sem eco ou se perdessem no ar. O único raio de esperança que o senhor Lorry pôde descobrir era que ele, às vezes, levantava furtivamente o olhar sem que lhe pedisse. Nesse olhar, parecia haver uma leve expressão de curiosidade ou de espanto, como se o doutor Manette tentasse dissipar algumas dúvidas que lhe invadiam o espírito.

De pronto, duas coisas chamaram a atenção do senhor Lorry como as mais importantes de todas. A primeira, que deviam esconder de Lucie aquela recaída. E a segunda, que deviam esconder aquela recaída de todos os que o conheciam. Em conjunção com a senhorita Pross, tomou providências imediatas, espalhando que o doutor não passava muito bem e necessitava de alguns dias de repouso. Para colaborar com o piedoso plano de poupar-lhe a filha de tal dissabor, a senhorita Pross encarregou-se de escrever a Lucie, comentando de passagem que seu pai fora chamado para atender um paciente fora da cidade e que recebera dele uma carta apressada.

Essas medidas, de qualquer modo aconselháveis, foram adotadas na esperança de uma breve recuperação do doutor Manette. Se assim fosse, o senhor Lorry já refletira sobre o curso de ação que deveria seguir, que seria obter uma determinada opinião que ele julgava ser a melhor a respeito do caso. Portanto, com a esperança de um rápido restabelecimento, e para tornar praticável o curso de ação que resolvera seguir, o senhor Lorry decidiu vigiá-lo detidamente da maneira mais discreta possível. Arranjou para ausentar-se do Tellson pela primeira vez em sua vida e instalou seu posto de observação no mesmo quarto, perto da janela.

Não tardou a descobrir que era totalmente inútil dirigir-lhe a palavra, já que, quando pressionado, o doutor Manette se inquietava demais. Desistiu, pois, no primeiro dia, de tentar atraí-lo para conversações, optando por manter-se sempre diante dele, num silencioso protesto contra o delírio em que havia mergulhado, ou estava mergulhando. Permaneceu lá, acomodado perto da janela, lendo e escrevendo, demonstrando, por todos os meios agradáveis e naturais que pôde conceber, que aquele era um lugar livre, e não uma prisão.

O doutor Manette comeu e bebeu tudo o que lhe deram e trabalhou, no primeiro dia, até ficar tão escuro que não era possível enxergar, e ainda assim continuou, só parando meia hora depois que o senhor Lorry depusera a leitura. Quando pousou as ferramentas de lado como inúteis até o dia seguinte, o senhor Lorry ergueu-se e indagou-lhe:

— Gostaria de sair?

Ele olhou o chão de um lado e de outro com aquele antigo jeito, levantou a cabeça com aquele antigo jeito e repetiu naquele antigo tom baixo de voz:

— Sair?

— Sim, para um passeio. Por que não?

Sem fazer nenhum esforço para dizer por que não, ele não disse mais nada. Contudo, o senhor Lorry julgou ver, quando ele se curvou para a frente em seu banco, na penumbra, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e deitando a cabeça nas mãos, que, de alguma forma nebulosa, ele continuava a repetir a pergunta: “Por que não?”. Com a perspicácia de um homem de negócios, ele vislumbrou ali uma vantagem e resolveu aproveitá-la.

A senhorita Pross e o senhor Lorry dividiram a noite em dois turnos de vigília, e observavam-no do aposento vizinho. O doutor Manette vagou de um canto ao outro do quarto por um longo tempo antes de se deitar. Todavia, quando finalmente se deitou, adormeceu instantaneamente. Na manhã seguinte, acordou cedo e foi direto sentar-se no banco, retomando o trabalho.

Nesse segundo dia, o senhor Lorry saudou-o alegremente pelo nome e discorreu sobre assuntos que lhe eram familiares. Ele não respondia, mas era evidente que ouvia tudo e meditava a respeito, embora de forma confusa. Isso encorajou o senhor Lorry a pedir à senhorita Pross que fosse trabalhar no quarto várias vezes ao longo do dia. Nessas ocasiões, conversavam sobre Lucie e sobre seu pai ali presente, da maneira usual, como se nada houvesse de errado. Tudo isso era feito sem grande alarde, por poucos minutos de cada vez e de modo espaçado, para não perturbá-lo. Alegrava o coração afetuosamente do senhor Lorry acreditar que o amigo levantava a cabeça com maior frequência, parecendo movido por algum tipo de percepção das contradições que o circundavam.

Quando anoiteceu de novo, indagou-lhe como na véspera:

— Prezado doutor, gostaria de sair? Como na véspera, ele ecoou: “Sair?”.

— Sim, para um passeio comigo. Por que não?

Dessa vez, o senhor Lorry, não obtendo resposta, fingiu sair e, depois de permanecer ausente por uma hora, retornou. Nesse intervalo, o médico se havia mudado para a poltrona junto da janela, de onde contemplava o olmo no jardim. Contudo, ao vê-lo entrar, regressou ao banco de sapateiro.

O tempo transcorreu com extrema lentidão, e as esperanças do senhor Lorry se tornaram sombrias. Sentia o coração mais pesado a cada momento. O terceiro dia veio e se foi, o quarto, o quinto. Cinco dias, seis, sete, oito, nove dias.

Com a esperança se apagando e o coração mais e mais pesado, o senhor Lorry atravessava esse período de profunda aflição. O segredo estava bem mantido e Lucie, ignorando a doença do pai, era feliz. Contudo, o senhor Lorry não podia deixar de notar que o sapateiro, cujas mãos a princípio se mostraram ineptas, adquiriam uma assustadora habilidade, e que o doutor jamais se empenhara tanto no trabalho, nem com tamanha agilidade, do que no anoitecer do nono dia.

## CAPÍTULO XIX

### UMA OPINIÃO

Fatigado pela ansiosa vigília da noite, o senhor Lorry adormeceu em seu posto. Na décima manhã de seu suspense, despertou, assustado, com o sol que invadia a sala, onde reinara a obscuridade que o embalara durante a madrugada.

Esfregou os olhos e levantou-se. Ainda assim, duvidou que estivesse inteiramente acordado. Pois, ao chegar ao quarto do médico e espreitar seu interior pela porta, percebeu que o banco e as ferramentas de sapateiro encontravam-se de novo encostados no canto e o doutor Manette lia junto da janela. Ele usava os trajes matinais de costume, e seu semblante, que o senhor Lorry pôde distinguir com clareza, embora muito pálido, mostrava-se calmo e concentrado na leitura.

Mesmo depois de convencer-se de que não mais dormia, o senhor Lorry sentiu-se atordoado e, por alguns momentos, julgou que o episódio do sapateiro não passara de um pesadelo que o assaltara durante a noite. Afinal, seus olhos não lhe revelavam o amigo em sua roupa habitual, entregue a uma atividade também habitual? E havia algum vestígio de que a mudança que tanto o impressionara ocorrera de verdade?

Aquelas indagações eram fruto de sua confusão e perplexidade iniciais, e as respostas eram evidentes. Se sua preocupação não tivesse uma causa real e suficiente, como então explicaria a presença dele, Jarvis Lorry, ali? Como explicaria o fato de ter adormecido, completamente vestido, no divã do consultório do doutor Manette e de estar agora debatendo essas questões do lado de fora do quarto dele àquela hora da manhã?

Logo em seguida, a senhorita Pross cochichou qualquer coisa em seu ouvido. Se lhe tivesse restado a mais pequena dúvida, as palavras dela necessariamente a dissipariam. Contudo, a lucidez lhe voltara, trazendo consigo a compreensão do que se passara. O senhor Lorry advertiu a governanta para que deixasse o doutor sossegado até a hora usual do desjejum, quando o encontrariam e tratariam como se nada de estranho houvesse acontecido. Se ele estivesse em condições normais, o senhor Lorry o sondaria, cautelosamente, em busca da opinião que tanto ansiava obter.

Tendo a senhorita Pross se submetido à decisão do banqueiro, o estrategema foi combinado com todo o cuidado. Dispondo, assim, de bastante tempo para suas metódicas abluções matinais e para vestir-se, o senhor Lorry apresentou-se para o desjejum com sua costumeira camisa de linho branco e com as costumeadas meias irrepreensíveis. O médico foi chamado, como de hábito, e não tardou a

aparecer.

O senhor Lorry questionou-o até onde podia sem ultrapassar os limites da prudência, e compreendeu que, para o médico, o casamento da filha tivera lugar na véspera. Uma alusão casual, feita de propósito pelo banqueiro, ao dia da semana e do mês em que estavam, deixou-o pensativo e visivelmente perturbado. Quanto a todos os outros aspectos, entretanto, ele demonstrava tamanha lucidez que o senhor Lorry resolveu pedir a ajuda de que necessitava. E a ajuda era para o próprio doutor.

Assim, depois que terminaram a refeição e a mesa foi arrumada, quando ele e o doutor ficaram sozinhos, disselhe com voz afetuosa:

— Meu caro Manette, estou ansioso por ouvir a sua opinião confidencial acerca de um caso muito curioso no qual estou sobremaneira interessado. Quero dizer, é curioso para mim, mas para o senhor, com todos os seus conhecimentos, talvez não seja tanto.

Olhando para as próprias mãos, que se haviam manchado com o trabalho recente, o doutor pareceu desorientado e ouviu atentamente. Já observara várias vezes as mãos.

— Doutor Manette — continuou o senhor Lorry, tocando-lhe carinhosamente o braço —, trata-se do caso de um amigo que me é particularmente querido. Peço-lhe que me preste toda a atenção, tanto por ele como, acima de tudo, por sua filha, meu caro Manette.

— Se bem compreendo — replicou o médico, em voz baixa —, esse caso refere-se a alguma desordem mental?

— Precisamente.

— Seja explícito — rogou o médico — e não poupe detalhes. O senhor Lorry viu que se compreendiam mutuamente e prosseguiu:

— Meu caro Manette, trata-se de uma antiga e prolongada desordem mental, um mal de grande agudeza e severidade, que lhe abalou profundamente as afeições, os sentimentos, e a... a... — como o senhor definiria — a própria mente. A mente, pois. É um caso de desordem que afligiu o doente por um período de tempo impossível de precisar, pois nem meu amigo saberia calculá-lo e não conheço outro meio de obter a informação. Ele também não saberia descrever seu processo de recuperação, conforme ouvi-o declarar publicamente de maneira incisiva. Mas meu amigo venceu o terrível transtorno mental que o assaltara e é hoje um homem de elevada inteligência, capaz de grandes esforços, tanto morais quanto físicos, e aumenta diariamente a sua soma de conhecimentos que, antes da doença, já era bastante grande. Infelizmente, porém — o senhor Lorry fez uma pausa e respirou fundo —, houve uma ligeira recaída.

O médico, em voz baixa, inquiriu:

— Quanto tempo durou?

— Nove dias e nove noites.

— Qual foi o sintoma com que se manifestou? Suponho

— disse o doutor, fitando novamente as mãos — que o doente voltou a dedicar-se a uma antiga atividade obsessiva relacionada à desordem mental.

— De fato.

— Alguma vez antes o senhor o viu — indagou, em tom firme e tranqüilo,

mas sempre em voz baixa — nessa atividade?

— Uma vez.

— E, na presente recaída, a atitude dele foi, em algum aspecto ou em todos, igual à antiga?

— Creio que em todos os aspectos.

— O senhor mencionou uma filha. Ela soube que o pai sofreu essa recaída?

— Não, guardou-se segredo e espero que ela o ignore sempre. Somente eu e uma outra pessoa, absolutamente digna de confiança, tivemos conhecimento disso.

O doutor Manette apertou a mão do banqueiro e murmurou:

— Foi muita bondade sua. Muito atencioso de sua parte!

O senhor Lorry apertou-lhe também a mão e nenhum dos dois falou durante alguns momentos.

— Agora, veja, meu caro Manette — disse por fim o senhor Lorry, em seu tom mais discreto e afetuoso —, sou um simples homem de negócios, despreparado para lidar com problemas tão intrincados e complexos. Não disponho da instrução nem da inteligência necessárias para essas coisas. Preciso de orientação. Não existe nenhum homem neste mundo em quem eu possa confiar e pedir orientação como o senhor. Responda-me, por favor, em sua opinião, qual foi a causa dessa recaída? Existe o risco de que se repita? Será possível impedir isso? Qual o tratamento que se deve seguir, em caso de recaída? Como acontecem essas crises, afinal de contas? O que posso fazer por meu amigo? Ninguém jamais desejou tanto ser útil a um amigo como eu, se ao menos soubesse de que modo. Nem imagino de que forma proceder. Se a sua sagacidade, conhecimentos e experiência me pusessem no caminho certo, eu poderia fazer muito. Sozinho e desorientado, contudo, posso fazer tão pouco! Rogolhe que discuta o caso comigo, que me ajude a compreendê-lo com maior clareza e que me ensine a ser mais útil ao meu amigo.

Vendo que o doutor Manette entregou-se à reflexão depois que suas ansiosas súplicas foram enunciadas, o senhor Lorry não insistiu.

— Creio ser provável — disse o médico, rompendo o silêncio com esforço — que o seu amigo previsse a recaída de que falou.

— Receava-a? — perguntou o banqueiro.

— Sim, muito — respondeu o médico, estremeando involuntariamente. — Não pode avaliar o tremendo peso que esse receio representa para o espírito do doente, nem como é difícil, quase impossível, para ele, proferir uma palavra que seja sobre esse assunto.

— Posso deduzir que seria — inquiriu o senhor Lorry —, para o meu amigo, um verdadeiro alívio se conseguisse partilhar com alguém esse secreto desespero?

— Creio que sim. Todavia, como acabo de lhe dizer, seria quase impossível. Acredito mesmo que, em alguns casos, seria absolutamente impossível.

— Agora — indagou o senhor Lorry após uma pausa, tornando a pousar de leve a mão no braço do médico —, a que atribui essa recaída?

— Julgo — ripostou o doutor Manette — ter havido um forte e extraordinário ressurgimento da corrente de pensamentos e lembranças que constituíram a



causa primeira da doença. Eu diria que algumas intensas associações de natureza altamente perturbadora foram revivificadas. É provável que sua mente fosse assaltada pelo temor de que essas associações ressurgissem, o senhor sabe, sob certas circunstâncias ou sob uma determinada circunstância. Em vão ele tentou preparar-se para essa eventualidade e talvez o próprio esforço de se preparar o tenha incapacitado para suportar a crise.

— Acha que ele se recorda do que se passou durante a última recaída? — inquiriu o senhor Lorry, compreensivelmente hesitante.

O médico lançou um olhar desolado em torno do quarto, sacudiu a cabeça e respondeu em voz baixa:

— Não, de nada.

— Quanto ao futuro... — insinuou o senhor Lorry.

— Quanto ao futuro — retrucou o médico, recobrando a firmeza —, eu me mostraria confiante. Já que o céu permitiu, na sua infinita misericórdia, que ele se restabelecesse tão depressa, em seu lugar eu teria esperança. Mesmo submetido a terrores tão temidos e vagamente previstos há tanto tempo, seu amigo recuperou-se, o que me induz a crer que o pior já passou.

— Ainda bem! Reconforta-me saber disso. Sou-lhe muito grato — agradeceu o senhor Lorry.

— Sou-lhe muito grato — ecoou o médico, inclinandose numa reverência.

— Restaram ainda dois pontos sobre os quais desejaria que me esclarecesse — declarou o banqueiro. — Posso prosseguir?

— O senhor não lhe poderia prestar maior serviço — o doutor Manette estendeu-lhe a mão.

— Então, vamos ao primeiro ponto. Meu amigo é um homem estudioso e extraordinariamente ativo. Dedicar-se com empenho ao aperfeiçoamento de seus conhecimentos profissionais, à realização de experiências científicas, enfim, a várias ocupações. Acha que ele trabalha em demasia?

— Não me parece. Talvez essa necessidade singular de ocupação seja uma característica de sua mente. Resulta, em parte de sua própria natureza e, em parte, das aflições pelas quais passou. Quanto menos se entregar a ocupações saudáveis, maior é o risco de que suas faculdades se extraviem numa falsa direção. Talvez seu amigo tenha observado o próprio comportamento e constatado esse fato.

— Tem certeza de que ele não se expõe a um esforço exagerado?

— Estou absolutamente certo disso.

— Meu caro Manette, se ele trabalhar além de suas forças agora...

— Meu caro Lorry, duvido que isso aconteça tão facilmente. A energia dele foi violentamente desviada numa direção e necessita de um contrapeso.

— Desculpe-me, mas sou um persistente homem de negócios. Suponhamos, por um momento, que o trabalho *seja* superior às suas forças. Como consequência, poderia haver uma recaída?

— Não o creio — discordou o doutor Manette com convicção. — Somente uma corrente de associações poderia conduzir a uma nova crise. E posso afirmar-lhe que, de agora em diante, seria necessário fazer vibrar uma corda extraordinariamente dissonante para que essa corrente se restabelecesse. Depois

do que sucedeu, e depois de se ter curado, acho difícil imaginar que essa corda torne a soar. Tenho esperança, e chego quase a acreditar, que as circunstâncias capazes de produzir o ressurgimento de uma crise já se esgotaram.

O doutor Manette falava com a cautela de um homem que não ignorava quão frágil é a organização da mente humana e, não obstante, com a convicção de quem lentamente conquistou a segurança através do sofrimento e da tenacidade. Não cabia ao senhor Lorry abater-lhe essa confiança. Em vez disso, declarou-se mais aliviado e encorajado do que de fato se sentia e preparou-se para abordar o segundo e último ponto que o preocupava. Aquele seria o mais difícil. Contudo, lembrando-se de uma antiga conversa que tivera com a senhorita Pross, numa manhã de domingo, e recordando-se, principalmente, do que viria nos últimos nove dias, decidiu que devia enfrentar o desafio.

— A atividade retomada sob a influência da aflição passageira da qual meu amigo felizmente se recobrou — o senhor Lorry principiou, pigarreando para aclarar a voz —, era a de um... ferreiro. Vamos chamá-la de um trabalho próprio de um ferreiro. Digamos, a título de ilustração, que ele se habituou, naquela época em que a doença primeiro o acometeu, a trabalhar numa pequena forja. Digamos, também, que ele inesperadamente tornou a encontrar a forja. Não lhe parece inadequado que ele a guarde em sua casa? O médico cobriu os olhos com a mão e bateu com os pés no soalho, nervosamente.

— Ele sempre guardou a forja consigo — insistiu o senhor Lorry, lançando-lhe um olhar ansioso. — Não lhe parece que seria melhor se meu amigo se desfizesse dela?

De novo, o médico, com os olhos cobertos, pisoteou nervosamente o chão.

— Acha difícil aconselhar-me sobre este ponto? — inquiriu o senhor Lorry. — Sei que se trata de uma questão delicada. E, contudo, penso que... — interrompeu-se, sacudindo a cabeça.

— O senhor vê — retorquiu o doutor Manette, voltando-se para ele depois de uma pausa constrangida —, é muito difícil explicar de maneira satisfatória a luta que se trava na alma desse pobre homem. Houve um tempo em que desejou com tanto ardor dedicar-se a esse trabalho, ficou tão contente quando isso lhe foi concedido! Sem dúvida, a ocupação aliviou-lhe tanto o medo, substituindo a perplexidade da mente pela perplexidade dos dedos e, à medida que adquiria prática, substituindo a tortura mental pela habilidade manual, que ele jamais suportou afastar-se de suas ferramentas. Mesmo agora, quando acredito que ele sinta maior confiança em si próprio do que jamais sentira antes, e fale a seu respeito com uma espécie de segurança, a idéia de que poderia precisar de seus instrumentos de trabalho e não os ter à mão o enche de um pavor súbito, igual ao que deve enregelar o coração de uma criança perdida.

A expressão em seu semblante ilustrava-lhe as palavras, quando ergueu os olhos para o rosto do senhor Lorry.

— Mas, será que... pense bem! Eu só lhe peço orientação, como um laborioso homem de negócios que só lida com objetos materiais, libras e notas de banco, será que reter tais objetos não significa reter a idéia que está por detrás? Se os objetos desaparecessem, meu caro Manette, será que o temor não desapareceria junto com eles? Em suma, não acha que manter as ferramentas

representa uma concessão ao medo? De novo, o silêncio reinou.

— O senhor vê, também — respondeu o médico com voz trêmula —, que esses objetos são companheiros tão antigos...

— Eu não os guardaria — argumentou o senhor Lorry sacudindo a cabeça, pois a sua firmeza aumentava diante da perturbação do doutor. — Aconselharia o meu amigo a sacrificá-los. Espero apenas que me autorize. Estou certo de que essa forja não lhe faz bem. Vamos! Dê-me a sua autorização, como um bom homem. Pelo bem de sua filha, meu caro Manette!

Era curioso ver a luta que se travava na alma do doutor Manette.

— Em nome dela, então, que isso seja feito. Eu autorizo. Entretanto, em seu lugar eu não me desvencilharia da forja na presença do seu amigo. Remova os objetos quando ele estiver fora. Proceda de tal maneira que sua ausência o prepare para a perda de seus antigos companheiros.

O senhor Lorry apressou-se em concordar com aquele pedido e assim terminou a conferência. Passaram o dia no campo e o médico se restabeleceu por completo. Nos três dias seguintes ele continuou perfeitamente bem, e, no décimo quarto dia, ele viajou para reunir-se a Lucie e seu marido. Como lhe haviam falado sobre o estratagema de que se tinham servido para ocultar de Lucie o que sucedera, ele lhe escreveu para anunciar que partiria em breve, para evitar que ela suspeitasse de alguma coisa.

Na noite que se seguiu à partida do médico, o senhor Lorry entrou no gabinete do doutor Manette munido de escopo, serra e martelo, acompanhado da senhorita Pross, que levava uma vela. Uma vez lá, com as portas fechadas, com um ar de mistério e culpa, o senhor Lorry destruiu o banco de sapateiro, reduzindo-o a pedaços, enquanto a governanta segurava o castiçal como se assistisse a um assassinato, do qual, em sua aspereza, ela não destoava. A incineração do corpo (que fora reduzido a pedaços com esse propósito) teve início sem demora, no fogão da cozinha. As ferramentas, o couro e os sapatos foram queimados no jardim. Tão perversos a destruição e o segredo parecem para os espíritos honestos que o senhor Lorry e a senhorita Pross, enquanto se empenhavam em levar a cabo aquele feito e em remover seus vestígios, quase se sentiram cúmplices de algum crime horrendo.

## CAPÍTULO XX

### UMA DEFESA

Depois que os recém-casados regressaram da viagem de núpcias, Sydney Carton foi o primeiro a visitá-los para apresentar-lhes suas congratulações. Fazia poucas horas que o casal retornara ao lar quando ele chegou. Nada havia melhorado em seus hábitos, nem em seu aspecto, tampouco em suas maneiras, mas havia nele um certo ar de devoção, embora rude, que Charles Darnay jamais tinha percebido antes.

Carton aproveitou um momento em que lhe foi possível levar Darnay a uma das janelas, para lhe poder falar sem ser ouvido.

— Senhor Darnay — principiou ele —, gostaria que fôssemos amigos.

— Já não o somos, senhor Carton?

— O senhor afirma isso por amabilidade, por gentileza. Eu não me refiro a meras fórmulas de cortesia. Na verdade, desejo ser seu amigo de fato. Charles Darnay, como era de esperar, indagou-lhe, num bem-humorado tom de camaradagem, o que ele queria dizer com aquilo.

— Em toda a minha vida — replicou Carton, sorrindo —, sempre achei mais fácil compreender do que explicar. Contudo, deixe-me tentar. Lembra-se de uma certa ocasião especial em que eu estava mais embriagado do que... do que o usual?

— Lembro-me de uma ocasião especial em que me obrigou a declarar que o senhor estava embriagado.

— Também me recordo. A desgraça dessas ocasiões pesa sobre mim de tal modo que jamais as esqueço. Espero que isso seja levado em consideração quando chegar o meu último dia! Não se assuste, não pretendo pregar sermão algum.

— Não estou nem um pouco assustado. A sua sinceridade pode ser tudo, menos assustadora para mim.

— Ah! — exclamou Carton, movendo a mão como se afastasse o assunto com aquele gesto. — Na ocasião da embriaguez de que falávamos, apenas uma entre muitas, como sabe, eu estava intoleravelmente indeciso entre gostar ou não do senhor. Espero que esqueça o que aconteceu naquela noite.

— Já o esqueci há muito.

— Mera cortesia, novamente! Ora, senhor Darnay, o esquecimento não é fácil para mim como finge ser para o senhor. Eu não eliminei o incidente de minha memória, e duvido que uma resposta superficial como a sua ajude-me a eliminá-lo.

— Se a resposta foi superficial — retrucou Darnay —, rogo-lhe que me perdoe. Minha intenção foi apenas a de encerrar um assunto que, para minha surpresa, parece perturbá-lo tanto. Como um cavalheiro, dou-lhe minha palavra de honra de que há muito apaguei essa noite da minha lembrança. Bom Deus, como eu me poderia ater a esse incidente sem importância, depois do grande serviço que me prestou aquele dia?

— Quanto a esse “grande serviço” — ripostou Carton —, devo confessar-lhe, já que o menciona com tanta admiração, que não passou de parlapatice profissional. Não sei se me importava, na época, com o que lhe poderia acontecer. Entenda! Eu disse *na época*. Isso foi no passado.

— O senhor minimiza a gratidão que lhe devo — rebateu Darnay —, mas eu não discutirei a superficialidade da *sua* resposta.

— Superficial? Não, é a mais pura verdade, senhor Darnay, acredite. Contudo, nós nos desviamos da questão. Eu falava acerca de sermos amigos. Ouça-me: sabe que não sou o mais capaz entre os homens. Se duvida, pergunte a Stryver e ele confirmará.

— Prefiro formar minhas próprias opiniões sozinho, sem a ajuda de ninguém.

— Está bem. De qualquer modo, o senhor me conhece como dissoluto, que jamais fez ou fará nada digno de nota.

— Não creio que “jamais fará”.

— Mas eu, sim. E o senhor deveria aceitar a minha palavra. Todavia, se puder suportar que um indivíduo imprestável e de má reputação visite a sua casa ocasionalmente, peço-lhe que me conceda o privilégio de visitar a sua casa vez por outra. Que eu seja encarado como um traste inútil, não fosse pela incrível semelhança física que detectei entre nós dois, eu acrescentaria “como uma peça não ornamental do mobiliário, à qual não se presta muita atenção mas que se tolera pela antiga serventia”. Prometo não abusar de sua generosidade. Poderia apostar cem contra um como só me aproveitarei dela três ou quatro vezes por ano. Seria um grande prazer para mim, ousou afirmar, saber que conto com a sua permissão.

— Que tal experimentar?

— Essa é uma forma de dizer que aceita o meu pedido. Sou-lhe muito grato, Darnay. Sob a autoridade do seu nome posso então gozar dessa permissão?

— Desde já, Carton.

Trocaram um aperto de mão e Sydney se retirou. Um minuto depois, seu aspecto exterior voltou a parecer tão insubstancial como sempre.

Depois que ele se foi, no decurso da noite em companhia da esposa, bem como da senhorita Pross, do doutor Manette e do senhor Lorry, Charles Darnay mencionou a conversa que mantivera com o advogado, referindo-se a Sydney Carton como um homem que sofria com a própria indiferença e negligência. Falou a seu respeito, porém, sem amargura nem rigor, mas como alguém que o vira da maneira como ele se mostrara.

Charles não fazia idéia de que seus comentários calavam fundo nas reflexões da jovem esposa. Entretanto, quando, mais tarde, reuniu-se a ela no quarto, encontrou-a à sua espera com a encantadora fronte vincada de linhas de

expressão.

— Estamos tão pensativos esta noite — observou Charles, abraçando-a.

— Sim, meu querido Charles — ela concordou, apoiando as mãos no peito do marido e fitando-o com intensidade. — Estou especialmente pensativa esta noite, porque uma preocupação me ronda a mente.

— De que se trata, Lucie?

— Promete não insistir quando eu não quiser responder?

— Se prometo? Que é que não prometo à minha amada?

Nada, com efeito, poderia negar àquela criatura encantadora. Darnay afastou uma mecha de cabelos dourados de sua face e pousou a mão sobre aquele coração que batia por ele.

— Creio, Charles, que esse pobre senhor Carton merece mais consideração e respeito do que você expressou por ele esta noite.

— É mesmo, querida? E por quê?

— Essa é uma das perguntas a que não posso responder. Mas eu acho, eu *sei*, que ele merece.

— Se você sabe, é o quanto me basta. O que deseja que eu faça, minha vida?

— Queria pedir-lhe, meu querido, que seja generoso com o senhor Carton, que aceite suas falhas com indulgência e que o defenda quando ele não estiver presente. Acredite-me quando lhe digo que esse homem possui, embora raramente o mostre, um coração sensível, mas profundamente ferido. Oh, meu amor, eu já vi esse coração sangrar.

— Para mim, é doloroso pensar — replicou Darnay, abismado — que fui injusto com ele. Porém, eu nunca o enxerguei por essa perspectiva.

— E, no entanto, meu marido, essa é a verdade sobre o senhor Carton. Receio que não se possa salvá-lo, que já não haja esperança de que seu caráter e sua sorte se modifiquem. Todavia, estou certa de que ele é capaz de grandes gestos, de atitudes gentis e magnânimas.

Estava tão linda na pureza da sua confiança naquele homem perdido que Charles poderia passar horas a contemplá-la.

— Oh, meu amado! — ela exclamou com ansiedade. Aconchegou-se mais em seus braços, deitou a cabeça em seu peito e ergueu os olhos para ele. — Lembre-se de como somos fortes em nossa felicidade, e do quanto ele é frágil em sua miséria! A súplica comoveu-o.

— Eu me lembrarei sempre, minha querida! Não esquecerei enquanto viver!

Inclinando-se sobre a cabeça dourada, aproximou os lábios dos seus lábios rosados, e estreitou o abraço. Se o homem solitário que, naquele momento, vagava pelas ruas escuras tivesse ouvido essa terna confidência, se tivesse visto as lágrimas de piedade que brotavam dos olhos azuis que o marido enxugava com beijos, certamente teria exclamado, e não pela primeira vez:

— Que Deus a abençoe por sua doce compaixão!

## CAPÍTULO XXI

### *PASSOS ECOANDO*

Como já observamos, era um lugar prodigioso por seus ecos, aquela esquina onde o doutor vivia. Sempre ocupada enovelando o fio de ouro com o qual ligava seu marido, seu pai, ela própria, e sua velha governanta e companheira, a uma vida de serena felicidade, Lucie integrava-se na atmosfera de quietude dessa casa, naquela esquina tranqüila e ressoante, ouvindo os passos dos anos ecoando.

A princípio, embora ela fosse uma jovem esposa perfeitamente feliz, havia momentos em que seu trabalho tombava lentamente de suas mãos, e seus olhos se turvavam, pois havia alguma coisa chegando nos ecos, um leve rumor, muito longínquo, e ainda quase inaudível, que fazia seu coração confranger-se com uma angústia indefinível. Esperanças e dúvidas palpitantes, esperança de um amor como ela ainda não conhecera; dúvidas, de sua permanência na terra, para desfrutar dessa nova felicidade, travavam um conflito em seu íntimo. Entre esses ecos, então, distinguia o som de passos em seu jazigo precoce; e os pensamentos sobre a desolação e os lamentos do marido que seria deixado para trás lançavam-se sobre seus olhos, onde se quebravam como ondas.

O tempo passou, e sua pequena Lucie repousava em seu regaço. Então, em meio ao ecos que avançavam, havia os passos de seus pequeninos pés e o som de suas palavras balbuciadas. Por mais que ressoassem os maiores ecos, a jovem mãe ao lado do berço podia sempre ouvir aqueles passos miúdos se aproximando. Eles chegavam, e a casa nas sombras era iluminada com um riso de criança, e o Divino amigo das criancinhas, a quem, em sua aflição, ela havia confiado os entes queridos, parecia ter sua filha em Seus braços, da mesma forma que Ele carregara os pequeninos de outros tempos, fazendo disso uma exultação sagrada para ela.

Sempre ocupada enovelando o fio de ouro que os mantinha a todos juntos, entretecendo a sua benévola influência na trama de suas vidas, e concentrando nisso todos as suas forças, Lucie não ouviu durante anos senão ecos amigáveis e tranqüilizadores. Os passos de seu marido soavam fortes e prósperos no meio deles; também os de seu pai, firmes e regulares. Já a senhorita Pross, atrelada com tais cadeias, despertava novos ecos, como um indócil cavalo de batalha mantido sob chicote, relinchando e escavando o solo sob o plátano do jardim.

Mesmo quando havia sons lamentosos entre os demais, não havia neles crueldade ou amargura. Mesmo quando cabelos dourados, como os seus próprios, jaziam como uma auréola no travesseiro, envolvendo o rosto abatido de um garotinho, que dizia, com um sorriso radiante: “Papai e mamãe, meus

queridos, eu lamento muito ter de deixá-los, e à minha linda irmãzinha; mas estou sendo chamado, e devo partir!”, não eram lágrimas de agonia aquelas que molharam seu rosto de jovem mãe, como se soubesse que o espírito que abandonou os seus braços estivera ali apenas sob custódia. Sofreu por ele e não o impediu. Eles viram a face do Senhor. Oh! Pai, abençoadas palavras!

Então, o rumorejar das asas de um anjo veio a misturar-se com os outros ecos, que, assim, deixaram de ser apenas terrenos, passando a abrigar em seu seio algo de celestial. Os sussurros das brisas que sopravam sobre um pequeno sepulcro do jardim mesclaram-se com eles, e ambos eram ouvidos por Lucie, num silencioso murmúrio, como o ressonar de um mar de verão adormecido sobre as areias da praia, como também pela pequena Lucie, comicamente atenta às tarefas da manhã, ou vestindo uma boneca aos pés de sua mãe, tagarelando nos idiomas das duas cidades que estavam amalgamadas em sua vida.

Os ecos raramente respondiam aos passos verdadeiros de Sydney Carton. Cerca de meia dúzia de vezes ao ano, quando muito, ele reclamava seu privilégio de chegar sem ser convidado, e passar a tarde com eles, como fazia antes com freqüência. Nunca veio alterado pela bebida. E outra coisa era sussurrada sobre ele pelos ecos, a qual tem sido sussurrada por todos os ecos leais de todas as eras.

Nenhum homem já amou realmente uma mulher, perdeu-a, e preservou esse amor inocente mas inabalável em seu espírito quando ela se tornou esposa e mãe. Seus filhos, contudo, nutriam uma estranha compaixão por ele, uma comiseração instintiva e delicada. Que invisível sensibilidade é tocada num caso como esse, isso os ecos não revelam; mas é assim, e era assim aqui. Carton foi o primeiro desconhecido para quem a pequena Lucie estendeu os bracinhos gorduchos, e ele conservou seu lugar naquele coração mesmo depois de ela crescer. O garotinho balbuciou a seu respeito quase até o último suspiro: “Pobre Carton! Beije-o por mim!”

O senhor Stryver abria caminho com os ombros pelas trilhas da lei, como um grande engenho esforçando-se em águas turbulentas, e arrastando o indispensável amigo em seu agitado curso, feito um barco levado a reboque em sua popa.

Como só os barcos que se encontram em apuros, a maioria já se tendo afundado, são favorecidos dessa forma, assim Sydney vivia sempre à beira do naufrágio. Contudo, um hábito cômodo e poderoso, infelizmente mais cômodo e poderoso para ele do que qualquer estimulante senso do próprio mérito ou da própria degradação, impunha-lhe aquela vida como a única possível; e ele não mais pensava em emergir daquela condição de chagal diante do leão, da mesma forma como jamais ocorre a um chagal de verdade transformar-se em leão. Stryver estava rico. Desposara uma viúva espalhafatosa dotada de uma propriedade e de três filhos que nada tinham de particularmente brilhante além do cabelo liso que lhes escorria pelas cabeças rechonchudas.

Esses três jovens cavalheiros, o senhor Stryver, exsudando um apadrinhamento da espécie mais ofensiva por todos os poros, conduziu, como a três carneiros, ao sossegado recanto do Soho, oferecendo-os como pupilos ao marido de Lucie, solicitando com sua proverbial delicadeza:

— Olá! Eis aqui três pedaços de pão com queijo para seu piquenique



matrimonial, Darnay!

A polida rejeição dos três pedaços de pão com queijo fez o senhor Stryver inchar de indignação, a qual ele, mais tarde, transformou em vantagem que enriquecia a educação dos rapazes, por meio de uma advertência para que estes se conscientizassem do orgulho dos mendigos, do qual era exemplo a atitude do professor. Ele também adquirira o costume de declamar para a senhora Stryver, por sobre a garrafa de vinho que esvaziara, acerca das artimanhas de que a senhora Darnay se valera para “agarrá-lo”, e sobre as preciosas artimanhas de que ele tivera de lançar mão, madame, para não se deixar “agarrar”. Alguns de seus colegas do Tribunal Superior de Justiça, que ocasionalmente o ajudavam a esvaziar as garrafas de vinho e a mentir, desculpavam-no por esta última alegando que ele contava aquela versão com tamanha freqüência que passara a acreditar em sua veracidade, o que certamente é um inadmissível agravante de uma ofensa originalmente grave, que justificaria que esse ofensor fosse levado para algum lugar convenientemente retirado e lá enforcado.

Este era um dos ecos que Lucie, às vezes pensativa, outras vezes alegre e sorridente, ouvia na esquina ressoante, até sua filhinha atingir os seis anos de idade. Quão próximos de seu coração os ecos dos passos de sua filha chegavam, bem como os de seu querido pai, sempre ativos e confiantes, e os de seu adorado marido, não é preciso dizer. Nem é necessário mencioná-lo o mais leve dos ecos de sua família unida, guiada por ela com tal sabedoria e parcimoniosa, que era mais farta do que qualquer esbanjamento, elegância, soava-lhe como música. Tampouco é preciso contar que havia ecos extremamente doces aos seus ouvidos, como os do pai ao repetir que ela se tornara ainda mais devotada a ele depois do casamento (se isso era possível), ou como os do marido, ao reiterar-lhe que nenhum cuidado ou dever parecia dividir-lhe a atenção e o amor por ele, e lhe perguntava:

— Qual é o segredo mágico, minha querida, que lhe permite dedicar-se tão exclusivamente a todos e a cada um de nós, sem nunca se mostrar cansada, apressada, ou demasiado ocupada?

Contudo, havia outros ecos, vindos de longe, que rugiam surda e ameaçadoramente na esquina durante todo aquele espaço de tempo. E era agora, por volta do sexto aniversário da pequena Lucie, que esses começaram a ribombar de modo assustador, como se provenientes de uma grande tormenta na França que fazia erguerem-se os mares.

Numa noite em meados de julho de 1789, o senhor Lorry chegou tarde do banco e sentou-se ao lado de Lucie e do marido junto à janela. Era uma noite quente e abafada, que os lembrou de uma outra noite, num domingo, quando contemplaram os raios de uma tremenda tempestade naquela mesma sala.

— Eu já pensava — comentou o senhor Lorry, empurrando a peruca marrom para trás — que teria de passar a noite no Tellson. Estivemos às voltas com tantos negócios, hoje, que nem sabíamos por onde começar. Reina uma tal inquietação em Paris que nós literalmente sofremos uma enxurrada de depósitos e de transferências de fundos! Nossos clientes de lá parecem não conseguir confiar suas propriedades aos nossos cuidados com rapidez suficiente. Creio que se tornou uma verdadeira mania, entre eles, enviar seus bens para a Inglaterra.

— É um mau prenúncio — observou Charles.

— Mau prenúncio, meu caro Darnay? Sim, mas não sabemos o que tem causado esse transtorno. As pessoas são tão pouco razoáveis! Alguns de nós, do Tellson, estamos envelhecendo, e não podemos ser sobrecarregados dessa forma sem um bom motivo.

— Ainda assim — replicou Darnay —, o senhor sabe quão escuro e ameaçador está o céu.

— Eu sei disso, por certo — anuiu o senhor Lorry, procurando persuadir-se de que seu humor, usualmente bom, se havia destemperado, e resmungou: — mas estou determinado a desabafar depois de um dia cheio de aborrecimentos. Que é feito de Manette?

— Eis-me aqui — exclamou o médico, entrando naquele instante na sala escura.

— Fico feliz que esteja em casa. Pois a azáfama de hoje e os maus pressentimentos que me rondaram o dia inteiro enervaram-me sem razão. Não pretende sair, pois não?

— Não. Pretendo jogar uma partida de gamão com o senhor, se a idéia lhe agrada — propôs o doutor.

— Não creio que me agrade, se permite a franqueza. Não estou disposto a ser derrotado pelo senhor, esta noite. A bandeja de chá ainda está por aí, Lucie? Não a vejo.

— É claro que está. Eu a guardei para o senhor.

— Muito obrigado, minha querida. Nossa adorável garotinha está a salvo na cama?

— Dormindo como um anjo.

— Perfeito. Todos a salvo e bem! Não sei por que estariam outra coisa que não a salvo e bem, graças a Deus. É que me estafei tanto hoje... já não sou jovem como antes! Meu chá, minha querida! Grato. Agora, venha e sente-se no seu lugar. Fiquemos quietos e ouçamos os ecos sobre os quais você tem uma curiosa teoria.

— Não se trata de uma teoria, mas de uma fantasia.

— Uma fantasia, que seja, minha sensata amiga — retrucou o senhor Lorry, dando tapinhas carinhosos em sua mão —, esses ecos são muito numerosos e altos, não? Escutem...

Precipitados, ensandecidos e perigosos passos abriam caminho à força na vida de cada um, difíceis de purificar de novo, depois de terem manchado de vermelho, os passos enfurecidos que vinham de longe, de Santo Antônio, enquanto o pequeno grupo sentava-se à janela em Londres.

Santo Antônio havia sido, naquela manhã, uma grande e escurecida vastidão de espantalhos ondulando de um lado para o outro, com freqüentes clarões relampejando sobre as cabeças encapeladas, onde lâminas de aço e baionetas reluziam ao sol. Um formidável rugido brotou da garganta de Santo Antônio, e uma floresta de braços nus ergueu-se no ar como galhos de árvores crestados pelo vento do inverno: todos os dedos convulsivamente apertados em torno de cada arma ou improvisação de arma lançada das profundezas, não importando a

distância.

Quem lhas havia dado, de onde vieram, onde foram fabricadas, através de que ação elas tortuosamente estremeciam e se sacudiam, às vintenenas de cada vez, sobre as cabeças da multidão, como uma espécie de relâmpago, isso ninguém da multidão saberia dizer; contudo, mosquetes eram distribuídos, bem como cartuchos, pólvora e balas, barras de aço e de ferro, facas, machados, picaretas e cada arma que a perturbada engenhosidade pudesse descobrir ou imaginar. As pessoas que não pudessem munir-se de nenhuma outra coisa feriam as mãos até sangrarem arrancando pedras e tijolos dos muros. Cada pulso e coração em Santo Antônio batia tenso e febril. Cada criatura viva ali não dava nenhum valor à própria vida, enlouquecida com uma apaixonada disposição de sacrificá-la.

Assim as águas de um remoinho rodopiam em torno de um ponto central, assim esse raivoso círculo voluteava ao redor da taberna de Defarge, e todos os seres humanos que caíam naquele caldeirão tendiam ao vórtice onde Defarge, já enegrecido de pólvora misturada com suor, distribuía or-dens e armas, mandava um homem recuar, enviava outro para a frente, desarmava alguns para armar outros, labutava e se empenhava em meio ao tumulto.

— Fique perto de mim, Jacques terceiro — bradou Defarge —, e vocês, Jacques primeiro e segundo, separem-se e coloquem-se na liderança de tantos patriotas quantos conseguirem. Onde está minha mulher?

— Eh! Bem! Eis-me aqui! — disse madame, tranqüila como de hábito, embora não tricotasse naquele dia. A resoluta mão direita de madame ocupava-se de um machado, no lugar dos costumeiros implementos mais suaves, e em seu cinto trazia uma pistola e uma faca impiedosa.

— Aonde vai, minha esposa?

— Eu vou — ripostou madame — com meu marido, por ora. Você me verá à frente das mulheres dentro em pouco.

— Então, venha! — gritou Defarge, com voz tonitruante.

— Patriotas e amigos, estamos prontos! À Bastilha!!

Com um frêmito que ressoou como se todo o alento da França assumisse a forma da execrada palavra, o mar humano ergueu-se, onda por onda, profundidade por profundidade, e inundou a cidade até aquele ponto. Sinos de alarme repicando, tambores rufando, o mar enfurecido estrondeando em sua nova praia... o ataque teve início.

Fossos profundos, pontes levadiças duplas, muralhas maciças de pedra, oito grandes torres, canhões, mosquetes, fogo e fumaça. Através do fogo e da fumaça, no fogo e na fumaça, pois o mar arremessou-o para um canhão, e, naquele instante, ele se tornou um canhoneiro, Defarge da taberna lutava como um soldado intrépido já havia duas ferozes horas.

Fossos profundos, pontes levadiças simples, muralhas maciças de pedra, oito grandes torres, canhões, mosquetes, fogo e fumaça. Uma ponte caiu!

Trabalhem, companheiros, todos ao trabalho! Trabalhem, Jacques primeiro, Jacques segundo, Jacques terceiro, Jacques quarto, Jacques quinquagésimo, Jacques dois mil, Jacques vinte mil! Em nome de todos os santos e de todos os demônios, como preferirem, trabalhem! — Assim comandava Defarge da

taberna, ainda em seu canhão, agora fervendo.

— Sigam-me, mulheres! — conclamou madame esposa dele. — Ora! Nós poderemos matar tão bem quanto os homens, depois que o lugar for tomado! — E atrás dela, com um estridente e sequioso alarido, seguiu uma tropa de mulheres armadas das mais diversas maneiras, mas todas armadas com igual avidez e desejo de vingança.

Canhões, mosquetes, fogo e fumaça. Mas, ainda, o fosso profundo, a ponte levadiça dupla, as muralhas maciças de pedra e as oito grandes torres. Ligeiros deslocamentos do mar bravio, causados pelos feridos que tombavam. Armas lampejantes, tochas bruxuleantes, fumegantes carroças com fardos de feno úmido, o trabalho árduo de erguer barricadas em todas as direções, gritos, rajadas, imprecizações, bravura sem limites, estrondos, colisões e estrépitos, e os rugidos furiosos do mar humano. Mas, ainda, o fosso profundo, a ponte levadiça simples, as muralhas maciças de pedra e as oito grandes torres, e ainda Defarge da taberna em seu canhão, incandescente após quatro ferozes horas de serviço.

Uma bandeira branca dentro da fortaleza e uma conferência, esta mal perceptível no fragor da tempestade. De repente, o mar eleva-se, incomensuravelmente mais alto e maior, e impulsiona Defarge da taberna pela ponte levadiça abaixada, para dentro das muralhas maciças de pedra, por entre as oito grandes torres que afinal se renderam!

Tão irresistível era a força do oceano que o impelia que mesmo tomar fôlego ou voltar a cabeça era impraticável como se ele se estivesse debatendo nas ondas dos tempestuosos mares do sul. Lá, apoiado numa quina da muralha, forcejou para olhar em torno. Jacques terceiro estava a seu lado. Madame Defarge, ainda liderando algumas mulheres, encontrava-se a curta distância, empunhando sua faca. Por toda a parte havia tumulto, exultação, ensurdecidora e maníaca confusão, um barulho estarrecedor, uma furiosa pantomima.

— Os prisioneiros!

— Os arquivos!

— As celas secretas!

— Os instrumentos de tortura!

— Os prisioneiros!

Entre todos esses gritos, e dez mil incoerências, “Os prisioneiros!” era o mais proclamado pelo mar que se precipitava para dentro como se houvesse uma eternidade de pessoas, tanto quanto de tempo e de espaço. Quando os primeiros vagalhões passaram, carregando os funcionários da prisão e ameaçando-os todos de morte imediata se restasse um único recanto por revelar, Defarge pousou a mão forte no peito de um desses funcionários, um homem com cabelos grisalhos, que trazia uma tocha, separou-o dos demais e imprensou-o contra a muralha.

— Mostre-me a Torre Norte! — ordenou Defarge. — Depressa!

— Eu o farei de bom grado — replicou o homem — se o senhor vier comigo. Mas não há ninguém lá.

— O que significa Cento e cinco, Torre Norte? — indagou Defarge. — Depressa!

— O que significa, senhor?

— Será que designa um prisioneiro ou uma cela? Terei de matá-lo para que me responda?

— Mate-o! — cacarejou Jacques terceiro, que se aproximara.

*Monsieur*, trata-se de uma cela.

— Mostre-me!

— Venha por aqui, então.

Jacques terceiro, com sua habitual avidez, e evidentemente desapontado com o fato de o diálogo tomar um rumo que não prometia derramamento de sangue, segurou o braço de Defarge, que segurara o do carcereiro. Os três haviam juntado as cabeças durante a breve discussão, para que pudessem ouvir uns aos outros, tão tremendo era o ruído do oceano humano em sua irrupção na fortaleza, e em sua inundação dos pátios, dos corredores e escadarias. Fora, também, as vagas chocavam-se contra as muralhas com um bramido profundo, rouco, do qual, ocasionalmente, destacavam-se gritos que se erguiam como a espuma do mar.

Através de sombrias passagens abobadadas onde a luz do dia jamais brilhava, das hediondas portas que trancavam covis e jaulas escuras, descendo escadas escorregadias e subindo novamente por íngremes rampas de pedra e tijolo, mais parecendo cachoeiras secas do que escadarias, Defarge, o carcereiro e Jacques terceiro, unidos pelos braços, seguiram o mais depressa que podiam. Aqui e ali, principalmente no início, a inundação os seguiu e passou adiante. Contudo, depois que desceram, contornaram e subiram a torre, não cruzaram com mais ninguém. Isolados ali pela maciça espessura dos muros e arcos, a tempestade que rugia dentro e fora da fortaleza só era audível para eles de uma forma abafada e longínqua, como se o barulho do qual tinham vindo quase lhes houvesse destruído o sentido da audição.

O carcereiro parou diante de uma porta baixa, pôs a chave na rangente fechadura, empurrou a porta com esforço e anunciou:

— Cento e cinco, Torre Norte.

Havia uma janela pequena e sem vidro no alto da parede, com um anteparo de pedra na frente, de modo que só se podia ver o céu curvando-se e olhando para cima; uma pequena chaminé fechada por uma grade de madeira, a poucos metros; uma pilha de cinzas na lareira; um tamborete, uma mesa e uma enxerga de palha. E havia as quatro paredes enegrecidas, numa das quais via-se uma argola de ferro enferrujada.

— Ilumine devagar as paredes, para que eu possa vê-las — ordenou Defarge ao carcereiro.

O homem obedeceu e Defarge, com os olhos, acompanhou a tocha de perto.

— Pare! Olhe ali, Jacques.

— Um “A” e um “M” — cacarejou Jacques terceiro, lendo avidamente.

— Alexandre Manette — murmurou Defarge em seu ouvido, seguindo o traçado das letras com seu dedo incrustado de pólvora. — E aqui, ele escreveu “um pobre médico”. E foi ele, sem dúvida, que rabiscou um calendário nesta pedra. O que é isso em sua mão? Uma barra de ferro? Passe-a para mim!

Ele ainda tinha o bota-fogo de sua arma na mão. Efetuou uma troca súbita

dos dois instrumentos e, voltando para o tamborete carcomido e para a mesa, quebrou-os em pedaços.

— Levante a tocha! — comandou com irritação ao carcereiro. — Procure bem por entre esses fragmentos, Jacques. E veja! Aqui está a minha faca — atirou-a para ele —, corte o colchão e examine-lhe a palha. Você, levante mais a tocha!

Lançou um olhar ameaçador ao carcereiro, introduziu-se na chaminé, rompeu a grade e bateu nas paredes. Desprendeu-se um pouco de pó e de cal e ele baixou a cabeça para evitar que lhe caíssem nos olhos. Em seguida, revistou minuciosamente as cinzas, as aberturas e as fendas mais insignificantes nas quais a sua arma esbarrara.

— Nada na madeira nem na palha, Jacques?

— Nada.

— Vamos juntar tudo no meio da cela. Assim! Erga a tocha!

O carcereiro ateou fogo na pequena pilha, que ardeu alto e quente. Curvando-se de novo para cruzar a porta arqueada e baixa, eles deixaram o fogo crepitando e refizeram o caminho até o pátio, parecendo recobrar o sentido da audição à medida que desciam, até imergirem-se de novo na torrente.

Encontraram-na ondulando e agitando-se em busca de Defarge. Santo Antônio clamava pela presença de seu taberneiro, para que este se pusesse à frente da tropa encarregada do governador que defendera a Bastilha e disparara contra o povo. Do contrário, o governador não chegaria ao Palácio de Ville para julgamento. Do contrário, o governador escaparia e o sangue do povo (que, subitamente, adquirira algum valor, após tantos séculos sem valor algum) não seria vingado.

No uivante universo de paixão e luta que parecia circundar esse velho e cruel oficial, conspícuo em sua casaca cinza guarnecida de vermelho, só havia uma pessoa calma e impassível, e essa era uma mulher.

— Vejam, ali está meu marido! — ela bradou, apontando para ele. — Vejam Defarge! — Ela se manteve imóvel junto dele através das ruas, enquanto Defarge e os demais o carregavam; permaneceu imóvel junto dele quando se aproximavam de seu destino e começaram a golpeá-lo por trás; imóvel junto dele também quando a copiosa chuva de punhaladas e pauladas se abateu pesada sobre o homem ferido; estava tão perto quando ele caiu morto que, subitamente animada, ela pôs o pé sobre seu pescoço e, com sua cruel faca, havia muito pronta para atacar, decepou-lhe a cabeça. A hora chegara, quando Santo Antônio executaria sua medonha idéia de pendurar homens em vez de lâmpioes para mostrar o que podia ser e fazer. O sangue de Santo Antônio fervia, e o sangue da tirania e da dominação por mão de ferro esfriara, esfriara nos degraus do Palácio de Ville, onde o corpo do governador jazia, esfriara no sapato de madame Defarge, que pisara o corpo para facilitar a mutilação.

— Baixem o lâmpião! — gritava Santo Antônio, depois de procurar em redor um outro objeto de suplicio. — Eis aqui um dos soldados dele para ficar de guarda!

A sentinela se balançou nos ares e a onda seguiu o seu curso.

O mar de águas escuras e ameaçadoras, cujas ondas destruidoras se sucediam com fúria, cujas profundezas eram ainda insondáveis e cuja força era ainda desconhecida. O mar sem remorso de formas turbulentamente convulsionadas, de vozes que clamavam por vingança e de faces temperadas nas fonalhas do sofrimento até que o toque da piedade não mais pudesse marcá-las.

Contudo, no oceano de faces em que cada expressão feroz e furiosa se estampava em cores vivas, havia dois grupos de faces, com sete em cada um, tão fortemente contrastantes com as demais que nunca o mar revoltado arrojou de suas águas restos mais memoráveis. Sete faces de prisioneiros, subitamente libertados pela tormenta que lhes arrombara o sepulcro, foram carregadas nos ombros: todas amedrontadas, perdidas, perplexas e intrigadas, como se o Juízo Final houvesse chegado e aqueles que se regozijavam ao seu redor fossem espíritos extraviados. Outras sete faces havia, carregadas nos ombros, sete faces mortas, cujas pálpebras caídas e olhos semicerrados aguardavam o Juízo Final. Faces impassíveis que, entretanto, exibiam uma expressão não destruída, mas suspensa. Faces que pareciam estar numa temível pausa, como se fossem levantar as pálpebras caídas e prestar testemunho com os lábios exangues: “Vós fizestes isso!”.

Sete prisioneiros libertados, sete ensangüentadas cabeças nos mastros, as chaves da amaldiçoada fortaleza das oito grandes torres, algumas cartas descobertas e outras recordações de prisioneiros dos velhos tempos, havia muito, mortos de desespero, todas essas coisas, e outras da mesma natureza, os passos ressoantes de Santo Antônio escoltaram pelas ruas de Paris em meados de julho de 1789. Agora, que os céus derrotassem a fantasia de Lucie Darnay e mantivessem aqueles longínquos passos bem longe de sua vida! Pois eles são precipitados, ensandecidos e perigosos. E, tantos anos depois de um barril de vinho ter-se quebrado na porta da taberna de Defarge, eles não são tão fáceis de purificar, por se terem uma vez manchado de vermelho.

## CAPÍTULO XXII

### O MAR AINDA SE AGITA

O bravo Santo Antônio tivera apenas uma exultante semana para suavizar ao máximo sua côdea de pão duro e amargo com o doce sabor dos abraços fraternais e congratulações, quando madame Defarge voltou a sentar-se atrás do costumeiro balcão para atender seus clientes. Não havia rosas em seus cabelos, pois a grande fraternidade de espíões se tornara, no curto espaço de uma semana, extremamente relutante em entregar-se à clemência do santo. Além disso, os lampiões nas ruas pareciam-lhes balançar de modo agourento.

Madame Defarge, com os braços cruzados, desfrutava da luz e do calor matinais, observando a taberna e a rua. Em ambas, viam-se grupos de vadios esqueléticos e miseráveis, que agora ostentavam o halo do poder entronizado em sua penúria. O mais esfarrapado barrete cingindo a mais miserável cabeça exibia o desagradável significado: “Sei o quanto foi difícil para mim, que uso este barrete, suportar a minha vida; mas saberá você o quanto ficou fácil para mim, que uso este barrete, destruir a sua vida?”. Cada braço descarnado e nu que a falta de trabalho imobilizara agora podia sempre contar com a ocupação de atacar. Os dedos das tricoteiras tornaram-se cruéis ao descobrirem as malhas que podiam tecer. Havia uma perceptível mudança no semblante de Santo Antônio. Sua imagem vinha sendo forjada ao longo de centenas de anos, mas os últimos e conclusivos golpes do martelo ressaltaram grandemente a sua expressão.

Madame Defarge, sentada atrás do balcão, observava a mudança com um discreto ar de aprovação, como convinha à líder das mulheres do bairro de Santo Antônio. Uma de suas companheiras tricotava ao lado dela. De baixa estatura e um tanto roliça, esposa de um esfaimado merceeiro e mãe de duas crianças, a “tenente” de Madame Defarge conquistara o honroso epíteto de “A Vingança”.

— Ouça! — exclamou A Vingança. — Que burburinho é esse?

Como se um rastilho de pólvora, vindo de fora do bairro até a porta da taberna, se tivesse inflamado, um rumorejo alastrou-se depressa, chegando até ali.

— É Defarge — madame anunciou. — Silêncio, patriotas! O taberneiro entrou ofegante, tirou o barrete vermelho da cabeça e lançou um olhar em torno. — Escutem, todos! — bradou novamente madame. — Escutem *monsieur* Defarge!

Defarge, arquejando, destacava-se contra o fundo de olhares inflamados e lábios entreabertos que se agrupavam do lado de fora da porta.



— Conte-nos, meu marido. O que aconteceu? — Trago notícias do outro mundo.— Como assim — gritou madame com desdém —, “do outro mundo”? — Todos aqui se lembram do velho Foulon, aquele que dizia aos famintos que comessem capim, e que morreu e foi para o inferno?

— Sim! — a resposta soou em unísono.— As notícias são a seu respeito. Ele está entre nós!

— Entre nós! — o coro em unísono, novamente. — E morto?!

— Vivo! Ele nos temia tanto, e com razão, que se fez passar por morto e mandou celebrar um magnífico funeral de mentira. Mas foi encontrado com vida, escondido no campo, e trazido para cá. Acabei de vê-lo a caminho do palácio de Ville, como prisioneiro. Eu disse que ele tinha razão para nos temer. Respondam! Eu estava certo?

Se o infeliz pecador, um velho de mais de setenta anos, houvesse duvidado disso e estivesse ali naquele momento, com certeza sua dúvida se dissiparia ao ouvir a imprecisão que respondeu as palavras de Defarge.

Seguiu-se um momento de profundo silêncio. Defarge e a esposa trocaram um olhar inflexível. A Vingança curvou-se, e ouviu-se o ruído do tambor que ela empurrou com o pé, por trás do balcão. — Patriotas! — clamou Defarge, com determinação. — Estamos prontos?

Imediatamente, madame Defarge pôs o punhal na cintura; o tambor foi percutido pelas ruas como se instrumento e instrumentista houvessem voado num passe de mágica; e A Vingança, soltando gritos formidáveis e erguendo os braços acima da cabeça como se encarnasse todas as quarenta Fúrias, foi de casa em casa alertar as mulheres.

Os homens, terríveis na ira sanguínea com que olhavam pelas janelas, renunciaram-se de todas as armas que possuíam e acorreram ao chamado. As mulheres, contudo, constituíam uma visão capaz de gelar o sangue dos mais audaciosos. Abandonaram as tarefas domésticas que a extrema pobreza lhes impunha, deixaram os filhos, os pais velhos e os enfermos, que jaziam nus e famintos no chão duro, e precipitaram-se, com os cabelos desgrenhados, apressando umas às outras e a si mesmas, beirando a loucura com seus gritos e modos selvagens: “Prenderam o odioso Foulon, irmã! Prenderam o velho Foulon, minha mãe! O patife do Foulon foi preso, filha!”. Então, um outro grupo de mulheres se misturou a elas, batendo no peito, puxando os cabelos e berrando: “Foulon está vivo! Foulon, que mandou o povo faminto comer capim! Foulon, que mandou meu velho pai comer capim quando eu já não tinha pão para lhe dar! E mandou-me dar capim ao meu bebê quando meu leite secou! Oh, mãe de Deus, aquele Foulon! Oh, céus, quanto sofremos! Ouçam-me, meu bebê morto e meu debilitado pai: de joelhos nestas pedras, juro que os vingarei de Foulon! Maridos, irmãos, rapazes, dêem-nos o sangue de Foulon, dêem-nos sua cabeça, seu coração, seu corpo e sua alma, estraçalhem Foulon e enterrem-no, para que dele brote o capim!”. Com esses gritos, inúmeras mulheres imergiram num furor cego, e rodopiaram, agrediram e rasgaram as próprias amigas até que tombaram desmaiadas e só escaparam de ser pisoteadas graças a seus homens.

Ainda assim, não perderam sequer um minuto. Nem um minuto! O tal

Foulon estava no palácio de Ville e podia ser posto em liberdade. Isso nunca, pois Santo Antônio sabia bem dos sofrimentos, dos insultos e injustiças que padecera! Homens armados e mulheres ensandecidas congregaram-se e, arrastando atrás de si toda a escória que atraíam, marcharam para fora do bairro tão depressa que, em apenas um quarto de hora, não havia mais uma criatura no coração de Santo Antônio, com exceção de umas poucas velhas e as crianças de colo.

Não, ele não seria posto em liberdade. Àquela altura, a turbamulta já entupira a sala de interrogatório onde se encontrava o velho feio e perverso, e se espalhara pelas praças e ruas adjacentes. O casal Defarge, A Vingança e Jacques terceiro ocupavam a fileira da frente, a pequena distância do prisioneiro.

— Vejam! — bradou madame, apontando com o punhal.

— Vejam o velho patife amarrado com cordas. Deviam amarrar-lhe os braços atrás das costas com capim. Ha, ha! Seria bem feito. Dêem-lhe capim para comer! — Madame colocou o punhal debaixo do braço e aplaudiu como se estivesse num teatro.

As pessoas imediatamente atrás de madame Defarge explicaram a causa de sua satisfação aos que vinham em seguida e estes aos que estavam atrás e assim por diante, de forma que os aplausos se espalharam até retumbarem pelas ruas das cercanias. Da mesma forma, ao longo das duas ou três horas de extenso palavrório, as freqüentes expressões de impaciência de madame Defarge foram transmitidas ao longe com prodigiosa ligeireza, graças a alguns homens que, dotados de grande agilidade, haviam escalado a fachada do prédio para espiar pelas janelas e, como conheciam bem madame Defarge, atuavam como um telégrafo humano entre ela e a multidão.

Por fim, o sol se ergueu tão alto que generosamente lançou um raio, como um sinal de esperança ou de proteção, sobre a cabeça do velho prisioneiro. Tal benevolência era intolerável. Num átimo, a frágil barreira que se mantivera por um tempo surpreendentemente longo desmoronou-se e Santo Antônio apoderou-se do prisioneiro!

No mesmo momento, a notícia espalhou-se até os con-fins da turba. Defarge saltara a balaustrada e a mesa e enlaçara o desventurado patife num abraço mortal. Madame Defarge seguira o marido e agarrara uma das cordas que o amarravam. A Vingança e Jacques terceiro ainda não se haviam aproximado nem os homens nas janelas tinham saltado para o salão, lá ficando como aves de rapina empoleiradas, quando o brado irrompeu e pareceu ressoar por toda a cidade: “Tragam-no para fora! Levem-no ao lampião!”.

Arrojaram-no ao solo, arrastaram-no pela escadaria, ora de joelhos, ora sobre as mãos, ora de cabeça para baixo, e centenas de mãos lhe atiraram na cara punhados de feno e de palha. O infeliz, dilacerado, machucado, ofegando, sangrando, mas sempre implorando e suplicando, agitou-se em agonia, com a força que lhe concedia o desespero, assim que a turbamulta recuou para o contemplar. Foi arrastado como uma tora de madeira podre através de uma floresta de pernas. Empurraram-no até a esquina mais próxima, onde balançavam os lampiões mortíferos, e ali madame Defarge o soltou, como um gato teria feito a um rato, e, silenciosa e tranqüilamente, observou-o enquanto os homens terminavam os preparativos e ele lhe rogava clemência. As mulheres

atiraram-lhe insultos veementes e seus maridos gritaram desdenhosamente que deveria morrer com a boca cheia de capim. Uma vez, suspenderam-no na corda, mas esta se rompeu, e os homens apanharam-no com gritos raivosos... Pela segunda vez, a corda se rompeu e os homens o apanharam com gritos raivosos... Então, a corda mostrou-se misericordiosa e o estrangulou. Em seguida, fincaram sua cabeça numa vara pontuda e encheram-lhe a boca de capim. Diante dessa visão, todos de Santo Antônio se puseram a dançar.

Não terminara ainda a sanguinária tarefa do dia, pois Santo Antônio tanto gritara e dançara em sua fúria que o sangue tornou a ferver em suas veias quando, no final da tarde, anunciaram que o genro do executado, outro entre os inimigos e ofensores do povo, estava chegando a Paris sob uma escolta de quinhentos cavalos. Santo Antônio inscreveu seus crimes em tremeluzentes folhas de papel, apoderou-se dele, e o teria arrebatado da proteção de um exército, se fosse preciso, fincou-lhe a cabeça e o coração em outros chuços e carregou os três troféus do dia pelas ruas numa feroz procissão.

Já era noite quando os homens e mulheres regressaram para seus filhos, que choravam de fome. Então, formaram-se longas filas diante das miseráveis padarias, todos aguardando pacientemente sua vez de comprar um pão de péssima qualidade. E enquanto esperavam com o estômago vazio e debilitado, matavam o tempo abraçando-se uns aos outros, trocando congratulações pelo triunfo. Pouco a pouco, as filas de esfarrapados foram diminuindo até desaparecerem por completo. E as pobres luzes começaram a brilhar através das janelas; armaram-se fogueiras nas ruas, nas quais se cozinhou em comum, e cearam diante das portas.

Ceias escassas e miseráveis, desprovidas de carne e de qualquer tipo de molho que amaciasse o pão duro. Contudo, uma calorosa camaradagem tornava nutritiva a magra refeição e acendia-lhes algumas centelhas de alegria. Pais e mães que haviam tomado parte ativa nos horrores do dia brincavam gentilmente com seus filhos esqueléticos. Os namorados, com tão terrível mundo a seu redor e à sua frente, amavam e acalentavam esperanças.

Já era quase manhã quando o último grupo de fregueses saiu da taberna, e *monsieur* Defarge disse à madame sua esposa em tom rouquenho, enquanto fechava a porta:

— Por fim, conseguimos!

— É... — concordou madame. — Quase.

Santo Antônio adormeceu. Os Defarge adormeceram. Até mesmo A Vingança dormia com seu faminto merceeiro, e o tambor repousava. A voz do tambor era a única que o açodamento e o sangue não haviam modificado. Como sua guardiã, A Vingança poderia despertá-lo e obter o mesmo rufar de antes da queda da Bastilha ou da captura do velho Foulon. O que não ocorria com as vozes roucas dos homens e mulheres de Santo Antônio.

## CAPÍTULO XXIII

### ERGUE-SE O FOGO

Notava-se uma mudança na aldeia onde a fonte murmurava e de onde o reparador de estradas saía diariamente para extrair das pedras o escasso pão com que mantinha unidos sua pobre e ignorante alma e seu pobre e esqualido corpo. A prisão no alto do penhasco não parecia tão poderosa quanto antes. Havia soldados para guardá-la, mas não muitos; havia oficiais para comandar os soldados, mas nenhum deles tinha outra certeza do que seus homens fariam que não esta: eles provavelmente não obedeceriam às suas ordens.

Por toda a parte os campos se estendiam, arruinados, nada produzindo além de desolação. Cada folha verde de pasto ou de cereais mostrava-se tão murcha e enfraquecida quanto o povo miserável. Tudo estava retorcido para baixo, abatido, oprimido e despedaçado. Casas, valados, animais domésticos, homens, mulheres, crianças, o solo sob seus pés, tudo estava exaurido.

*Monseigneur* (como indivíduo, quase sempre um perfeito cavalheiro) era uma bênção nacional; conferia um tom cavalheiresco a tudo ao seu redor, era um elegante exemplo da vida luxuosa e resplandecente e prestava-se a muitos outros propósitos de igual natureza. Entretanto, como classe social, *monseigneur* havia, de um modo ou de outro, conduzido a situação àquele estado de coisas. Era estranho que a natureza e os homens, destinados exclusivamente a *monseigneur*, estivessem tão confrangidos e esmagados! Certamente, devia haver alguma falha de visão nos designios eternos! Contudo, assim era. E, tendo extraído das pedras a última gota de sangue e apertado o último parafuso da cremalheira com tanta freqüência que o espanou, fazendo-o agora girar em falso, *monseigneur* começou a fugir de um fenômeno tão abjeto quanto inexplicável.

Todavia, não era essa a mudança na aldeia, e em muitas aldeias como aquela, a que nos referíamos. Por vintenas de anos, *monseigneur* a havia confrangido e esmagado, raramente agraciando-a com a sua presença, exceto para os prazeres da caça, encontrados ora na caça às pessoas, ora na caça aos animais, para cuja preservação *monseigneur* edificadamente mandava reservar extensas áreas, assim condenadas a permanecerem incultas e estéreis. Não. A mudança consistia mais no aparecimento de estranhos rostos da classe baixa do que no desaparecimento das cinzeladas, nobres, beatíficas e beatificadas faces de *monseigneur*.

Pois nesses tempos, quando o reparador de estradas trabalhava, solitário, no pó, quase nunca parando para refletir que do pó viera e ao pó retornaria, já que estava quase sempre pensando, em vez disso, no pouco que teria para comer

e no quanto seria capaz de comer, se pudesse dispor de mais comida, nesses tempos, quando erguia os olhos de seu trabalho solitário para contemplar o panorama, veria uma figura rude aproximar-se a pé, figura outrora tão rara, mas que, agora, era uma presença constante. À medida que o forasteiro avançava, o reparador de estradas constataria sem surpresa que se tratava de um homem com cabelos desgrenhados, de aspecto quase selvagem, alto, calçando sapatos de madeira que pareciam toscos até mesmo aos olhos de um reparador de estradas, sinistro, grosseiro, amorenado, impregnado de lama e de poeira de muitas estradas, molhado pela travessia de tantos charcos, coberto de espinhos, folhas e musgo de muitos atalhos pelas florestas.

Um homem com essa descrição aproximou-se dele, como um espectro, por volta do meio-dia, sob as intempéries de julho, no momento em que se sentava em sua pilha de pedras debaixo de uma escarpa, abrigando-se como podia da chuva de granizo.

O homem olhou para ele, olhou para a aldeia no vale, para o moinho e para a prisão no penhasco. Depois de ter identificado esses alvos em sua mente inculta, disse, num dialeto apenas inteligível:

— Como vai, Jacques?

— Vou bem, Jacques.

— Então, aperte aqui!

Ele se apertaram as mãos e o homem sentou-se sobre a pilha de pedras.

— Não vai almoçar?

— Eu, agora, só janto — replicou o reparador de estradas, com ar faminto.

— É a moda — resmungou o homem. — Não vejo ninguém almoçar em parte alguma.

Ele apanhou um cachimbo enegrecido, encheu-o, acendeu-o com pederneira e aço e chupou até que o fumo ardeu completamente. Então, afastou-o de si e, com o polegar e o indicador, jogou em seu interior alguma coisa que chamejou e apagou-se numa coluna de fumaça.

— Aperte aqui — foi a vez de o reparador de estradas propor um aperto de mãos, depois de observar essas operações. Os dois tornaram a apertar-se as mãos. — Esta noite? — indagou.

— Esta noite — confirmou o homem, colocando o cachimbo na boca.

— Onde?

— Aqui.

Ele e o reparador de estradas, sentados sobre a pilha de pedras, fitaram-se em silêncio, enquanto o granizo caía entre ambos como uma carga minúscula de baionetas, até que o céu começou a clarear sobre a aldeia.

— Mostre-me — pediu, então, o viajante, subindo até o alto da colina.

— Veja — começou a explicar o reparador de estradas, com o dedo estendido. — Você desce por ali e segue direto pela rua, passa a fonte...

— Para o diabo com tudo isso! — interrompeu o outro, correndo os olhos pelo horizonte. — *Eu* não vou passar por ruas e fontes. Então?

— Bem. Terá de caminhar mais ou menos duas léguas até o topo daquela montanha do outro lado da aldeia.

— Ótimo. Quando deixa o trabalho?

— Ao anoitecer.

— Pode acordar-me antes de ir? Andei duas noites seguidas sem parar para descansar. Vou terminar meu cachimbo e dormir como uma criança. Você me acorda?

— Claro.

O caminhante fumou o cachimbo, pousou-o sobre o peito, tirou seus toscos sapatos de madeira e deitou-se de costas sobre a pilha de pedras. Adormeceu imediatamente.

Enquanto o reparador de estradas realizava sua poeirenta tarefa, e as nuvens de granizo se afastavam, revelando luminosas faixas e listras de céu que correspondiam a cintilações prateadas ao longo da paisagem, o homenzinho (que agora usava um barrete vermelho, em substituição ao azul) parecia fascinado pela figura sobre a pilha de pedras. Seus olhos se voltavam em sua direção com tanta frequência que suas ferramentas eram movidas mecanicamente e, pode-se dizer, de modo pouco produtivo. A face brônzea, os cabelos negros e a barba desganhados, o surrado barrete vermelho, a áspera mistura de tecido grosseiro e felpudas peles de animais das roupas que vestia, a compleição robusta debilitada pela fome, os lábios comprimidos de forma carrancuda e desesperada, inspiravam ao reparador de estradas uma grande admiração.

O viajante vinha de longe. Seus pés estavam feridos e seus tornozelos esfolados sangravam: os sapatos enormes, cheios de folhas, tornaram-se pesados por tanto se arrastarem ao longo de tantas léguas, e seus trajes exibiam tantos buracos quantas eram as chagas em seu corpo. Curvando-se sobre ele, o reparador de estradas procurou descobrir se ele trazia armas secretas escondidas no peito; em vão, pois ele dormia com os braços cruzados sobre o tórax, tão apertados como os lábios. As cidades fortificadas com as suas trincheiras, seus corpos de guarda, seus portões e pontes levadiças pareciam ao reparador de estradas insignificantes em comparação com aquela figura. E, quando ergueu os olhos para o horizonte e olhou em torno, o camponês viu, na sua escassa imaginação, figuras semelhantes, que não se detinham diante de nenhum obstáculo, dirigindo-se a todos os pontos da França.

O viajante continuou a dormir, indiferente às intermitentes tempestades que despejavam granizo sobre seus braços e pernas, nem ao sol que, a intervalos, pousava sobre seu rosto, fazendo as pequenas pedras de gelo cintilarem como diamantes, até descer no lado oeste, incandescendo o céu. Então, o reparador de estradas, tendo recolhido as ferramentas e seus demais pertences, acordou-o.

— Ótimo! — disse o homem, erguendo-se sobre os cotovelos. — Duas léguas até o topo da montanha”.

— Mais ou menos isso.

— Mais ou menos. Ótimo!

O reparador de estradas foi para casa, precedido pelo pó conforme a direção do vento, e logo chegou à fonte, comprimindo-se por entre as esquálidas vacas que ali tinham sido levadas para beber água, parecendo cochichar para elas quando cochichou para toda a aldeia. Depois que a aldeia fez sua magra refeição, não se recolheu para dormir, como de costume, mas saiu novamente para a rua e lá permaneceu. Os aldeões haviam adquirido a curiosa mania de

cochichar, bem como o hábito de, quando se reuniam junto da fonte à noite, fitar de maneira expectante o mesmo ponto no céu. *Monsieur* Gabelle, funcionário-chefe do lugar, ficou inquieto. Subiu sozinho para o telhado de sua casa e também olhou naquela direção; postado atrás da chaminé, contemplou as faces lá embaixo, perto da fonte, e mandou um recado ao sacristão, que guardava as chaves da igreja, prevenindo-o de que talvez fosse necessário tocar a rebate.

A noite avançava. As árvores que cercavam o velho castelo, mantendo-o solitariamente afastado, agitavam os galhos sob o vento como se ameaçassem o edifício maciço e sombrio na escuridão. Sobre os dois lances da escadaria de pedra, a chuva desabou com violência, açoitando a porta principal como um mensageiro que precisa despertar os moradores; lufadas de vento atravessaram o salão por entre os chuços e os punhais, lamentaram-se escada acima e sacudiram o cortinado do leito onde o último marquês havia dormido. Do leste, do oeste, do norte e do sul, através das florestas, quatro figuras rudes andavam com passos vigorosos, esmagando a grama alta e despedaçando os galhos, marchando cautelosamente para reunirem-se no pátio. Quatro luzes irromperam ali e moveram-se em sentidos diferentes, e tudo voltou a mergulhar nas trevas.

Não por muito tempo, porém. O castelo começou a fazer-se estranhamente visível por alguma luz própria, como se seu interior se estivesse tornando luminoso. Então, um raio tremeluziu na arquitetura da fachada, realçando áreas translúcidas e mostrando onde se encontravam suas balaustradas, arcos e janelas. Então, elevou-se ainda mais alto e coruscante. Em pouco, das grandes janelas brotaram chamas bruxuleantes, e as faces pétreas despertaram e contemplaram o fogo.

Um débil murmúrio ergueu-se em frente ao casarão, vindo das poucas pessoas que haviam sido esquecidas lá, e ouviu-se o ruído de um cavalo, selado às pressas, que partiu a galope. Barulho de esporas e de respingos na escuridão, e as rédeas foram arrastadas pela fonte na aldeia; o cavalo parou, espumando, na porta de *monsieur* Gabelle.

— Socorro, Gabelle! Acudam, todos!

O toque a rebate soou, impaciente, mas qualquer outro tipo de ajuda (se houve alguma) resultou nulo. O reparador de estradas e os seus duzentos e cinquenta amigos perfilaram-se junto à fonte com os braços cruzados, observando a coluna de fumaça no céu.

— Deve ter uns doze metros de altura — comentaram, em tom implacável. E não se moveram.

O cavaleiro que viera do castelo e seu espumante cava-lo atravessaram a aldeia estrepitosamente e galoparam escarpa acima, rumo à prisão no penhasco. No portão, um grupo de oficiais admirava o incêndio. Num grupo separado, estavam os soldados.

— Socorro, cavalheiros oficiais! O castelo está em chamas; muitos objetos valiosos podem ser salvos do fogo se corrermos para apagá-lo! Socorro, socorro!

Os oficiais olharam para os soldados, que olhavam para o fogo. Não deram nenhuma ordem. E responderam, sacudindo os ombros e mordendo os lábios:

— Deixe queimar.

Quando o cavaleiro desceu o morro e novamente percorreu a rua, a aldeia

achava-se resplandecente. O reparador de estradas e seus duzentos e cinquenta amigos, inspirados, como se fossem uma única pessoa, pela idéia de iluminar a noite, tinham disparado até suas casas e estavam colocando velas em todas as janelas. A escassez geral de tudo os levava a tomar emprestadas, de uma forma um tanto peremptória, as velas de *monsieur* Gabelle; num momento de relutância e hesitação deste, o reparador de estradas, outrora tão submisso à autoridade, ressaltou que suas carruagens dariam uma excelente lenha para fogueiras, e que os cavalos de posta ficariam torrados.

O castelo foi abandonado à voracidade das chamas. Em meio aos fragores da conflagração, um vento quente e rubro, como que saído direto dos abismos infernais, parecia querer explodir o edifício. Ao fulgor das chamas que lambiam as paredes, as faces pétreas retorciam-se, como se atormentadas. Quando grandes pedaços de pedra e madeira caíam, a face com duas marcas no nariz obscureceu-se: logo, porém, voltou a destacar-se por entre a fumaça, como se fosse o rosto cruel do marquês queimando na fogueira e lutando contra as labaredas.

O castelo ardeu. As árvores mais próximas, capturadas pelo fogo, se chamuscavam e encolhiam. As árvores mais distantes, incendiadas pelas quatro figuras ferozes, cingiam o prédio em chamas com uma nova floresta de fumaça. O ferro e o chumbo liquefeitos fumegavam sobre a bacia de mármore da fonte. A água secara. Os tetos dos torreões se derreteram como gelo sob o efeito do calor e precipitavam-se como quatro cascatas de fogo. Grandes fendas e rachaduras cristalizavam-se nas sólidas paredes; pássaros estupefatos vojavam e caíam na fornalha; as quatro ferozes figuras caminhavam para leste, oeste, norte e sul, ao longo das estradas amortalhadas pela noite, guiadas pelo farol que haviam acendido, rumo a seu próximo alvo. O vilarejo iluminado se apropriara do sino e substituíra o obrigatório toque a rebate por um alegre badalar.

Não apenas isso. A aldeia, entorpecida pela fome, pelo fogo, pelo tocar dos sinos, e lembrando-se da ligação de *monsieur* Gabelle com a coleta de aluguéis e de impostos, embora ultimamente ele recebesse apenas prestações irrisórias a título de impostos e absolutamente nenhum aluguel, tornou-se impaciente por entrevistá-lo e, assim, cercou-lhe a casa e solicitou-lhe que descesse para uma conferência pessoal. Diante do convite, *monsieur* Gabelle aferrolhou a porta e recolheu-se para uma reunião consigo mesmo. O resultado dessa reunião foi que Gabelle retirou-se para o teto da casa e escondeu-se atrás da chaminé, dessa vez determinado a, caso sua porta fosse arrombada (era um homenzinho do sul, de temperamento vingativo), atirar-se do parapeito e esmagar um ou dois homens com sua queda.

Provavelmente, *monsieur* Gabelle passou uma longa noite lá em cima, tendo por candeeiro o distante castelo em chamas, embalado pelo som de batidas em sua porta e pelos gritos de regozijo; para não mencionar o malfadado lampião que balançava diante do portão de sua estalagem, o qual a multidão demonstrava uma certa inclinação para substituir por ele. Que doloroso suspense, passar uma noite inteira de verão à margem de um oceano negro, pronto para imergir em seu negrume, como era a resolução de *monsieur* Gabelle! Contudo, a benfazeja aurora por fim despontou, e, apagadas as velas acendidas às pressas na aldeia, o



povo felizmente se dispersou e *monsieur* Gabelle pôde descer são e salvo, por ora.

Num raio de centenas de quilômetros, e sob a luz de outros incêndios, havia outros funcionários menos afortunados, naquela e em outras noites, a quem os primeiros raios de sol encontravam dependurados em outrora pacíficas ruas, nos vilarejos onde haviam nascido e crescido. Havia, também, outros aldeões e camponeses menos afortunados do que o reparador de estradas e seus amigos, sobre os quais os funcionários e soldados investiam com êxito, e a quem dependuravam, por seu turno. Mas as ferozes figuras prosseguiram rumo ao leste, oeste, norte e sul, fosse como fosse. E, não importando quem fosse dependurado, o fogo ardia. E a altura que os patíbulos deveriam ter para se converter em água suficiente para apagar tanto fogo, nenhum funcionário, por meio de nenhuma operação matemática, seria capaz de calcular.

## CAPÍTULO XXIV

### *ATRAÍDO PELO ABISMO*

Foram três anos de tempestade. Três anos em que se ergueram chamas devoradoras e ondas furiosas de um mar bravio, em que a terra estremeceu, convulsionada pela maré de um oceano que subia e subia, para o terror de todos os que o contemplavam da praia.

Três aniversários da pequena Lucie somaram-se ao fio dourado com que Lucie Darnay tecia a vida serena do seu lar.

Os moradores do lugar de acústica prodigiosa haviam passado muitas noites escutando ecos assustadores, pois não ignoravam que os passos que lhes chegavam aos ouvidos eram os de um povo em tumulto, que, agindo sob uma bandeira vermelha, declarava a pátria em perigo e que, por obra de um terrível encantamento, se havia transformado em um bando de feras.

*Monseigneur*, tomado em sentido figurado, como classe, estava assombrado por ver que seu pai o prezava tão pouco que não somente o arrojava do solo pátrio como também gostaria de expulsá-lo deste mundo. A exemplo daquele camponês da fábula que, depois de tanto trabalho para invocar o demônio, ficou tão espantado que fugiu em vez de lhe fazer perguntas, sua excelência, depois de ter lido durante tantos anos o livro de orações de trás para a frente, e de valer-se de todos os meios mágicos para obrigar o demônio a aparecer-lhe, mal o avistou ficou tão aterrorizado que deitou a correr.

O “Olho de Boi” da corte se dispersara, para não servir de alvo a uma saraivada de patrióticas balas. Nunca fora prudente enxergar através daquele olho, que unia à arrogância de Lúcifer as paixões de Sardanapalo e a cegueira de uma toupeira. Toda a corte empreendera a fuga, desde o centro, constituído pelo círculo mais íntimo, até os limites apodrecidos onde imperavam a corrupção e a hipocrisia. A realeza já não existia; fora presa e sitiada em seu palácio e acabava de ser “suspensa”no momento em que as últimas notícias chegaram à Inglaterra.

Era o mês de agosto de 1792 e *monseigneur*, a essa altura, já se encontrava em completa dispersão. Naturalmente, o Banco Tellson e Companhia, de Londres, era o seu quartel-general. Existe a crença de que os espíritos, preferencialmente, freqüentam os lugares por onde seus corpos antes transitavam e sua excelência, agora com os bolsos vazios, dirigia-se sempre à casa onde tinha estado o seu dinheiro. Aquele era o lugar que dispensava maior consideração a esses franceses, e, além disso, o Tellson era um estabelecimento magnífico, demonstrando grande liberalidade para com os antigos clientes que

havam caído de sua elevada posição; mais ainda, alguns nobres, prevendo o saque ou a confisco de seus bens, tinham transferido seus fundos para Londres desde os primeiros dias da tempestade. Por todas essas razões, todos os que chegavam da França acorriam ao Tellson, o que tornava o banco, em termos de informações, uma espécie de bolsa privilegiada. E esse fato era tão conhecido do público, sendo tão numerosas as pessoas que iam ali em busca de notícias, que o Tellson havia tomado a providência de anotar numa folha de papel as últimas novidades recebidas e afixá-lo nas janelas do prédio para que todos os que passavam por Temple Bar pudessem ler.

Charles Darnay, numa tarde abafada e úmida, com os cotovelos apoiados sobre a mesa do escritório do senhor Lorry, conversava com ele em voz baixa. Aquela espécie de “câmara dos condenados”, outrora reservada às entrevistas com “A Casa”, servia agora de departamento de notícias e encontrava-se repleta de curiosos. Faltava apenas meia hora para se fecharem as portas do banco.

— Mas, embora o senhor seja a pessoa mais cheia de vitalidade que eu conheça... — disse Charles, um tanto hesitante — eu ainda devo sugerir que...

— Compreendo. Que sou demasiado velho? — perguntou o senhor Lorry.

— Uma estação rigorosa, uma longa jornada, a incerteza dos meios de transporte, um país desorganizado, uma cidade onde nem mesmo o senhor estará seguro...

— Meu caro Charles — rebateu o senhor Lorry com descontraída segurança —, a sua argumentação não me desaconselha a partir, mas sim a permanecer lá. Creia-me, não correrei riscos. Ninguém se importará com um velho de quase oitenta anos quando há tantas pessoas bem mais interessantes para atrair-lhes a atenção. Quanto à desorganização de Paris, não fosse por esta, não haveria necessidade de enviar alguém que conheça bem a cidade e os negócios e que, além disso, seja de confiança do Tellson. E quanto às incertezas da viagem, a longa jornada e o frio do inverno, se, depois de todos esses anos, eu não estivesse preparado para submeter-me a algumas poucas inconveniências pelo bem do Tellson, quem estaria?

— Desejaria tanto ir — revelou Charles, agitado e como se pensasse em voz alta.

— Não diga! E ainda me faz um sermão sobre prudência! — exclamou o senhor Lorry. — Desejaria ir, é? Um francês de nascimento? Você é mesmo um sábio conselheiro!

— Meu caro senhor Lorry, é porque sou francês que a idéia (que, entretanto, eu nem pretendia mencionar aqui) me tem ocorrido com freqüência. É impossível alguém não pensar, tendo nutrido uma certa compaixão por um povo desafortunado e tendo lhe deixado alguma coisa — ele retomou o ar pensativo anterior —, que talvez lhe fosse possível ser ouvido, que talvez tivesse o poder de persuadir esse povo a controlar-se. Ontem à noite, depois que o senhor saiu, quando eu conversava com Lucie...

— Quando conversava com Lucie — o senhor Lorry repetiu. — Imagino se você não sente remorso ao mencionar o nome de Lucie enquanto acalenta o desejo de ir para a França!

— Contudo, eu não irei — replicou Charles Darnay, com um sorriso. — Mas

o senhor, sim.

— Com toda a certeza. A verdade, meu caro Darnay — o senhor Lorry lançou um olhar à distante “Casa” e baixou a voz —, é que você nem avalia a dificuldade com que se fazem as nossas transações e o perigo que correm os nossos livros e documentos de além-mar. Só Deus sabe as comprometedoras conseqüências que sofreriam inúmeras pessoas, se alguns desses documentos fossem destruídos ou confiscados. E isso pode ocorrer a qualquer momento, como não ignora, pois ninguém pode assegurar que Paris não esteja em chamas hoje ou que não seja saqueada amanhã! Agora, a providência de, sem perda de tempo, selecionar criteriosamente e queimar esses papéis, ou, ao contrário, trazê-los de lá em segurança, não está ao alcance de ninguém além de mim. Devo recusar-me, se o Tellson sabe disso, o Tellson, cujo pão me tem alimentado nos últimos sessenta anos, só porque minhas juntas estão um pouco enrijecidas? Ora, eu não passo de um garoto para muitos de meus colegas!

— Como admiro a coragem de seu espírito jovem, senhor Lorry.

— Bobagem. E devo lembrá-lo, meu caro Charles — o senhor Lorry tornou a fitar “A Casa” —, que é praticamente impossível tirar o que quer que seja de Paris, no presente momento. Hoje nos foram trazidos documentos preciosos (o que lhe estou contando é estritamente confidencial. Eu não deveria comentar sobre esse assunto nem com você) pelos mais estranhos portadores que pode imaginar. Cada um deles esteve a um triz de ter a cabeça decepada, ao atravessar as barreiras. Em outros tempos, nossa correspondência ia e vinha com a mesma facilidade que havia na velha e prática Inglaterra. Atualmente, porém, tudo é retido.

— O senhor partirá mesmo esta noite?

— Oh, sim. A urgência é demasiado grande para admitir atrasos.

— Não levará ninguém com o senhor?

— Propuseram-me toda sorte de acompanhantes, mas nenhum deles me convém. Pretendo levar Jerry. Jerry tem sido, há muitos anos, meu guarda-costas nas noites de domingo e me acostumei com ele. Ninguém suspeitará de que seja mais do que um buldogue inglês, ou que tenha outro desígnio senão o de morder quem quer que ouse tocar-lhe no amo.

— Devo repetir que admiro a coragem de seu espírito jovem.

— E eu repito que isso é bobagem. Depois que tiver cumprido a minha pequena missão, talvez aceite a proposta do Tellson de aposentar-me e viver em paz. Já é tempo de pensar em envelhecer.

Esse diálogo se passara diante da escrivaninha habitual do senhor Lorry, a dois passos de distância de onde *monseigneur* se vangloriava de como, em breve, se vingaria daquela plebe ordinária. Era próprio de sua excelência, em meio aos revezes da vida de refugiado, e era muito próprio da ortodoxia britânica, falar dessa terrível Revolução como se esta fosse a única safra, sob o céu, colhida sem jamais ter sido semeada, como se nada jamais tivesse sido feito ou deixado de fazer que conduzisse a tal resultado, como se os observadores dos milhões de miseráveis da França e de seus desviados e malbaratados recursos, que, de outra forma, os teriam tornado prósperos, não houvessem, anos antes, percebido a sua inexorabilidade e não tivessem registrado com todas as letras tudo o que

viram. Tal fatuidade, combinada com os extravagantes projetos de *monseigneur* para a restauração de uma ordem que se havia totalmente exaurido, exaurindo também a terra e os céus, era intolerável para qualquer homem sensato que conhecesse a verdade. Tanta fatuidade encheu os ouvidos de Charles Darnay e zumbiu perturbadoramente em seu cérebro, misturando-se à latente inquietação que ultimamente o vinha perseguindo.

Entre os presentes, encontrava-se o senhor Stryver, advogado do Tribunal Superior de Justiça, já bem avançado em sua carreira rumo a um posto oficial, que discorria em voz alta sobre o tema. Expunha ele a *monseigneur* as estratégias que concebera para exterminar o povo e eliminá-lo da face da Terra, que passaria muito bem sem aquela ralé, e para a consecução de diversos objetivos afins, estratégias essas semelhantes, em sua natureza, à abolição das águas por meio do espargimento de sal nas caudas de toda a espécie. A ele, Charles escutava com especial antagonismo, dividido entre o impulso de sair para não ouvir mais nada e o desejo de ficar para contestar o que diziam, quando o inevitável aconteceu, pondo fim ao conflito.

“A Casa” aproximou-se do senhor Lorry e, colocando sobre a sua escrivaninha um sujo envelope fechado, indagou-lhe se já havia descoberto quem era o destinatário daquela carta. “A Casa” pousou o envelope tão perto de Darnay que este, rapidamente, leu o sobrescrito, pois ali constava sua verdadeiro nome. O endereço, traduzido para o inglês, rezava: “Urgentíssimo. Ao senhor outrora marquês de St. Evrémonde da França, aos cuidados dos senhores Tellson & Cia., banqueiros, Londres, Inglaterra”.

Na manhã do casamento, o doutor Manette lhe impusera a promessa de manter em segredo a sua verdadeira identidade, a menos que ele, o doutor, o desobrigasse do juramento. Ninguém mais, além dos dois, conhecia seu nome. A própria esposa não alimentava nenhuma desconfiança. Muito menos o senhor Lorry.

— Não — respondeu o senhor Lorry à “Casa”. — Perguntei a todos os presentes, mas ninguém soube informar quem é e onde se pode encontrar esse cavalheiro.

Como os ponteiros do relógio aproximavam-se da hora de fechar o banco, havia uma grande movimentação entre os palradores visitantes, que, no caminho para a porta, passavam pela mesa do senhor Lorry, que lhes exibia o envelope com uma expressão interrogativa no semblante. *Monseigneur* contemplou a carta, na pessoa dos maquinadores e indignados refugiados; e Este, Aquele e Aquele Outro, todos tinham um insulto na ponta da língua, em inglês ou em francês, a respeito do desaparecido marquês.

— Ele é sobrinho, suponho, em todo o caso, um degenerado sucessor, do ilustre marquês assassinado — declarou um deles. — Felizmente, jamais o conheci.

— Um covarde que abandonou seu posto há alguns anos — acusou-o *monseigneur*, que acabara de chegar, esbaforido, de Paris.

— Contaminado com as novas doutrinas — acrescentou um terceiro, examinando o sobrescrito com o monóculo grudado no olho —, desafiou o antigo marquês, abandonou as propriedades que herdou e deixou-as para a horda de

desordeiros. Eles o recompensarão, espero, do modo como merece.

— O quê? — espantou-se o palreiro Stryver. — Ele fez isso? Então é assim o tal sujeito? Vejamos qual é o seu infame nome.

Darnay, incapaz de conter-se por mais tempo, tocou o ombro do senhor Stryver e anunciou:

— Eu conheço o tal sujeito.

— Por Júpiter! Conhece? — replicou Stryver. — Lamento muito.

— Por quê?

— Como “por quê”, senhor Darnay? Não ouviu o que disseram? Nos dias de hoje, é melhor nem fazer esse tipo de pergunta.

— Mas eu insisto. Por quê?

— Nesse caso, terei de repetir-lhe que lamento muito. Lamento ouvi-lo formular perguntas tão disparatadas. Estamos falando de um sujeito que, infectado pelos mais pestilentos e blasfemos preceitos da crueldade, abandonou sua propriedade para a mais torpe gentinha do mundo, que pro-move assassinato por atacado, e ainda me pergunta por que lamento o fato de um homem responsável pela instrução dos nossos jovens conhecer esse velhaco? Bem, eu lhe responderei. Lamento porque acredito que o patife é capaz de contaminar o ambiente.

Côncio da necessidade de manter segredo, Darnay, com grande dificuldade, controlou-se e ripostou:

— Talvez o senhor não tenha compreendido o cavalheiro.

— Mas compreendo os meios de colocá-lo num beco sem saída, senhor Darnay — retrucou Stryver —, e o farei. Se o tal sujeito é um cavalheiro, tem razão, eu *não* o compreendo. Pode transmitir-lhe isso, com os meus cumprimentos. Também pode transmitir-lhe, de minha parte, que eu imagino se ele, depois de abandonar seus bens materiais e sua posição por essa corja sanguinária, não se tornou um de seus líderes. Mas, não, cavalheiros — discursou Stryver, olhando em torno e estalando os dedos. — Conheço alguma coisa da natureza humana, e lhes garanto que não existe ninguém que se entregue ao arbítrio de tão preciosos *protégés*. Não, cavalheiros. Ele sempre se esquivará da briga, sendo o primeiro a pôr o pé na estrada para fugir. Com essas palavras, e um último estalar de dedos, o senhor Stryver abriu caminho com os ombros para a rua Fleet, sob a aprovação geral de seus ouvintes. O senhor Lorry e Charles Darnay ficaram a sós, após a debandada geral que ocorreu no banco.

— Poderia encarregar-se da carta? — o senhor Lorry solicitou. — Sabe onde entregá-la?

— Sei.

— Se puder explicar que recebemos o envelope há vários dias, mas não conseguimos localizar o destinatário, eu lhe agradeço.

— Não há problema. Partirá daqui ou de sua casa?

— Daqui, às oito horas.

— Eu voltarei para despedir-me do senhor.

Profundamente aborrecido consigo mesmo, com Stryver e com a maioria dos homens, Darnay esperou até chegar a Temple para abrir e ler a carta. Seu conteúdo era o seguinte:

“Prisão de l’Abbaye, Paris.

21 de junho de 1792.

SENHOR OUTRORAMARQUÊS.

Depois de ter sofrido por um longo tempo o perigo de morrer nas mãos dos habitantes da aldeia, fui preso, com grande violência e indignidade, e obrigado a fazer a pé a longa jornada até Paris. Na estrada, infligiram-me um grande sofrimento. E isso não é tudo. Demoliram minha casa, destruíram-na até os alicerces.

O crime pelo qual me prenderam, monsieur outrora marquês, e pelo qual serei levado perante o tribunal e perderei minha vida (sem o seu generoso auxílio), é, segundo me disseram, o de traição contra a majestade do povo, por ter agido contra seus interesses e em benefício de um emigrado. Em vão argumentei que agi em favor do povo, e não o contrário, ao seguir as ordens que recebi do senhor. Em vão argumentei que, antes de confiscarem a propriedade do emigrado, eu tinha remitido os impostos que me haviam cessado de pagar; que eu deixara de coletar as rendas e que jamais tomara qualquer providência legal contra os devedores. A única resposta que obtive foi que agi em benefício do emigrado, e fonde está o emigrado?”

Ah! Digníssimo monsieur outrora marquês, onde está esse emigrado? Até enquanto durmo, eu me pergunto, onde está esse emigrado? Indago aos céus, será que ele não me virá libertar? Mas não obtenho resposta. Ah, monsieur outrora marquês, envio meu desolado lamento para além-mar, na esperança de que este talvez o alcance através dos ouvidos do grande banco de Tilson, tão conhecido aqui em Paris!

Pelo amor de Deus, da justiça, da generosidade, da honra

de seu nobre nome, eu lhe suplico, monsieur outrora marquês, que me socorra e me liberte. Meu único erro foi ter sido leal ao senhor. Oh, monsieur outrora marquês, rogo-lhe que também seja leal comigo!

Dos horrores desta prisão, donde a cada hora me aproximo mais e mais da morte, eu me coloco, monsieur outrora marquês, aos seus dolorosos e infelizes serviços.

Seu afiito  
GABELLE.”

A latente inquietação que perseguia Darnay veio à tona com todo o vigor após a leitura da carta. A situação de perigo em que se encontrava um velho e bom criado, cujo único crime consistia em se ter mantido fiel ao seu senhor e à sua família, fazia o sentimento de culpa transbordar em sua mente. Caminhando pelo Temple, ruminava sobre o que deveria fazer, era tão grande sua humilhação que quase ocultou o rosto para que os transeuntes não o vissem.

Ele sabia muito bem que, em sua abominação pelo ato que culminou em outros terríveis atos e granjeou uma péssima reputação para toda a família, em suas ressentidas suspeitas em relação ao tio, e na repugnância com a qual sua consciência encarava uma estrutura que desmoronava, mas que, no entanto, esperava-se que ele preservasse, não atuara de maneira correta. Ele sabia muito bem que, em seu amor por Lucie, sua renúncia às próprias prerrogativas sociais, embora a idéia de renunciar não fosse de forma alguma recente em seus pensamentos, se dera de forma apressada e incompleta. Sabia que devia ter sistematicamente dirigido e supervisionado o processo, e que até desejara fazê-lo, porém jamais o fizera.

A felicidade que experimentava em seu adotivo lar inglês, a necessidade de trabalhar para garantir o próprio sustento, as mudanças aceleradas e os problemas que se sucediam com tanta rapidez que os eventos de um semana anulavam os planos formulados na semana anterior, eram circunstâncias sob as quais, ele sabia bem, acabara cedendo, embora não sem inquietação, mas ainda sem uma contínua e acumulativa resistência à inércia. Era verdade que aguardara a hora certa para agir, mas, na França, o povo se ergueu e lutou e a hora passou sem que a aproveitasse. A nobreza fugia em bandos da França por todas as estradas e atalhos, enquanto suas propriedades eram confiscadas e destruídas e seus nomes, enlameados. De tudo isso ele sabia, como decerto saberiam as novas autoridades francesas que tinham o poder de acusá-lo.

Contudo, não oprimira ninguém e a ninguém aprisionara. Em momento algum exigira que lhe pagassem seus direitos, dos quais abriu mão por livre e espontânea vontade para ingressar num mundo onde não contava com quaisquer privilégios e onde conquistou um espaço próprio e o pão de cada dia à custa de seu trabalho e esforço. *Monsieur* Gabelle havia mantido a empobrecida



propriedade conforme as instruções que lhe deixara por escrito, segundo as quais devia poupar o povo e dar-lhe o pouco que houvesse para dar, coisas como lenha para o inverno que os credores lhes deixassem, e o que restasse da colheita, no verão, e, sem dúvida, cuidara para que tudo fosse formalmente registrado, para a sua própria segurança, de forma que agora pudesse servir-lhe de defesa.

A carta favorecia a desesperada resolução para a qual Charles Darnay já se vinha inclinando. A de ir a Paris.

Sim. Como aconteceu com o marinheiro da lenda, os ventos e as correntezas impeliavam-no na direção da pedraimã, que o atraía inexoravelmente para o abismo. E para o abismo todas as reflexões que lhe assaltavam a mente arrastavam-no, com uma velocidade e uma força cada vez mais terríveis. A inquietação latente se devia ao fato de que objetivos perversos se engendraram em sua própria e infeliz pátria através dos meios mais cruéis, enquanto ele, que não podia deixar de considerar-se melhor do que seus pares, não estava lá para tentar deter a carnificina e defender os clamores por misericórdia e humanidade. Com a inquietação a sufocá-lo e a acusá-lo, ele se viu conduzido àquela situação comparável ao do bravo marinheiro cujo senso de dever era tão intenso. Sob o efeito dessa comparação (que lhe era prejudicial), dera ouvidos ao sarcasmo de *monseigneur*, que o aferroara dolorosamente, e ao de Stryver, que, mais do que o dos outros, fora grosseiro e irritante, por motivos muito antigos. Para culminar, havia a carta de Gabelle, prisioneiro inocente cuja vida estava em risco, que apelava para sua justiça, honra e bom nome.

Sua decisão estava tomada. Ele devia ir a Paris.

Sim. A pedra-ímã atraía-o e ele tinha de navegar até que o abismo o tragasse. Darnay não enxergava a pedra e vislumbrava quase nenhum risco. O intento que o levava a proceder como procedera, mesmo não havendo completado a tarefa, afigurava-se-lhe como um fato que mereceria o reconhecimento e a gratidão de seus compatriotas quando chegasse à França. Então, a gloriosa visão de praticar o bem, que freqüentemente constitui a encorajadora miragem de tantas boas almas, formou-se diante dele, que se imaginou, em sua ilusão, dotado de alguma influência para guiar os caminhos da Revolução, a qual se perdia nos desvios da fúria, tornando-se a cada instante mais aterradoramente selvagem.

Enquanto caminhava de um lado para o outro com a resolução já tomada, refletia que nem Lucie nem o pai deveriam saber de nada até ele estar longe. Era preciso poupar Lucie da dor da separação. Quanto ao doutor Manette, sempre relutante em dirigir seus pensamentos para o que ocorria em sua pátria, deveria tomar conhecimento de sua partida como um fato consumado e não como um projeto que se pudesse discutir. Além disso, não tinha idéia do quanto poderia desabafar com o sogro acerca do desconforto de sua situação sem reavivar-lhe antigas e dolorosas associações, as quais já o havia influenciado em outros tempos.

Ele caminhou de um lado para o outro, com a mente fervilhando, até aproximar-se a hora de regressar ao Tellson e despedir-se do senhor Lorry. Embora pretendesse procurar o velho amigo assim que chegasse a Paris, preferia não lhe revelar suas intenções por enquanto.

Uma carruagem atrelada a cavalos de posta estava pronta na porta do banco, e Jerry aguardava, de botas e vestido para viagem.

— Entreguei a carta — anunciou Darnay ao senhor Lorry. — O destinatário deu-me a resposta, mas não consenti que a mandasse por escrito. Será que o senhor a transmitiria verbalmente?

— Com muito gosto — aquiesceu o senhor Lorry —, se não for perigoso.

— De modo algum. Embora se destine a um prisioneiro do cárcere de Abbaye.

— Como se chama? — perguntou o senhor Lorry, abrindo o caderninho de notas.

— Gabelle.

— Gabelle. E qual é a mensagem para o infeliz Gabelle na prisão?

— Diga-lhe simplesmente que ele recebeu a carta e irá vê-lo.

— A visita tem hora marcada?

— Não. Ele partirá amanhã à noite.

— Devo mencionar alguma outra pessoa?

— Não.

Darnay auxiliou o amigo a envolver-se em casacos e mantas e saíram da atmosfera aquecida do velho banco para o ar nevoento da rua Fleet.

— Abraços a Lucie e à pequena — disse o senhor Lorry ao partir. — E cuide bem das duas durante a minha ausência. Charles Darnay sacudiu a cabeça e sorriu, enquanto a carruagem se afastava.

Naquele noite, era 14 de agosto [\[1851\]](#), Darnay recolheu-se tarde, demorando-se na sala para escrever duas fervorosas cartas. Uma era para Lucie, explicando o imperioso dever que o obrigava a ir a Paris e expondo, por fim, as razões pelas quais tinha certeza de que não se envolveria em nenhum perigo pessoal. A outra era para o doutor, confiando Lucie e a filha a seus cuidados e repetindo as mesmas palavras convictas para tranquilizá-lo. A ambos, avisou que lhes escreveria imediatamente após a chegada, como prova de sua segurança.

Foi um dia terrível, aquele em que ficou entre as pessoas que amava, com a primeira restrição a separá-lo delas desde o início de sua vida em comum. Era penoso preservar a inocente farsa, da qual eles nem de longe suspeitavam. Contudo, um olhar afetuoso à esposa, tão feliz e ocupada com seus afazeres domésticos, fortaleceu-lhe a decisão de não lhe revelar seu plano; estivera tentado a contar-lhe tudo, tanto lhe era estranha a situação de agir sem seu apoio, e o dia transcorreu rapidamente. No começo da noite, ele a abraçou e tomou no colo a homônima não menos querida, fingindo que retornaria logo (inventara um compromisso como desculpa para ausentar-se, tendo deixado arrumada uma valise de roupas), e mergulhou na névoa pesada das ruas, sentindo o coração ainda mais pesado.

A força invisível atraía-o aceleradamente, agora, e todas as ondas e ventos o impeliavam para o abismo. Ele deixara as duas cartas com um mensageiro de confiança, encarregando-o de entregá-las meia hora depois da meia-noite e nem um minuto antes. Alugou um cavalo até Dover. E principiou a jornada. “Pelo amor de Deus, da justiça, da generosidade e da honra de seu nobre nome!” foi a

súplica do pobre prisioneiro, com a qual fortalecia o coração desfalecido ao deixar para trás tudo o que lhe era caro no mundo, e deixava-se arrastar para a pedra-ímã.

**TERCEIRA PARTE**

***OS CAMINHOS DA TORMENTA***

## CAPÍTULO I

### *EM SEGREDO*

Avançaria lentamente em sua jornada o viajante que fosse da Inglaterra a Paris no outono do ano de 1792. Não lhe faltariam obstáculos para retardá-lo, como péssimas estradas, péssimos coches e péssimos cavalos, mesmo que o desafortunado e deposto rei da França ainda reinasse em toda a sua glória; contudo, os novos tempos mostravam-se pródigos em outros empecilhos além desses. Em cada portão das cidades e coletorias das aldeias havia bandos de patriotascidadãos, com seus mosquetes nacionais no mais explosivo estado de prontidão, que retinham todos os que chegavam e saíam, interrogavam-nos, inspecionavam-lhes os documentos, procuravam-lhes os nomes em listas, mandavamnos de volta ou em frente ou prendiam-nos, de acordo com o que seus caprichosos julgamentos ou fantasias considerassem melhor para a nascente República Una e Indivisível da Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte.

Poucas léguas francesas de sua jornada haviam sido percorridas quando Charles Darnay começou a perceber que, ao longo daquelas estradas campestres não havia, para ele, esperança de retorno enquanto não fosse declarado um bom cidadão em Paris. Não importando o que acontecesse daí em diante, tinha de prosseguir a viagem até o fim. Embora nenhum pequeno vilarejo, nenhuma barreira comum, nada fechasse o caminho atrás de si, sabia que era como se portões de ferro se interpusessem entre ele e a Inglaterra. A “vigilância universal” circundava-o de tal modo que, se o houvessem aprisionado numa rede, ou se o conduzissem numa gaiola, não teria sentido sua liberdade mais completamente cerceada.

Essa vigilância universal não apenas o parava na estrada vinte vezes em cada trecho, mas retardava seu avanço vinte vezes ao dia, seguindo-o e enviando-o de volta, precedendo-o para interceptá-lo mais adiante, marchando a seu lado e mantendo-o sob custódia. Ele já havia perdido vários dias de jornada só na França, quando, exausto, resolveu pernoitar numa aldeia à beira da estrada, ainda bem distante de Paris.

Nada senão a carta que o aflito Gabelle lhe enviara da prisão de Abbaye o teria levado tão longe. Suas dificuldades na barreira na entrada do vilarejo foram tantas que ele sentiu que sua jornada atingira um ponto crítico. E, por isso, não ficou tão surpreso ao ser despertado, na estalagem, no meio da noite.

Foi acordado por um tímido funcionário local acompanhado por três patriotas armados, todos de barrete vermelho e cachimbo na boca, que se

sentaram na beira da cama.

— Emigrado — declarou o funcionário —, vou enviá-lo a Paris sob escolta.

— Cidadão, não desejo outra coisa além de ir a Paris, embora preferisse dispensar a escolta.

— Silêncio! — vociferou um barrete vermelho, revirando a coberta com a ponta de seu mosquete. — Paz, aristocrata!

— É como diz o bom patriota — observou o funcionário tímido. — O senhor é um aristocrata, portanto deve ter uma escolta, e pagar por ela.

— Não disponho de escolha — replicou Charles Darnay.

— Escolha! Escutem só! — exclamou o mesmo vociferante barrete vermelho. — Como se não lhe prestássemos um favor protegendo-o para que não o dependurem no lugar de um lampião!

— É sempre como diz o bom patriota — observou o funcionário. — Levante-se e vista-se, emigrado.

Darnay obedeceu e foi conduzido de volta à barreira, onde outros patriotas de barrete vermelho fumavam, bebiam e dormiam junto ao fogo aceso durante a noite. Dali, depois de pagar uma grande soma pela escolta, ele e seus acompanhantes embrenharam-se pelas úmidas estradas às três horas da madrugada.

A escolta era composta por dois patriotas montados, ambos de barrete vermelho guarnecido com a fita tricolor [190], armados com os mosquetes nacionais e sabres, que cavalgavam cada um de um lado de sua montaria. O escoltado ia em seu próprio cavalo, mas haviam amarrado uma corda à rédea, cuja extremidade um dos patriotas cingira à cintura. Nessas condições, iniciaram a jornada abaixo de uma chuva forte que lhes açoitava os rostos: retinindo num trote pesado sobre o pavimento irregular da aldeia e sobre as estradas cheias de profundas poças de lama. E nessas condições seguiram sem mudanças, exceto de cavalos e de velocidade, por todas as enlameadas léguas que jaziam entre eles e a capital.

Viajavam à noite, parando uma ou duas horas depois do amanhecer e descansando até o crepúsculo. Os homens estavam tão miseravelmente vestidos que tinham de colmar os ombros maltrapilhos e enrolar palha nas pernas despidas para protegê-las da umidade. Afora o constrangimento de ser conduzido, e o perigo que representava um dos patriotas, o qual, permanentemente embriagado, portava seu mosquete de modo negligente, Charles Darnay não permitia que a restrição que ora lhe era imposta despertasse sérios temores em seu coração. Ponderava consigo mesmo ser impossível que tal restrição tivesse qualquer relação com o mérito de um caso em particular ainda não submetido à justiça, nem com declarações, confirmáveis pelo prisioneiro de Abbaye, que ainda não haviam sido produzidas.

Contudo, quando chegaram à aldeia de Beauvais, o que aconteceu ao entardecer, quando as ruas se mostravam apinhadas, não pôde mais esconder de si próprio que o aspecto da situação era alarmante. Uma sinistra multidão formouse para vê-lo desmontar no pátio da estalagem e muitas vezes berraram:

— Abaixo o emigrado!

Ele interrompeu o movimento de desmontar, preferindo ficar a salvo sobre

a sela, e se defendeu:

— Emigrado, meus amigos?! Não me vêem aqui na França, para onde vim de livre e espontânea vontade?

— Você é um maldito emigrado — gritou um ferreiro, avançando furiosamente por entre a turba com um martelo na mão —, e um amaldiçoado aristocrata!

O estalajadeiro se interpôs entre esse homem e as rédeas do cavalo de Darnay (das quais o ferreiro evidentemente pretendia apoderar-se) e disse em tom conciliador:

— Deixe-o em paz! Ele será julgado em Paris.

— Julgado! — repetiu o ferreiro, brandindo o martelo.

— E condenado como traidor! Diante disso, a turba rugiu em aprovação. Detendo o estalajadeiro, que virava o cavalo na direção da cocheira para levá-lo dali (o patriota bêbado permanecia sobre a sela, observando, com a corda amarrada em sua cintura), Darnay retorquiu, assim que se pôde fazer ouvir:

— Amigos, estão equivocados ou alguém os enganou. Não sou um traidor.

— Mentira! — bradou o ferreiro. — É um traidor desde o decreto. Sua vida será confiscada pelo povo. A sua maldita vida não lhe pertence[191].

No instante em que Darnay percebeu o lampejo nos semblantes de todos na multidão, revelando o ódio que os impeliria, no momento seguinte, a lançar-se sobre ele, o estalajadeiro guiou o cavalo ladeado pela escolta até o pátio, e fechou e aferrolhou os portões. O ferreiro golpeou a porta com o martelo e a turba grunhiu. As hostilidades, porém, cessaram aí.

— Que decreto é esse que o ferreiro mencionou? — Darnay indagou ao estalajadeiro, depois de agradecer-lhe.

— Na verdade, trata-se de um decreto sobre a venda de propriedades dos emigrados.

— Quando foi estabelecido?

— No dia catorze.

— No dia em que sai da Inglaterra!

— Dizem que esse é só um entre vários decretos, e que haverá muitos outros ainda, se já não os há, banindo todos os emigrados e condenando-os à morte, caso retornem. Foi isso o que ele quis dizer quando afirmou que a sua vida não lhe pertence.

— Mas esses decretos ainda não estão em vigor, estão?

— Que sei eu! — replicou o estalajadeiro, sacudindo os ombros. — Talvez já estejam, ou senão estarão amanhã. Dá na mesma.

Eles se deitaram sobre um monte de palha, num sótão, até a metade da noite; e então, quando toda a aldeia dormia, retomaram a marcha. Entre as inúmeras mudanças observadas nas coisas que lhe eram familiares, e que faziam a cavalgada parecer-lhe irreal, estava a aparente escassez de sono que se abatera sobre os vilarejos. Depois de um longo e solitário percurso através de lúgubres estradas, chegavam a pequenas aglomerações de cabanas miseráveis, não escondidas na escuridão mas brilhantes de luz, e encontravam seus habitantes, parecendo espectros àquela hora morta da noite, ou de mãos dadas em torno de uma ressequida árvore da Liberdade, ou cantando juntos uma canção da

Liberdade[192]. Felizmente, todavia, houve sono em Beauvais naquela noite para permitir-lhes a partida, e eles voltaram ao isolamento e à solidão: retinindo pelo caminho, com um tempo precocemente frio e úmido[193], por entre campos empobrecidos que, naquele ano, não haviam concedido nenhum fruto da terra, embrenhando-se por uma paisagem cuja monotonia só era rompida pelos escumbros de casas incendiadas e pelas patrulhas de patriotas encarregadas de vigiar as estradas, que os assaltavam em súbitas emboscadas, bruscamente ordenando-lhes que parassem.

O amanhecer encontrou-os, por fim, diante das muralhas de Paris. A barreira estava fechada e fortemente guardada quando chegaram.

— Onde estão os documentos desse prisioneiro? — inquiriu o homem de aspecto resolutivo que se achava no comando e que fora chamado pela sentinela.

Naturalmente chocado pela palavra desagradável, Charles Darnay solicitou-lhe atentar para o fato de que ele era um viajante livre, um cidadão francês, sob custódia de uma escolta por imposição das condições do país, escolta essa paga por seu próprio bolso.

— Onde — repetiu a mesma personagem, sem lhe prestar a menor atenção — estão os documentos desse prisioneiro?

O patriota bêbado, que os trazia de baixo do barrete, entregou-os. A mesma personagem no comando relanceou os olhos pela carta de Gabelle, demonstrando uma certa mistura de confusão e surpresa, e fitou Darnay com atenção. Contudo, não pronunciou sequer uma palavra e, virando as costas à escolta e ao escoltado, entrou na casa da guarda. Enquanto esperavam, eles levaram os cavalos para junto do portão. Olhando à sua volta, Charles Darnay observou que a entrada era vigiada por uma guarda mista formada por soldados e patriotas, os últimos em número bastante superior ao dos primeiros; e que, conquanto o ingresso na cidade fosse fácil para as carroças de camponeses que transportavam gêneros alimentícios, a saída apresentava uma série de dificuldades mesmo para as pessoas mais humildes. Uma grande aglomeração de homens e mulheres, para não mencionar os animais e veículos de toda a sorte, aguardavam pela vez de transportar a barreira. Todavia, a identificação prévia era tão rigorosa que eles só conseguiam passar muito lentamente. Algumas dessas pessoas, sabendo o quanto a inspeção iria demorar, deitavam-se no chão para dormir ou fumar, enquanto outras tagarelavam ou vagueavam por ali. O barrete vermelho com a fita tricolor tornara-se de uso generalizado, e era visto tanto nos homens quanto nas mulheres.

Quando já fazia cerca de meia hora que Darnay observava a cena em torno, o homem no comando saiu da casa da guarda e ordenou às sentinelas que abrissem a barreira. Então, entregou aos dois da escolta, o sóbrio e o bêbado, um recibo relativo ao escoltado, e mandou-o descer do cavalo. Ele desceu, e os dois patriotas, conduzindo sua exausta montaria, fizeram meia volta e regressaram sem entrar na cidade.

Ele acompanhou o homem no comando de volta à casa da guarda, que cheirava a vinho barato e a tabaco, onde alguns soldados e patriotas, despertos e adormecidos, embriagados e sóbrios, e em vários estágios intermediários entre uns e outros, estavam de pé ou deitados pelos cantos. A luz, proveniente, em



parte, das lívidas lâmpadas a óleo acesas à noite, e, em parte, do dia nublado, mostrava a mesma condição de instabilidade. Um punhado de livros de registro jazia sobre uma escrivaninha, sobre os quais curvava-se um funcionário de aspecto soturno e rude.

— Cidadão Defarge — disse ele ao homem que trouxera Darnay, apanhando uma folha de papel para escrever —, é esse o emigrado Evrémonde?

— É esse mesmo.

— Sua idade, Evrémonde?

— Trinta e sete anos.

— Casado, Evrémonde?

— Sim.

— Onde se casou?

— Na Inglaterra.

— Sem dúvida. Onde está sua mulher, Evrémonde?

— Na Inglaterra.

— Sem dúvida. Foi designado, Evrémonde, para a prisão de La Force [\[194\]](#).

— Deus do céu! — exclamou Darnay. — Sob qual alegação e com base em que lei? O funcionário ergueu os olhos do papel e fitou-o por um momento.

— Temos novas leis, Evrémonde, e novos crimes, desde que você deixou a França — afirmou com um sorriso cruel, continuando a escrever.

— Rogo-lhe que observe que voltei voluntariamente, em resposta a esse apelo de um compatriota que o senhor tem aí nas mãos. Não lhe peço mais que uma oportunidade de ajudá-lo sem demora. Não estou no meu direito?

— Emigrados não têm direitos, Evrémonde — foi a imperturbável réplica. O funcionário prosseguiu a escrita até terminá-la, leu o que acabara de escrever, espalhou areia para tirar o excesso de tinta, e entregou o papel a Defarge, anunciando: — Em segredo.

Defarge acenou com o papel para que o prisioneiro o seguisse. O prisioneiro obedeceu e uma guarda de dois patriotas armados escoltou-os.

— Foi você — indagou Defarge, em voz baixa, quando desceram os degraus da casa da guarda e tomaram a direção de Paris — que se casou com a filha do doutor Manette, outrora prisioneiro da Bastilha que não mais existe? [\[195\]](#)

— Sim — confirmou Darnay, fitando-o com surpresa.

— Meu nome é Defarge e sou proprietário de uma taberna no bairro de Santo Antônio. Talvez já tenha ouvido falar de mim.

— Sim. Minha esposa foi buscar o pai em sua casa.

A palavra “esposa” pareceu despertar uma sombria recordação em Defarge, que se apressou a inquirir com repentina impaciência:

— Em nome daquela afiada fêmea recém-nascida chamada La Guillotine, por que diabos você voltou para a França?

— O senhor ouviu-me explicar, há pouco. Não acredita que seja verdade?

— Uma péssima verdade para você — retorquiu Defarge, franzindo as sobrancelhas e olhando fixamente para a frente.

— É, eu me sinto perdido, aqui. É tudo tão sem precedentes, tudo está tão mudado e tão injusto, que me sinto absolutamente perdido. Pode prestar-me um pequeno favor?

— Nenhum — Defarge recusou, sempre olhando em frente.

— Poderia, então, responder-me uma pergunta?

— Talvez, dependendo da pergunta. Fale.

— Nessa prisão para onde sou tão injustamente conduzido, terei liberdade para comunicar-me com o mundo exterior?

— Você verá.

— Vocês não pretendem enterrar-me lá, sem julgamento, sem meios de me defender, espero?

— Você verá. Mas e daí, se assim for? Outras pessoas foram encarceradas de modo semelhante em prisões piores, no passado.

— Mas nunca por mim, cidadão Defarge.

Defarge virou a cabeça para lançar-lhe um olhar lúgubre, e continuou a caminhar. Quanto mais profundo o silêncio em que mergulhava, menor esperança havia, ou assim pensava Darnay, de abrandá-lo por pouco que fosse. Por isso, Darnay não esperou mais para rompê-lo:

— É da máxima importância para mim (o senhor sabe melhor do que eu, cidadão, o quanto é importante), comunicar-me com o senhor Lorry, do Banco Tellson, um cavalheiro inglês que se encontra em Paris no momento, apenas para informá-lo de que fui levado para a prisão de La Force. O senhor teria condições de avisá-lo?

— Eu não farei nada por você — Defarge retrucou obstinadamente. — Meu dever é para com meu país e meu povo. Sou um servo fiel de um e de outro contra você. Portanto, não conte comigo.

Charles Darnay apercebeu-se da inutilidade de pedir-lhe outros favores. Além disso, seu orgulho o impediria. Enquanto andavam, calados, ele observava o quanto as pessoas se haviam habituado com a presença de prisioneiros. Mesmo as crianças mal lhe prestavam atenção. Uns poucos transeuntes viraram a cabeça em sua direção, e alguns lhe apontaram o dedo, chamando-o de aristocrata. Um homem bem vestido a caminho da prisão era um fato tão corriqueiro quanto um homem comum a caminho do trabalho.

Numa rua estreita, escura e suja, um exaltado orador, que subira num tamborete, discursava para uma exaltada platéia acerca dos crimes perpetrados contra o povo pelo rei e pela família real. As poucas palavras que captou de seus lábios levaram ao conhecimento de Charles Darnay que o rei estava na prisão e que os embaixadores estrangeiros haviam todos abandonado Paris[196]. Na estrada (exceto em Beauvais), ele não ouvira coisa alguma a respeito. A escolta e a vigilância universal o haviam isolado por completo.

Que sua vinda o submetia a riscos muito maiores do que imaginara ao deixar a Inglaterra, ele agora sabia com certeza. Que os perigos o haviam cercado e apertariam o cerco ainda mais, também sabia com certeza, agora. Admitia que não teria empreendido aquela viagem se houvesse previsto o que lhe aconteceria. Contudo, suas desconfianças ainda não eram tão tenebrosas como deveriam, considerando-as sob a luz dos acontecimentos posteriores. Por incerto que lhe parecesse o futuro, este lhe era obviamente desconhecido e, em sua obscuridade, acenava com uma ingênua esperança. O terrível massacre, que durou dias e noites[197], e que, em poucos giros dos ponteiros dos relógios,

marcaria com sangue a abençoada estação da colheita, estava tão distante de sua imaginação como qualquer outro evento que só fosse ter lugar séculos mais tarde. A “fêmea afiada recentemente nascida, chamada La Guillotine”, só era conhecida dele, e da maioria das pessoas, por nome. Naquela época, suas pavorosas façanhas, que em breve seriam cometidas, provavelmente ainda nem haviam sido concebidas na mente de seus criadores. Como poderia uma alma gentil cogitar de tamanho horror?

Cativeiro, tratamento injusto, maus tratos, uma cruel separação de sua esposa e de sua filha, tudo isso ele julgava provável ou certo. Para além disso, entretanto, não se atrevia a prever nada. Com essa idéia em mente, que já era assustadora o bastante para se pensar num momento como aquele, Darnay chegou a La Force.

Um homem com o rosto inchado abriu a grossa portinhola. Defarge apresentou-o como “O emigrado Evrémonde”.

— Que diabo! Quantos mais?! — reclamou o homem do rosto inchado.

Defarge apanhou seu recibo sem fazer caso da reclamação e retirou-se com seus dois companheiros patriotas.

— E eu repito: que diabo! — tornou a imprecisar o carcereiro, dessa vez para sua esposa. — Quantos mais?

A esposa do carcereiro, não sendo portadora de nenhuma resposta para a questão, limitou-se a replicar:

— Há que ter paciência, meu caro!

Três outros guardas de cárcere, que haviam acorrido em resposta à sineta que ela tocara, ecoaram aquele sentimento e um deles acrescentou:

— Por amor à Liberdade! — o que soou um tanto inadequado, considerando-se o local.

A prisão de La Force era tétrica, escura e imunda, exalando um medonho cheiro de podridão. É extraordinário como os odores pútridos se alastram rapidamente em todos esses lugares fechados e malcuidados!

— Em segredo, também — resmungou o carcereiro, lendo o papel. — Como se eu já não estivesse com isso aqui transbordando!

Mal-humorado, ele pregou o documento num espeto para papéis. Charles Darnay teve de aguardar meia hora pelo prazer de ser conduzido à cela; por vezes, andava de um lado para o outro na sala, depois sentava-se para descansar sobre um banco de pedra; em qualquer das situações, era observado para que suas feições ficassem impressas na memória do chefe e de seus subordinados.

— Venha! — ordenou o chefe, finalmente, apanhando as chaves. — Venha comigo, emigrado.

Sob a melancólica luz da prisão, seu novo hóspede seguiu-o pelo corredor e pela escadaria, as portas fechando-se com um clangor sinistro atrás deles, até alcançarem uma câmara ampla, de teto baixo e abobadado, apinhada de prisioneiros de ambos os sexos. As mulheres estavam sentadas a uma comprida mesa, lendo e escrevendo, tricotando, costurando e bordando; os homens, em sua maioria, ficavam de pé atrás das cadeiras, ou perambulavam de um lado para o outro na cela [\[198\]](#).

Instintivamente associando prisioneiros a crimes infames e opróbrios, o

recém-chegado recuou. Todavia, culminando a irrealidade de sua irreal e longa jornada, todos se ergueram para recebê-lo com os mais requintados modos conhecidos na época, prodigalizando-lhe reverências e mesuras.

Tão estranhamente obnubilados eram esses refinamentos pela atmosfera sombria do cárcere, tão espectrais eles se tornavam na inadequada imundície e miséria através das quais eram vistos, que Charles Darnay teve a impressão de ter sido colocado em companhia dos mortos. Fantasmas, todos eles! O fantasma da beleza, o fantasma da grandeza, o fantasma da elegância, o do orgulho, o da frivolidade, o da graça, o da juventude e o da velhice, todos esperando sua libertação daquela desolada margem, todos voltando para ele os olhos ensombreados pela morte que sofreram no instante em que entraram naquela prisão.

O choque paralisou-o. O carcereiro a seu lado, e os outros carcereiros que perambulavam por ali, apresentavam um aspecto que se harmonizaria perfeitamente com o exercício de suas funções, não fosse o contraste com as mães desesperadas e as viçosas filhas que lá estavam, como fantasmas da beleza jovem e coquete e do encanto maduro da maternidade, um contraste tão extravagante que levava a extremos a inversão de toda a experiência e probabilidade representada por aquele espetáculo de sombras. Por certo, fantasmas, todos eles! Por certo, durante a longa e irreal jornada, contraíra algum tipo de enfermidade que agora lhe provocava tais alucinações!

— Em nome de todos os companheiros de infortúnio — declarou um cavalheiro de aparência cortês, avançando em sua direção —, tenho a honra de lhe dar as boas-vindas a La Force, e de expressar as nossas condolências pela calamidade que o trouxe para cá. Que tudo possa acabar bem! Quem é o senhor? Em outro lugar, e em outras circunstâncias, seria uma impertinência perguntar, mas não aqui. Charles Darnay respondeu do modo mais apropriado possível.

— Espero — replicou o cavalheiro, seguindo com os olhos o carcereiro que se movia pela sala — que não esteja aqui “em segredo”.

— Não sei o que significam essas palavras, mas eu ouvi pronunciá-las.

— Ah, que pena! Lamentamos profundamente! Contudo, tenha coragem. Vários membros de nossa sociedade ficaram “em segredo”, a princípio, e logo saíram — então, acrescentou, elevando a voz: — Pesarosamente informo a todos... “em segredo”.

Houve um murmúrio de comiseração e, quando Charles Darnay atravessou o salão até a porta rangente onde o aguardava o carcereiro, muitas vezes, das quais as suaves e compassivas vozes femininas eram as mais conspicuas, desejaram-lhe boa sorte e coragem. Ele se voltou para agradecer, a porta se fechou com um rangido... e os fantasmas desapareceram de sua vista para sempre.

A porta se abria para uma escadaria de pedra que conduzia ao alto. Depois de subirem quarenta degraus (embora prisioneiro havia apenas meia hora, já contava os degraus), o carcereiro abriu uma porta baixa e negra, e eles entraram numa cela solitária. Embora fria e úmida, não era escura.

— É toda sua — declarou o carcereiro.

— Por que fui confinado em isolamento?

— Como vou saber?

— Posso comprar pena, tinta e papel?

— Não são essas as minhas ordens. Irão visitá-lo e, então, poderá perguntar-lhes. No momento, só está autorizado a comprar comida, nada mais.

Na cela, havia uma cadeira, uma mesa e uma enxerga de palha. Enquanto o homem inspecionava cada uma dessas peças, ocorreu a Charles Darnay que aquele carcereiro era tão doentiamente deformado pelo inchaço, tanto no rosto quanto no resto do corpo, que mais parecia um afogado, intumescido pela água ingerida. Quando ele se foi, Darnay pensou: “Fui enterrado aqui como se houvesse morrido”. Baixou a cabeça para contemplar a enxerga e virou-se com uma súbita repulsa diante das larvas que se arrastavam por entre a palha. “E aqui, nessas criaturas rastejantes, está o primeiro estágio da transformação do corpo após a morte”.

— Cinco passos por quatro e meio, cinco passos por quatro e meio, cinco passos por quatro e meio — o prisioneiro murmurou, traçando e retraçando as medidas do cubículo, enquanto, lá fora, os rugidos da cidade erguiam-se como o rufar de tambores misturado a uma onda de vozes selvagens.

— Ele fazia sapatos, fazia sapatos, fazia sapatos.

O prisioneiro tornou a medir a cela com seus passos, num ritmo mais acelerado, a fim de atordoar a mente a cada repetição.

— Os fantasmas desapareceram quando a porta se fechou. Havia um entre eles, sob a forma de uma dama vestida de negro, reclinada no peitoril de uma janela, sobre cujos cabelos dourados brilhava uma luz intensa, e ela se parecia com ... Cavalguemos novamente, pelo amor de Deus, pelas aldeias iluminadas onde as pessoas não dormem! ... ele fazia sapatos, fazia sapatos, fazia sapatos. ... Cinco passos por quatro e meio.

Com tais fragmentos girando e se arremessando das profundezas de seu espírito, o prisioneiro caminhou mais depressa, e mais depressa ainda, obstinadamente contando e recontando. E o rugido na cidade mudou na medida em que, além do rufar dos tambores, agora havia também os lamentos das vozes que ele conhecia, no clamor que se elevava acima deles.

## CAPÍTULO II

### A PEDRA DE AFILAR

O Banco Tellson, situado no bairro de Saint-Germain, em Paris[199], ocupava uma ala de um enorme palácio, ficando no fundo de um pátio, separado da rua por um muro alto e um portão resistente. A casa pertencera a um grande nobre que ali vivera até fugir, disfarçado com as roupas de seu cozinheiro, e cruzar as fronteiras. Embora comparável a um animal correndo espavorido dos caçadores, ele ainda era, em sua metempsicose[200], aquele mesmo *monseigneur* que antes necessitava, para saborear seu chocolate quente, dos préstimos de três homens fortes, além do trabalho do cozinheiro em questão.

*Monseigneur* se fora, e os três homens fortes absolve-ram a si mesmos do pecado de terem aceitado seus altos salários, declarando-se mais do que prontos e dispostos a lhe cortar o pescoço perante o altar da nascente República Una e Indivisível da Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte. O palácio de sua excelência fora primeiro seqüestrado e, depois, confiscado. As coisas mudavam tão depressa, os decretos se sucediam com tão feroz precipitação, que agora, na terceira noite do outonal mês de setembro[201], os patriotas emissários da lei estavam de posse do palácio de *monseigneur*, tendo inclusive colocado nele a marca tricolor, e bebiam conhaque em suas luxuosas dependências.

Se um estabelecimento comercial tivesse em Londres uma sede do porte da filial do Tellson em Paris, logo conduziria “A Casa” à desestabilização e acabaria por ser citada na Gazette[202]. Pois, o que as sóbrias responsabilidade e respeitabilidade britânicas diriam, ao verem laranjeiras em canteiros no pátio de um banco, e um Cupido acima do balcão? E, no entanto, tais coisas existiam. O Tellson caíra o Cupido, mas este ainda era visível no teto, em seus trajes mais suaves, mirando (como ele faz com tanta freqüência) o dinheiro desde a manhã até a noite. Na rua Lombard[203], em Londres, a bancarrota teria inevitavelmente advindo desse jovem pagão, das alcovas de ricas cortinas que ficavam atrás do imortal garoto, do espelho embutido na parede, e também dos funcionários não muito velhos, que dançavam em público ao menor convite. Entretanto, o Tellson francês saíra-se muitíssimo bem com todo esse luxo e, desde a sua origem, nenhum cliente se amedrontou por esse motivo, tampouco retirou seu dinheiro de lá.

Quanto dinheiro seria sacado do Tellson daí em diante, e quanto permaneceria ali, perdido e esquecido? Quanta prataria e jóias se deslustrariam nos cofres do banco enquanto seus depositantes definhavam em prisões, quando não pereciam de modo violento? Quantas contas-correntes no Tellson jamais

seriam contabilizadas em seus balanços neste mundo, mas só no outro? Ninguém poderia dizer, aquela noite, nem mesmo o senhor Jarvis Lorry, embora ele refletisse a esse respeito a todo o momento. Sentado junto de uma lareira (o estiolado e infrutífero ano estava prematuramente frio), havia em sua face honesta e corajosa uma sombra mais profunda do que aquela que a lâmpada podia projetar, ou que qualquer objeto na sala podia distorcidamente refletir. Era a sombra do horror.

Ele ocupava alguns aposentos do banco, em sua fidelidade à casa à qual se integrara como uma espécie resistente de hera. Quis o acaso que esse arranjo o protegesse contra a ocupação patriótica do prédio principal, embora o leal homem jamais houvesse cogitado disso. Tudo lhe era indiferente, contanto que cumprisse seu dever. Do lado oposto do pátio, sob uma colunata, existia uma ampla cocheira, onde, com efeito, ainda permaneciam algumas carruagens de sua excelência. Numa das pilastras, sobre um sustentáculo de ferro, viam-se dois archotes flamejantes e, sob a sua luz, destacava-se ao ar livre uma grande pedra de amolar toscamente montada, que parecia ter sido trazida às pressas de alguma tenda de ferreiro ou de qualquer outra oficina. Levantando-se e contemplando pela janela esses objetos inofensivos, o senhor Lorry estremeceu e voltou para sua cadeira junto do fogo. Ele havia aberto não apenas o vidro da janela mas também a veneziana de fora, enregelando o aposento. Assim, tornou a fechá-los, tiritando de frio.

Das ruas além do muro alto e do portão resistente, chegava o ruorejo usual da cidade, acrescido, de quando em quando, por um som indescritível, estranho e fantasmagórico, como se ruídos inesperados, de uma natureza sinistra, estivessem subindo para o céu.

— Graças a Deus — murmurou o senhor Lorry, torcendo as mãos — que nenhuma das pessoas que amo se encontra nesta terrível cidade esta noite. Que Ele tenha piedade de todos os que estão em perigo.

Pouco depois, a sineta do portão principal soou, e ele pensou: “Já retornaram!” e aguçou o ouvido. Contudo, não percebeu nenhum irrompimento estrepitoso no pátio, como esperava. Escutou o barulho do portão se fechando e tudo voltou ao silêncio.

O nervosismo e o pavor que sentia causavam uma vaga inquietação acerca do banco, o que era natural, dadas as circunstâncias. Mas o banco era bem guardado, e ele ergueuse com o intuito de reunir-se aos vigias de confiança que protegiam o estabelecimento quando sua porta abriu-se subitamente e duas figuras entraram, apressadas, o que o fez sentar-se de novo, estupefato.

Lucie e seu pai! Lucie, com os braços estendidos e o antigo ar de sinceridade tão concentrado, tão intenso, que parecia impresso em sua fronte unicamente para conferir-lhe força e poder naquele momento de sua vida.

— Mas como? — inquiriu o senhor Lorry, ofegante e confuso. — Lucie Manette! O que aconteceu? O que os trouxe a Paris? O que houve?

Com os olhos fixos nele, pálida e desesperada, ela lançou-se em seus braços, implorante.

— Oh, meu querido amigo! Meu marido!

— Seu marido, Lucie?

— Charles.

— O que houve com Charles?

— Está aqui.

— Aqui, em Paris?

— Há já vários dias... três ou quatro... não sei quantos... não consigo raciocinar direito. Um ímpeto de generosidade trouxe-o para a França sem que soubéssemos. Ele foi detido na barreira e mandado para a prisão. O velho não pôde reprimir um grito. Quase ao mesmo tempo, a sineta do portão principal tornou a soar e um ruído alto de pés e de vozes chegou do pátio.

— Que barulho é este? — perguntou o doutor, voltando-se para a janela.

— Não olhe! — bradou o senhor Lorry. — Não olhe para fora! Manette, por sua vida, não toque na veneziana. O médico virou-se, com a mão pousada no ferrolho da janela, e replicou, com um sorriso de serena coragem:

— Meu caro amigo, levei uma vida encantadora nesta cidade. Fui prisioneiro da Bastilha. Não existe um patriota em Paris, em Paris? em toda a França, que, sabendo que eu fui prisioneiro da Bastilha, tocasse em mim, a não ser para apertar-me com abraços ou carregar-me em triunfo. Meu antigo sofrimento me confere um poder que nos serviu para atravessar a barreira, obter notícias de Charles e para chegar até aqui. Eu sabia que seria assim. Sabia que poderia salvar Charles de qualquer perigo. Disse-o a Lucie. Que barulho é esse, afinal? — Fez novamente menção de abrir a janela.

— Não olhe! — clamou o senhor Lorry, absolutamente desesperado. — Não, Lucie, minha querida, você não! — Enlaçou-lhe os ombros, segurando-a. — Não se aflija tanto, minha menina. Eu lhe juro solenemente que não tenho conhecimento de que algo tenha acontecido a Charles, que eu nem suspeitava de sua presença nesta cidade terrível. Em que prisão ele está?

— La Force!

— La Force! Lucie, minha criança, se alguma vez foi corajosa e prestativa, e foi sempre as duas coisas, você se controlará agora e fará exatamente o que eu lhe pedir, pois de você depende muito mais do que imagina. Contudo, não há nada que você possa fazer esta noite. Está muito tarde e não há condições de se tomar nenhuma providência. Faça tais observações porque o que devo pedir-lhe, pelo bem de Charles, é o maior sacrifício de todos. Você deve obedecer e se acalmar. Terá de concordar que a instale num quarto dos fundos, e deixará seu pai a sós comigo por um minuto ou dois. E, tão certo como a vida e a morte neste mundo, o tempo urge. Não convém que o desperdicemos.

— Eu obedecerei às suas instruções. Vejo em seu semblante que não me é possível fazer mais nada além disso. Sei que foi sincero.

O velho beijou-a e apressou-a na direção do aposento nos fundos, cuja porta teve a prudência de trancar. Então, voltou para junto do médico e, depois de abrir o vidro da janela e uma parte da veneziana, pousou a mão no braço do amigo, ficando ambos a olhar para fora.

Viram uma aglomeração de homens e mulheres. Não eram numerosos o suficiente para lotar o pátio, pois não passavam de quarenta ou cinquenta, ao todo. As pessoas que ocupavam o palácio os haviam deixado entrar para trabalhar na pedra de amolar. Evidentemente, a pedra fora instalada ali com esse



propósito, já que o local era cômodo e isolado.

Mas que trabalhadores medonhos e que medonha tarefa!

A pedra de amolar possuía uma dupla manivela, girada febrilmente por dois homens, cujos rostos, visíveis quando seus longos cabelos agitavam-se para trás, eram mais horrendos e cruéis do que as máscaras dos mais selvagens bárbaros em seus mais assustadores rituais. Sobrancelhas falsas e bigodes falsos[204] estavam colados em suas hediondas faces cobertas de sangue e de suor, retorcidas pelos gritos, os olhos esgazeados e vermelhos brilhando pela excitação bestial e falta de sono. À medida que esses brutos giravam e giravam a manivela, com os cabelos desgrenhados batendo-lhes nas frentes e nos pescoços, algumas das mulheres derramavam vinho em suas bocas para que bebessem; e o sangue que gotejava, mais o vinho que se entornava e mais as faíscas provocadas pelo atrito na pedra, toda essa maligna atmosfera parecia uma infernal mistura de sangue coagulado e fogo. A vista não detectava uma única criatura no grupo desprovida de manchas de sangue. Acotovelando-se para se sucederem na pedra de amolar, havia homens nus até a cintura, exibindo nódos nos braços e no peito; homens vestindo toda a sorte de andrajos ensangüentados, homens ostentando diabolicamente pedaços de renda, laços e fitas de seda impregnados de sangue. Machadinhas, facas, baionetas, espadas, todas trazidas para serem afiadas, estavam rubras de sangue. Algumas espadas estavam presas aos pulsos daqueles que as empunhavam com tiras de linho e retalhos de vestidos: os atilhos variavam na espécie, mas não na cor. E quando os frenéticos usuários dessas armas as arrancavam das nuvens de faísca e disparavam para as ruas, a mesma tonalidade rubra lhes tingia os olhos desvairados, olhos que qualquer observador não embrutecido teria dado vinte anos de sua vida para petrificar com um tiro certo.

Tudo isso foi vislumbrado num átimo, como a visão de um homem antes de se afogar, ou a de qualquer ser humano diante da morte. Eles se retiraram da janela, e o médico procurou por um explicação no rosto do amigo.

— Eles estão — o senhor Lorry cochichou, fitando de modo furtivo a porta trancada — assassinando os prisioneiros. Se o senhor tem certeza do que disse, se realmente tem o poder que julga ter, como acredito que tenha, apresente-se a esses demônios e peça-lhes que o levem a La Force. Talvez seja tarde demais; contudo, não há um minuto a perder.

O doutor Manette apertou-lhe a mão e saiu apressado, sem sequer colocar o chapéu. Já alcançara o pátio quando o senhor Lorry reapareceu à janela.

Os seus ondulados cabelos brancos, o venerando rosto e a impetuosa confiança com que passou por entre as armas, afastando-as sem temor, conduziram-no num instante até junto da pedra de amolar. Por alguns breves momentos, fez-se silêncio. Em seguida, o senhor Lorry percebeu uma certa agitação, um burburinho, e ouviu a voz do doutor. Então, o viu, rodeado por todos, e uma fila de vinte homens, que, com as mãos nos ombros um do outro, bradavam:

— Viva o prisioneiro da Bastilha!

— Ajudem o parente do prisioneiro da Bastilha, que está em La Force!

— Abram alas para o prisioneiro da Bastilha!

— Salvem o prisioneiro Evrémonde de La Force! E centenas de gritos em resposta. Com o coração palpitando, o senhor Lorry fechou a veneziana de novo, cerrou as cortinas e correu a contar a Lucie que seu pai, seguido pelo povo, saíra em busca de seu marido. Encontrou a pequena Lucie e a senhorita Pross em sua companhia. Ele não as viu, a princípio, nem lhe ocorria ser surpreendido pela presença delas. Só muito depois se apercebeu delas, a observá-lo, tão quietas e silenciosas como a noite.

Lucie havia, àquela altura, mergulhado num torpor, enrodilhada no chão, a seus pés, segurando-lhe a mão. A senhorita Pross deitara a menina na cama dele, e sua cabeça, inclinando-se pouco a pouco, descaíra também para o travesseiro, junto à linda cabecinha. Oh, a longa, longa noite, com os gemidos da pobre esposa! E oh, a longa, longa noite, em que o pai dela não regressava nem enviava uma notícia!

Duas vezes mais a sineta do portão principal soou, o pátio foi invadido e a pedra de amolar girou e cuspiu faíscas.

— O que é isso? — assustou-se Lucie.

— Shhh... os soldados afiam suas espadas aqui — ripostou o senhor Lorry. — Este prédio agora é de propriedade nacional, e é utilizado como uma espécie de arsenal, minha querida.

Duas vezes mais, no total. Todavia, a segunda rodada de trabalho revelou-se curta e irregular. Pouco depois, o dia começou a clarear e ele, cautelosamente, tornou a espiar pela janela. Um homem, tão ensangüentado que parecia um soldado gravemente ferido voltando a si num campo de batalha, levantava-se penosamente, ao lado da pedra de amolar, lançando um vago olhar em torno. Logo em seguida, esse exaurido assassino enxergou, sob a luz tênue, uma das carruagens de meu senhor, e, cambaleando para o gracioso veículo, subiu para a porta e fechou-se em seu interior para descansar em suas delicadas almofadas.

A grande pedra de amolar, a Terra, havia girado mais um pouco quando o senhor Lorry voltou a espreitar pela janela, e o sol banhava o pátio com uma luz avermelhada. Contudo, a pedra menor, sozinha sob a cálida brisa matinal, ostentava uma cor púrpura que o sol não lhe trouxera e que jamais retiraria.

## CAPÍTULO III

### *ASOMBRA*

Uma das primeiras considerações que assomaram ao espírito profissional do senhor Lorry, quando amanheceu, foi a seguinte: não tinha o direito de comprometer a casa Tellson, abrigando sob o seu teto a esposa de um prisioneiro emigrado. Tudo o que ele possuía, a sua segurança, a própria vida, teria sacrificado por Lucie e sua filha, sem um momento de hesitação. Porém, o que se encontrava sob a sua custódia não lhe pertencia e, quanto a esse ponto, era o homem de negócios escrupuloso e rígido.

A princípio, seu pensamento voltou-se para Defarge e cogitou em procurá-lo na taberna, a fim de aconselhar-se sobre onde encontraria um local seguro naquela cidade desvairada. Todavia, a mesma cogitação que lhe apontou Defarge o fez repudiá-lo. Ele vivia no bairro mais violento de Paris, sobre o qual, sem dúvida, exercia grande influência e onde se dedicava a suas perigosas atividades.

Já era quase meio-dia, e como o doutor ainda não havia regressado e como cada minuto de demora podia comprometer o banco, o senhor Lorry revelou suas inquietações a Lucie. Ela lhe respondeu que seu pai planejava alugar uma casa por curta temporada por ali mesmo, nas imediações do banco. Como não houvesse objeções a opor, e como previa que lhes seria impossível partir, ainda que Charles fosse libertado, pois não permitiriam que ele saísse de Paris, o senhor Lorry foi procurar uma habitação e não tardou a encontrá-la, situada numa travessa retirada, cujas casas, com as venezianas melancolicamente cerradas, indicavam estarem desabitadas.

Imediatamente, removeu para lá Lucie, a menina e a senhorita Pross, proporcionando-lhes todo o conforto que pôde, muito mais do que ele próprio usufruía. Deixou Jerry com elas, como um homem de confiança para guardá-lhes a porta, já que ele seria capaz de suportar até pancadas na cabeça para protegê-las, se necessário, e retornou às suas obrigações. Entregou-se ao trabalho com o coração pesado e a mente atribulada, de forma que o dia transcorreu com dolorosa lentidão.

Por fim, anoiteceu e o banco fechou as portas. O senhor Lorry estava novamente sozinho no aposento que ocupara na noite anterior, meditando sobre o que faria em seguida, quando ouviu passos subindo a escada. Pouco depois, perfilou-se diante dele um homem que, observando-o atentamente, chamou-o pelo nome.

— Seu criado — cumprimentou-o o senhor Lorry. — O senhor me conhece?

Tratava-se de um homem de constituição forte, cabelos negros e crespos, com idade entre quarenta e cinco e cinquenta anos. Em resposta, ele repetiu, com exatamente a mesma ênfase, a pergunta:

— O senhor me conhece?

— Já o vi em algum lugar.

— Talvez na minha taberna?

Demonstrando grande interesse e agitação, o senhor Lorry indagou:

— Vem da parte do doutor Manette?

— Sim, venho da parte do doutor Manette.

— E o que ele diz? O que ele me envia? Defarge depositou um pedaço de papel em sua mão trêmula de ansiedade. A letra pertencia ao doutor Manette:

“Charles está a salvo e seguro, porém não seria seguro eu deixar este lugar agora. Consegui que o portador deste fizesse o favor de levar um bilhete de Charles para Lucie. Leve-o à presença dela”.

Aquelas palavras foram escritas em La Force, havia apenas uma hora.

— Quer ter a bondade de acompanhar-me — solicitou o senhor Lorry alegremente, experimentando um grande alívio depois de ler a mensagem em voz alta — à casa da esposa de Darnay?

— Sim — assentiu Defarge.

Ainda sem perceber o tom curiosamente seco e mecânico de Defarge, o senhor Lorry pôs o chapéu e ambos desceram até o pátio. Lá encontraram duas mulheres, uma das quais fazia tricô.

— Madame Defarge, com toda a certeza! — exclamou o senhor Lorry, que a deixara exatamente na mesma atividade dezessete anos antes.

— Sim, é ela — confirmou o marido.

— Madame irá conosco? — inquiriu o senhor Lorry, notando que ela os acompanhava.

— Sim. Para que possa reconhecer os rostos e conhecer as pessoas. É para a segurança delas.

Começando a reparar nos modos de Defarge, o senhor Lorry fitou-o com desconfiança e tomou a dianteira. As duas mulheres o seguiam. A segunda delas era A Vingança.

Atravessaram as ruas o mais rápido que puderam, subiram as escadas do novo domicílio, foram recebidos por Jerry e encontraram Lucie sozinha, chorando. Ela se deixou arrebatada pela alegria ao ouvir as notícias que o senhor Lorry lhe trouxe de seu marido e apertou as mãos que trouxeram o bilhete, sem suspeitar que aquelas mãos haviam desempenhado na véspera uma tarefa lúgubre, tendo deixado de matar-lhe o marido por mero acaso.

“Minha querida,

Tenha coragem. Eu estou bem, pois seu pai tem empregado sua grande influência em meu favor. Você não me poderá responder. Beije a nossa filha por mim.”

Nada mais havia além daquelas poucas palavras. Entretanto, tão poucas palavras significavam tanto para aquela a quem se destinavam que ela se voltou de Defarge para a esposa e beijou uma das mãos que tricotavam. Foi um gesto apaixonado, afetuoso, feminino e pleno de gratidão, que não encontrou resposta.

A mão beijada pendeu, fria e inerte, e voltou ao tricô.

Mas houve, naquele contato, alguma coisa que fez Lucie estremecer. Ela paralisou o movimento de guardar o bilhete no seio e, com a mão ainda no peito, olhou aterrorizada para madame Defarge, que, arqueando as sobrancelhas, devolveu-lhe o olhar com impassível frieza.

— Querida — disse o senhor Lorry, intervindo para explicar —, acontecem motins pelas ruas com muita freqüência, agora, e, conquanto não seja provável que venham a molestá-la, madame Defarge quer ver todos a quem ela tem

o poder de proteger nessas ocasiões, para reconhecer... identificar essas pessoas. Eu acredito — acrescentou o senhor Lorry, quase interrompendo as próprias palavras tranquilizadoras, cada vez mais impressionado com a rigidez pétrea de todos os três — ter resumido bem a situação. Correto, cidadão Defarge?

Defarge lançou um olhar sombrio à esposa e limitou-se a resmungar em aquiescência.

— Seria melhor, Lucie — continuou o senhor Lorry, esforçando-se, em tom e maneiras, para ser conciliador —, trazer aqui a menina e a nossa boa Pross. A nossa boa senhorita Pross, Defarge, é uma dama inglesa e não conhece uma palavra de francês.

A dama em questão, cuja firme convicção de que valia tanto ou mais do que qualquer estrangeira não se abatia pela angústia nem pelo perigo, parou diante da “Vingança”, cujos olhos encontrou primeiro:

— Ora, ora, madame Insolência! Espero que *a senhora* esteja muito bem!

Ela ainda lançou um pigarro inglês sobre madame Defarge. Nem esta, porém, nem a outra lhe prestaram grande atenção.

— É esta a filha do prisioneiro? — indagou madame Defarge, interrompendo pela primeira vez o seu trabalho e apontando para a pequena Lucie com a agulha, como se fosse o dedo do Destino.

— Sim, madame — respondeu o senhor Lorry. — É a única e querida filha do nosso pobre prisioneiro.

A sombra que envolvia madame Defarge e sua comitiva pareceu adensar-se tão negra e ameaçadora sobre a criança que a mãe instintivamente se ajoelhou ao lado dela e aconchegou-a nos braços... A sombra que envolvia madame Defarge e sua comitiva pareceu então adensar-se, negra e ameaçadora, sobre mãe e filha...

— É o bastante, meu marido — declarou madame Defarge. — Já as vi. Agora, podemos ir.

Entretanto, no tom contido ressoavam tantas ameaças, não visíveis e concretas, mas indistintas e veladas, que Lucie, alarmada, suplicou, pousando a mão no vestido de madame Defarge:

— Seja generosa com meu marido, não lhe faça mal. A senhora me ajudará a vê-lo, se puder?

— Seu marido não é problema meu — retorquiu madame Defarge, que fitou-a do alto, absolutamente serena. — É pela filha de seu pai que vim aqui.

— Por mim, então, tenha piedade de meu marido. Pelo bem de minha filha! Ela lhe rogará de mãos postas que seja misericordiosa. A senhora nos causa mais

temor do que os outros.

Madame Defarge recebeu aquela confissão como um cumprimento e olhou para o marido. Defarge, que estivera inquieto, roendo a unha do polegar e contemplando a esposa, recompôs o semblante, imprimindo-lhe uma expressão mais austera.

— Que diz seu marido nesse bilhete? — inquiriu madame Defarge, com um sorriso. — Influência. Ele não menciona qualquer coisa sobre “influência”?

— Que meu pai — ripostou Lucie, apressando-se a tirar o papel do seio, sem, contudo, despregar os olhos alarmados de sobre sua interrogadora — tem empregado sua influência em favor dele. — Essa influência certamente o porá em liberdade — replicou madame Defarge. — Pois que o faça.

— Como esposa e mãe — bradou Lucie, com fervor —, imploro-lhe que tenha compaixão de mim e não exerça o seu poder contra meu inocente marido, mas sim em seu benefício. É uma mulher como eu, é minha irmã. Tenha piedade de uma esposa e mãe!

Madame Defarge fitava-a, glacial como sempre, e comentou, virando-se para sua amiga “A Vingança”:

— As esposas e mães que nos acostumamos a ver, desde que éramos tão pequenas quanto essa criança, e até antes, jamais contaram com a piedade de ninguém. Nós não nos cansamos de saber que os maridos e pais *delas* lhes eram arrebatados e trancafiados nas prisões? Em toda a nossa vida, não presenciamos o sofrimento das mulheres, nossas irmãs, e de seus filhos, em consequência da miséria, da nudez, da fome, da sede, das doenças, da opressão e de toda a sorte de negligência?

— Nunca vimos outra coisa — concordou “A Vingança”.

— Suportamos tudo isso durante muito tempo — prosseguiu madame Defarge, voltando novamente os olhos para Lucie. — Agora, julgue por si mesma! Acha possível que o sofrimento de uma única esposa e mãe nos abale?

Ela retomou o tricô e retirou-se. “A Vingança” seguia. Defarge saiu por último e fechou a porta.

— Coragem, minha querida Lucie — procurou animá-la o senhor Lorry, erguendo-a. — Coragem, coragem! Até agora, tudo tem corrido bem para nós, muito, muito melhor do que para tantos outros. Vamos, anime-se e seja grata.

— Não sou ingrata, espero, mas aquela temível mulher parece ter lançado uma sombra sobre mim e sobre todas as minhas esperanças.

— Ora, ora — disse o senhor Lorry —, que desalento é esse num coração tão valente? Uma sombra, com efeito! Não há substância nas sombras, Lucie.

Mas a sombra dos Defarge pairava escura também sobre ele, e, no recôndito de seu espírito, perturbava-o profundamente.

## CAPÍTULO IV

### *CALMARIEM MEIO À TORMENTA*

O doutor Manette só retornou na manhã do quarto dia de sua ausência. Tanto empenho se fez em ocultar ao máximo de Lucie o que aconteceu nessa época terrível que só muito tempo depois, já longe da França, ela veio a saber que mil e cem indefesos prisioneiros de ambos os sexos e de todas as idades tinham sido mortos pelo populacho, que quatro dias e quatro noites foram cobertos de sombras por esse ato de horror, e que a atmosfera que a cercara estivera corrompida pelo massacre. Só então ela soube que as prisões tinham sido atacadas, que todos os prisioneiros políticos haviam corrido perigo e que muitos haviam sido arrastados pela multidão e assassinados.

Para o senhor Lorry, o doutor comunicou, depois de lhe pedir segredo, uma precaução evidentemente desnecessária, que a turba o conduzia por um cenário tenebroso até a prisão de La Force. Que, lá chegando, deparou-se com um automeado tribunal<sup>[205]</sup>, perante o qual os prisioneiros eram levados individualmente, e onde rapidamente era determinada a sua morte na carnificina, ou sua libertação, ou, o que era mais raro, a voltarem para suas celas. Que, apresentado por seus acompanhantes a esse tribunal, ele declinou seu nome e profissão, e declarou ter sido, por dezoito anos, um secreto e não formalmente acusado prisioneiro da Bastilha. Que um dos membros do tribunal levantou-se e identificou, e que esse homem era Defarge.

Que, e a esse respeito ele tinha averiguado nos registros sobre a mesa, seu genro estava entre os prisioneiros vivos, e que, então, apelou com veemência ao tribunal popular, do qual alguns membros dormiam, outros mantinham-se acordados, uns se mostravam ensangüentados pelos crimes praticados, outros se mostravam limpos, alguns estavam sóbrios e outros não, por sua vida e liberdade. Que, nos primeiros frenéticos e copiosos gritos de saudação que lhe dirigiram como um notável mártir do sistema derrubado, concordaram em trazer Charles Darnay diante da corte ilegal para interrogatório. Que lhe pareceu que Darnay estava a um passo de ser libertado quando a maré a seu favor chocou-se contra um obstáculo inexplicável, ao menos, incompreensível para ele, doutor Manette, e o tribunal decidiu reunir-se em conferência secreta. Que o homem que presidia o tribunal, então, informou-o de que o prisioneiro deveria permanecer sob custódia, mas que, em consideração a ele, doutor Manette, seria declarado inviolável. Que imediatamente, a um sinal, o prisioneiro foi novamente removido para o interior da prisão. Mas que ele, doutor Manette, suplicou vigorosamente permissão para ficar e certificar-se de que o genro não iria parar, por equívoco,

nas mãos dos verdugos, cujos gritos ferozes invadiam a corte e, por vezes, abafavam as vozes durante os julgamentos. Que obteve permissão e ficou no Tribunal do Sangue até o perigo cessar.

As tenebrosas cenas que o doutor presenciou ali, nos três dias em que mal comeu, e dormiu a intervalos irregulares, não serão descritas. A louca euforia que se apossou dos prisioneiros que sobreviveram espantou-o tanto quanto a louca ferocidade demonstrada contra os que foram esquarterados. Houve um prisioneiro, contou o doutor Manette, que, restituído à liberdade, por um trágico engano foi apunhalado ao sair do cárcere. Chamado para cuidar do ferido, o doutor atravessou o mesmo portão e encontrou-o nos braços de um grupo de samaritanos sentados sobre os corpos de suas vítimas. Com uma incongruência tão monstruosa quanto tudo o mais nesse terrível pesadelo[206], eles o ajudaram a tratar do rapaz com uma gentil solicitude, improvisaram-lhe uma padiola e mandaram uma escolta retirá-lo dali com todo o cuidado. Então, tornaram a empunhar as armas e voltaram a dedicar-se a uma carnificina tão hedionda que o doutor cobriu os olhos com as mãos e desfaleceu no meio daquele horror.

Enquanto lhe ouvia as confidências, observando o rosto do amigo já com sessenta e dois anos de idade, o senhor Lorry sentiu-se tomado pelo receio de que essas tenebrosas experiências pudessem reavivar-lhe a antiga perturbação mental. Contudo, o fato era que jamais vira seu amigo com tão bom aspecto. Na verdade, jamais o vira como se mostrava agora. Pela primeira vez, o doutor percebia que o sofrimento do passado constituía-se em força e poder no presente. Pela primeira vez, apercebia-se de que, no fogo em que ardera, acabara por forjar o ferro que romperia as grades da prisão do marido de sua filha e o libertaria.

— Há males que vêm para bem, meu amigo. O que passei não foi apenas desperdício e ruína. Minha filha adorada devolveu-me à vida e, agora, eu ajudarei a devolver-lhe a vida de seu amado. Com o auxílio de Deus, eu o farei!

Assim disse o doutor Manette. E quando Jarvis Lorry contemplou os olhos brilhantes, a face resoluta, o sereno e forte semblante de um homem cuja vida sempre lhe pareceu ter parado, como os ponteiros de um relógio, por tantos anos, e agora retomava o funcionamento com uma energia que permanecera adormecida durante aquele período sem utilização, então acreditou.

Dificuldades maiores do que aquelas com as quais o doutor tinha de confrontar-se no momento teriam cedido diante de sua perseverança. Enquanto se mantinha como médico, exercendo uma profissão que o colocava em contato com todos os tipos humanos, cativos e livres, ricos e pobres, bons e maus, ele usou sua influência pessoal tão sabiamente que em breve se tornou supervisor de três prisões, incluindo La Force. Com isso, podia assegurar a Lucie que seu marido já não estava confinado em isolamento, mas permanecia com os demais prisioneiros na sala comum. Ele via Charles todas as semanas e transmitia a ela os ternos recados do marido. Às vezes, Darnay lhe enviava cartas, embora nunca através do doutor Manette, mas a Lucie não era permitido escrever-lhe, pois, de todos os presos dos quais se suspeitava que conspirassem contra o povo, os emigrados eram os que mais despertavam a ira dos patriotas, principalmente os que eram acusados de manter correspondência, quer com as famílias, quer com



os amigos, no exterior.

Sem dúvida, essa nova vida do doutor era cheia de ansiedade. Contudo, o perspicaz senhor Lorry vislumbrava nele um novo orgulho, que lhe servia de amparo. Nenhuma impropriedade maculava esse natural e nobre orgulho. Ainda assim, ele o observava com curiosidade. O doutor sabia que, até então, seu cativo se associara, na mente da filha e na do amigo, às suas aflições, privações e fraquezas. Agora que isso mudara, e que ele se sabia investido, graças ao antigo sofrimento, de forças às quais Lucie e o senhor Lorry recorriam na esperança de salvar Charles, sentia-se tão engrandecido pela mudança que assumira o controle da situação como o mais forte, de quem os outros, mais fracos, dependiam. Os papéis dele e de Lucie se inverteram, embora apenas na medida em que a gratidão e a afeição mais vivas pudessem invertê-los, pois ele sentia-se extremamente orgulhoso em ajudá-la como ela outrora o ajudara. “É muito curioso...”, pensou o senhor Lorry, com sua amistosa perspicácia, “...mas é também natural e correto. Que você tome as rédeas, meu caro amigo. Não poderiam ficar em melhores mãos.”

Contudo, embora o médico se empenhasse e nunca desistisse de tentar libertar Charles Darnay, ou, ao menos, levá-lo a julgamento, a correntezinha dos acontecimentos provou-se demasiado forte e rápida para ele. A nova era começara. O rei fora julgado, condenado e decapitado. A República da Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte declarara-se pela vitória ou pela morte contra o mundo em armas[207]. A bandeira negra ondulava noite e dia nas grandes torres de Notre-Dame e trezentos mil homens[208], conclamados a erguerem-se contra os tiranos da Terra, surgiram de todos os cantos da França, como se houvessem semeado os dentes do dragão por toda a parte[209], colhendo-se os frutos igualmente na montanha e na planície, nos rochedos, no cascalho e na lama aluvial, sob o céu rutilante do sul e sob as nuvens do norte, nas matas e nas florestas, nos vinhedos e nas oliveiras, por entre o capim do pasto e o restolho dos milharais, ao longo das férteis margens dos rios e na areia das praias. Que preocupações pessoais poderiam fazer frente ao dilúvio do Ano Um da Liberdade[210], o dilúvio cujas águas jorravam da terra e não dos céus, cujas janelas estavam fechadas?[211]

Não havia hesitação, nem misericórdia, nem paz, nem um piedoso intervalo para repouso, já não havia medida de tempo. Embora os dias e as noites descrevessem seus ciclos de modo tão regular como quando o tempo era jovem e a noite se sucedia à manhã do primeiro dia[212], não havia outra forma de contar o tempo, cujo controle se perdesse na fúria febril de uma nação. Agora, rompendo o silêncio sobrenatural de uma cidade inteira, o carrasco exibia ao povo a cabeça do rei, e agora, dando a impressão de acontecer exatamente no mesmo instante, a cabeça de sua bela rainha, encanecida em oito meses de vivez e miséria na prisão[213].

E, contudo, em virtude da estranha lei da contradição que impera em tais circunstâncias, quanto mais o tempo corria, célere, tanto mais lento parecia. Um tribunal revolucionário na capital, e quarenta ou cinquenta mil comitês revolucionários em todo o país; uma lei de Suspeitosos[214], que, agredindo a segurança de liberdade e de vida, confiava qualquer pessoa inocente e boa às

mãos de qualquer outra culpada e perversa; as prisões transbordavam de pessoas que não haviam praticado nenhum crime e não tinham direito de defesa. Tudo isso passou a constituir a ordem estabelecida e a natureza da disposição de propriedade, e parecia um costume antigo quando apenas completara algumas semanas. Mais do que todas, uma hedionda figura tornou-se tão familiar como se existisse desde o início dos tempos, uma afiada figura de gênero feminino chamada *La Guillotine*.

Era o tema popular dos gracejos; indicada como o melhor tratamento para dor de cabeça ou como a melhor forma de evitar cabelos brancos, imprimia uma peculiar delicadeza à compleição física, era a Navalha Nacional que proporcionava um corte de barba mais rente; aqueles que beijavam *La Guillotine* espriavam pela janelinha e espirravam no saco. Era o sinal da regeneração da raça humana. Suplantava a cruz. Miniaturas dela eram exibidas sobre os seios de onde o crucifixo fora descartado, era objeto de veneração e crença quando a cruz era negada[215].

Decepeu cabeças tantas que se tingiu, e ao chão que poluiu tanto, de um vermelho pútrido. Foi desmontada, como um simples brinquedo, um quebra-cabeça de algum demônio infante, e foi novamente montada quando a ocasião exigiu. Calou os eloquentes, abateu os poderosos, destruiu a beleza e a bondade. De vinte e dois amigos de grande notoriedade pública, sendo vinte e um vivos e um morto, cortou as cabeças, numa só manhã, em vinte e dois minutos[216]. O nome do homem forte do Velho Testamento, Sansão, foi atribuído ao chefe dos carrascos. Mas, assim armado, ele era mais forte e mais cego do que seu homônimo, e destruía as colunas do templo todos os dias[217].

Por entre todos esses horrores e tudo quanto geravam, o doutor Manette caminhava de cabeça erguida, confiando em seu poder, cautelosamente persistindo em seu objetivo e jamais duvidando que acabaria por salvar o marido de Lucie. Contudo, a correnteza do tempo se precipitava, tão forte e profunda, e arrastava consigo os dias de modo tão furioso, que Charles se encontrava na prisão já fazia um ano e três meses quando o doutor assim caminhava de cabeça erguida e confiante. A Revolução havia assumido contornos tão perversos e aturidos naquele mês de dezembro que os rios do sul estavam entulhados com os corpos violentamente lançados às águas durante a noite, e os prisioneiros eram baleados em filas e blocos sob o céu do inverno sulista[218]. Ainda assim, o doutor Manette caminhava por entre esses horrores de cabeça erguida. Não havia homem mais conhecido em Paris do que ele, naquele dia. Nenhum homem em situação mais estranha. Silencioso, humano, indispensável no hospital e na prisão, dispensando sua arte de forma igualitária aos assassinos e a suas vítimas, ele era um caso à parte. No exercício de sua habilidade, a aparência e a história do cativo da Bastilha o diferenciava dos outros homens. Ele não era alvo de suspeita nem de questionamento mais do que o seria se, de fato, houvesse ressuscitado cerca de dezoito anos antes, ou se fosse um espírito movendo-se entre os mortais.

## CAPÍTULO V

### O SERRADOR

Um ano e três meses[219]. Durante todo esse tempo, Lucie nunca esteve segura, a cada hora, senão de que a *Guillotine* poderia decepar a cabeça de seu marido no dia seguinte. Todos os dias, sobre as pedras das ruas, os carros fúnebres passavam sacudindo-se pesadamente, repletos de condenados. Graciosas moças, mulheres encantadoras de cabelos castanhos, pretos e grisalhos, jovens, rapazes robustos, velhos, nobres e plebeus, todos formavam o rubro vinho para *La Guillotine*, diariamente tirado das adegas dos sombrios cárceres e carregado até ela pelas ruas para saciar-lhe a devoradora sede. Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte; a última, muito mais fácil de conceder do que as outras, ó *Guillotine!*

Se a subitaneidade de seu infortúnio e as rodopiantes rodas do tempo houvessem atordoado a filha do médico a ponto de levá-la a aguardar um desfecho em ocioso desespero, a sua sorte teria sido igual a de muitos outros. Todavia, desde o momento em que apertara ao peito a cabeça branca do pai, na água-furtada do bairro de Santo Antônio, mantivera-se sempre fiel a seus deveres. Mostrava-se mais fiel ainda naquela época de provação, como acontece com todos os que são leais e generosos.

Tão logo a família se instalou em sua nova residência, e seu pai mergulhou na rotina de suas ocupações, ela organizou sua pequena casa exatamente como se o marido estivesse ali. Para tudo havia um lugar certo e uma hora certa. Ensinava as lições à pequena Lucie tão regularmente como se estivessem todos juntos em seu lar inglês. Os pequenos estratagemas que alimentavam-lhe a ilusão de que todos em breve se reuniriam, os preparativos para um próximo retorno de Charles, separando-lhe a cadeira e os livros favoritos, tudo isso e mais o solene prazer de rezar à noite por um adorado prisioneiro em especial e pelas infelizes almas que jaziam na prisão sob a sombra da morte, eram praticamente os únicos e sinceros consolos de sua alma dolorida.

Ela não mudara muito quanto à aparência. Os vestidos simples e escuros, parecidos com trajes de luto, que ela e a filha usavam eram tão bem cuidados quanto as roupas vistosas dos dias felizes. O tom rosado de suas faces esmaecera, e a antiga e intensa expressão de sua fronte deixara de ser ocasional para tornar-se constante. De resto, continuava muito bonita e graciosa. Algumas vezes, à noite, quando beijava o pai, desabafava a mágoa que reprimira durante todo o dia e declarava que sua única esperança, abaixo de Deus, era ele. O pai, então, respondia em tom resolutivo:

— Nada pode acontecer a ele sem meu conhecimento, e sei que posso salvá-lo, Lucie.

Ainda não haviam completado muitas semanas em sua modificada vida quando o doutor Manette lhe disse, ao voltar para casa:

— Minha querida, existe uma janela no alto da prisão à qual Charles às vezes tem acesso por volta das três horas da tarde. Sempre que ele obtiver permissão para ir lá, o que depende de muitas circunstâncias, poderá vê-la na rua, se você se colocar num determinado local que lhe indicarei. Você, contudo, não terá como vê-lo, minha pobre criança, e, mesmo que o visse, não seria seguro para você fazer qualquer sinal de que o reconheceu.

— Oh, mostre-me o lugar, meu pai, e eu lá irei todos os dias.

A partir daí, qualquer que fosse o tempo que fizesse, ela aguardava no lugar combinado durante duas horas. Quando o relógio anunciava as duas horas, ela chegava. E, às quatro horas, afastava-se resignadamente. Se não estivesse demasiado úmido ou frio para a filha, levava-a consigo. Quando não, ia sozinha, mas jamais faltou sequer um dia.

Tratava-se da escura e suja esquina de uma rua pequena e batida pelo vento. A barraca de um cortador de madeira em lenha constituía a única casa naquele trecho da rua; tudo o mais era muro. Na terceira vez que ali apareceu, o homem notou a sua presença.

— Boa tarde, cidadã.

— Boa tarde, cidadão.

Essa fórmula de saudação fora prescrita por decreto [\[220\]](#). Fora estabelecida voluntariamente algum tempo antes, entre os mais exaltados patriotas; mas, agora, era lei para todos.

— Passeando por aqui outra vez, cidadã?

— Como vê, cidadão.

O serrador, um homenzinho cheio de gestos (que, em certa época, foi reparador de estradas), lançou um olhar para a prisão, apontou-a e, colocando os dez dedos diante do rosto para representar as grades, espiou jocosamente através deles.

— Mas isso não é da minha conta — declarou, e continuou a serrar a sua madeira.

No dia seguinte, ele estava à espera dela e acercou-se assim que a viu chegar.

— O quê? Passeando por aqui outra vez, cidadã?

— Sim, cidadão.

— Ah! A menina também! Sua mãe, não é, cidadãzinha?

— Devo responder que sim, mamãe? — cochichou a pequena Lucie, aproximando-se mais de sua mãe.

— Sim, meu amor.

— Sim, cidadão.

— Ah! Mas isso não é da minha conta. Meu negócio é o meu trabalho. Veja a minha serra! Chamo-a de “minha pequena Guillotine”. La, la, la; la, la, la! E lá se vai a cabeça dele!

O pedaço de madeira caiu e o homem atirou-o num cesto.

— Eu me chamo o Sansão da Guillotine de madeira! Estão vendo? Roc... roc... roc; roc... roc... roc! Lá se vai a cabeça *dela*! Agora, uma criança! Rique... rique; Tique... tique! E lá se foram as cabeças da família toda!

Lucie estremeceu, vendo-o atirar mais dois pedaços de madeira no cesto, porém seria impossível permanecer ali enquanto o serrador trabalhava sem que este a visse. Daí por diante, para granjear-lhe as boas graças, era a primeira a cumprimentá-lo e lhe dava sempre algumas moedas, que o homem prontamente aceitava. Ele era um sujeito indiscreto, e às vezes, quando Lucie o havia quase esquecido, entretida em espreitar o teto e as grades da prisão, erguendo os olhos e o coração para o marido, acontecia de ela surpreendê-lo a fitá-la, com um joelho apoiado em seu tamborete e a serra imóvel na madeira.

— Mas isso não é da minha conta — ele geralmente resmungava nessas ocasiões, retomando bruscamente o trabalho.

Em todas as estações, na neve e no gelo do inverno, nos ásperos ventos da primavera, no sol escaldante do verão e nas chuvas do outono, Lucie passava duas horas, todos os dias, naquela esquina; e todos os dias, ao partir, beijava o muro da prisão. Seu marido podia avistá-la, assim o soube através do pai, uma em cada cinco ou seis vezes e vislumbrar-lhe o vulto ao passar outras duas ou três. Como também podia deixar de vê-la por dez ou quinze dias seguidos. Bastava, todavia, que ele pudesse vê-la e o fizesse sempre que tivesse a oportunidade. Por essa possibilidade, ela esperaria o dia todo, sete dias por semana.

Absorvida por essas ocupações, ela chegou ao mês de dezembro. Nesse intervalo, seu pai caminhou de cabeça erguida por entre todos os terrores. Numa tarde em que nevava levemente, Lucie dirigiu-se à esquina costumeira. Aquele era um dia festivo, de selvagem regozijo público. Ela notara, ao passar, que as casas estavam decoradas com pequenas lanças em cuja extremidade havia um barrete vermelho e também com faixas tricolores, nas quais se lia a inscrição, em letras também tricolores: “República Una e Indivisível. Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte!”.

A miserável oficina do serrador era tão estreita que o espaço oferecido por sua fachada inteira era insuficiente para essa legenda. Ele havia conseguido alguém para garatujar as palavras em sua faixa, porém, que rabiscara “Morte” com a mais inadequada dificuldade. No teto de sua casa, colocara a lança adornada com o barrete vermelho, como um bom cidadão, e, numa janela, prendera a sua serra, com a inscrição: “Pequena Santa Guilhotina”<sup>[221]</sup>, pois o afiado instrumento do gênero feminino fora, nessa época, popularmente canonizado. Sua oficina estava fechada, ele não se encontrava por ali, o que foi um alívio para Lucie, que ficou em tranqüila solidão.

Contudo, o homenzinho não devia ter ido muito longe, pois logo ela ouviu aproximarem-se passos tumultuosos e gritos, que a encheram de terror. Um momento depois, uma multidão espalhava-se pela esquina vindo dos lados da prisão, no meio da qual se achava o serrador, de mãos dadas com “A Vingança”. Não havia menos de quinhentas pessoas, que dançavam como quinhentos demônios. A música era constituída por seu próprio canto. Dançavam ao som de um canto popular revolucionário<sup>[222]</sup>, mantendo um ritmo feroz, semelhante a

um ranger de dentes em uníssono. Homens e mulheres dançavam juntos, mulheres dançavam juntas, homens dançavam juntos, conforme o acaso os reunisse. No início, eles eram apenas um turbilhão de grosseiros barretes e grosseiros trapos vermelhos; porém, à medida que lotavam a praça e paravam para dançar perto de Lucie, começaram a se organizar numa espécie de fantasmagoria coreográfica ensandecida, onde avançavam, retrocediam, batiam nas mãos uns dos outros, agarravam-se mutuamente as cabeças, descreviam piruetas isoladamente, reuniam-se a outros e descreviam piruetas aos pares, e rodopiavam, rodopiavam até que alguns caíram. Enquanto esses estavam no chão, os demais formaram uma corrente de mãos dadas e todos rodopiaram juntos. Então, a corrente se partiu, e, em elos separados de dois e quatro, giraram e giraram até que todos pararam ao mesmo tempo, começando novamente, batendo, agarrando e rasgando, e então mudaram a direção e giraram todos em sentido contrário. De súbito, interromperam o giro mais uma vez, fizeram uma pausa, bateram novamente o compasso, formaram fileiras ao longo da rua, e, com suas cabeças abaixadas e as mãos erguidas, arremetiam, soltando gritos medonhos. Nenhuma batalha teria metade do efeito terrífico dessa dança. Era tão claramente uma brincadeira deturpada, algo, antes inocente, que degenerara em toda a sorte de perversidades, um divertimento outrora saudável que se converteu numa forma de aquecer o sangue, desorientar os sentidos e endurecer o coração. A graciosidade que se observava nela tornava-lhe a natureza ainda mais vil, demonstrando a que ponto se podiam deformar e perverter todas as coisas boas por natureza. Aquele seio virginal desnudado, aquela linda cabeça quase infantil perturbada por aquele frenesi, aquele pé delicado andando com passos ágeis naquele atoleiro de sangue e lama, eram exemplos dessa época em dissolução.

Esta era a Carmagnole. Depois que ela se afastou, deixando Lucie assustada e desnorteada na porta da oficina do serrador, os flocos de neve caíram silenciosos como plumas e se assentaram, tão brancos e suaves que era como se nada tivesse ocorrido.

— Oh! Meu pai! — exclamou Lucie ao doutor Manette, que estava à sua frente quando ela abriu os olhos que momentaneamente havia coberto com as mãos —, que espetáculo selvagem e maldoso!

— Eu sei, minha querida, eu sei. Eu tenho visto tais cenas muitas vezes. Não se amedronte! Nenhum deles faria mal a você.

— Não temo por mim, meu pai. Mas quando penso em meu marido, à mercê dessas pessoas...

— Muito em breve nós o colocaremos a salvo delas. Eu o deixei quando subia para a janela, e vim avisá-la. Não há ninguém aqui que a veja. Você poderá enviar um beijo para aquela parte mais alta do teto.

— Eu o farei, pai, e lhe mandarei minha alma com esse beijo.

— Você não consegue avistá-lo, minha pobre filha?

— Não, pai, não — disse Lucie, chorando de saudade enquanto beijava a mão. Ruído de passos na neve. Madame Defarge.

— Eu a saúdo, cidadã — cumprimentou o médico.

— Eu o saúdo, cidadão — ela respondeu.

Nada mais. Madame Defarge passou por eles como uma sombra escura sobre a neve do caminho.

— Dê-me o braço, querida. Quero que saia daqui com um ar de disposição e coragem, pelo bem dele. Está tudo arranjado. — Afastaram-se da esquina. — Seu esforço não será em vão. Charles deverá comparecer amanhã ao tribunal.

— Amanhã!

— Não há tempo a perder. Tenho tudo preparado, mas há precauções a tomar, que deverão aguardar até que ele compareça perante o tribunal. Ele ainda não recebeu a notícia, mas eu sei que ele será intimado para amanhã e removido para a Conciergerie[223]. Acabei de receber a informação. Você está com medo?

Ela mal pôde responder:

— Eu confio no senhor.

— Pois confie inteiramente. Sua expectativa está prestes a terminar, minha querida. Ele lhe será restituído dentro de poucas horas. Eu o cerquei de toda a proteção. Devo encontrar-me com Lorry...

Ele se interrompeu. Um rumor surdo de rodas chegava aos seus ouvidos. Ambos sabiam muito bem do que se tratava. Um. Dois. Três. Três carros fúnebres, com sua carga terrível, desfilaram ao longe, sobre a neve.

— Devo encontrar-me com Lorry — repetiu o Doutor, conduzindo-a por outro caminho. O velho e leal cavalheiro já estava em seu posto; nunca o abandonava. Ele e seus livros sofriam freqüentes requisições como propriedade confiscada e considerada como propriedade nacional. Tudo o que podia, ele salvava para os proprietários. Nenhum outro homem defenderia com tanta dedicação os bens que o Banco Tellson mantinha sob sua custódia nem lhe asseguraria tal tranqüilidade.

Um sombrio céu tingido de vermelho e amarelo e a neblina que se erguia do Sena prenunciavam a chegada das trevas da noite. Já quase escurecera quando eles chegaram ao Banco. A residência imponente de *monseigneur* estava totalmente arruinada e deserta. Acima de um monte de poeira e cinzas no pátio, liam-se as palavras: Propriedade Nacional. República Una e Indivisível. Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte!

Quem poderia estar com o senhor Lorry, o dono da capa de viagem sobre a cadeira, quem não devia ser visto? De que pessoa recém-chegada ele se separou, agitado e surpreso, para tomar sua favorita nos braços? Para quem ele parecia estar repetindo as palavras que ela balbuciara quando, levantando a voz e voltando a cabeça na direção da porta do quarto de onde havia saído, ele disse:

— Removido para a Conciergerie, e intimado para amanhã?

## CAPÍTULO VI

### TRIUNFO

O temível tribunal composto por cinco juízes, promotor público e um júri determinado, reunia-se todos os dias[224]. Suas listas de réus eram publicadas todas as noites e lidas pelos carcereiros das diversas prisões a seus encarcerados. O gracejo dos carcereiros era:

— Venham ouvir as notícias do Jornal da Noite[225], vocês aí!

— Charles Evrémonte, chamado de Darnay! Foi com esse nome que, por fim, começou a leitura do

Jornal da Noite na prisão de La Force. Quando um nome era chamado, seu dono se dirigia para o local reservado àqueles que constavam do fatal registro. Charles Evrémonte, chamado de Darnay, tinha motivos para conhecer esse costume, pois vira desaparecerem assim centenas de prisioneiros.

Seu obeso carcereiro, que usava óculos para ler, olhou por cima das lentes para certificar-se de que ele se encaminhara para o lugar apropriado, e continuou a leitura da lista, fazendo a mesma pausa curta a cada nome. Lá estavam vinte e três nomes, mas apenas vinte responderam à chamada, pois um deles morrera no cárcere e fora esquecido, e os outros dois já haviam sido guilhotinados e esquecidos. A lista era lida no salão abobadado onde Darnay foi introduzido na noite de sua chegada e onde encontrara os prisioneiros reunidos. Todos eles tinham perecido no massacre. Todos os seres humanos por quem se interessara e de quem se separara desde então haviam morrido no cadafalso.

Ouviram-se apressadas e carinhosas palavras de adeus, mas a despedida foi rápida. Era um incidente diário, e a sociedade de La Force ocupava-se com os preparativos para alguns jogos de prendas e para um pequeno concerto, os quais teriam lugar naquela noite. Todos se acotovelaram junto às grades e derramaram lágrimas; contudo, vinte lugares nos entretenimentos programados ficaram vagos e precisavam ser preenchidos e o tempo era, no mínimo, curto, tendo em vista a proximidade do toque de recolher, quando as celas comunais e os corredores eram ocupados pelos cães imensos que eram responsáveis pela vigilância noturna. Os prisioneiros nada tinham de insensíveis ou de indiferentes. Seu comportamento era unicamente o resultado das circunstâncias. Da mesma forma, embora com uma diferença sutil, a espécie de fervor ou de intoxicação que, sabe-se, sem dúvida levou algumas pessoas a desafiar desnecessariamente a guilhotina e a morrer nela, não era simples jactância, mas uma selvagem degeneração da selvagem abalada consciência pública. Nas epidemias de peste, alguns de nós sentimos uma secreta atração pela doença, uma efêmera e



terrível inclinação a morrer em consequência dela. E todos nós possuímos prodígios ocultos em nossos corações que só necessitam das circunstâncias certas para serem evocados.

A passagem para a Conciergerie foi curta e sombria. A noite em suas celas infestadas de insetos foi longa e fria. No dia seguinte, quinze prisioneiros foram conduzidos às barras do tribunal antes de chamarem o nome de Charles Darnay. Todos os quinze foram condenados, e os julgamentos de todos eles ocuparam apenas uma hora e meia.

— Charles Evrémonde, chamado de Darnay — foi, por fim, apregoado.

Seus juízes estavam sentados em sua bancada com chapéus emplumados[226]. Mas o toco barrete vermelho com a fita tricolor era o chapéu predominante no salão. Contemplando o júri e a turbulenta audiência, ele teve a impressão de que a ordem usual das coisas se invertera, passando os vilões a julgar os homens honestos. O mais vil, baixo e cruel populacho de uma cidade era o diretor espiritual da cena: ruidosamente comentando, aplaudindo, desaprovando, antecipando e precipitando o resultado, sem que lhe opusessem qualquer restrição. Dos homens, a maior parte estava armada de várias maneiras; quanto às mulheres, algumas portavam facas, outras, adagas e outras ainda comiam e bebiam enquanto assistiam ao espetáculo, muitas tricotavam. Entre essas últimas, havia uma, segurando debaixo do braço uma peça de tricô sobressalente enquanto trabalhava. Ela se encontrava numa das fileiras da frente, ao lado de um homem a quem ele não via desde sua chegada à barreira, mas de quem se lembrava como sendo Defarge. Percebeu que ela cochichou no ouvido do acompanhante uma ou duas vezes, de onde Darnay depreendeu que devia ser sua esposa. Contudo, o que mais lhe chamou a atenção nas duas figuras foi o fato de que, embora estivessem tão perto dele quanto possível, nunca olhavam em sua direção. Eles pareciam aguardar alguma coisa com uma obstinada determinação, voltando o olhar apenas para o júri e nada mais.

Abaixo do presidente estava o doutor Manette, com seu sóbrio traje habitual. Até onde o prisioneiro podia ver, ele e o senhor Lorry eram os únicos homens ali, em desacordo com o tribunal, que envergavam suas roupas costumeiras e que não haviam adotado o grosseiro traje de Carmagnole[227].

Charles Evrémonde, chamado de Darnay, foi acusado pelo promotor público como um emigrado, cuja vida fora confiscada pela República, sob o decreto que baniu do país todos os emigrantes, sob pena de morte[228]. Pouco importava que seu regresso tivesse sido anterior à data do decreto invocado. Ali estava ele, e lá estava o decreto. Ele fora preso na França e o povo exigia sua cabeça.

— Cortem-lhe a cabeça! — gritou a platéia. — Um inimigo da República!

O presidente tocou a sineta para silenciar os brados, e inquiriu ao réu se era ou não verdade que ele vivera muitos anos na Inglaterra.

Sem dúvida, era verdade.

E não era, então um emigrante? Como se qualificava ele?

Não um emigrante, ele esperava, dentro do significado e do espírito da lei.

— Por que não? — o presidente quis saber.

Porque ele havia voluntariamente repudiado um título que lhe era

abominável e uma propriedade que lhe era detestável, e saíra do país, o que fizera antes que a palavra “emigrante” assumisse a conotação que possuía agora, para viver na Inglaterra à custa do próprio trabalho, em vez de viver na França à custa do trabalho do povo.

Que provas ele tinha dessa alegação? Darnay apresentou o nome de duas testemunhas: Théophile Gabelle e Alexandre Manette. O presidente lembrou-lhe que, entretanto, havia contraído núpcias em Londres. Era verdade, mas não com uma inglesa.

Com uma cidadã francesa? Sim. Por nascimento. Seu nome e família?

— Lucie Manette, única filha do doutor Manette, o bom médico aqui presente.

Essa resposta produziu um efeito favorável na audiência. Brados de exaltação do conhecido e bom médico encheram o salão. Tão caprichosamente o povo se mobilizava que lágrimas imediatamente rolaram por inúmeras faces ferozes que, momentos antes, haviam fitado o acusado como que impacientes para levá-lo para a rua e matá-lo lá mesmo.

Nesses poucos passos de seu perigoso caminho, Charles Darnay se havia portado de acordo com as reiteradas instruções do doutor Manette. O mesmo cauteloso conselheiro guiava cada passo à sua frente, tendo preparado cada centímetro da estrada.

O presidente perguntou por que ele havia retornado à França no momento em que o fez, e não antes.

Ele não retornara antes, explicou, simplesmente por não dispor de meios para viver na França, exceto aqueles a que havia renunciado. Enquanto na Inglaterra, ele se mantinha ensinando a língua e a literatura francesas. Regressou para atender a um pedido escrito de um cidadão francês, cuja vida a ausência dele punha em risco. Diante disso, voltou para salvar a existência desse cidadão, prestando depoimento a seu favor, a despeito do perigo pessoal a que se expunha. Seria isso um crime aos olhos da República?

O populacho berrou com entusiasmo “Não!”, e o presidente tocou a sineta para silenciá-lo. Mas não o conseguiu, pois continuou a gritar “Não!” até parar por vontade própria.

O presidente indagou o nome do tal cidadão. O acusado explicou que o cidadão era a primeira testemunha arrolada. Também se referiu com confiança à carta do cidadão, que lhe fora tirada na barreira, mas que, sem dúvida, poderia ser encontrada nos autos que o presidente tinha diante de si.

O doutor Manette havia providenciado para que estivesse ali, assegurara-lhe que estaria, e, nesse estágio do julgamento, foi localizada e lida. O cidadão Gabelle foi chamado para confirmar a história, e a confirmou. O cidadão Gabelle insinuou, com infinita delicadeza e polidez, que, em virtude do excesso de casos impostos ao tribunal pela multidão de inimigos da República, ele fora ligeiramente esquecido na prisão de Abbaye; na verdade, havia desaparecido da patriótica lembrança do tribunal, até três dias antes, quando fora conduzido a julgamento e libertado, porque o júri se declarou satisfeito com o fato de a acusação contra ele ter sido respondida com a prisão do cidadão Evrémonte, chamado de Darnay.

O doutor Manette foi interrogado em seguida. Sua grande popularidade e a clareza de seu depoimento causaram grande impressão. Contudo, quando afirmou que o acusado fora o seu primeiro amigo, ao sair do longo cativeiro, que lhe permanecera sempre fiel e devotado, bem como à sua filha, e que, longe de ser benquisto pelo governo aristocrata da Inglaterra, Charles Darnay fora processado como inimigo da Grã-Bretanha e amigo dos Estados Unidos da América, quando apresentou todos esses argumentos com a maior discrição e com toda a retidão e força próprias da verdade e da honestidade, o júri e o populacho tornaram-se um só no entusiasmo.

Por fim, quando ele apelou pelo nome de *monsieur* Lorry, um cavalheiro inglês presente na corte, que, como ele, servira de testemunha naquele julgamento na Inglaterra e que, portanto, poderia corroborar suas declarações, o júri proclamou já ter ouvido o suficiente, estando pronto para votar, se o presidente se dignasse ouvi-lo.

A cada voto (os jurados votaram em voz alta e individualmente), o populacho rompia em estrepitosos aplausos. Todas as vozes se manifestaram em favor do réu, e o presidente declarou-o livre.

Então, teve início uma dessas cenas extraordinárias com que a ralé às vezes gratifica a própria volubilidade ou seus melhores impulsos de generosidade e compaixão, ou o que encara como uma compensação para as atrocidades que vinha praticando. Ninguém poderia dizer a qual desses motivos se devia cena tão espantosa. É provável que uma combinação dos três, com predominância do segundo. Nem bem a sentença foi pronunciada, as lágrimas correram tão copiosas quanto o sangue em outras circunstâncias, e tantos abraços fraternais foram dispensados ao prisioneiro por tantos homens e mulheres que, depois de seu longo e penoso confinamento, ele se sentia a ponto de desmaiar de exaustão. Principalmente porque sabia que aquela mesma turba, carregada por outra correnteza, teria investido contra ele com a mesma sofreguidão para reduzi-lo a pedaços que seriam espalhados pelas ruas.

Sua remoção, para abrir espaço para os outros acusados que ainda seriam julgados, salvou-o das exageradas manifestações de carinho, por um momento. Cinco prisioneiros iriam juntos a julgamento, em seguida, como inimigos da República, posto que não a defenderam com palavras nem com atos. Tão ligeiro foi o tribunal em compensar-se e à nação pela oportunidade perdida que, antes que Darnay deixasse o recinto, esses cinco foram condenados a morrer em vinte e quatro horas. O primeiro deles anunciou a ele a sentença com o sinal empregado no cárcere para indicar a morte, um dedo levantado, e todos acrescentaram, em palavras: “Longa vida à República!” [229].

Os cinco não tiveram, a bem da verdade, nenhuma platéia para prolongar os debates, pois, quando Darnay cruzou o portão com o doutor Manette, encontrou uma grande multidão na rua, na qual julgou reconhecer todos os rostos que vira na corte, com exceção de dois, pelos quais procurou em vão. À sua saída, tornaram a lançar-se sobre ele, soluçando, abraçando-o e gritando, sucessivamente e também ao mesmo tempo, até que as próprias águas do rio, em cuja mar-gem a cena insana era representada, pareceram enlouquecer como o povo que ali se agitava.

Puseram-no numa grande cadeira que haviam trazido, tirada, talvez, da própria corte ou de alguma das salas ou corredores. Sobre ela haviam colocado uma bandeira vermelha e, em seu espaldar, prenderam uma lança com um barrete vermelho no topo. Carregado em triunfo nessa cadeira, nem mesmo as súplicas do doutor Manette conseguiram evitar que os homens o sustentassem nos ombros, com um revolto mar de barretes vermelhos ondulando ao seu redor, e erguendo-se para perscrutar, sob a tempestade, aquelas faces terríveis, Darnay mais de uma vez se perguntou se sua mente não estaria confusa, e se ele não estaria na carroça a caminho da Guillotine.

Levaram-no numa procissão selvagememente irreal, abraçando todos os que encontravam pela frente e apontando em sua direção. Avermelhando as ruas brancas pela neve com a cor principal da República, estendendo-se tortuosamente por entre elas, do mesmo modo como as haviam avermelhado com um matiz mais profundo, eles o carregaram até o pátio do prédio onde morava Lucie. Seu pai chegara antes, para prepará-la, e, quando o marido surgiu diante dela, caiu desfalecida em seus braços.

Enquanto a estreitava contra o coração, tendo o cuidado de colocar-se entre ela e a multidão e ocultando a linda cabeça da esposa para que não lhe vissem os lábios colhendo as lágrimas que ele derramava, alguns indivíduos começaram a dançar. Imediatamente, todos os demais começaram também a dançar, e o pátio foi inundado pela Carmagnole. Então, ergueram na cadeira uma jovem da multidão para que fosse carregada como a Deusa da Liberdade[230] e, serpenteando pelas ruas adjacentes, ao longo da margem do rio e através da ponte, a Carmagnole absorveu-os todos e levou-os embora.

Depois de apertar a mão do doutor, que se perfilava, vitorioso e orgulhoso; depois de apertar a mão do senhor Lorry, que chegara ofegante e cansado da luta contra o dilúvio da Carmagnole; depois de beijar a pequena Lucie, que foi colocada no colo para que pudesse enlaçar-lhe o pescoço; depois de abraçar a sempre zelosa e fiel senhorita Pross, que segurara a menina no colo; depois de tudo isso, ele tomou a esposa nos braços e levou-a para seus aposentos.

— Lucie! Minha amada! Estou salvo.

— Oh, querido Charles, deixe-me agradecer essa dádiva a Deus de joelhos, como fiz ao rezar por você.

Os dois, reverentemente, inclinaram a cabeça e o coração. Quando a teve novamente nos braços, Darnay lhe disse:

— E agora, agradeça a seu pai, querida. Nenhum outro homem em toda a França poderia ter feito mais por mim do que ele.

Lucie pousou a cabeça sobre o peito do pai, como este deitara a sua pobre cabeça sobre o coração da filha havia muito, muito tempo. Ele estava feliz por ter retribuído o bem que a filha lhe fizera, sentia-se compensado por todo o sofrimento e orgulhoso da própria força.

— Você não deve ceder à fraqueza, minha querida — ele a advertiu. — Não tremia assim. Eu o salvei.

## CAPÍTULO VII

### *UMABATIDANAPORTA*

“Eu o salvei!” Não era outro dos sonhos que Lucie tantas vezes tivera, nos quais Charles voltava para casa. Ele estava realmente ali e, contudo, um medo vago, mas profundo, afligia-a.

A atmosfera ao redor era tão densa e sombria, as pessoas mostravam-se tão apaixonadamente vingativas e voluntariosas, tão freqüentemente executavam-se inocentes em consequência de simples suspeitas e de um perverso rancor, era tão difícil esquecer que muitos prisioneiros sem nenhuma culpa, como seu marido, e tão queridos para os que os choravam como Charles para ela, todos os dias partilhavam a triste sina de que ele acabara de escapar, que seu coração não conseguia sentir-se aliviado como era de esperar. As sombras da tarde invernal começavam a cair e mesmo agora as terríveis carroças mortuárias ainda circulavam pelas ruas. Sua imaginação seguia-as, procurando pelo marido entre os condenados. Então, aconchegava-se mais à sua presença real e tremia com maior intensidade.

Animando-a, seu pai demonstrava diante de suas fraquezas de mulher uma compassiva superioridade que era verdadeiramente admirável. Nada de sôtão, nem de sapateiro, tampouco de “cento e cinco, Torre Norte”, agora! Ele realizara a tarefa que se havia imposto, cumprira sua promessa, salvara Charles. Podiam todos apoiar-se nele.

A família vivia de modo frugal, não só porque esse estilo de vida oferecia maior segurança, já que não constituía ofensa para o povo, como também porque eles não eram ricos, e Charles, durante todo o tempo que passara na prisão, tivera de pagar caro pela má alimentação recebida e pelos serviços do carcereiro, além de ter de contribuir para o sustento dos prisioneiros sem recursos. Em parte por essa razão e em parte para evitar espionagem dentro de casa, não mantinham criados. O casal de cidadãos que guardava a porta do pátio prestava-lhes serviços ocasionais, e Jerry (quase totalmente transferido para eles pelo senhor Lorry) se tornara seu criado diário e lá dormia todas as noites.

Por ordem da República Una e Indivisível da Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte, devia-se gravar nas portas de todas as casas o nome de cada morador com letras bem traçadas e de determinado tamanho, numa altura conveniente, para que pudessem ser lidas com facilidade[231]. Assim, pois, o nome do senhor Jerry Cruncher adornava devidamente a porta da casa dos Manette, embaixo dos outros. Enquanto as sombras da noite se adensavam, Jerry acompanhava à porta um pintor que o doutor mandara bus-car para acrescentar

à lista o nome do cidadão Charles Evrémonde, chamado de Darnay.

O medo e a desconfiança que obscureciam essa época haviam modificado os mais inocentes hábitos. Na casa do médico, como em muitas outras, as provisões de consumo diário eram adquiridas à noite, em pequenas quantidades e em vários estabelecimentos modestos. O desejo de todos, naquela época, era não atrair atenção e não provocar os falatórios nem a inveja de ninguém.

Nos últimos meses, os encarregados do abastecimento eram a senhorita Pross e o senhor Cruncher. A primeira levava o dinheiro e o segundo, a cesta de compras. Todas as tardes, mais ou menos na hora em que se acendiam os lampiões, os dois saíam para cumprir esse dever, voltando com as mercadorias estritamente necessárias. Embora a senhorita Pross, em virtude de sua longa convivência com uma família francesa, devesse conhecer o idioma francês tão bem quanto o seu próprio, se ela se tivesse empenhado nesse sentido, isso não ocorria. Conseqüentemente, ignorava aquela “algaravia”, como gostava de dizer, tanto quanto o senhor Cruncher. Assim, para fazer compras, ela arriscava um substantivo qualquer e, quando este não designava o artigo desejado, procurava-o, apoderava-se dele e não o soltava enquanto o negócio não estivesse concluído. E sempre levantava um dedo menos do que o negociante, não importava o preço que este lhe tivesse cobrado.

— Podemos ir, senhor Cruncher? — indagou a senhorita Pross, cujos olhos estavam vermelhos de felicidade. — Por mim, estou pronta. Com sua voz rouca, Jerry declarou estar às suas ordens. Havia muito tempo desaparecera a terra que lhe manchara os dedos, mas nada pudera alisar-lhe os cabelos eriçados.

— Precisamos de uma infinidade de coisas — disse a senhorita Pross. — Temos de comprar vinho, porque esses barretes vermelhos brindarão à nossa saúde na taberna onde o adquirimos.

— Acho, senhorita Pross — Jerry retrucou —, que lhe é indiferente que brindem à sua saúde ou à do velho.

— Que velho, senhor Cruncher?

Jerry explicou, com certa timidez, que se referia ao “velho Belzebu”.

— Ah! — exclamou a senhorita Pross. — Não preciso de intérprete para saber o que significam essas criaturas: assassinato e crueldade.

— Shhh! Imploro-lhe que tenha cuidado, minha querida! — rogou Lucie.

— Sim, sim, terei cuidado — replicou a senhorita Pross.

— Mas, aqui entre nós, confesso que espero não encontrar pelo caminho essas bocas que cheiram a cebola e a fumo e vivem aos beijos por toda a parte. E você, minha menina, não saia de junto da lareira. Cuide bem do marido que lhe foi restituído e não tire sua linda cabecinha do ombro dele até eu voltar. Posso fazer-lhe uma pergunta, doutor?

— Creio que pode tomar essa liberdade — assentiu o médico, sorrindo.

— Pelo amor de Deus, não me fale em liberdade. Já estamos saturados dela — replicou a senhorita Pross.

— Shhh... querida, de novo? — repreendeu-a Lucie.

— Bem, minha menina — ripostou a senhorita Pross, sacudindo a cabeça com veemência —, sou súdita de Sua Graciosa Majestade, o Rei Jorge III da Inglaterra — fez uma reverência ao pronunciar o nome de seu soberano —, e,

como tal, meu lema é: “Confunda-lhes a política, frustre-lhes os perversos estratagemas, confie no Senhor e que Deus salve o Rei!” [232].

O senhor Cruncher, num acesso de lealdade, resmungou em eco as palavras da senhorita Pross, como alguém numa igreja.

— Alegro-me por ver que o senhor é um bom súdito inglês, embora eu preferisse que esse resfriado não lhe tivesse afetado a voz — a senhorita Pross aprovou. — Agora, a minha pergunta, doutor Manette. Existe alguma — era uma característica da excelente criatura afetar indiferença por tudo o que lhe causasse grande ansiedade, abordando o assunto de modo casual —, existe alguma perspectiva de partirmos logo desta cidade?

— Receio que não, por ora. Ainda seria perigoso para Charles.

— Ho, ho — murmurou a senhorita Pross, alegremente reprimindo um suspiro ao lançar um olhar aos cabelos dourados de sua querida sob a luz do fogo. — Então, devemos ter paciência e esperar. Ergueremos nossas cabeças e enfrentaremos o inimigo, como meu irmão Solomon costumava dizer. Vamos, senhor Cruncher! Não se mova, menina, não se mova.

Os dois saíram, deixando Lucie, o marido, o doutor e a menina junto do fogo crepitante, à espera do senhor Lorry, que chegaria do banco a qualquer momento. A senhorita Pross acendera a lâmpada, mas a colocara num canto para que a família pudesse desfrutar a claridade da chama da lareira. A pequena Lucie estava sentada ao lado do avô, agarrada ao seu braço, ouvindo a história que ele narrava, em voz baixa, sobre uma poderosa fada que abrira a porta de um cárcere para libertar um cativo que outrora lhe havia prestado um serviço. Tudo estava tranqüilo e Lucie sentia-se serenar aos poucos.

— O que foi isso? — perguntou, de repente.

— Minha filha — exclamou o médico, interrompendo a história e tomando-lhe a mão —, controle-se. Como está nervosa! Assusta-se por qualquer coisa, por nada! Justo *você*, sempre tão corajosa!

— Julguei, meu pai, ouvir passos na escada — Lucie desculpou-se, pálida e com a voz trêmula.

— Querida, a escada está silenciosa como a morte.

Mal pronunciara essas palavras, bateram com força na porta.

— Oh, papai, papai. Quem será? Esconda Charles. Salve-o!

— Criança, eu *já* o salvei — replicou o médico, erguendo-se e pousando a mão em seu ombro. — Que fraqueza é essa, hein? Deixe-me ver quem é.

Apanhou o castiçal, cruzou os dois quartos que precediam a sala e abriu a porta. Ouvia-se um rumor surdo de passos no soalho e quatro homens rudes de barretes vermelhos, armados de sabres e pistolas, entraram na sala onde se encontravam Darnay e a esposa.

— Cidadão Evrémonde, chamado de Darnay? — inquiriu o primeiro.

— Quem procura o cidadão Evrémonde? — redarguiu Charles.

— Eu... nós o procuramos. Conheço-o, Evrémonde. Vi o esta manhã no tribunal. Você é novamente prisioneiro da República.

Os quatro homens rodearam Charles, que fora abraçado pela mulher e pela filha.

— Como e por que me prendem outra vez?

— Acompanhe-nos de volta à Conciergerie e amanhã, durante o seu julgamento, descobrirá.

O doutor Manette, a quem tão inesperada visita conferira uma imobilidade pétrea, permanecendo de pé com o castiçal na mão como se fora uma estátua cinzelada unicamente para servir-lhe de suporte, despertou do estupor e, pousando a vela, confrontou o patriota. Segurou-o quase com gentileza pelo colarinho da camisa de lã vermelha e inquiriu:

— Disse que conhece meu genro. E a mim, também conhece?

— Sim, eu o conheço, cidadão doutor.

— Todos nós o conhecemos, cidadão doutor — secundaram-no os outros três. O doutor Manette olhava distraidamente de um para o outro, e, depois de uma pausa, indagou em tom mais baixo:

— Então, respondam a mim a pergunta que ele formulou. Por que motivo o prendem?

— Cidadão doutor — ripostou o primeiro, com relutância —, ele foi denunciado ao distrito de Santo Antônio. Este cidadão — apontou para um de seus companheiros —, que é do bairro, poderá informá-lo.

O cidadão indicado balançou a cabeça e confirmou:

— Foi acusado por Santo Antônio.

— Acusado de quê? — interpelou-o o médico.

— Cidadão doutor — redargüiu o primeiro, sempre hesitante —, não pergunte mais. Se a república lhe exige sacrifícios, sem dúvida, como bom patriota, deve submeter-se alegremente. A República antes de tudo. O povo é soberano. Temos pressa, Evrémonde.

— Mais uma palavra — rogou o médico. — Quem o denunciou?

— Isso é contra a lei — ponderou o primeiro —, mas pergunte ao patriota de Santo Antônio. O médico voltou os olhos para o homem, que se moveu, inquieto, esfregou a barba e, por fim, respondeu:

— Bem! É verdade que é contra a lei. Mas ele foi denunciado... — a sua voz assumiu um tom solene — pelo cidadão e pela cidadã Defarge. E por mais outra pessoa.

— Que outra?

— *O senhor* quer saber, cidadão doutor?

— Sim.

— Pois bem — disse o morador de Santo Antônio, com um olhar estranho —, descobrirá amanhã. Até lá, permaneceréi mudo.



## CAPÍTULO VIII

### UMAPARTIDADE CARTAS

Na feliz inconsciência da nova calamidade que se abatia sobre a família, a senhorita Pross seguiu seu caminho pelas estreitas ruas que conduziam ao Sena e atravessou o rio pela Pont-Neuf[233], repassando na memória a quantidade de artigos indispensáveis que ainda teria de comprar. O senhor Cruncher, carregando a cesta, caminhava ao seu lado. Ambos olhavam à direita e à esquerda, espreitando a maioria das lojas pelas quais passavam, preocupados em se desviarem de aglomerações e evitando os grupos onde se falava com demasiada animação. A noite estava fria e úmida, e, no rio nevoento, escondido dos olhos pelo brilho das luzes e dos ouvidos pelo ruído de vozes ásperas, destacava-se o lugar onde balançavam as barcaças nas quais os ferreiros trabalhavam[234], fabricando armas para o exército da República. Infeliz do homem que pregasse peças *nesse* exército[235], ou fosse promovido nele sem merecimento! Melhor seria se jamais lhe nascesse a barba, pois a Navalha Nacional se apressaria a cortá-la bem rente.

Tendo comprado alguns poucos gêneros da mercearia e azeite para o lampião, a senhorita Pross lembrou-se do vinho que desejavam. Depois de entrar em várias tabernas, deteve-se diante da tabuleta do “Brutus, o Bom Republicano da Antiguidade”[236], não muito distante do Palácio Nacional, antigamente (e novamente hoje) palácio das Tulherias[237], cujo aspecto dos artigos lhe agradou bastante.

Sua atmosfera parecia mais tranqüila do que a de qualquer outra taberna e, embora vermelha de barretes patrióticos, não era tão vermelha quanto as demais. Tendo consultado Jerry, e encontrando-o partidário da mesma opinião, a senhorita Pross entrou no estabelecimento de “Brutus, o Bom Republicano da Antiguidade”, acompanhada por seu cavaleiro.

Sem fazerem caso dos candeeiros esfumaçados; dos homens de cachimbo na boca que jogavam com cartas amassadas e dominós amarelados; do trabalhador com o torso e os braços nus enegrecidos de fuligem que lia o jornal em voz alta, daqueles que o ouviam; das armas que traziam das que deixavam de lado para as apanharem de volta na saída; nem dos dois ou três fregueses que dormiam, os quais, estendidos no chão e vestindo coletes felpudos muito populares na época, mais pareciam cachorros ou ursos dormindo; os dois fregueses estrangeiros aproximaram-se do balcão e indicaram o que desejavam.

Enquanto o taberneiro media o vinho, um homem despediu-se de outro, num canto, e levantou-se a fim de ir embora. Para sair, ele tinha obrigatoriamente que

passar pela senhorita Pross. Ao fazê-lo, a senhorita Pross soltou um grito e bateu com as mãos.

Num átimo, toda a freguesia se pôs de pé. Que alguém fora assassinado em consequência de uma divergência de opinião era a hipótese que se lhes afigurava a mais provável. Todos olharam em torno, procurando um corpo caído, mas viram apenas um homem e uma mulher que se fitavam com expressão atônita. O homem aparentava ser francês e republicano; a mulher, indubitavelmente inglesa.

No desapontado anticlímax que se seguiu, as palavras proferidas pelos discípulos de Brutus, o Bom Republicano da Antiguidade, embora pronunciadas de modo bastante loquaz e audível, se proferidas em hebreu ou caldeu teriam produzido o mesmo efeito na senhorita Pross e em seu escudeiro, mesmo que estes lhes dessem ouvidos. Mas, em sua surpresa, nenhum dos dois tinha ouvidos para nada mais. Pois, convém ressaltar, não foi apenas a senhorita Pross que se deixou agitar pela perplexidade, mas o senhor Cruncher, conquanto mantivesse uma atitude discreta de quem não mete o nariz onde não é chamado, estava absolutamente espantado.

— Qual é o problema, minha senhora? — inquiriu o homem que provocara o grito da senhorita Pross, num tom exasperado e abrupto embora baixo, e em inglês.

— Oh, Solomon, querido Solomon! — exclamou a senhorita Pross, tornando a bater as mãos. — Depois de tanto tempo sem vê-lo, sem receber notícias suas, eu o encontro aqui!

— Não me chame de Solomon. Quer causar a minha morte? — perguntou o homem de modo furtivo e amedrontado.

— Meu querido irmão! — bradou a senhorita Pross, rompendo em pranto. — Terei eu sido tão dura com você para que me faça uma pergunta tão absurda?

— Então, segure essa sua língua inconveniente — replicou Solomon. — Se deseja falar-me, é melhor sairmos daqui. Pague o vinho e venha comigo. Quem é esse homem?

A senhorita Pross, balançando a cabeça na direção de seu adorado e nada afetuoso irmão, respondeu por entre as lágrimas.

— É o senhor Cruncher. — Que venha conosco, também — voltou Solomon. — Será que ele me toma por um fantasma? A julgar por sua expressão assombrada, era assim que o senhor Cruncher o via. Contudo, ele não retrucou e a senhorita Pross, com os olhos molhados, esquadrinhou com grande dificuldade as profundezas de sua bolsa, em busca do dinheiro para pagar a conta. Enquanto isso, Solomon, virando-se para os seguidores de Brutus, o Bom Republicano da Antiguidade, ofertou-lhes algumas poucas palavras em francês para explicar o incidente. Todos, então, retornaram a seus lugares e afazeres.

— Conte-me de uma vez — ordenou Solomon, detendo-se numa esquina sombria — o que deseja.

— Como é cruel ser recebida assim por um irmão a quem sempre estimei tanto! — queixou-se a senhorita Pross.

— Que diabo! — exclamou Solomon, tocando de leve os lábios da irmã com os seus. — Está satisfeita, agora? A senhorita Pross apenas sacudiu a cabeça e

continuou a chorar silenciosamente.

— Se esperava que eu me mostrasse surpreso — declarou seu irmão Solomon —, lamento decepcioná-la. Sabia que você estava em Paris; conheço quase todos os habitantes desta cidade. Se você realmente não quer pôr a minha existência em risco, como me sinto tentado a crer, siga logo o seu caminho, cuide dos seus negócios e deixe que eu cuide dos meus. Não tenho tempo a perder. Sou um empregado público.

— Solomon, meu irmão inglês — gemeu a senhorita Pross, erguendo os olhos banhados de lágrimas —, que podia estar entre os melhores e mais distinguidos homens de sua pátria, tornou-se um empregado desses estrangeiros, e que estrangeiros! Eu quase preferia ver seu querido corpo morto a...

— Eu não disse?! — bradou o irmão, interrompendo-a.

— Eu sabia! Você quer a minha morte. Serei acusado como Suspeito por minha própria irmã. Justo agora que tudo ia tão bem...

— Que o bom Deus não o permita! — ripostou a senhorita Pross. — Prefiro jamais tornar a vê-lo, querido Solomon, embora eu o ame com todo o meu coração. Basta uma única palavra de carinho que me convença de que você não está zangado comigo, que não há nenhuma estranheza entre nós, e eu irei embora.

Bondosa senhorita Pross! Como se a estranheza entre ambos existisse por culpa dela. Como se o senhor Lorry não houvesse descoberto anos antes, naquela tranqüila casa do Soho, que aquele precioso irmão a havia abandonado depois de ter gastado todo o seu dinheiro!

Contudo, Solomon concedia à irmã a palavra de carinho que esta lhe pedira, com a postura descendente e protetora que teria assumido se seus méritos e posições se invertessem, inversão que ocorre invariavelmente neste mundo, quando o senhor Cruncher, tocando-lhe no ombro, rouca e inesperadamente interveio com esta singular questão:

— Ora, posso fazer-lhe uma pergunta? Como devo chamá-lo: John Solomon ou Solomon John? O funcionário voltou-se em sua direção com sùbita desconfiança.

— Ora, vamos! — prosseguiu o senhor Cruncher. — Seja franco — instou, embora ele próprio não pudesse abusar da franqueza. — John Solomon ou Solomon John? Ela o chama de Solomon e deve saber o seu nome, pois é sua irmã. Mas *eu* o conheço como John. Qual dos dois vem primeiro? Quanto ao sobrenome Pross, não me consta que o usasse do outro lado do canal.

— O que quer dizer?

— Bem, eu não sei tudo o que quero dizer, pois não consigo lembrar qual era o seu sobrenome do outro lado do canal.

— Não?

— Não. Contudo, poderia jurar que era um nome de duas sílabas.

— É mesmo?

— É, sim. Eu o conheço. O senhor era o espião que testemunhou em Old Bailey. Como, em nome do Pai das Mentiras[238], portanto, o *seu* pai, era seu nome, naquela época?

— Barsad — respondeu uma outra voz, acercando-se do grupo.

— Com mil diabos, era este o nome! — bradou Jerry.

O homem que se intrometiera na conversa era Sydney Carton. Com as mãos cruzadas nas costas, parou diante do senhor Cruncher com o mesmo ar negligente que demonstrava em Old Bailey.

— Não se assuste, minha cara senhorita Pross. Cheguei ontem à tarde, fiz uma surpresa ao senhor Lorry e concordamos que eu não apareceria em parte alguma até que tudo se resolvesse, a menos que eu pudesse ser útil. Resolvi aproximar-me porque preciso falar com seu irmão. Gostaria, senhorita Pross, que tivesse um irmão com uma profissão mais digna do que a do senhor Barsad. Pelo seu bem, preferiria que o senhor Barsad não fosse um “carneiro” das prisões. [239]

“Carneiro” era uma gíria da época que significava “espião” dos carcereiros. O espião, que era pálido, ficou ainda mais pálido e inquiriu-lhe como ousava...

— Eu lhe direi — atalhou-o Sydney. — Vi-o há pouco, senhor Barsad, saindo da Conciergerie, num momento em que eu contemplava as paredes do cárcere, há cerca de uma hora. O senhor tem uma fisionomia marcante e eu sou um bom fisionomista. Intrigado por encontrá-lo ali, e tendo razões que o senhor não desconhece para associá-lo com os infortúnios de um amigo meu, agora muito desafortunado, resolvi segui-lo. Entrei na taberna, bem atrás do senhor, e sentei-me ao seu lado. Não tive dificuldade em deduzir das suas palavras e dos elogios dos seus admiradores quais eram as suas relações com os cárceres. E, aos poucos, essa dedução tomou a forma de uma proposta, senhor Barsad.

— Que proposta? — o espião indagou.

— Seria problemático, e talvez perigoso, explicar-lhe aqui. Poderia ter a bondade de conceder-me alguns minutos do seu tempo... no escritório do Banco Tellson, por exemplo?

— Sob que ameaça?

— Oh! Eu o ameacei?

— Se não ameaçou, por que motivo eu iria lá?

— Com efeito, senhor Barsad. Se o senhor não sabe por quê, não sou em quem lhe dirá.

— Quer dizer que outra pessoa me diria? — o espião inquiriu, indeciso.

— Compreendeu-me com muita clareza, senhor Barsad. Eu teria de contar a outra pessoa o que sei. O negligente atrevimento de Carton somou-se à sua habilidade para a consecução do propósito que tinha em mente e para lidar com o homem que servia a seus objetivos. Sua perspicácia percebeu a oportunidade e aproveitou-a ao máximo.

— Eu a avisei — censurou o espião, lançando um olhar de reprovação à irmã. — Se alguma coisa me acontecer, a culpa será sua.

— Vamos, vamos, senhor Barsad! — exclamou Carton.

— Não seja ingrato. Não fosse meu grande respeito por sua irmã, eu não me contentaria em delicadamente fazer-lhe uma simples proposta para nossa satisfação mútua. Virá comigo ao Tellson?

— Ouvirei o que tem a me propor. Sim, irei com o senhor.

— Sugiro que primeiro acompanhemos sua irmã até a esquina da rua onde mora. Aceite o meu braço, senhorita Pross. Esta não é mais uma cidade segura

para quem anda por aí sem proteção. E como o seu acompanhante conhece o senhor Barsad, eu o convidarei para ir conosco ao escritório do senhor Lorry. Todos prontos? Então, vamos.

Até o fim de sua vida, a senhorita Pross recordaria que, ao pousar a mão no braço de Sydney e fitar-lhe a face, implorando-lhe para não prejudicar Solomon, percebeu uma corajosa determinação naquele braço e uma generosa inspiração em seus olhos, as quais não só contradiziam sua habitual negligência mas também o transformavam e elevavam como ser humano. Naquele momento, porém, ela estava demasiado ocupada com os temores relativos ao irmão, que tão pouco merecia o seu afeto, e com as palavras tranquilizadoras de Sydney, para atentar na observação.

Eles a deixaram na esquina de sua casa e Carton conduziu os outros dois ao escritório do senhor Lorry, que ficava a poucos minutos de caminhada. John Barsad, ou Solomon Pross, andava a seu lado.

O senhor Lorry tinha acabado de jantar e estava sentado diante da lareira, talvez procurando nas chamas crepitantes o retrato daquele funcionário do Tellson (menos velho, na época) que se sentara junto à lareira no Royal George, em Dover, havia tantos anos. Ouvindo abrir a porta, voltou a cabeça e manifestou surpresa ao ver o estranho.

— É o irmão da senhorita Pross, senhor — explicou Sydney. — Senhor John Barsad.

— Barsad? — repetiu o idoso cavaleiro. — Barsad? Esse nome lembra-me alguma coisa... e o rosto...

— Eu lhe disse que o senhor possui uma fisionomia marcante, senhor Barsad — observou Carton, com frieza. — Peço-lhe que se sente. Ao acomodar-se também numa cadeira, ele supriu a lacuna na memória do senhor Lorry, revelando-lhe, com a testa franzida:

— Figuro como testemunha naquele processo de traição. O senhor Lorry recordou-se imediatamente e olhou para Barsad com ostensiva repugnância.

— O senhor Barsad foi reconhecido pela senhorita Pross como o querido irmão de quem tanto nos falava — prosseguiu Sydney — e admitiu o parentesco. Agora, porém, tenho uma péssima notícia para lhe dar: Darnay foi preso outra vez. Consternado, o idoso cavaleiro exclamou:

— Que diz?! Deixei-o seguro e livre há duas horas, e estava prestes a voltar à sua casa!

— Pois prenderam-no. A que horas isso aconteceu, Barsad?

— Agora há pouco.

— O senhor Barsad é a melhor autoridade possível sobre o assunto, senhor — comentou Sydney. — Tomei conhecimento da prisão ao ouvir-lhe a conversa com um colega “carneiro”, diante de uma garrafa de vinho. Ele deixara na porta os quatro homens encarregados de levar Darnay. Viraos entrar. Portanto, não pode haver nenhuma dúvida.

O olhar experiente do senhor Lorry leu no rosto de Sydney que seria perda de tempo discutir o fato. Confuso, mas ciente de que a situação exigiria sua presença de espírito, controlou-se, permanecendo silenciosamente atento.

— Eu acredito — ponderou Sydney — que o nome e a influência do doutor

Manette produzirão amanhã o mesmo efeito de hoje... o senhor afirmou que amanhã ele comparecerá novamente perante o tribunal, senhor Barsad?

— Sim. Creio que comparecerá amanhã.

— Espero que a influência do doutor produza o mesmo efeito. Contudo, é possível que se dê justamente o contrário. Confesso-lhe, senhor Lorry, que me espanta saber que o doutor Manette não teve o poder de impedir essa prisão.

— É provável que de nada soubesse — respondeu o senhor Lorry.

— Mas é essa circunstância que me assusta. Por que não o preveniram, se todos sabem que Darnay é genro dele?

— É verdade — concordou o senhor Lorry, segurando o queixo com a mão trêmula e pousando os olhos preocupados em Carton.

— Em suma — disse Carton —, esta é uma época de desespero, em que partidas desesperadas são jogadas por desesperadas apostas. Que o doutor jogue para ganhar; a mim, resta a posição de perdedor. Aqui, a vida de nenhum homem tem valor. Qualquer um carregado para casa em triunfo hoje poderá ser condenado amanhã. Minha aposta no jogo, na pior das hipóteses, é um amigo na Conciergerie. E esse amigo que pretendo ganhar é John Barsad.

— O senhor precisará de boas cartas para ganhar essa partida — retrucou o espião.

— Joguemos, pois. Já conhece os trunfos que tenho na mão... senhor Lorry, não ignora que sou um beerrão. Ficaria grato se me pudesse oferecer um pouco de conhaque. O conhaque foi colocado à sua frente, e ele bebeu um copo, depois outro, e afastou a garrafa, com ar pensativo.

— Senhor Barsad — continuou com o tom de quem realmente examina as cartas —, “carneiro” das prisões, emissário dos comitês da República, algumas vezes carcereiro, outras vezes prisioneiro, sempre espião e delator, tão mais valioso aqui por ser inglês, já que um inglês é menos passível de suspeita de suborno, no desempenho desses papéis, do que um francês, mas apresenta-se a seus patrões com um nome falso. Esta é uma carta muito boa. Senhor Barsad, agora empregado do governo republicano francês, antigamente era empregado do governo aristocrático inglês, inimigo da França e da liberdade. Esta é uma carta excelente. Uma dedução tão clara como o dia, nesta terra de suspeitas, é a de que o senhor Barsad, ainda sob o pagamento do governo aristocrático inglês, é o espião de Pitt, o traçoeiro inimigo que a República alimenta em seu seio, o traidor inglês causador de todos os danos de que tanto falam e que é tão difícil de localizar. Esse é um trunfo imbatível. Seguiu bem o meu jogo, senhor Barsad?

— Não a ponto de entender a sua jogada — retrucou o espião, um tanto inquieto.

— É simples: joguei o meu ás: denúncia do senhor Barsad à seção do comitê mais próxima. Examine a sua mão, senhor Barsad, e verifique de que cartas dispõe. Não se apresse.

Ele apanhou a garrafa, encheu outro copo com conhaque e bebeu-o. Percebeu que o espião temia que ele se embriagasse e fosse denunciá-lo imediatamente. Percebendo isso, encheu e bebeu outro copo.

— Examine as suas cartas, senhor Barsad, e não tenha pressa.

As cartas de seu adversário eram mais pobres do que imaginava. O senhor

Barsad viu jogadas perdidas das quais Carton nada sabia. Afastado de seu honroso emprego na Inglaterra, em razão de extremamente malsucedidos depoimentos no tribunal e não porque não o quisessem lá: nossos britânicos motivos para proclamarmos nossa superioridade em termos de espionagem e espões são muito recentes, atravessara o Canal e aceitara serviço na França: primeiro, como provocador e bisbilhoteiro entre seus próprios compatriotas, depois, gradualmente, como provocador e bisbilhoteiro entre os nativos. Sob o governo destituído, ele fora o espião destacado para Santo Antônio e para a taberna de Defarge. Havia recebido da vigilante policia informações acerca da prisão e da libertação do doutor Manette, que lhe serviriam de introdução para uma conversa mais familiar com os Defarge. Tentou sondar o casal, concentrando-se em madame Defarge, e fracassara rotundamente. Estremecia de medo sempre que se lembrava de que aquela terrível mulher tricotara incessantemente quando conversou com ela, fitando-o com uma expressão lúgubre enquanto movia os dedos. Ele a tinha visto muitas vezes desde então, na seção de Santo Antônio, sempre e sempre tricotando seus registros, denunciando pessoas cujas vidas a guilhotina então ceifou. Sabia, assim como todos os que exerciam a mesma função, que nunca estava seguro e que era impossível fugir. Sobre ele pairava a sombra do machado e, a despeito de seus subterfúgios e de sua traição por aderir ao terror reinante, bastaria uma palavra para que esse lhe cortasse a cabeça. Uma vez denunciado, e considerando todas as graves lembranças que agora lhe acudiam à mente, previa que aquela mulher terrível, de cujo caráter implacável tivera provas suficientes, apresentaria aquele registro fatal contra ele, mandando-o com toda a certeza para a morte. Afora o fato de que todos os espões se amedrontam facilmente, tinha de admitir que havia no seu jogo cartas numa seqüência suficientemente sinistra para justificar a palidez repentina que se espalhou em seu rosto.

— Parece-me que não está muito contente com as suas cartas — observou Sydney, com extrema serenidade. — Não vai jogar?

— Creio, senhor — disse o espião, com ar torpe, voltando-se para o senhor Lorry —, que posso apelar a um cavalheiro com a sua idade e benevolência para suplicar-lhe que pergunte a este outro cavalheiro, muito mais jovem do que o senhor, se ele pode, sob quaisquer circunstâncias, conciliar com a posição que ocupa a decisão de jogar o ás de que falava há pouco. Reconheço que *eu* sou um espião, e que essa posição é muito malvista, embora alguém tenha de ocupá-la. Mas este cavalheiro não é espião. Por que, então, haveria de se desmerecer atuando como um de nós?

— Eu jogarei o meu ás, senhor Barsad — replicou Carton, que tomou a si responder, consultando o relógio —, dentro de poucos minutos.

— Eu esperava, meus caros senhores — argumentou o espião, sempre se esforçando para incluir o senhor Lorry na discussão —, que a consideração de ambos por minha irmã...

— Eu não poderia demonstrar melhor o meu respeito por sua irmã do que livrando-a por fim do seu irmão — atalhou-o Sydney Carton.

— Pensa assim, senhor?

— Estou absolutamente convencido disso.

Os modos gentis do espião, curiosamente em dissonância com a ostensiva rudeza de seus trajes e provavelmente com as suas maneiras habituais, foram acolhidos com tal repulsa pelo inescrutável Carton, o qual era um mistério até mesmo para homens mais sábios e honestos do que ele, que acabaram por fraquejar, abandonando-o. Enquanto, perdido e confuso, ele se mantinha calado, Carton prosseguiu, retomando o ar de quem segurava cartas na mão e as contemplava:

— Ora, ora, tenho a forte impressão de ter aqui outra carta excelente, que ainda não havia jogado. Quem era aquele seu colega “carneiro” que se gabava de pastar nas prisões das províncias?

— Era um francês. O senhor não o conhece — o espião apressou-se a responder.

— Francês, é? — ecoou Carton, refletindo, aparentando não se lembrar da presença dele, embora tivesse repetido sua palavra. — Bem, talvez o seja.

— É, sim, eu lhe asseguro — retrucou o espião. — Embora isso não venha ao caso.

— Embora isso não venha ao caso — repetiu Carton, no mesmo tom maquinal. — Embora não venha ao caso... não, não vem ao caso. Não. Contudo, conheço aquele rosto.

— Julgo que não. Estou certo que não. Não pode ser — o espião contrapôs.

— Não... pode... ser — murmurou Carton, tornando a encher o copo (felizmente, era um copo pequeno). — Não pode... ser... Ele fala bem o francês, mas como um estrangeiro.

— Não, como um camponês.

— Como um estrangeiro! — bradou Carton, batendo na mesa com a mão espalmada, enquanto uma luz se acendia em sua mente. — É Cly! Disfarçado, mas é ele. Estava conosco no tribunal de Old Bailey!

— Não se precipite, meu caro senhor — retorquiu Barsad, com um sorriso que aumentou a inclinação de seu nariz aquilino para um dos lados —, ou me deixará em posição de vantagem. Cly (que agora admito abertamente ter sido meu sócio) morreu há vários anos. Estive ao seu lado nos seus últimos momentos. Foi enterrado em Londres, no cemitério de São Pancrácio dos Campos. A impopularidade dele junto à turba no dia do enterro impediu-me de acompanhá-lo à última morada. Mas eu ajudei a colocá-lo no caixão.

Aqui, o senhor Lorry apercebeu-se, do lugar onde estava, de uma sombra fantástica na parede. Procurando encontrar-lhe a fonte, descobriu que se tratava da sombra dos cabelos do senhor Cruncher, que estavam mais eriçados do que nunca.

— Sejamos razoáveis e justos — ponderou o espião. — Para demonstrar-lhe seu equívoco e o quanto é infundada a sua afirmação, eu lhe apresentarei o certificado de óbito de Cly, que, por acaso, trago aqui em meu bolso — com gestos apressados, apanhou o documento e exibiu-o. — Ei-lo aqui. Oh, veja-o, veja-o. Pode segurá-lo, não é uma falsificação.

O senhor Lorry notou que a sombra alongara-se mais e mais na parede. O senhor Cruncher, então, levantou-se e caminhou alguns passos. Não teria o cabelo mais violentamente eriçado se, naquele instante, o houvesse penteado a



vaca de chifre enrolado na casa que Jack construiu[240].

Sem ser visto pelo espião, o senhor Cruncher postou-se ao seu lado e tocou-lhe no braço de leve, como um mordomo.

— Esse tal de Roger Cly — disse o senhor Cruncher, com ar taciturno e rígido — foi o senhor quem o colocou no caixão?

— Sim, fui eu.

— Quem o tirou de lá? Barsad encostou-se no espaldar da cadeira e gaguejou:

— O... que quer di... dizer?

— Quero dizer — ripostou o senhor Cruncher — que Roger Cly não estava no caixão. Nunca esteve. Que me cortem a cabeça, se não digo a verdade.

O espião olhou para os dois cavalheiros. Ambos fitavam Jerry com indescritível espanto.

— Eu lhe afirmo — continuou Jerry — que o senhor enterrou pedras e terra naquele caixão. Não tente convencer a *mim* que enterrou Cly. Foi uma farsa. Eu e mais dois homens sabemos disso.

— Como sabem?

— Que lhe importa isso? Por Deus! — resmungou o senhor Cruncher. — Então é do senhor que eu há muito tempo tenho raiva, o senhor, com suas vergonhosas trapaças para enganar honrados negociantes. Eu o estrangularia com prazer por meio guinéu.

Sydney Carton, que, como o senhor Lorry, ficara atônito com o que ouvira, roçou ao senhor Cruncher que se acalmasse e se explicasse.

— Em outra ocasião, senhor — ele respondeu em tom evasivo. — O momento não é lá muito conveniente para explicações. Mas afirmo que esse homem sabe muito bem que Cly nunca esteve naquele caixão. Ele que se atreva a sustentar o contrário, com uma palavra, uma sílaba que seja, e o estrangulo por meio guinéu. — O senhor Cruncher insistia nesse ponto como se fizesse uma oferta das mais liberais. — Ou então eu o denuncio imediatamente.

— Hum! Vejo que — comentou Carton — a minha carta é boa, senhor Barsad. É impossível para o senhor, nesta furiosa cidade onde a suspeita paira no ar, sobreviver à denúncia, pois que mantém contato com um espião de um governo aristocrático que possui os mesmos antecedentes que o senhor, e que, além de tudo, está envolvido no mistério de ter morrido e ressuscitado! Uma conspiração nas prisões, promovida pelo estrangeiro contra a República. Uma carta bastante forte... carta de uma certa guilhotina! Vai jogar?

— Não! — exclamou o espião. — Eu entrego os pontos. Confesso que nós éramos tão impopulares junto àquela ultrajante turba que eu só consegui fugir da Inglaterra sob risco de morrer afogado, e que Cly foi tão investigado por toda a parte que ele jamais teria escapado se não fosse por essa farsa. Agora, como esse homem tenha descoberto a farsa é o maior de todos os enigmas, para mim.

— Não se preocupem mais com esse velhaco — retorquiu o belicoso senhor Cruncher. — Com certeza se aborrecerão se derem mais atenção a esse “cavalheiro”. E repito! — o senhor Cruncher não pôde deixar de dar uma nova e generosa prova de sua liberalidade —: eu o estrangulo e corto em pedaços por meio guinéu.

O “carneiro” das prisões virou-se para Carton e declarou com ar decidido:

— Não posso perder mais tempo. Logo entrarei em serviço, portanto tenho de partir. O senhor mencionou uma proposta. Que proposta é essa? Só lhe previno que é inútil exigir muito de mim. Se pedir que eu faça alguma coisa que tenha relação com o meu emprego, colocando a minha cabeça em grande perigo, prefiro confiar a minha vida aos acasos de uma recusa aos de um consentimento. Falou há pouco em desespero. Estamos todos desesperados aqui. Lembre-se! Também posso denunciá-lo, jurar o que quiser, e outros podem fazer o mesmo. O que quer de mim?

— Não muito. É carcereiro na Conciergerie?

— Vou-lhe dizer de uma vez por todas: não existe fuga possível — declarou o espião, com firmeza.

— Por que me responde o que não perguntei? O senhor é carcereiro na Conciergerie?

— Às vezes.

— Pode sê-lo sempre que o desejar?

— Posso entrar no cárcere sempre que desejar.

Sydney Carton encheu outro copo com conhaque, derramou-o lentamente na lareira e observou enquanto o líquido caía. Ao cair a última gota, disse, erguendo-se:

— Até aqui, nós conversamos na presença deles, porque o mérito das cartas não devia ser julgado apenas por nós dois. Passemos agora àquele quarto escuro, onde terminaremos nossa conversa a sós.

## CAPÍTULO IX

### FEITO O JOGO

Enquanto Sydney Carton e o “carneiro” das prisões estavam no quarto vizinho, falando tão baixo que não se ouvia um único som, o senhor Lorry olhava para Jerry com profunda dúvida e suspeita. A maneira de o honrado negociante receber aquele olhar não inspirava confiança; ora descansava numa perna, ora noutra, como se tivesse cinqüenta pernas e as estivesse experimentando todas; examinava as unhas com uma questionável atenção, e, sempre que os olhos do senhor Lorry encontravam os dele, era tomado por aquela espécie peculiar de pigarro que obriga sempre a pôr a palma da mão diante da boca, o que raramente, se é que alguma vez, é visto como um indício de uma perfeita lhanza de caráter.

— Jerry — chamou o senhor Lorry —, venha aqui.

O senhor Cruncher aproximou-se de través, com um dos ombros chegando na frente.

— O que mais você foi, além de mensageiro?

Depois de alguma reflexão, acompanhada de um olhar preocupado ao seu patrão, o senhor Cruncher concebeu a idéia luminosa de responder:

— Agricultor.

— Muitas razões me levam a pensar — disse o senhor Lorry, brandindo raiosamente um dedo em sua direção — que você usou o nome respeitável da casa Tellson como anteparo, e que você tem uma ocupação ilegal e infame. Se isso for verdade, não espere que eu o ajude quando voltarmos à Inglaterra, tampouco que eu guarde o seu segredo. Não permitirei que abuse do Tellson.

— Espero, senhor — suplicou o envergonhado senhor Cruncher —, que um cavalheiro da sua estirpe, a quem tenho a honra de servir há tanto tempo que meus cabelos ficaram grisalhos, pensará duas vezes antes de me prejudicar, ainda que isso fosse verdade... não digo que o seja, mas mesmo que o fosse. E há que se levar em conta que, se fosse verdade, a culpa não caberia apenas a um dos lados. Há que se considerar os dois lados. Deve haver médicos, neste momento, embolsando guinéus quando um honrado comerciante só recebe um vintém, um vintém! não, nem mesmo meio vintém, meio vintém! Não, nem mesmo um quarto de vintém, o dinheiro deles desaparece no ar como fumaça, em depósitos no Tellson, e ainda piscam seus olhos doutorais para o pobre negociante que está do lado de fora da porta; e eles entram em suas carruagens e saem delas, ah! também como fumaça, mais parecidos, até! Isso também é abusar do Tellson. E há ainda a senhora Cruncher, que tem idéias do tempo da

Velha Inglaterra e reza tanto contra o sucesso dos meus negócios que me está arruinando, arruinando! Enquanto isso, as esposas dos doutores médicos rezam em favor das doenças, para que nunca faltem pacientes para seus maridos, e o senhor vem culpar a mim, só a mim? E o que me diz dos agentes funerários, dos sacristãos, dos coqueiros, dos vigias particulares (todos metidos nisso, e todos tão avarentos)? Um homem não ganharia muito nesse ofício, mesmo que fosse verdade. E o pouco que ganhasse não o faria prosperar, senhor Lorry. Estaria sempre muito longe da riqueza e abandonaria o negócio com alívio se tivesse outro meio de ganhar a vida, se fosse verdade, senhor.

— Arre! — exclamou o senhor Lorry, embora um tanto compadecido. — Estou chocado com você.

— O que eu humildemente lhe suplico, senhor — prosseguiu o senhor Cruncher —, mesmo se fosse verdade, o que não é o caso...

— Não me venha com mentiras — interrompeu-o o senhor Lorry.

— Não, senhor, eu *não* o faria —olveu o senhor Cruncher, como se nada estivesse mais distante de suas intenções do que aquela. — O que lhe quero pedir é... o que eu humildemente gostaria de rogar-lhe, senhor, é o seguinte. Lá, num tamborete na porta do Tellson, senta-se também um menino, meu filho, que estou criando para um dia ser um homem de bem, um bom mensageiro para o Tellson, para o senhor, para prestar-lhe serviços gerais, cumprindo-lhe à risca todas as ordens. Se fosse verdade, senhor, o que eu ainda não digo que seja (embora eu não pretenda mentir para o senhor), eu lhe suplicaria que permitisse que o menino continuasse no lugar do pai, para poder sustentar a mãe. Não o castigue pelas faltas de seu pai, por favor não faça isso, senhor, e mande esse pai trabalhar como coqueiro, enterrando os mortos como uma forma de compensação pelos mortos que desenterrou, se fosse verdade, claro. Isso, senhor Lorry — disse o senhor Cruncher, enxugando a testa com o braço, como se anunciasse ter chegado à peroração de seu discurso —, é o que humildemente gostaria de rogar-lhe. Um homem não pode ver tudo o que acontece por aqui, tantos corpos sem cabeça, Deus do céu, tantos que o preço não vale o custo do transporte, sem refletir seriamente a respeito das coisas. E esta seria, pois, a minha súplica, se fosse verdade. E lhe pediria, também, para lembrar que eu contei tudo, quando poderia ter permanecido calado.

— Isso, ao menos, é verdade — replicou o senhor Lorry.

— Não diga mais nada, por ora. Pode ser que eu continue seu amigo, se você merecer, e demonstrar arrependimento por meio de atos, não de palavras. Já basta de palavras.

O senhor Cruncher batia com a mão na testa quando Sydney Carton e o espião retornaram do quarto escuro. — *Adieu*, senhor Barsad — despediu-se o primeiro. — Nosso acordo está celebrado, nada deve temer de minha parte. Ele sentou-se junto à lareira, ao lado do senhor Lorry. Quando ficaram a sós, este perguntou-lhe o que conseguira.

— Pouca coisa. Se o pior acontecer a Darnay, terei acesso ao calabouço. O semblante do senhor Lorry ensombrou-se.

Foi tudo o que pude fazer — disse Carton. — Exigir demais seria pôr a cabeça desse homem sob a guilhotina e, como ele próprio ressaltou, seria o

mesmo que denunciá-lo. Esse era obviamente o ponto fraco da situação. Não há como evitá-lo.

Mas, acesso ao calabouço — argumentou o senhor Lorry —, se o pior ocorrer no tribunal, não o salvará.

— Jamais afirmei que o salvaria.

Os olhos do senhor Lorry gradualmente buscaram as chamas. A solidariedade para com a querida Lucie e o profundo desapontamento causado pela segunda prisão pouco a pouco lhes apagaram o brilho. Ele era agora apenas um velho, subjugado pela tristeza e pela ansiedade. De seus olhos opacos deslizaram lágrimas amarguradas.

— O senhor é um bom homem e um verdadeiro amigo

— declarou Carton, com a voz alterada. — Perdoe-me se percebo a sua comoção. Eu não podia presenciar o sofrimento de meu pai sem me abalar. E não respeitaria mais a sua dor se o senhor fosse meu pai. Felizmente, o senhor está livre do infortúnio de me ter como filho.

Conquanto pronunciasse as últimas palavras com seu modo habitual, havia um sentimento e um respeito genuínos tanto no tom quanto no estilo, para os quais o senhor Lorry, que não conhecia o lado melhor de Carton, não estava preparado. Estendeu-lhe a mão e Carton gentilmente apertou-a.

— Mas, voltando ao pobre Darnay — prosseguiu Carton —, não conte nada à esposa dele sobre essa entrevista, ou sobre esse arranjo. Isso não lhe possibilitaria ir vê-lo. Ela poderia imaginar que se trata de um plano para, se o pior acontecer, fornecer a Darnay meios de antecipar a execução da sentença.

O senhor Lorry, que não havia considerado essa possibilidade, lançou um olhar a Carton para verificar se tal idéia não estaria de fato em sua mente. Pareceu-lhe que sim. Carton retribuiu o olhar, cuja intenção ele evidentemente compreendera.

— Ela seria capaz de imaginar uma centena de coisas — ele continuou —, e todas só serviriam para aumentar-lhe a aflição. Não lhe fale sobre mim. Como o adverti assim que cheguei, é melhor que eu não a veja. Posso oferecer-me para prestar toda a ajuda que estiver ao meu alcance sem que, para isso, precise vê-la. Vai visitá-la agora, espero? Ela deve estar especialmente desolada, esta noite.

— Sim, irei lá em seguida.

— Fico feliz. Ela é tão ligada ao senhor, conta tanto com o seu apoio. Como está ela?

— Ansiosa e infeliz. Mas muito bonita.

— Ah!

Aquele foi um longo, pesaroso som, que ressoou como um suspiro, quase um soluço. E atraiu o olhar do senhor Lorry para o rosto de Carton, que se voltou para o fogo. Um brilho, ou uma sombra (o velho cavalheiro não saberia dizer qual), perpassou por aquele rosto de forma tão efêmera como uma ligeira mudança de luminosidade sobre o alto de uma montanha num dia de sol ardente. Ele estendeu o pé para empurrar um pequeno tição que caíra. Trajava um sobrecasaca branca e botas de cano alto, então em voga, e a luz bruxuleante da lareira, ao tocar a superfície clara do tecido e das botas, fazia-o parecer ainda mais pálido, com seus longos cabelos castanhos, desguarnecidos[241], pendendo

soltos sobre a fronte. Sua indiferença pelas chamas era perceptível o bastante para provocar uma palavra de advertência por parte do senhor Lorry. Sua bota ainda pisava na lenha incandescente que havia saltado para o chão.

— Não havia dado por isso — ele replicou.

Os olhos do senhor Lorry foram novamente atraídos para o rosto de Carton. Reparando no ar fanado que lhe obscurecia as feições naturalmente belas, e tendo vívida na memória a expressão dos prisioneiros, instintivamente associou as duas imagens.

— Já concluiu suas obrigações em Paris, senhor? — indagou Carton.

— Sim. Como lhe dizia ontem à noite, quando Lucie chegou inesperadamente, já fiz tudo o que podia nesta cidade. Esperava assegurar-lhes a mais absoluta segurança antes de partir, mas... Posso um salvo-conduto[242]. Estava pronto para sair de Paris. Os dois quedaram-se em silêncio por alguns instantes. — O senhor dispõe de uma longa vida para recordar — comentou Carton, pensativo.

— Muito longa, com efeito. Estou com setenta e oito anos.

— O senhor foi sempre útil, em toda a sua vida. Manteve-se constantemente ocupado. Objeto do respeito e da confiança de todos.

— Desde que me entendo por gente, sou um homem de negócios. Com efeito, posso afirmar que já era um homem de negócios quando não passava de um garoto.

— Veja a posição que ocupa aos setenta e oito anos. Quantos sentirão a sua falta quando a deixar vaga!

— Ora, um velho e solitário solteirão — retrucou o senhor Lorry, sacudindo a cabeça. — Ninguém chorará por mim.

— Como pode afirmar isso? Ela não choraria pelo senhor? E também a filha?

— Sim, sim, graças a Deus. Eu realmente não quis dizer isso.

— Tem motivos para agradecer a Deus, não acha?

— Certamente, certamente.

— Se o senhor pudesse confessar esta noite, com toda a sinceridade, para o seu próprio coração: “não conquistei o amor, nem o apreço, nem a gratidão ou o respeito de ninguém neste mundo; não granjeei a estima ou o carinho de ninguém; nada fiz de bom ou de útil para ser lembrado por quem quer que seja!”, os seus setenta e oito anos equivaleriam a setenta e oito maldições. Não é?

— É verdade, senhor Carton. Julgo que seria assim.

Sydney tornou os olhos para o fogo e, após uma pausa, indagou:

— Gostaria de perguntar-lhe... sua infância parece muito distante? Os dias em que o senhor se sentava no colo de sua mãe lhe parecem muito longínquos? Sensível à suavidade de seus modos, o senhor Lorry respondeu:

— Há vinte anos, sim. Nesta época de minha vida, não. Quanto mais me aproximo do fim, como se andasse em círculo, chego cada vez mais perto do início. Deve ser uma forma de abrandar e preparar o caminho. Meu coração, agora, comove-se com muitas lembranças que havia muito estavam adormecidas... lembranças de minha mãe, linda e jovem (e eu, tão velho!), e, por meio de uma série de associações, recordo os dias quando o que chamamos

de “mundo” ainda não era tão real para mim, e minhas falhas ainda não se haviam cristalizado em meu caráter.

— Compreendo seus sentimentos — exclamou Carton, corando. — E isso lhe serve de alento?

— Espero que sim.

Carton encerrou a conversa aqui, levantando-se para ajudá-lo a vestir o sobretudo.

— Mas o senhor — observou o senhor Lorry, retomando o tema — é jovem.

— Sim — retorquiu Carton, — Não sou velho, mas a maneira como gasto a juventude não me conduz à velhice. Já basta de falarmos sobre mim.

— E também sobre mim, com certeza — replicou o senhor Lorry. — Vai sair?

— Eu o acompanharei até o portão da casa dela. Conhece meus hábitos errantes e inquietos. Se eu resolver perambular pelas ruas por um longo tempo, não se preocupe. Voltarei pela manhã. Irá à corte amanhã?

— Sim, infelizmente.

— Estarei lá, em meio à multidão. Meu espião me conseguirá um lugar. Tome o meu braço, senhor.

O senhor Lorry assim fez e os dois, depois de descerem a escada, alcançaram a rua. Em poucos minutos chegavam ao destino do senhor Lorry. Carton deixou-o ali; contudo, deteve-se a uma curta distância, e retornou ao portão novamente depois que este se fechou, tocando-o. Ouvira contarem que ela ia à prisão todos os dias.

— Ela saía por aqui — murmurou, olhando em torno —, por este caminho, pisa estas pedras. Seguirei seus passos.

Eram dez horas da noite quando ele parou diante da prisão de La Force, onde ela parara centenas de vezes. Um serrador baixinho, tendo fechado a serralha, fumava seu cachimbo na porta.

— Boa noite, cidadão — cumprimentou-o Sydney Carton, pois o homenzinho fitava-o interrogativamente.

— Boa noite, cidadão.

— Como vai a República?

— Refere-se à guilhotina? Não vai mal[243]. Sessenta e três, hoje. Logo chegaremos a cem. Sansão e seus homens às vezes se queixam de cansaço. Ha, ha, ha! É tão engraçado, esse Sansão. Que barbeiro!

— O senhor vai sempre lá vê-lo...

— Fazer a barba? Sempre. Todos os dias. Que barbeiro! Já o viu trabalhando?

— Nunca.

— Pois vá e veja-o quando tiver outra fornada boa[244]. Imagine, cidadão, que hoje ele barbeou sessenta e três, enquanto eu fumei menos de duas cachimbadas. Menos de duas. Palavra de honra! Quando o homenzinho estendeu seu cachimbo para explicar como media o tempo, Carton foi acossado por um desejo tão intenso de estrangulá-lo que se virou para ir embora.

— Mas o senhor não é inglês — observou o serrador —, apesar do traje inglês...

- Sou, sim — ripostou Carton, por sobre o ombro.
- Pois fala como um francês.
- Estudo aqui há muito tempo.
- Ah, um perfeito francês! Boa noite, inglês!
- Boa noite, cidadão.
- Não deixe de ir ver aquele diabo de barbeiro — insistiu o homenzinho. —

E não se esqueça de levar um cachimbo.

Sydney ainda não se havia afastado muito quando parou no meio da rua, sob um lampião que se balançava ao vento, e escreveu com seu lápis num pedaço de papel. Então, atravessou, com o andar decidido de quem se lembrava bem do caminho, várias ruas escuras e estreitas, muito mais sujas do que o habitual, pois não se limpavam as vias públicas naqueles tempos de terror[245], e parou numa botica cujas portas o proprietário ia fechando. Era uma loja pequena, soturna e de aspecto duvidoso, mantida numa rua tortuosa por um homem pequeno, soturno e de aspecto duvidoso.

Desejando boa noite também a esse cidadão, ao encostar-se no balcão, Carton estendeu o pedaço de papel para ele.

— Fiuu! — o boticário assobiou de leve, ao ler. — Hi, hi, hi! Carton não fez caso, e o boticário inquiriu:

É para o cidadão?

Sim, para mim.

— Terá o cuidado de manter tudo separado, cidadão? Conhece as conseqüências que adviriam se os misturasse?[246]

— Perfeitamente.

O boticário preparou vários pequenos pacotes, que Carton colocou separados um a um nos bolsos internos da sobrecasaca. Em seguida, pagou a conta e saiu vagarosamente.

— Não há mais nada a fazer — murmurou consigo mesmo, erguendo os olhos para a lua — até amanhã. Não posso dormir.

Não foi inquieta a maneira como ele pronunciou essas palavras sob as nuvens que deslizavam, rápidas, pelo céu, nem expressava indiferença ou desafio. Era a maneira apaziguada de um homem cansado, que havia andado sem rumo, que lutara e se perdera, mas que, por fim, reencontrou seu caminho e vislumbrou-lhe o término.

No passado distante, quando era famoso entre seus primeiros concorrentes como um jovem promissor, ele conduziu o pai até o sepulcro. Sua mãe já havia morrido anos antes. Aquelas solenes palavras, lidas diante da sepultura do pai, voltaram-lhe à memória enquanto avançava pelas ruas escuras, por entre as pesadas sombras, com a lua e as nuvens deslizantes sobre ele. “Eu sou a ressurreição e a vida”, disse o Senhor; “quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.”[247]

Numa cidade dominada pelo patíbulo, sozinho na noite, sentindo uma genuína tristeza pelos sessenta e três que haviam sido executados naquele dia, e pelas vítimas do dia seguinte, que aguardavam a morte nos calabouços, e também as do outro dia, e as do outro ainda[248], a cadeia de associações que lhe trouxe aquelas palavras à memória, como a enferrujada âncora de um velho



navio emergindo das profundezas, produziu-se naturalmente. Ele não as procurara, mas repetiu-as e seguiu em frente.

Com um solene interesse pelas janelas iluminadas onde as pessoas se preparavam para repousar, esquecidas por algumas poucas e tranqüilas horas dos horrores que as circundavam; pelas torres das igrejas, onde nenhuma prece era rezada[249], pois a revolta popular atingira esse ponto de autodestruição, como consequência dos anos e anos de impostura eclesiástica, de libertinagem e rapina; interessado pelos distantes cemitérios, reservados, conforme escreviam sobre os portões, ao Sono Eterno[250]; pelas abundantes prisões e pelas ruas por onde os grupos de sessenta eram guiados para a morte, a qual se tornara algo tão cotidiano e concreto que não sobrara espaço para as histórias lúgubres de fantasmas e aparições que normalmente surgem entre as pessoas, remanescendo apenas o lúgubre terror da guilhotina; com um solene interesse, enfim, pela vida e pela morte da cidade que se aplacava para a breve pausa noturna de sua fúria, Sydney Carton cruzou o Sena, regressando às ruas iluminadas.

Poucas carruagens circulavam, pois conduzir coches era uma boa maneira de levantar suspeitas, e os fidalgos escondiam a cabeça debaixo de barretes vermelhos, calçavam sapatos pesados e andavam a pé. Contudo, os teatros estavam todos cheios[251], e as pessoas saíam deles tagarelando alegremente quando Carton passou. Na porta de um dos teatros, viu uma menina com a mãe, procurando um lugar menos enlameado por onde pudessem atravessar a rua. Ele tomou a criança nos braços, levou-a para o lado oposto e, antes que o bracinho da menina se desprendesse do seu pescoço, pediu-lhe um beijo.

“Eu sou a ressurreição e a vida”, disse o Senhor; “quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.”

Agora que as ruas estavam quietas e a noite se exauria, as palavras ressoavam no eco dos seus passos e no ar. Completamente calmo e decidido, repetia-as para si mesmo, por vezes, enquanto caminhava. Mas ouvi-as sempre.

A noite se exauriu e, enquanto, apoiado à ponte, ouvia o rumorejar do Sena açoitando as muralhas da Ilha de Paris, onde a pitoresca confusão de casas e catedral[252] refulgia sob o luar, o dia surgiu friamente, parecendo um rosto morto projetado no céu. Então, a noite, com a lua e as estrelas, empalideceu e morreu e, por um instante, foi como se a Criação ficasse sob o domínio absoluto da Morte.

Contudo, o glorioso sol, erguendo-se, dava a impressão de repetir aquelas palavras, aquele bordão da noite, ininterrupto e cálido para o coração dele, com seus raios longos e resplandecentes. E enquanto os contemplava, com os olhos reverentemente protegidos, uma ponte luminosa estendeu-se pelo ar entre ele e o sol, por sobre o rio reverberante.

A forte correnteza, tão ligeira, tão profunda e certa, era como uma amiga congenial, na quietude da manhã. Ele caminhou pela margem do rio, longe das casas, e, sob a luz e o calor do sol, adormeceu. Quando despertou e se pôs novamente a andar, deixou-se ficar por ali um pouco mais, observando um remoinho que volteava e volteava sem propósito até que a corrente o absorveu e o carregou para o mar. “Como eu!”

Um barco mercante, cuja vela tinha a cor esmaecida de uma folha morta, deslizou perante seus olhos, flutuou para longe e passou. Quando seu silencioso rastro na água desapareceu, a prece que irrompera de seu coração por uma piedosa benevolência para com os seus erros e falta de visão brotou-lhe dos lábios:

— Eu sou a ressurreição e a vida.

O senhor Lorry já havia saído quando ele regressou, e era fácil presumir aonde o bom velho tinha ido. Sydney Carton nada tomou além de um pouco de café, comeu um pedaço de pão e, tendo-se banhado e trocado de roupas, dirigiu-se ao local do julgamento.

A corte estava em pleno movimento e num grande tumulto quando o “carneiro” das prisões, de quem muitos se afastavam de medo, levou-o para um canto escondido por entre a multidão. O senhor Lorry e o doutor Manette se achavam lá. Ela também se encontrava lá, sentada ao lado do pai.

Quando o marido foi trazido, ela lhe lançou um olhar tão solidário, tão encorajador, tão pleno de admiração, amor e compassiva ternura, e tão cheio de coragem, pelo bem dele, que coloriu-lhe as faces, conferiu brilho a seus olhos e animou-lhe o coração. Se alguém houvesse observado a influência daquele olhar sobre Sydney Carton, teria percebido que sua reação fora exatamente a mesma.

Perante aquele injusto tribunal, havia pouca ou nenhuma forma de procedimento que assegurasse a qualquer acusado uma oportunidade razoável de defesa. Tal Revolução não teria sido possível se todas as leis, formalidades e cerimônias não houvessem sofrido primeiro abusos tão monstruosos que a vingança suicida da Revolução os espalhou todos aos ventos. [\[253\]](#)

Todos os olhos fixaram-se no júri. Os mesmos determinados patriotas e bons republicanos do dia anterior e do dia seguinte. Mais sôfrego e proeminente entre eles, via-se um homem com uma face ávida e dedos perpetuamente adejando em volta dos lábios, cujo aparecimento causou grande satisfação aos espectadores. Esse jurado sequioso por mortes, com uma expressão antropofágica e mente sanguinária era Jacques terceiro de Santo Antônio. O júri inteiro parecia uma matilha de cães lançando-se sobre o gamo.

Todas os olhos, então, voltaram-se para os cinco juízes e para o promotor público. Nenhuma tendência favorável naquele quadrante, dessa vez, onde reinava uma atmosfera cruel, inflexível e propensa ao assassinato. Todos os olhos, agora, buscavam alguém na multidão, e lampejaram em aprovação. Cabeças se voltaram umas para as outras antes de se virarem para a frente com a máxima atenção.

Charles Evrémonde, chamado de Darnay. Absolvido ontem. Novamente acusado e preso ontem. Indiciação enviada a ele ontem. Suspeito e denunciado como inimigo da República, aristocrata, membro de uma família de tiranos, de uma raça proscrita por haver usado de seus abolidos privilégios para oprimir o povo de maneira infame. Charles Evrémonde, chamado de Darnay, absolutamente morto em razão de Lei.

Com esse propósito e em poucas palavras, manifestouse o promotor público. O presidente inquiriu se o réu fora denunciado em sigilo ou abertamente.

— Abertamente, presidente.

— Por quem?

— Por três indivíduos: Ernesto Defarge, taberneiro no bairro de Santo Antônio...

— Muito bem.

— Thérèse Defarge, sua esposa.

— Muito bem.

— Alexandre Manette, médico.

Um grande tumulto tomou conta da corte e, em meio ao alarido, o doutor Manette, pálido e trêmulo, levantou-se.

— Presidente, eu indignadamente protesto, pois estamos diante de uma mentira, de uma fraude. O senhor sabe que o réu é marido de minha filha. E minha filha e aqueles que lhe são caros são ainda mais caros à minha vida. Quem é e onde está esse torpe conspirador que declara que eu denunciei o meu genro!

— Cidadão Manette, acalme-se. A insubmissão à autoridade deste tribunal o colocaria fora da lei. Quanto ao que lhe é caro na vida, nada pode ser tão precioso para um bom cidadão quanto a República.

Vivas aclamações acolheram essa repreensão. O presidente tocou a sineta e, com entusiasmo, concluiu:

— Se a República lhe exigisse o sacrifício de sua própria filha, o senhor teria o dever de sacrificá-la. Agora, ouça o que se vai seguir. E mantenha-se em silêncio!

Novas e frenéticas aclamações irromperam. O doutor Manette sentou-se, olhando em torno, com os lábios trêmulos. A filha aproximou-se mais dele. O homem sôfrego no júri esfregou as mãos e devolveu uma delas aos lábios.

Defarge foi chamado quando se restabeleceu ordem na corte suficiente para que ele fosse ouvido. Rapidamente, ele expôs a história do cativo, relatando que fora um simples garoto a serviço do doutor, e falou acerca da libertação deste, do estado em que o prisioneiro se encontrava quando foi solto e enviado para ele. O interrogatório prosseguiu, abreviando essa parte inicial, pois a corte era rápida em seu trabalho.

— É verdade que se distinguiu na tomada da Bastilha, cidadão?

— Acho que sim.

Aqui, uma exaltada mulher guinchou em meio à multidão:

— Foi um dos mais bravos patriotas. Por que não o diz? Você tomou conta do canhão, lá, e esteve entre os primeiros a entrar na fortaleza maldita quando esta caiu. Patriotas, eu digo a verdade!

Foi “A Vingança” quem, com a calorosa aprovação da audiência, assim interrompera a audiência. O presidente tornou a tocar a sineta. Mas “A Vingança”, acalorando-se com o encorajamento, guinchou de novo:

— Eu desafio essa sineta! — no que foi igualmente muito aclamada.

— Informe ao tribunal o que você fez, naquele dia, dentro da Bastilha, cidadão.

— Eu sabia — disse Defarge, olhando para baixo na direção da esposa, que estava na parte inferior da escada, fitando-o com atenção —, sabia que esse prisioneiro de quem falo tinha sido confinado numa cela conhecida como Cento e

cinco, Torre Norte. Soube-o por ele mesmo. Ele não se conhecia por outro nome que não Cento e cinco, Torre Norte, quando fabricava sapatos sob os meus cuidados. Enquanto carregava minha arma, naquele dia, resolvi examinar a cela depois que a fortaleza caísse. Ela caiu. Eu subi à cela, com um companheiro cidadão que é membro do júri, guiado por um carcereiro. Eu a examinei minuciosamente. Num buraco na parede da chaminé, onde uma pedra havia sido arrancada e recolocada no lugar, encontrei um papel escrito. Este é o papel escrito. Quando eu era um garoto e trabalhava para o doutor Manette, tive a oportunidade de ver vários documentos com a letra dele. Esta é a letra do doutor Manette. Entrego este papel, com a letra do doutor Manette, às mãos do presidente.

“Que seja lido!”

Num silêncio mortal, o prisioneiro sob julgamento fitando amorosamente a esposa, a esposa desviando o olhar apenas para contemplar o pai com solicitude, o doutor Manette mantendo os olhos fixos no leitor, madame Defarge jamais tirando os olhos de cima do prisioneiro, Defarge jamais tirando os olhos de cima de sua deleitada mulher, e todos os outros dirigindo os olhos para o doutor, que não via ninguém, o papel foi lido, como se se segue.

## CAPÍTULO X

### *ASUBSTÂNCIADASOMBRA*

“Eu, Alexandre Manette[254], desventurado médico, nascido em Beauvais e depois residente em Paris, escrevo essas melancólicas páginas na minha triste cela na Bastilha, durante o último mês do ano de 1767. Faço-o a intervalos e enfrentando toda sorte de dificuldades. Pretendo ocultá-las na parede da chaminé, onde, lenta e laboriosamente, preparei um esconderijo. Talvez uma mão piedosa as encontre aqui, quando eu e meus sofrimentos já não sejamos mais do que pó.

Estas palavras são formadas com a ponta de um prego enferrujado, com a qual eu escrevo com dificuldade usando fragmentos de carvão e fuligem da chaminé misturados com sangue[255], no último mês do décimo ano do meu cativeiro. A esperança já me abandonou o peito. Sei, através de terríveis sintomas que percebi em mim mesmo, que minha razão não permanecerá incólume por muito tempo, mas eu solenemente declaro que, neste momento, estou de posse de minhas faculdades mentais, que minha memória é exata e circunstanciada, e que escrevo a verdade, pois responderei por estes meus últimos registros, mesmo que ninguém jamais os leia, perante o Eterno Juízo.

Numa noite em que o clarão da lua se esgueirava por entre as nuvens, na terceira semana de dezembro (creio que no vigésimo segundo dia) do ano de 1757, eu caminhava ao longo de uma parte deserta da margem do Sena para respirar um pouco de ar puro, a cerca de uma hora de distância de minha casa, situada na rua da Escola de Medicina[256], quando uma carruagem veio por detrás de mim e afastou-se em grande velocidade. Quando me encolhi para o lado, a fim de dar-lhe passagem, receoso de que pudesse atropelar-me, uma cabeça assomou à janela e uma voz ordenou ao cocheiro que parasse.

Assim que este pôde refrear os cavalos, a carruagem parou e a mesma voz chamou-me pelo nome. Eu respondi. O coche já se encontrava tão à frente que dois cavalheiros tiveram tempo de abrir a porta e descer antes que eu chegasse até lá. Observei que estavam ambos envolvidos em pesadas capas e pareciam esconder-se. De pé, lado a lado junto à porta da carruagem, também observei que eram da minha idade, talvez um pouco mais novos, e que havia entre eles uma extraordinária semelhança: a mesma estatura, a mesma aparência, a mesma voz e (até onde pude ver) o mesmo rosto.

— O senhor é o doutor Manette? — inquiriu um deles.

— Sou, sim.

— O doutor Manette, de Beauvais — disse o outro —, o jovem médico, na

verdade um excelente cirurgião, que há cerca de um ano ou dois vem granjeando em Paris uma reputação invejável?

— Cavalheiros — repliquei —, sou o médico a quem se referem de modo tão lisonjeiro.

— Estivemos em sua residência — declarou o primeiro — e, não tendo a sorte de encontrá-lo lá, mas recebendo a informação de que o senhor provavelmente estaria caminhando nesta direção, nós seguimos, na esperança de alcançá-lo. Poderia, por favor, entrar na carruagem?

Seus modos eram imperiosos, e eles se moviam, enquanto falavam, de forma a deixar-me entre ambos e a porta da carruagem. Estavam armados. Eu, não.

— Cavalheiros — retruquei —, perdoem-me, mas tenho por hábito perguntar quem me dá a honra de buscar o meu auxílio e qual a natureza do caso para o qual sou chamado. A resposta coube ao que havia falado em segundo lugar.

— Doutor, seus clientes são pessoas as mais distintas. Quanto à natureza do caso, nossa confiança em sua habilidade nos assegura que o senhor a julgará por si muito melhor do que podemos descrevê-la. Já basta. Quer, por favor, entrar na carruagem?

Nada podendo fazer além de cumprir a ordem, subi em silêncio para o interior do coche. Os dois subiram logo atrás de mim, o último, de um salto, ignorando os degraus.

A carruagem fez meia-volta e partiu na mesma velocidade anterior.

Repito essa conversa tal como ocorreu, palavra por palavra. Descrevo os fatos exatamente como se passaram, forçando minha mente a não se desviar da tarefa. Os sinais que traço abaixo marcam a interrupção que sou obrigado a fazer. Por ora, terei de guardar esta folha em seu esconderijo.

“A carruagem deixou as ruas para trás, cruzou a barreira norte e desembocou numa estrada rumo ao campo. A dois terços de léguas da barreira, não calculei a distância nesse momento, mas sim depois, quando passei de volta, saí da avenida principal e parou diante de uma casa retirada. Nós três descemos e atravessamos um jardim, onde uma fonte malcuidada havia transbordado e molhado a terra, até a porta da casa. A sineta não foi atendida de imediato e um de meus dois clientes, com sua pesada luva de montaria, esbofeteou o criado que abriu a porta, por ter demorado a atender.

Não havia nada naquela atitude que atraísse particularmente a minha atenção, pois não ignorava que essas pessoas simples são surradas com mais frequência do que os cães. Contudo, o outro, igualmente irritado, também esbofeteou o criado, embora com a mão, em vez da luva. Os traços físicos e os gestos dos dois irmãos eram tão idênticos que percebi, pela primeira vez, que eram gêmeos.

Desde o momento em que descemos do coche, junto ao portão (que havíamos encontrado trancado, e que um dos gêmeos abriu e tornou a trancar), eu vinha escutando gemidos provenientes de um aposento no andar superior. Fui guiado diretamente até lá, os gemidos se tornando mais e mais altos à medida

que eu subia as escadas, e me deparei com uma pessoa delirando de febre sobre uma cama.

Tratava-se de uma mulher de grande beleza, e jovem, com certeza ainda não passara dos vinte anos. Seus cabelos desgrenhados espalhavam-se ao redor da cabeça e seus braços estavam atados ao corpo com faixas e lenços. Percebi que essas ataduras eram retalhos de um fino traje de cavalheiro. Em uma delas, que era uma echarpe franjada própria de uma vestimenta de cerimônia, vi um brasão típico de família nobre, e a letra “E”.

Reparei nesse detalhe assim que contemplei a paciente. Pois, ao se debater, irrequieta, ela se virara de lado e aproximara o rosto da beira da cama, de forma que a ponta da echarpe entrou em sua boca, ameaçando sufocá-la. Minha primeira providência foi afastar a echarpe para que ela voltasse a respirar. Ao fazê-lo, o bordado em questão atraíu-me o olhar.

Com delicadeza, eu tornei a virá-la, pusei a mão em seu peito para que se acalmasse e fitei-lhe a face. Com os olhos dilatados e esgazeados, ela soltava guinchos estridentes e repetia as palavras: “Meu marido, meu pai e meu irmão!”. Então, contava até doze e resmungava: “Shh!”. Por um instante, e não mais, ela fazia uma pausa para escutar; e voltava à cantilena: “Meu marido, meu pai e meu irmão!”; contava até doze e pedia silêncio. A seqüência não variava nem se interrompia, exceto nos instantes de pausa.

— Há quanto tempo — indaguei — ela se encontra neste estado?

Para distinguir os irmãos, eu os chamarei de mais velho e mais novo. Por mais velho, designo o que exercia maior autoridade. Foi este que respondeu:

— Desde ontem à noite.

— Ela tem marido, pai e irmão?

— Um irmão.

— Posso vê-lo? Ele ripostou com grande desprezo:

— Não.

— Houve algum fato recente que ela associasse com o número doze? O mais novo interveio, impaciente:

— Com as doze horas?

— Percebem, cavalheiros — disse eu, mantendo as mãos sobre o peito da paciente para que não voltasse a virar-se —, a inutilidade de trazer-me aqui sem me informar sobre a natureza do caso? Se eu soubesse do que se tratava, teria trazido os medicamentos necessários. Agora, seremos obrigados a perder um tempo precioso. Não há como obter remédios neste lugar isolado.

O mais velho olhou para o outro, que apressou-se a replicar:

— Temos uma maleta de remédios aqui — e apanhou de um armário, pousando-a sobre a mesa.

Abri alguns dos frascos, aspirei-os e levei as rolhas aos lábios. Se eu necessitasse de drogas não envenenadas por narcótico, não teria administrado aquelas.

— Não lhe inspiram confiança? perguntou o mais novo.

— Veja, *monsieur*, vou usá-las — retruquei, sem acrescentar nenhuma palavra.

Fiz a paciente engolir, com grande dificuldade e após várias tentativas, a dose que desejava ministrá-lhe. Como pretendia repeti-la mais tarde, era preciso observá-la para verificar o resultado. Assim, sentei-me ao lado da cama.

A tímida e humilde mulher (esposa do criado que abrira a porta) que cuidava da moça retirara-se para um canto do aposento. A casa, úmida e decadente, era pobremente mobiliada, claro estava que fora ocupada recentemente e de forma apenas temporária. Algumas grosseiras e velhas cortinas haviam sido dependuradas nas janelas, para abafar o som dos gritos, que continuavam, numa seqüência constante, acompanhados a espaços das mesmas exclamações “Meu marido, meu pai, meu irmão”. Ela contava até doze e “Shh!”. A convulsão era tão violenta que preferi não desfazer as ataduras que lhe prendiam os braços. Tive, porém, o cuidado de examinar para ver se não a magoavam. O único sinal encorajador era que minhas mãos sobre seu peito causavam um efeito tão calmante que, durante alguns minutos, conseguiam tranquilizar a paciente. Contudo, não exerciam nenhuma influência sobre as crises, que se sucediam numa regularidade maior do que a de qualquer pêndulo.

Em razão de minhas mãos (presumo) produzirem tal efeito, permaneci sentado, sob a vigilância dos dois irmãos, ao lado da cama por meia hora, até que o mais velho revelou:

— Há um outro paciente, na casa, que necessita de cuidados. Surpreso, indaguei:

— É um caso de urgência?

— É melhor o senhor ver — respondeu em tom de indiferença e apanhou um castiçal.

O outro paciente jazia num quarto de fundos no alto de uma segunda escadaria, uma espécie de sótão sobre a cavaleriça. Um teto baixo e caído cobria uma parte do cômodo; a outra parte era aberta, com as vigas e o telhado à mostra. Feno e palha estavam estocados naquele canto do sótão, além de feixes de lenha e de uma pilha de maçãs. Tive de cruzar por todas essas coisas para chegar ao paciente. Minha memória continua inabalável. Prova disso é o fato de eu recordar tantas minúcias. É como se as visse agora, nesta minha cela na Bastilha, perto do final do meu décimo ano de cativo, como as vi naquela noite.

Sobre um monte de palha, com uma almofada sob a cabeça, jazia um belo camponês, um rapaz que não teria mais de dezessete anos. Deitado de costas, com os dentes cerrados, tinha a mão direita apertada sobre o peito e os olhos brilhantes voltados para o teto. Ao ajoelhar-me ao seu lado, eu não podia localizar-lhe o ferimento, mas pude constatar que ele estava morrendo em consequência de uma ferida causada por um instrumento pontiagudo.

— Sou médico, meu pobre rapaz — disse-lhe eu. — Deixe-me examiná-lo.

— Não quero ser examinado — respondeu ele —, é inútil.

O ferimento estava oculto sob a mão e, com jeito, consegui que ele a afastasse para que eu pudesse olhar. Tratava-se de uma ferida aberta por uma espada, cerca de vinte ou vinte e quatro horas antes. Mesmo que ele tivesse sido socorrido logo em seguida, nada poderia salvá-lo. A morte aproximava-se a



passos rápidos. Quando me virei para o irmão mais velho, percebi que este fitava o belo rapaz cuja vida se esvaía como se fosse apenas uma ave ferida, uma lebre, um coelho. De modo algum enxergava o ser humano que definhava sobre o monte de palha.

— Como aconteceu isso, *monsieur*?

— Esse idiota louco! Um servo! Forçou meu irmão a lutar e foi ferido por sua espada... como um cavalheiro!

Não havia compaixão, nem pesar, nem qualquer sentimento de humanidade em sua voz. Ele apenas parecia considerar inconveniente a circunstância de haver um tipo diferente de criatura morrendo ali, achando, decerto, que seria melhor que morresse na obscura rotina usual dos vermes. Era totalmente incapaz de qualquer sentimento piedoso em relação ao rapaz ou a seu destino.

Os olhos do moribundo voltaram-se lentamente para o homem e depois fixaram-se em mim.

— Doutor, são muito orgulhosos, esses nobres; mas nós, servos idiotas, também somos orgulhosos, por vezes. Eles nos roubam, ultrajam, maltratam e matam; ainda assim, resta-nos um pouco de orgulho. Ela... já a viu, doutor?

Mesmo dali, podiam-se ouvir seus gritos e gemidos dali, embora abafados pela distância.

— Sim, eu a vi.

— É minha irmã, doutor. — Há muitos anos, esses nobres têm direitos vergonhosos sobre a modéstia e a virtude de nossas irmãs, porém há muitas moças honradas entre nós. Eu sei disso, e também ouvi meu pai contar. Ela era uma boa moça. Estava noiva de um bom homem, um dos vassallos desse aí. Todos nós somos seus vassallos. O outro é seu irmão, o pior dessa raça maldita. Era com enorme dificuldade que o rapaz reunia forças para falar. Contudo, seu espírito lhe conferia ânimo para expressar-se com espantosa ênfase:

— Fomos tão roubados por esse homem que aí vê como todos os servos idiotas são explorados por esses “seres superiores”, obrigados a pagar impostos altos, a trabalhar sem pagamento, a moer nosso milho no moinho deles, a alimentar suas galinhas com a nossa colheita escassa, enquanto somos proibidos de criar sequer uma galinha para nosso sustento; somos pilhados e saqueados a tal ponto que, quando acontece de termos um pedaço de carne, nós o comemos amedrontados, e fechamos a porta e as janelas para evitar que eles vejam e levem a carne embora[257]. Enfim, fomos tão roubados e perseguidos, e nos empobreceram tanto, que nosso pai nos disse que era terrível colocar um filho no mundo e que devíamos rezar para que nossas mulheres ficassem estéreis, acabando de uma vez com nossa espécie miserável!

Eu jamais presenciara a consciência da opressão irrompendo com tamanha fúria. Eu imaginava que tal consciência só existiria nas pessoas em estado latente e surpreendeu-me vê-la manifestar-se, pela primeira vez, naquele rapaz moribundo.

— Entretanto, doutor, minha irmã se casou[258]. Seu noivo, coitado, estava doente, e ela decidiu desposá-lo para cuidar-lhe da saúde em nossa cabana, nossa casa de cachorro, como esse homem costuma chamar. Fazia poucas semanas do casamento quando o irmão desse aí a viu e admirou, e pediu ao outro que a desse

de presente para ele, afinal, maridos da nossa laia não contam! Ele a desejava, mas minha irmã era boa e virtuosa. Além disso, dedicava-lhe um ódio tão intenso quanto o meu. O que fizeram os dois, então, para persuadir seu marido a usar de sua influência e obrigá-la a ceder?

Os olhos do rapaz, que se haviam fixado em mim, voltaram-se lentamente para o espectador da cena e eu pude constatar que todas as suas palavras eram verdadeiras. Ainda hoje, na Bastilha, vejo aquele confronto entre os dois tipos opostos de orgulho. O do cavalheiro, desdenhoso e indiferente; o do camponês, espeznhado e imbuído de uma apaixonada sede de vingança.

— O senhor sabe, doutor, que faz parte dos “direitos” desses “nobres” atrelar cachorros como nós a carroças para que as puxemos. Os dois atrelaram meu cunhado e o fizeram carregá-los. O senhor também deve saber que faz parte dos “direitos” desses “nobres” manter-nos em suas terras a noite inteira para aquietar as rãs, a fim de que estas não lhes perturbem o sono. Eles o mantinham na névoa insalubre durante a noite e atrelado à carroça durante o dia. Mas meu cunhado não se deixou persuadir. Não! Desatrelado, certa vez, ao meio-dia, para almoçar, como se houvesse alguma coisa para comer, ele soluçou doze vezes, uma para cada batida do sino, e morreu nos braços da esposa.

Nenhuma força humana poderia sustar a vida do rapaz, exceto sua determinação em denunciar as maldades dos gêmeos. O camponês afugentou as sombras da morte que o envolviam, forçando o braço direito a proteger seu ferimento.

— Então, com a permissão desse homem, e mesmo com a sua ajuda, o irmão levou-a embora. A despeito de tudo quanto eu sei que ela lhe deve ter dito e que, se o senhor ainda não sabe, doutor, logo saberá, ele a levou para se divertir por algum tempo. Eu a vi passar por mim na estrada. Quando dei a notícia em casa, o coração de meu pai não resistiu e ele morreu, levando consigo toda a dor que jamais expressou. Levei minha irmã mais nova (pois eu tenho outra) para um lugar fora do alcance desse homem, onde, ao menos, ela jamais será vassala *dele*. Então, segui o irmão até aqui e, ontem à noite, entrei, como um servo idiota, mas de espada na mão. Onde fica a janela do sótão? Em que parede?

O quarto escurecia aos seus olhos; o mundo se estreitava ao seu redor. Olhei em torno e vi que a palha e o feno estavam esmagados, como se ali tivesse ocorrido uma luta.

— Ela me ouviu e correu para dentro. Eu a adverti para que ficasse longe até ele morrer. O homem entrou e, primeiro, atirou-me algumas moedas; depois, açoitou-me com o chicote. Mas eu, embora seja um servo idiota, forcei-o a puxar da espada e lutar. Que ele quebre em tantos pedaços quantos desejar a espada contaminada pelo meu sangue comum. Ele a usou para defender-se, investiu sobre mim com toda a destreza de que era capaz para se manter vivo.

Poucos minutos antes, eu vislumbrara no meio do feno os fragmentos de uma espada quebrada. Tratava-se da arma do cavalheiro. Em outro lugar, jazia uma velha espada que parecia ter pertencido a um soldado.

— Agora, levante-me, doutor, levante-me. Onde está ele?

— Não está aqui — respondi, amparando-o, e deduzindo que se referisse ao

irmão.

— Ele! Orgulhosos como são esses nobres, ele tem medo até de me ver. Onde está o outro, o que estava aqui? Vire meu rosto em sua direção.

Para fazer-lhe a vontade, suspendi sua cabeça e apoieia sobre meu joelho. Contudo, tomado por uma repentina força, ele ergueu-se completamente, obrigando-me a também me levantar, caso contrário não conseguiria sustentá-lo.

— Marquês — disse o rapaz, fitando-o com os olhos arregalados e a mão direita em riste —, quando chegar o dia de prestar contas sobre todas essas coisas, eu convoco o senhor e todos os seus, até o último de sua maldita família, para responder por elas. Traço esta cruz com sangue sobre o senhor, como um sinal de minha convocação. Quando chegar o dia de prestar contas, eu convoco separadamente seu irmão, o pior de sua maldita família, para responder em separado. E traço esta cruz com sangue sobre ele, como um sinal.

Duas vezes ele pôs a mão na ferida em seu peito e, com o dedo indicador, desenhou uma cruz no ar. Quedou-se por um instante com o dedo erguido e, quando este tombou, ele tombou junto e eu estendi seu corpo morto sobre a palha.

Quando retornei ao leito da moça, encontrei-a gemendo e gritando do modo como a deixara, na mesma seqüência e com a mesma regularidade. Eu sabia que aquilo poderia arrastar-se por muitas horas e que provavelmente terminaria no silêncio do túmulo.

Repeti a dose do medicamento, sentei-me ao seu lado e lá fiquei até altas horas da noite. Em nenhum momento seus gritos diminuíram de intensidade, nem a ordem de sua cantilena se alterou. Era sempre “Meu marido, meu pai, meu irmão! Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze. Shh!”.

A crise durou vinte e seis horas a partir do instante em que cheguei àquela casa. Eu saí e voltei duas vezes e estava de novo sentado ao seu lado quando ela começou a vacilar.

Tomei as poucas providências que podia para assisti-la naquela situação, e, pouco a pouco, ela imergiu num estado de letargia, jazendo sobre o catre como morta.

Era como se o vento e a chuva por fim amainassem após uma tenebrosa e prolongada tormenta. Eu lhe desamarrei os braços e chamei a criada para ajudar-me a endireitá-la na cama e a recompor o vestido que ela rasgara. Foi então que descobri que seu estado era aquele em que as primeiras expectativas de tornar-se mãe haviam surgido. E foi então que perdi a pouca esperança que tinha de salvá-la.

— Morreu? — indagou o marquês, a quem ainda me refiro como o mais velho, que acabara de chegar a cavalo.

— Ainda não — respondi —, mas está prestes.

— Quanta resistência tem essa ralé! — ele comentou, contemplando-a com certa curiosidade.

— Uma prodigiosa resistência — retruquei —, fruto do sofrimento e do desespero.

Primeiro, ele riu de minhas palavras, mas logo franziu a testa. Com o pé,

empurrou uma cadeira para junto da minha. Em seguida, ordenou à mulher que saísse e, num tom brando, disse:

— Doutor, vendo meu irmão em apuros com esses camponeses, aconselhei-o a pedir-lhe auxílio. Sua reputação é boa e, como um homem jovem que ainda precisa fazer fortuna, o senhor, provavelmente, cuida bem de seus interesses. As coisas que presenciou aqui não devem sair daqui. Eu observei a respiração da enferma e evitei retorquir.

— O senhor poderia honrar-me com a sua atenção, doutor?

— *Monsieur* — ripostei —, em minha profissão, tudo o que se relaciona com os pacientes tem natureza sigilosa. Minha resposta foi cautelosa, pois eu ainda me sentia perturbado com o que vira e ouvira.

A respiração dela era tão imperceptível que eu lhe tomei o pulso e auscultei-lhe o coração. Havia um sopro de vida e nada mais. Olhando em torno, ao tornar a sentar-me, constatei que os dois irmãos observavam-me atentamente.

\*\*\*

Escrevo com tanta dificuldade, o frio é tão rigoroso, tenho tanto medo de ser surpreendido e encerrado numa cela subterrânea onde a escuridão é total, que eu devo abreviar esta narrativa. Não há confusão nem falhas em minha memória. Lembro-me em detalhes de cada palavra da conversa que mantive com aqueles irmãos.

A enferma agonizou por uma semana. Já quase no fim, ela pronunciou algumas poucas palavras que eu pude entender, aproximando meu ouvido de seus lábios. Perguntou-me onde estava, e eu lhe disse. Indagou quem era eu, e respondi. Em vão lhe inquiri seu sobrenome. Debilmente, ela balançou a cabeça sobre o travesseiro e guardou seu segredo, como fizera o rapaz.

Não tive oportunidade de fazer-lhe nenhuma pergunta até o dia em que informei aos irmãos que ela estava por um triz, que não sobreviveria por muitas horas. Até então, embora a paciente só se desse conta da presença da criada e da minha, um dos dois sempre se sentava ciumentamente ao lado da cabeceira da cama quando eu estava no quarto. Quando, porém, lhes fiz aquele comunicado, eles pareceram não se importar mais com o que ela pudesse contar-me. Era como se, o pensamento ocorreu-me, eu também fosse morrer.

Eu observara que o orgulho deles se ressentia amargamente do fato de o mais novo (como eu o chamo) haver terçado espadas com um camponês, e, pior, quase um garoto. A única consideração que aparentemente os afetava era que o incidente, além de degradante para a família, era ridículo. Sempre que eu fitava os olhos do mais novo, sua expressão indicava o quanto ele me detestava por conhecer todo o episódio. Mostrava-se mais brando e cortês para comigo do que o irmão. Mas eu lera a verdade em seus olhos. E sabia que o mais velho considerava-me um estorvo.

Minha paciente morreu duas horas antes da meia-noite, horário que, pelo meu relógio, correspondia àquele em que a vi pela primeira vez. Eu estava sozinho com ela quando seu desolado rosto pendeu para um lado e todos os seus erros e sofrimentos terrenos cessaram.

Os irmãos esperavam numa sala do andar inferior, impacientes para montar

em seus cavalos e partir. Eu os escutara, sozinho ao lado da cama, andando ruidosamente de um lado para o outro.

— Morreu, afinal? — indagou o mais velho, quando eu desci.

— Morreu.

— Congratulações, meu irmão — foram suas palavras ao virar as costas.

Antes, ele me oferecera dinheiro, porém eu adiarda o assunto. Agora, ele me ofertava um *rouleau* de ouro<sup>[259]</sup>. Eu o apanhei de suas mãos e pousei-o sobre a mesa. Eu tinha debatido a questão e resolvera não aceitar nada.

— Rogo-lhe que me desculpe, mas, nestas circunstâncias, não. Recusei.

Os dois se entreolharam em silêncio, inclinaram a cabeça para mim como eu inclinei a minha para eles e nos separamos sem que nenhum de nós proferisse qualquer palavra.

Estou exausto, exausto, exausto, abatido pelo sofrimento. Não consigo ler o que escrevi com esta mão descarnada.

Bem cedo, na manhã seguinte, o *rouleau* de ouro foi deixado em minha porta, dentro de uma pequena caixa gravada com o meu nome. A princípio, refleti com ansiedade sobre o que devia fazer. Decidi, naquele dia, escrever secretamente ao ministro, descrevendo a natureza dos dois casos para os quais fui chamado: na verdade, descrevendo todas as circunstâncias. Eu sabia que influência a corte exercia, e que imunidades os nobres possuíam, e achava que nunca mais se tocaria no assunto. Contudo, precisava aliviar a minha consciência. Eu mantivera o mais profundo sigilo, nada revelando nem à minha esposa. E isso, também, declarei em minha carta. Não temia nenhum perigo real para mim, mas estava ciente de que podia haver algum perigo para outras pessoas, se estas tivessem conhecimento dos fatos.

Eu estive muito ocupado o dia inteiro e não pude terminar a carta aquela noite. Levantei-me mais cedo do que o habitual, no dia seguinte, para concluí-la. Era o último dia do ano. A carta jazia à minha frente, terminada, quando fui informado de que uma dama desejava ver-me.

Torno-me cada vez mais instável na tarefa a que me propus. Está demasiado frio, demasiado escuro, meus sentidos se entorpeceram demais e a melancolia que me envolve é demasiado tenebrosa.

A dama era nova, atraente e bonita, mas não destinada a uma longa vida. Mostrava-se muito agitada. Apresentou-se como a esposa do marquês de Saint Evrémonde. Associei o título àquele utilizado pelo camponês quando se dirigira ao mais velho dos irmãos e com a inicial bordada na echarpe, e, assim, não tive dificuldade em deduzir que tinha encontrado o nobre em questão recentemente.

Minha memória continua acurada, mas não posso transcrever todas as palavras de nosso diálogo. Suspeito que sou agora vigiado com maior rigor, e não sei em que momentos do dia ou da noite.

Ela havia em parte desconfiado e em parte descoberto os fatos principais da cruel história, sabia que seu marido tomara parte nela e também que me tinham chamado. Ignorava, porém, que a moça estava morta. Esperara poder, confessou-me com grande tristeza, demonstrar-lhe, em segredo, sua

solidariedade feminina. E acalentara a esperança de afastar a cólera celeste de uma família que se tornara odiosa em consequência dos sofrimentos que infligia.

Ela dispunha de razões para acreditar que restara uma irmã viva e seu maior desejo era ajudá-la. Eu só lhe pude confirmar a existência dessa irmã, pois nada mais sabia a respeito. O que a induzira a procurar-me, contando com a minha confiança, era a esperança de que eu lhe pudesse dizer o nome e o endereço da menina. Eu, infelizmente, desconhecia tanto um como outro.

Faltam-me folhas de papel. Ontem, tiraram-me uma, com uma advertência. Devo encerrar meu relato hoje.

A marquesa era uma dama bondosa, compassiva, que não era feliz no casamento. Como poderia sê-lo! O cunhado não confiava nela e a detestava, empregando toda a sua influência para prejudicá-la. A pobre senhora temia-o, e também ao marido. Quando a acompanhei até a porta, uma criança a aguardava na carruagem, um lindo garotinho de dois ou três anos.

— Pelo bem dele, doutor — ela disse, apontando-o com os olhos cheios de lágrimas —, eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para compensar o mal causado pela minha família. Meu filho jamais prosperaria com tão terrível herança. Tenho o pressentimento de que, se esse mal não for expiado, um dia pedirão contas a ele. Tudo o que posso chamar de meu pouco mais do que algumas jóias, eu lhe legarei para que entregue, com a compaixão e o pesar de sua falecida mãe, a essa família injuriada, caso a menina seja encontrada.

Ela beijou o garoto e indagou, afagando-o:

— É para a sua própria felicidade. Será fiel a essa promessa, pequeno Charles? A criança respondeu com bravura:

— Sim! Beije a mão da senhora, que tomou o filho nos braços e continuou a afagá-lo. Nunca mais tornei a vê-la.

Já que ela mencionara o nome do marido na crença de que eu já o soubesse, não acrescentei nenhuma menção sobre isso em minha carta. Selei o envelope e, não podendo confiar em outras mãos, entreguei-a pessoalmente naquela tarde.

Naquela noite, a última do ano, por volta de nove horas, um homem com trajes negros bateu à minha porta, pediu para ver-me e seguiu meu criado, Ernesto Defarge, que era então um rapazote, pela escada. Quando Defarge entrou no aposento onde me encontrava com minha esposa, oh, minha esposa, querida do meu coração! Minha bela e jovem esposa inglesa!, nós vimos o homem, que julgávamos estar ao portão, postado em silêncio atrás do criado.

— Um caso urgente na rue Saint Honoré — ele anunciou. — Tenho aí uma carruagem à espera e logo o senhor estará de volta.

Aquela carruagem me trouxe para cá, para o meu túmulo. Assim que perdemos minha casa de vista, cobrimos a boca com uma faixa e ataram-me os braços atrás das costas.

Os dois irmãos saíram de uma escura esquina e, atravessando a rua, identificaram-me com um simples gesto. O marquês tirou do bolso a carta que eu havia escrito, mostrou-me, queimou-a à luz de um lampião e afastou as cinzas com os pés. Nem uma palavra fora pronunciada. Fui trazido para cá, para ser

enterrado vivo.

Se aprouvesse a Deus colocar no duro coração de um dos dois irmãos, em todos estes terríveis anos, a idéia de enviar-me notícias de minha amada esposa, de deixar-me saber, ao menos, se está morta ou se ainda vive, julgaria que o Senhor não os havia abandonado de todo. Agora, porém, acredito que a marca da cruz sangrenta lhes será fatal e que não partilham da misericórdia divina. E a eles, bem como a seus descendentes, até o último da família, eu, Alexandre Manette, infeliz prisioneiro, nesta última noite do ano de 1767, em minha insuportável agonia, denuncio para que prestem contas quando chegar o tempo de responder por todas essas coisas. Eu os denuncio aos céus e à terra.”

Um tremendo alarido ergueu-se quando a leitura do documento foi concluída. Era um som de ânsia e impaciência que nada tinha de articulado, senão a palavra “sangue”. A narrativa fizera surgir a mais vingativa das paixões de todos os tempos, e não havia uma só cabeça na França que se sustentasse diante dela.

Ociosos explicar, tendo em vista aquele tribunal e aquela platéia, por que os Defarge não haviam divulgado o documento junto com os outros encontrados na Bastilha, escondendo-o até aquele dia. Como também é desnecessário explicar por que esse detestado sobrenome havia muito fora excomungado por Santo Antônio e inscrito no registro fatal. Uma vida inteira de virtudes e bons serviços não era suficiente, naquele dia, para defender um homem contra tal denúncia.

Tanto pior, para o infeliz prisioneiro, que o denunciante fosse um cidadão conhecido, seu próprio e íntimo amigo, o pai de sua esposa. Uma das aspirações mais exaltadas da população consistia em imitar as questionáveis virtudes públicas da Antiguidade[260], e promover sacrifícios e autoimolações no altar do povo. Por esse motivo, quando o presidente do júri declarou (se não o fizesse, não teria a cabeça segura sobre os ombros) que o bom médico da República seria ainda mais digno dela por colaborar para a erradicação de uma odiosa família de aristocratas e que, sem dúvida, sentiria um sagrado júbilo ao tornar sua filha viúva e sua neta, órfã, suas palavras provocaram uma selvagem excitação e um fervor patriótico e nenhum toque de compaixão.

— Grande influência em seu favor? — murmurou madame Defarge, sorrindo para “A Vingança”. — Salve-o agora, meu doutor, salve-o!

A cada voto dos jurados correspondia um clamor. E outro, e mais outro. Clamor e clamor.

Votação unânime. No coração e por descendência um aristocrata, um inimigo da República, um notório opressor do Povo. De volta para a Conciergerie, e morte em vinte e quatro horas![261]

## CAPÍTULO XI

### *ANOITECER*

A infeliz esposa do inocente condenado à morte curvou-se, ao ouvir a sentença, como se atingida por um golpe mortal. Não proferiu, contudo, uma só palavra. Tão forte era a voz interior que a aconselhava a amparar o marido naquele momento terrível, em vez de aumentar-lhe o sofrimento, que ela reagiu contra o choque.

Como os juízes deviam tomar parte numa manifestação pública, as sessões seguintes do tribunal foram adiadas. O alarido e a movimentação provocados pelo apressado esvaziamento da corte, através das várias portas, ainda não havia cessado quando Lucie deteve-se em frente ao banco dos réus e estendeu os braços para Charles, com o semblante nada expressando além de amor e consolo.

— Se eu pudesse tocá-lo! Se o pudesse abraçar ao menos uma vez! Oh, bons cidadãos, suplico-lhes que tenham compaixão!

Apenas um dos carcereiros permanecera ali, além de dois dos quatro homens que prenderam Charles na noite anterior e de Barsad. Todos os demais haviam saído para assistir ao espetáculo nas ruas. Barsad propôs aos companheiros:

— Deixem-na abraçar o marido. É apenas um momento.

Os outros aquiesceram silenciosamente e ajudaram-na a saltar sobre os bancos do pretório até o tablado onde ele, inclinando-se sobre a grade, pôde apertá-la nos braços.

— Adeus, amada da minha alma. Aceite a minha última bênção. Nós nos tornaremos a encontrar ali onde repousam os cansados![\[262\]](#)

Essas foram as palavras de Charles Darnay, ao aconchegá-la junto ao peito.

— Eu posso suportar, Charles querido. Tenho o amparo de Deus, por isso não sofra por mim. Conceda sua derradeira bênção à nossa filha.

— Abençoe-a e dê-lhe um beijo em meu nome. Diga adeus a ela por mim.

— Meu marido. Não! Um momento mais! — Ele se estava afastando dela. — Não ficaremos separados por muito tempo. Sinto que meu coração se despedaçará, mas cumprirei meu dever enquanto tiver forças. E quando eu deixar nossa filha, Deus lhe dará amigos como os deu a mim. Seu pai a havia seguido e se teria ajoelhado perante ambos se Darnay não o impedisse, segurando-o e bradando:

— Não, não. Por que se ajoelharia diante de nós? O senhor nada fez de mal, não há por que sentir-se culpado. Sabemos agora da luta que teve de enfrentar e



o quanto sofreu quando suspeitou de meu nome de família. Compreendemos a antipatia instintiva que senti por mim, a princípio, e que conseguiu vencer, por amor a Lucie. Nós lhe agradecemos de coração, com nosso amor e respeito. Que o céu o proteja!

Por única resposta, o doutor levou as mãos aos cabelos brancos, soltando um grito de angústia.

— Não podia ser de outro modo — prosseguiu o prisioneiro. — Todas as circunstâncias contribuíram para esse resultado. Foi o meu inútil esforço para cumprir o último desejo de minha pobre mãe que guiou minha presença fatal até o senhor. O bem jamais resultaria do mal, nem se poderia esperar que tão infeliz começo conduzisse a um final feliz. Conforme-se e perdoe-me. Deus o abençoe!

A esposa despreendeu-se dele ao ver que o vinham bus-car. Fitou-o de mãos postas em atitude de prece e, no momento em que o marido se afastou, iluminou o semblante com um sorriso confortador. Vendo-o desaparecer na porta reservada aos prisioneiros, virou-se, apoiou ternamente a cabeça no peito do pai, tentou falar-lhe e caiu, desfalecida, a seus pés.

Então, saindo do canto escuro da sala onde se ocultara, Sydney Carton correu e tomou-a nos braços. Somente o pai e o senhor Lorry estavam com ela. O braço de Carton tremeu ao erguê-la do chão. A compaixão que se lia em seu rosto não era, contudo, desprovida de laivos de orgulho.

— Devo levá-la a um coche? — disse consigo mesmo. — Nunca senti a leveza de seu corpo.

Transportou-a com infinito cuidado e deitou-a sobre as almofadas do coche. O doutor Manette e seu velho amigo Lorry também entraram e ele acomodou-se ao lado do cocheiro.

Quando chegaram ao portão onde, apenas algumas horas antes, ele se detivera, tentando adivinhar na escuridão da noite em que pedras ela deixara a marca de seus passos, Carton tornou a erguê-la nos braços e carregou-a pela escada até seus aposentos. Depositou-a sobre um divã e, imediatamente, a filha e a senhorita Pross a rodearam.

— Não a chamem de volta a si — ele advertiu a senhorita Pross com brandura —, ela está melhor assim, na inconsciência de seu sofrimento

— Oh, senhor Carton, querido senhor Carton! — chorava a pequena Lucie, enlaçando-o, comovida, numa explosão de dor. — Agora que veio, acho que fará alguma coisa para ajudar mamãe e para salvar papai! Oh, olhe para ela, querido senhor Carton! Pode o senhor, entre todas as pessoas que a amam, suportar vê-la nesse estado?

Ele curvou-se para a menina e encostou a face no rostinho rosado. Em seguida, afastando-a brandamente, contemplou a mãe desfalecida.

— Antes que eu me vá — Carton fez uma pausa —, será que posso beijá-la?

Lembraram-se depois de tê-lo ouvido murmurar algumas palavras, quando se inclinou para tocar-lhe a face com seus lábios. A menina, que estava mais perto dele, contou depois, como contou também na sua velhice aos netinhos, que o ouvira proferir essas palavras: “Por uma vida que lhe é tão cara”.

Ao sair do quarto, encontrou-se de súbito com o senhor Lorry e o doutor e disse a este:

— Exerceu grande influência ontem, doutor Manette. Experimente exercê-la hoje novamente. Os juizes e todos esses homens que ocupam o poder o apreciam e são-lhe gratos por seus serviços, não é verdade?

— Bem, eles não esconderam de mim nada que se referisse a Charles. Eu tinha plena certeza de que o salvaria e o fiz — ele respondeu, perturbado, falando vagarosamente.

— Tente de novo. São poucas as horas de que dispomos, mas tente assim mesmo.

— É essa a minha intenção. Não descansarei um momento sequer.

— Muito bem. Já vi antes pessoas com uma energia como a sua levarem a cabo grandes empreendimentos, embora nenhum... — acrescentou com um suspiro e um leve sorriso — ...tão grande assim. Mas, tente! Por menos valor que tenha a vida quando é desperdiçada, vale, contudo, a pena defendê-la. Se assim não fosse, não custaria abandoná-la.

— Eu irei — anunciou o médico — direto ao promotor e ao presidente e procurarei outras pessoas que prefiro nem nomear. Também escreverei e... Espere! Há uma demonstração pública nas ruas. Não encontrarei ninguém antes do anoitecer.

— Tem razão. Bem! As esperanças são tão poucas que esse atraso não prejudica muito. A que horas julga que terminarão as entrevistas com todas essas temíveis autoridades, doutor Manette?

— Logo após o anoitecer, espero. Dentro de uma ou duas horas.

— Escurecerá pouco depois das quatro. Vamos estender essas duas horas. Se eu for à casa do senhor Lorry por volta das nove, acha que já terei notícias do que consegui, por seu intermédio ou de seu amigo?

— Sem dúvida.

— Então, boa sorte!

O senhor Lorry acompanhou Sydney Carton até a porta da rua e, pousando a mão em seu ombro, fez que ele se virasse.

— Não tenho a menor esperança — confidenciou o senhor Lorry num murmúrio tristonho.

— Nem eu, tampouco.

— Se esses homens estivessem dispostos a poupá-lo, o que é supor muito, pois o que representa a vida de Darnay, ou a de qualquer outro, para eles?, duvido que ousassem libertá-lo, depois daquela demonstração de júbilo no tribunal.

— Sou da mesma opinião. Ouvi o ruído do cutelo naquele alarido. O senhor Lorry apoiou o braço no umbral e curvou a cabeça.

— Não se deixe abater — disse Carton com delicadeza —, não se atormente. Encorajei o doutor Manette a agir porque senti que isso talvez um dia sirva de consolo para sua filha, para que ela jamais se aflijça com a idéia de que “a vida dele foi cruelmente atirada fora”.

— Sim, sim, tem razão — concordou o senhor Lorry, enxugando os olhos —, porém Charles morrerá de qualquer maneira. Não resta nenhuma esperança.

— Sim. Ele morrerá, não há mais nenhuma esperança

— ecoou Carton. E desceu a escada com passo firme.

## CAPÍTULO XII

### TREVAS

Na rua, Sydney Carton parou, indeciso, sem saber aonde ir.

— Devo regressar ao Tellson às nove — murmurou, com ar pensativo. — Será que ajo bem, mostrando-me por aí neste interim? Acho que sim. É preferível que saibam da minha existência. Trata-se de uma boa precaução, talvez até de um preparativo essencial. Mas é preciso cuidado, muito cuidado. É melhor refletir um pouco mais.

Examinando a tendência dos próprios passos num determinado sentido, ele deu uma ou duas voltas pela rua já ensombreada pelo final da tarde e analisou as possíveis conseqüências de sua idéia.

— É melhor — tornou pensar num murmúrio, finalmente decidido — que essas pessoas saibam da minha existência.

E ele se virou na direção de Santo Antônio.

Naquele dia, Defarge se havia descrito como um taberneiro do subúrbio de Santo Antônio. Não seria difícil, para alguém que, como ele, conhecia bem a cidade, localizar a taberna sem precisar fazer perguntas. Tendo traçado seu plano de ação, Carton voltou a caminhar pelas ruas, jantou numa estalagem e, em seguida, adormeceu. Era a primeira vez, em muitos anos, que bebia pouco. Desde a noite anterior, bebera apenas um pouco de vinho suave, tendo derramado o conhaque lentamente na lareira do senhor Lorry num gesto de quem renuncia ao vício.

Eram sete horas quando despertou e, refeito, tornou a sair. No caminho para Santo Antônio, parou diante de uma vitrina onde havia um espelho e arrumou a gravata, o colarinho e os cabelos revoltos. Isso feito, encaminhou-se diretamente para a taberna de Defarge.

Por acaso, não havia fregueses lá, com exceção de Jacques terceiro, aquele dos dedos inquietos e da voz cacarejada. Esse homem, que estivera entre os jurados, bebia junto do balcão e conversava com o casal Defarge. “A Vingança” assistia à conversação, na qualidade de membro regular do estabelecimento.

Quando Carton entrou, sentou-se numa cadeira e pediu (num francês absolutamente medíocre) uma pequena medida de vinho, madame Defarge lançou-lhe um olhar destituído de interesse e, em seguida, olhou-o de novo, dessa vez de modo penetrante e atento. Aproximou-se dele e indagou-lhe o que havia pedido.

Ele repetiu que desejava uma pequena medida de vinho.

— Inglês? — inquiriu madame Defarge, erguendo as sobrancelhas escuras.

Depois de fitá-la como se o simples som de uma única palavra em francês lhe fosse impossível de decifrar, ele respondeu, com um forte sotaque estrangeiro:

— Sim, madame, sim. Eu sou inglês!

Madame Defarge retornou ao balcão para apanhar o vinho. Enquanto se debruçava sobre um jornal jacobino[263], fingindo um grande esforço para entender alguma coisa, ele ouviu-a comentar:

— Eu lhe juro, é idêntico a Evrémonte! Defarge trouxe-lhe o vinho e desejou-lhe “boa noite”.

— Como?

— Boa noite.

— Oh! Boa noite, cidadão — encheu o copo. — Ah! Que vinho bom! Um brinde à República! Defarge voltou para o balcão e disse:

— De fato, é um pouco parecido. Madame retorquiu com autoridade:

— Pois eu lhe afirmo que é muito parecido. Jacques terceiro interveio, conciliador:

— Decerto é porque ele não lhe sai do pensamento, madame. A amigável “Vingança” acrescentou, rindo:

— É verdade! Além disso, você está muito ansiosa pelo prazer de vê-lo amanhã!

Carton seguia as linhas e palavras do jornal com o dedo, simulando grande concentração na leitura. Os outros, com os cotovelos apoiados no balcão, confabulavam em voz baixa. Após uma pausa, durante a qual todos o examinaram sem lhe distrair a atenção do editorial jacobino, retomaram a conversa.

— Madame está coberta de razão — observou Jacques terceiro. — Por que parar? Há uma grande força em tudo isso. Por que parar?

— Certo, certo — ponderou Defarge —, mas é preciso parar em algum momento. A questão é: quando?

— Após o extermínio — ripostou madame.

— Magnífico! — cacarejou Jacques terceiro. “A Vingança” também aprovou sem reservas.

— Extermínio é uma boa doutrina, cara esposa — argumentou Defarge, um tanto perturbado. — Em geral, não tenho nada contra ela. O doutor, porém, já sofreu demais. Você o viu hoje, notou sua expressão quando o papel foi lido.

— Eu notei a expressão dele! — ecoou madame, desdenhosa e irada. — Sim, eu notei a expressão dele. Eu notei que não é a expressão de um verdadeiro amigo da República. Ele que se preocupe com a própria expressão!

— E você observou, minha cara esposa — prosseguiu Defarge, em tom de súplica —, a angústia da filha, que deve tê-lo atormentado terrivelmente!

— Eu observei a angústia da filha — tornou a ecoar madame. — Sim, eu observei a filha mais de uma vez. Eu a observei hoje como a observei em outros dias. Eu a observei na corte e também na esquina em frente à prisão. E me basta levantar um dedo!... — ela pareceu levantá-lo (os olhos do freguês continuavam presos ao jornal) e deixá-lo cair com um ruído seco na borda do balcão, como se fosse o cutelo da guilhotina.

— A cidadã é soberba! — cacarejou o jurado.

— Ela é um anjo! — exclamou “A Vingança”, abraçando-a.

— E quanto ao senhor — continuou madame, implacável, dirigindo-se ao marido —, se dependesse de sua vontade, o que, felizmente, não acontece, o senhor se apressaria a salvar aquele homem.

— Não! — protestou Defarge. — Contudo, não iria mais longe. Pararia aí.

— Veja você, Jacques — bradou madame Defarge, encolerizada —, e você também, minha pequena “Vingança”. Vejam, os dois! Ouçam! Por outros crimes, além de tirania e opressão, eu tenho toda essa raça há muito tempo em meus registros, como condenados à destruição e ao extermínio. Perguntem ao meu marido se é ou não verdade.

— É verdade — confirmou Defarge, sem ser perguntado.

— No início dos grandes dias, quando a Bastilha caiu, ele encontrou esse papel de hoje e trouxe-o para casa. No meio da noite, depois de fecharmos a taberna, nós o lemos, aqui mesmo, junto do balcão, à luz de velas. Perguntem-lhe se é ou não verdade.

— É verdade — concordou Defarge.

— Naquela noite, eu lhe disse, quando acabamos de ler e a vela se apagou, enquanto o dia clareava lá fora, que eu tinha um segredo para lhe revelar. Perguntem-lhe se é verdade.

— É verdade — Defarge tornou a concordar.

— Eu lhe revelei o segredo. Eu bati neste peito com minhas duas mãos como bato agora e lhe disse: “Defarge, eu cresci entre os pescadores no litoral porque aqueles camponeses tão injuriados pelos dois irmãos Evrémone, como descreve o papel da Bastilha, eram a minha família. Defarge, aquela irmã do rapaz mortalmente ferido era minha irmã, aquele marido era meu cunhado, a criança não nascida era filha deles, o rapaz era meu irmão, aquele pai era o meu pai, aqueles mortos são os meus mortos, e esse fato me dá o direito de pedir contas desses assassinatos a todos os descendentes dos Evrémone”. Perguntem-lhe se é verdade ou não.

— É verdade — concordou Defarge mais uma vez.

— Então, diga ao vento e ao fogo quando devem parar — replicou madame —, não a mim.

Ambos os ouvintes extraíram uma tenebrosa satisfação da natureza letal do ódio dela (o freguês pôde perceber-lhe a palidez mesmo sem vê-la) e elogiaram-na profusamente. Defarge, compondo uma fraca minoria, interpôs algumas palavras em favor da compassiva esposa do marquês, conseguindo obter da esposa apenas a repetição de sua última réplica:

— Diga ao vento e ao fogo quando devem parar, não a mim.

Outros fregueses entraram e o grupo se dispersou. O inglês pagou pelo vinho, contou o troco com grande dificuldade, e pediu, como um estrangeiro que não conhece a cidade, que lhe indicassem o caminho para o Palácio Nacional. Madame Defarge levou-o até a porta, pousou o braço no dele e apontou a direção. Pelas reflexões do inglês, pas-sou a idéia de que talvez fosse um ato louvável agarrar aquele braço, erguê-lo e cravar um punhal até o cabo em suas costelas.

Entretanto, seguiu seu caminho e logo foi tragado pelas sombras do muro da prisão. Na hora combinada, emergiu delas para apresentar-se nos aposentos do senhor Lorry, onde encontrou o velho cavalheiro andando de um lado para o outro com ansiosa inquietude. Ele lhe anunciou que estivera com Lucie até pouco antes e que só a deixara por alguns instantes, para cumprir o compromisso. Não haviam visto mais o doutor Manette desde que este saiu do Tellson por volta das quatro da tarde. Lucie alimentava algumas esperanças de que a intercessão de seu pai pudesse salvar Charles, mas as possibilidades eram bastante escassas. Já fazia mais de cinco horas que o médico saíra: onde poderia estar?

O senhor Lorry esperou até as dez. Contudo, como o doutor Manette não havia ainda regressado, e como ele não desejava que Lucie permanecesse sozinha, decidiu voltar à casa dela e retornar ao banco à meia-noite. Nesse interim, Carton esperaria sozinho, junto da lareira, pelo doutor.

Carton esperou e esperou, e o relógio bateu doze vezes. Mas o doutor Manette não voltou. O senhor Lorry chegou, sem achar nem trazer notícias do médico. Onde ele poderia estar?

Ambos discutiam essa questão, já começando a construir uma frágil estrutura de esperança com base em sua prolongada ausência, quando o ouviram subir a escada. No momento em que ele entrou no aposento, já não havia dúvidas de que tudo estava perdido.

Se ele realmente procurara alguém ou se apenas vagara pelas ruas, nunca se soube. Eles o viram ali, parado, e não lhe fizeram nenhuma pergunta, pois seu semblante era eloqüente o bastante.

— Não consigo encontrá-lo — disse —, e preciso tanto dele. Onde o puseram? Sem chapéu e sem gravata, esquadrinhou o quarto com ar de desamparo e deixou cair a casaca no chão.

— Onde está meu tamborete? Procurei-o por toda a parte e não o encontrei. O que fizeram com o meu trabalho? O tempo urge, preciso terminar aqueles sapatos. Carton e o senhor Lorry se entreolharam, sentindo o coração falhar.

— Andem, vamos! — o doutor prosseguiu, com um tom lamurioso e infeliz —, devolvam meu trabalho. Preciso terminar os sapatos. Não recebendo resposta, começou a puxar os próprios cabelos e a sapatear no chão como uma criança malcriada.

— Não torturem um pobre desgraçado — implorou, num brado assustador —, devolvam meu trabalho! O que será de nós, se eu não terminar aqueles sapatos esta noite?

Perdido, irremediavelmente perdido.

Era tão evidentemente inútil argumentar com ele, ou tentar chamá-lo à razão, que, num acordo tácito, os dois pousaram a mão em seu ombro e o guiaram gentilmente até uma cadeira perto do fogo, prometendo-lhe devolver o tamborete o quanto antes. O doutor afundou na cadeira e contemplou as chamas com os olhos cheios de lágrimas. Como se tudo o que acontecera desde o tempo da água-furtada não tivesse passado de uma quimera, de um breve sonho, o senhor Lorry viu-o transformar-se na mesma figura que Defarge mantivera no sótão.

Por mais abalados e aterrorizados que estivessem com o pavoroso

espetáculo da ruína do doutor Manette, sabiam que aquele não era o momento de expressar tais emoções. A lembrança de sua única filha, despojada de sua última fonte de esperança, impunha-se mais forte do que tudo. Mais uma vez num acordo tácito, eles se entreolharam imbuídos do mesmo sentimento. Carton foi o primeiro a romper o silêncio:

— Foi-se a última chance: não era muito grande, portanto não há o que lamentar. Sim, creio que deve levá-lo para junto da filha. Contudo, antes que o senhor se vá, poderia ouvir-me por um instante? Não me pergunte por que imponho as condições que pretendo impor nem por que lhe suplico a promessa que pretendo suplicar-lhe. Eu tenho um bom motivo para agir assim.

— Não duvido — replicou o senhor Lorry. — Pode falar.

O homem na cadeira entre ambos balançava-se monotonamente de um lado para o outro, lamentando-se. Os dois conversaram em voz baixa, como se velassem o sono irrequieto de um enfermo.

Carton abaixou-se para apanhar a casaca que jazia amarfanhada aos pés dele. Ao fazê-lo, uma pequena pasta, na qual o doutor costumava carregar a lista de suas obrigações diárias, escorregou para o chão. Carton abriu-a e viu uma folha de papel dobrada.

— Acho que devíamos verificar de que se trata.

O senhor Lorry sacudiu a cabeça em assentimento. Carton desdobrou a folha e exclamou:

— Graças a Deus!

— O que está escrito aí? — indagou o senhor Lorry, com ansiedade.

— Só um momento! Deixe-me primeiro contar-lhe sobre isto. — Ele pôs a mão no bolso e retirou outro documento. — Este é o certificado que me autoriza a sair da cidade. Preste atenção: Sydney Carton, inglês, certo? O senhor Lorry segurou o papel, dirigindo-lhe à face um olhar esgazead.

— Guarde-o para mim até amanhã. Eu irei visitar Darnay amanhã na prisão, lembra-se? Não é prudente levá-lo comigo.

— Por que não?

— Não sei. Mas prefiro não o levar. Agora, examine esse documento do doutor Manette. É um certificado similar, que autoriza o doutor, a filha e a neta a passarem pela barreira a qualquer tempo. Correto?

— Sim.

— Talvez ele o tenha obtido ontem como sua última e maior precaução contra a desgraça. De quando é a data? Não importa. Não perca tempo examinando-o. Coloque-o cuidadosamente junto com o meu e o seu. Agora, escute! Eu jamais duvidei, até uma ou duas horas atrás, que ele tivesse, ou pudesse ter, esse salvo-conduto. O documento é válido, até que o anulem, o que pode acontecer a qualquer instante. Tenho razões para supor que acontecerá em breve.

— Então, eles correm perigo?

— Um grande perigo. Ouvi da própria boca de madame Defarge que ela pretende denunciá-los. Sem que notassem, eu a escutei traçar com cores fortes a extensão do perigo que os ameaça. Não desperdicei um segundo mais e procurei o espião, que me confirmou tudo. Um determinado serrador, que mora perto da

prisão e é controlado pelos Defarge, foi treinado por madame para declarar tê-la visto — ele nunca pronunciava o nome de Lucie — fazendo sinais e acenando para os prisioneiros. É fácil prever que a acusação será a usual, conspiração, e porá em risco a sua vida e talvez a da menina, provavelmente também a do pai, pois tanto o serrador quanto madame viram-no com a filha no mesmo local. Não se aflija tanto. O senhor os salvará.

— Queira Deus, Carton! Mas, como?

— Eu lhe direi como. Tudo dependerá do senhor, e não poderia depender de ninguém melhor. Essa nova denúncia certamente só ocorrerá depois de amanhã, ou nos dois ou três dias subseqüentes. Talvez ainda demore uma semana. Como sabe, lamentar ou simpatizar com uma vítima da guilhotina constitui crime capital. Ela e o pai serão indiscutivelmente culpados desse ato criminoso, e aquela mulher (cuja perseguição implacável não é possível descrever) esperaria para acrescentar mais esse delito à sua denúncia, assegurando-se duplamente da vitória. Está acompanhando meu raciocínio?

— Com tanta atenção e confiança em suas palavras que, por um minuto, cheguei a esquecer — o senhor Lorry tocou o espaldar da cadeira do doutor — esse infortúnio.

— O senhor dispõe de dinheiro e pode providenciar os meios de viagem mais adequados para chegar rapidamente à costa. Os seus preparativos para retornar a Londres já estão concluídos há alguns dias. Amanhã cedo, apronte os cavalos para que todos possam partir às duas da tarde.

— Assim farei!

Carton mostrava-se tão fervoroso e inspirador que o senhor Lorry se entusiasinou e revelou-se ágil como na juventude.

— O senhor tem um coração nobre. Eu não disse que não poderíamos depender de um homem melhor? Conte-lhe, esta noite, tudo o que sabe sobre a ameaça que paira sobre a filha e o pai. Insista nesse ponto, pois ela alegremente pousaria a linda cabeça na guilhotina junto com a do marido — sua voz falhou por um instante; então, prosseguiu com a firmeza de antes. — Ressalte que, pelo bem de sua filha e de seu pai, ela tem de sair de Paris com eles às duas horas. Argumente que esse é o último desejo de Darnay. Enfatize que em suas mãos repousa o destino daqueles a quem ama, pois acredita que o pai, mesmo nessa triste condição, a seguirá e obedecerá. Acredita nisso, não?

— Tenho certeza.

— Foi o que pensei. Sem alarde, arranje para que estejam todos prontos aqui no pátio. Mesmo o senhor deverá aguardar-me dentro do coche. Assim que eu chegar, partiremos.

— Devo esperá-lo em quaisquer circunstâncias?

— O senhor estará com meu salvo-conduto e reservará um lugar para mim. Espere até meu lugar ser ocupado e parta para a Inglaterra!

— Muito bem — retrucou o senhor Lorry, agarrandolhe a mão ansiosa, porém firme —, vejo que a situação não dependerá apenas deste velho, mas também do jovem ardoroso que terei a meu lado.

— Que os céus permitam que assim seja! Prometa-me solenemente que nada o fará alterar este plano que acabamos de traçar.



— Nada, Carton.

— Lembre-se dessas palavras amanhã: se mudar ou atrasar nossos planos, por qualquer razão, nenhuma vida poderá ser salva, e muitas vidas terão de ser sacrificadas.

— Não esquecerei. Espero cumprir a minha parte fielmente.

— E eu espero cumprir a minha. Agora, adeus!

Conquanto houvesse pronunciado seu pequeno discurso com um sorriso grave e sincero, e embora houvesse mesmo levado as mãos do velho aos lábios, não se separou dele de imediato. Em vez disso, ajudou-o a erguer o homem que se balançava de um lado para o outro em frente às chamas da lareira, agasalhou-o com uma capa e convenceu-o a acompanhá-los, alegando que iam em busca do tamborete e do trabalho inacabado pelos quais o homem ainda suplicava. Deu-lhe o braço, amparando-o e protegendo-o ao longo do caminho até o pátio da casa onde o coração aflito, tão feliz no memorável tempo em que lhe revelou as aflições de seu próprio coração, velava a terrível noite. Ele entrou no pátio e ali permaneceu por alguns minutos, sozinho, contemplando a luz que vinha do quarto dela. Antes de ir embora, suspirou uma bênção em sua direção e sussurrou: “Adeus”.

## CAPÍTULO XIII

### *CINQUÊNTAE DUAS CABEÇAS*

Na escura prisão de Conciergerie, os que deviam morrer aguardavam seu destino. Eram em número igual ao das semanas do ano. Dos vagalhões da cidade para o oceano eterno e infinito, cinquenta e duas cabeças rolariam naquela tarde[264]. Antes que esvaziassem suas celas, novos ocupantes eram designados; antes que seu sangue se misturasse ao sangue derramado na véspera, aquele que se misturaria ao deles já estava separado.

Cinquenta e dois condenados. Desde o rendeiro de setenta anos, cujas riquezas não lhe podiam comprar a vida, até a costureira de vinte anos[265], cuja pobreza e obscuridade não a puderam salvar. As doenças físicas, engendradas nos vícios e negligências dos homens, agarram suas presas em todas as classes sociais. E a temível desordem moral, nascida de um indescritível sofrimento, de uma opressão intolerável e de uma desalmada indiferença, também ceifava sem fazer distinções de qualquer natureza.

Charles Darnay, sozinho em sua cela, deixara de apegar-se a qualquer ilusão desde que saíra do tribunal. Em cada linha da narrativa que ouvira, ouvira sua condenação. Compreendera que nenhuma influência pessoal poderia salvá-lo, que fora virtualmente sentenciado por milhões de votos e que simples unidades nenhum benefício poderiam trazer-lhe.

Contudo, não era fácil, tendo diante dos olhos a imagem de sua amada esposa, convencer seu espírito a resignar-se com o que deveria suportar. Laços poderosos o prendiam à vida e era muito, muito difícil rompê-los. Quando, por meio de esforços, conseguia aos poucos afrouxá-los, logo sentia-os apertarem-se ainda mais; e quando buscava energia em sua mente para apoiar-se, esta lhe faltava. Além disso, havia um sentimento de urgência em todos os seus pensamentos, uma turbulenta e acalorada batalha travada em seu coração contra o conformismo. Se, por um momento, ele se conformava com a sua sorte, parecia-lhe ouvir os protestos da esposa e da filha, que teriam de sobreviver a ele, recriminando-o pela atitude egoísta.

Esses conflitos, porém, assaltaram-no apenas no início. Não tardou em que a consideração de que não havia desonra no destino que o aguardava, que inúmeras pessoas seguiam o mesmo injusto caminho, trilhando-o com firmeza todos os dias, surgiu para estimulá-lo. Depois, seguiu-se a idéia de que muito da futura paz de espírito de que seus entes queridos desfrutariam dependia de ele demonstrar uma serena fortitude. Assim, gradualmente, alcançou um estado de bem-vinda tranquilidade, que lhe permitiu elevar os pensamentos e deles extrair conforto.

Antes de se espalharem as trevas da noite de sua condenação, sua mente havia, assim, alçado seu derradeiro vôo. Tendo conseguido comprar papel, pena e tinta, além de uma vela, sentou-se para escrever até a hora em que as luzes da prisão teriam de extinguir-se.

Escreveu uma longa carta para Lucie[266], dizendo-lhe que nunca havia sabido coisa alguma acerca da prisão de seu pai até ela mesma lhe contar, e, até o momento em que fora lido o documento no tribunal, ignorara o papel que seu próprio pai e seu tio haviam representado naquela infâmia. Também explicou que lhe ocultou o nome ao qual renunciara por ser essa a única condição, agora inteiramente compreensível, que o doutor lhe impôs no acordo de noivado e por ser a promessa que fez a ele na manhã do casamento. Rogou-lhe, pelo bem de seu pai, que jamais procurasse descobrir se o doutor esquecera por completo a existência daquelas folhas ou se a recordara (momentaneamente ou para sempre) ao ouvir a narrativa do episódio ocorrido na Torre, naquele longínquo domingo, sob a sombra do plátano. Se ele preservara uma lembrança definitiva, decerto julgara que o documento fora destruído junto com a Bastilha, já que não fora mencionado em nenhum dos relatórios acerca das relíquias dos prisioneiros que o populacho descobrira ali e que foram divulgados para o mundo inteiro. Suplicou-lhe, embora acrescentando saber que era desnecessário, que consolasse o pai, empregando todos os meios que a ternura lhe inspirasse para fazê-lo ver que, na verdade, não tinha motivos para sentir-se culpado, enfatizando que, ao invés, ele fora capaz dos maiores sacrifícios pela filha e pelo genro. Por fim, enviou-lhe seu eterno amor e implorou-lhe que vencesse a dor e se dedicasse à filha. Uma vez mais, insistiu para que confortasse o pai até o momento em que todos se reunissem no céu.

Para o sogro, escreveu algo no mesmo estilo, mas declarando que confiava a esposa e a filha aos seus cuidados. Enfatizou esse ponto, na esperança de que pudesse arrancá-lo do desalento e livrá-lo da ameaça de uma crise provocada pelas funestas recordações, que receava o estivesse rondando.

Para o senhor Lorry, pediu-lhe que zelasse por todos e descreveu-lhe as condições em que deixava seus negócios. Isso feito, e depois de acrescentar várias linhas acerca de sua gratidão e amizade, deu a correspondência por encerrada. Não pensou em Carton. Sua mente estava tão concentrada naqueles a quem amava, que nem sequer lhe ocorreu pensar nele.

Darnay teve tempo de terminar as cartas antes de apagar das luzes. Quando se estendeu no catre, refletiu que, para ele, tudo estava acabado neste mundo.

Mundo que, entretanto, acenou-lhe em seu sono, revelando-se nas cores mais brilhantes. Livre e feliz, de volta à velha casa do Soho (embora, no sonho, fosse totalmente di-versa da casa real), indescritivelmente aliviado e de coração leve, ele estava novamente com Lucie, que lhe dizia que fora um pesadelo, que ele jamais havia partido. Uma pausa de esquecimento, e então ele foi executado, mas regressou para ela, morto e em paz, sem ter sofrido qualquer mudança. Outra pausa de esquecimento e ele acordou na cela sombria, inconsciente de onde estava e do que acontecera até que a lembrança assomou-lhe à memória: “este é o dia da minha morte!”.

Assim chegou ele, através de longas horas, ao dia em que cinquenta e duas

cabeças iriam rolar. E agora, calmo e esperançoso de que pudesse enfrentar seu fim com sereno heroísmo, novas dúvidas apossavam-se de sua mente, dúvidas difíceis de controlar.

Nunca vira o instrumento que poria fim à sua vida. De que altura seria o cadafalso, quantos degraus teria, onde deveria postar-se, que mãos iriam tocá-lo, estariam elas manchadas de sangue, para que lado deveria virar a cabeça, seria o primeiro ou o último a morrer? Estas e muitas outras perguntas da mesma ordem lhe acudiam à idéia, de modo algum dirigidas por sua vontade, impondo-se vezes sem conta. Não eram produzidas pelo medo, pois não sentia nenhum. Eram, antes, fruto de um estranho desejo de saber o que fazer quando se aproximasse o momento. Um desejo gigantescamente desproporcional aos poucos e rápidos instantes a que se referiam, uma curiosidade que parecia vir de um outro espírito encerrado dentro do seu, e não de si mesmo.

As horas passavam, ele vagava de um lado para o outro, e os relógios batiam os números que jamais ouviria de novo. Nove horas, foram-se para sempre; dez... onze horas, foram-se para sempre; meio-dia prestes a ir-se para sempre. Após uma árdua luta contra os excêntricos pensamentos que o haviam atordoado, ele vencera. Caminhava de um lado para o outro, repetindo suavemente os nomes adorados. O pior do embate havia passado. Podia andar de um lado para o outro, livre de fantasias perturbadoras, rezando por si e por aqueles a quem amava.

Meio-dia, foi-se para sempre.

Fora informado de que o número três correspondia à derradeira hora de sua vida, e ele sabia que viriam buscá-lo um pouco antes, para que os carros mortuários pudessem chegar a tempo. Assim sendo, considerou as duas horas como o momento da partida e resolveu aproveitar o intervalo para fortalecer-se, a fim de poder, mais tarde, encorajar seus companheiros.

Caminhando com regularidade de um lado para o outro, os braços cruzados sobre o peito, era um homem muito diferente daquele prisioneiro que contara os passos no calabouço de La Force. Sem surpresa, ouviu o relógio bater uma hora. Devotamente agradecendo a Deus por ter recobrado o domínio sobre si mesmo, pensou: “Só falta mais uma, agora”, e retomou a marcha.

Passos no corredor de pedra. Param diante da porta.

A chave girou na fechadura. Antes que a porta se abrisse, ou enquanto se abria, um homem disse em voz baixa, em inglês:

— Ele jamais me viu aqui. Fiquei longe de seu caminho. Entre sem mim... eu esperarei do lado de fora. Não perca tempo.

A porta fechou-se com rapidez e, diante dele, face a face, calmo, atento, com um ligeiro sorriso e um dedo encostado aos lábios numa advertência muda para que permanecesse em silêncio, estava Sydney Carton.

Havia um quê tão luminoso e notável em seu semblante que, pela primeira vez, o prisioneiro desconfiou tratar-se de uma aparição de sua própria imagem. Contudo, ele falou e aquela era a sua voz. Ele tomou a mão do prisioneiro, e sua mão era real.

Entre todas as pessoas do mundo, eu sou a que menos você esperava ver, certo?

Não pude acreditar que era você. Mesmo agora, custa-me crer. Você não foi... — a apreensão invadiu-lhe de súbito a mente — não é um prisioneiro, é?

Não. Por um acaso, adquiri certo poder sobre um dos carcereiros daqui e, graças a isso, aqui estou. Vim da parte dela... de sua esposa, caro Darnay.

O prisioneiro torceu as mãos.

— Trago-lhe um pedido dela.

— De que se trata?

— Da mais sincera e veemente súplica, endereçada a você no tom mais comovente de sua voz que lhe é tão querida e da qual se recorda tão bem. O prisioneiro voltou o rosto para ocultar a emoção.

— Você não dispõe de tempo para me fazer perguntas, e eu não teria tempo para respondê-las. Assim, limite-se a fazer o que eu mandar... tire as suas botas e calce as minhas.

Havia uma cadeira encostada na parede, atrás do prisioneiro. Apressado, Carton já se havia sentado e arrancado as botas com a velocidade de um raio.

— Depressa, calce as minhas botas!

— Carton, não há como fugir deste lugar. Você só conseguirá morrer junto comigo. É loucura.

— Seria loucura se o aconselhasse a fugir. Eu fiz isso? Quando eu lhe pedir para atravessar aquela porta, então diga que é loucura e não arrede o pé daqui. Agora, troque de gravata comigo; troque também o casaco. Enquanto despe o casaco, deixe-me tirar essa faixa de sua testa e despenteie-lhe os cabelos, para que fiquem revoltos como os meus [267](#). Com prodigiosa rapidez e uma força física e moral que parecia sobre-humana, ele lhe impôs todas essas mudanças. O prisioneiro obedecia-lhe como uma criança.

— Carton! Meu caro Carton, é loucura! Não pode dar certo, jamais deu. Já foi tentado antes e sempre falhou. Eu lhe imploro que não some a sua morte à amargura da minha.

— Eu lhe pedi, meu caro Darnay, para atravessar aquela porta? Quando eu pedir, recuse. Vejo papel e tinta sobre a mesa. Sua mão está firme o bastante para escrever?

— Estava quando você chegou.

— Então, torne-a firme novamente e escreva o que lhe vou ditar. Rápido, amigo, rápido!

Atordoado, Darnay se sentou à mesa, apertando a cabeça entre as mãos. Carton, com a mão direita no peito, aproximou-se dele.

— Escreva exatamente o que eu disser.

— A quem devo endereçar?

— A ninguém — Carton ainda tinha a mão no peito.

— Devo pôr a data?

— Não.

O prisioneiro suspendia a cabeça para fitá-lo a cada pergunta. Carton, curvado e com a mão no peito, olhava para baixo.

— “Caso se lembre” — ditou Carton — “das palavras que lhe disse um dia, compreenderá imediatamente o sentido destas linhas. Estou certo de que já as recorda agora, porque não é de sua natureza esquecê-las.”

Darnay ergueu os olhos para Carton, que retirava a mão do peito, e sua mão imobilizou-se sobre o papel.

— Já escreveu “esquecê-las”? — Carton inquiriu.

— Já. O que traz aí? Uma arma?

— Não, não estou armado.

— O que tem na mão?

— Em breve saberá. Continue, só faltam algumas linha — ele voltou a ditar: — “Sinto-me grato por ter chegado a hora de prová-las. No que faço agora não há motivo para remorso ou pesar”. — Enquanto pronunciava essas palavras, contemplava o prisioneiro atentamente, levando a mão, num movimento lento e suave, até junto do rosto dele.

A pena caiu dos dedos de Darnay, que olhou em torno com ar distante.

— Que vapor é este? — perguntou.

— Vapor?

— Alguma coisa passou diante de mim.

— Não percebi nada. Não há nada aqui. Tome outra vez a pena e escreva.

Rápido, rápido!

Como se sua memória se tivesse debilitado, ou como se suas faculdades mentais se houvessem perturbado, o prisioneiro fez um esforço para concentrar-se. Ao levantar o rosto para Carton, com os olhos nublados e a respiração alterada, este o olhava fixamente, com a mão novamente no peito.

— Rápido, rápido! O prisioneiro inclinou-se outra vez sobre o papel.

“Se tivesse sido diferente” — a mão de Carton tornava a descer cautelosamente — “eu jamais teria aproveitado esta grande oportunidade. Se tivesse sido diferente” a mão chegara à altura do rosto do prisioneiro — “eu seria obrigado a responder por tantos erros. Se tivesse sido diferente...” — Carton desviou o olhar para a pena e percebeu que se arrastava pela folha, garatujando caracteres ininteligíveis.

Carton não levou mais a mão ao peito. O prisioneiro levantou-se de um salto e fitou-o com censura, mas Carton apertou-lhe as narinas com firmeza, enquanto, com o outro braço, amparava-o pela cintura. Durante alguns segundos, Darnay lutou debilmente com o homem que viera dar a vida em troca da sua. Logo, porém, estendeu-se no chão, inconsciente.

Rápido, e com as mãos tão leais ao seu propósito quanto seu coração, Carton vestiu a roupa que o prisioneiro tinha deixado de lado, alisou os cabelos para trás e prendeu-os com a fita de Darnay. Então, chamou em voz baixa, abrindo a porta:

— Venha, já pode entrar. E o espião entrou.

— Vê? — disse Carton, olhando para cima, pois se ajoelhara ao lado do homem inconsciente, enquanto colocava uma folha de papel sob sua camisa. — Ainda acha que você corre um risco muito grande?

— Senhor Carton — o espião replicou, estalando os dedos com timidez —, o risco que corro não é esse, mas sim a possibilidade de o senhor não cumprir a sua parte na barganha.

— Não tema. Cumprirei a minha parte até morrer.

— Assim espero, senhor Carton, para que haja cinquenta e dois lá, e nem um a menos. Vestido como está, sinto-me mais tranqüilo.

— Não tenha receio. Em breve, deixarei de ser um perigo para você e os outros já estarão longe daqui. Agora, consiga alguém para ajudá-lo a carregarme para a carruagem.

— Carregar o senhor?

— Ele, o homem com quem troquei de lugar. Sairá pelo mesmo caminho por onde me conduziu na entrada?

— Naturalmente.

— Eu me encontrava fraco e indisposto quando você me trouxe e piorei. A emoção da despedida me fez desmaiar. Isso ocorre muitas vezes aqui. A sua vida está nas suas próprias mãos. Depressa! Peça auxílio.

— Jura que não me trairá? — indagou o trêmulo espião, hesitando.

— Ora, homem! — retorquiu Carton, batendo com o pé no chão. — Já não lhe prestei um juramento solene? Vamos! Não perca um tempo tão precioso! Leve-o você mesmo para o pátio e coloque-o na carruagem. Mostre-o ao senhor Lorry, diga-lhe que não lhe dê nada, além de ar fresco, para voltar a si. E diga-lhe para lembrar minhas palavras de ontem à noite e a promessa que me fez. Ele deve partir imediatamente.

O espião retirou-se e Carton sentou-se à mesa, pousando a cabeça sobre as mãos. Barsad retornou em seguida, acompanhado de dois homens.

— O que houve? — perguntou um deles, contemplando o homem caído no chão. — Ficou assim aflito só porque seu amigo tirou a sorte grande na loteria da Sainte Guillotine?

— Que bom patriota! — exclamou o outro. — Não podia ficar mais aflito se o aristocrata tivesse tirado a sorte em branco. Ergueram o homem inconsciente, colocaram-no sobre uma padiola que tinham trazido para junto da porta e se dispuseram a sair.

— Aproxima-se a hora, Evrémonde — comunicou o espião em tom de advertência.

— Eu sei — respondeu Carton. — Tenha cuidado com meu amigo, suplico-lhe, e deixe-me em paz.

— Então, vamos, rapazes — Barsad comandou.

A porta se fechou e Carton ficou a sós. Aguçando ao máximo suas faculdades auditivas, concentrou-se para não perder o mais leve rumor que indicasse suspeita ou alarma. Mas não ouviu nenhum. Chaves rangiam nas fechaduras, portas batiam e passos ressoavam nos corredores distantes: nenhum grito ou ruído que parecesse anormal. Respirando mais livremente, sentou-se à mesa e prestou novamente atenção até que o relógio bateu duas horas.

Sons que não receava, pois lhes adivinhava o significado, começaram a tornar-se audíveis. Abriram-se várias portas em seqüência, e finalmente a dele. Um carcereiro, com uma lista na mão, olhou para dentro e limitou-se a ordenar:

— Siga-me, Evrémonde!

E ele o seguiu até um amplo e escuro salão, a certa distância. Era um dia cinzento de inverno, obscurecido ainda mais pelas sombras que, ao mesmo tempo, desprendiam-se dos condenados e os envolviam, de forma que ele não pôde senão distinguir vagamente os outros que eram guiados até ali para que lhes amarrassem os braços. Uns estavam sentados, outros, de pé. Alguns se

lamentavam, movendo-se com inquietação; esses, porém, eram poucos. A grande maioria mostrava-se silenciosa e calma, olhando fixamente para o chão.

Carton encostou-se na parede, num canto, enquanto se trazia o restante dos cinquenta e dois; um homem, ao passar por ele, abraçou-o como se o conhecesse. Carton estremeceu, receando ser descoberto. O tal homem, porém, soltou-o e afastou-se. Pouco depois, uma moça franzina, de pequena estatura, com um rosto suave em que não se via nenhum vestígio de cor, e resignados olhos arregalados, levantou-se de onde estivera sentada a observá-lo e foi falar-lhe.

— Cidadão Evrémonde — tocou-lhe o braço com a mão gelada —, nós nos conhecemos em La Force. Sou aquela pobre costureira, lembra-se? Carton murmurou, à guisa de resposta.

— É verdade. Mas esqueci qual era a acusação contra você.

— Conspiração. Embora os céus saibam que sou inocente. Acha possível? Quem pensaria em conspirar com uma criatura infeliz e fraca como eu? O sorriso desolado com que ela proferiu aquelas palavras comoveu-o tanto que seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Não tenho medo de morrer, cidadão Evrémonde, mas sou inocente. Tampouco me nego a morrer pela República, que tanto bem deve fazer aos pobres. Contudo, não compreendo em que lhe seja útil a minha morte, cidadão Evrémonde. Uma criatura tão fraca e pobre como eu?! Como a última coisa na face da terra que lhe aqueceria e abrandaria o coração, aquela moça enterneceu-o.

— Ouvi dizer que o tinham libertado, cidadão Evrémonde. Tive esperança de que fosse verdade.

— E foi. Mas prenderam-me de novo e condenaram-me.

— Se formos no mesmo carro, cidadão Evrémonde, permitirá que lhe segure a mão? Embora não tenha medo, sou muito fraca e isso me daria coragem.

Quando os olhos resignados se ergueram para fitá-lo, ele percebeu uma dúvida repentina estampar-se em seu semblante, logo substituída pelo espanto. Carton apertou a mão calejada pelo trabalho e emaciada pela fome, colocando um dedo sobre os lábios.

— Vai morrer por ele? — ela sussurrou.

— E por sua esposa e filha. Shh! Sim.

— Oh, deixe-me segurar sua corajosa mão, meu caro desconhecido?

— Shh! Sim, minha pobre irmã. Até o fim...

As sombras que caíam sobre o cárcere também caíam, naquela mesma hora de começo de tarde, sobre a multidão que se estendia em fila diante da barreira, quando um coche, que saía de Paris, parou para ser inspecionado.

— Quem vai aí? Quem são as pessoas aí dentro? Os salvo-condutos! Os papéis foram entregues e lidos.

— Alexandre Manette. Médico. Francês. Onde está?

Está ali, um velho abatido, murmurando palavras incoerentes.

— Aparentemente, o cidadão doutor não está no seu juízo. Será que a febre



revolucionária foi demais para ele? Realmente, foi demais.

— Ah! Muitos sofrem desse problema. Lucie. Filha dele.

Francesa. Onde está? Ali está ela.

— Muito bem. Lucie, esposa de Evrémonde, não é? É, sim.

— Ah! Evrémonde tem um compromisso em outra parte. Lucie, sua filha. Inglesa. É essa criança aí? Ela mesma.

— Dê-me um beijo, filha de Evrémonde. Agora, você acabou de beijar um bom republicano. Isso é novidade em sua família. Lembre-se disso! Sydney Carton. Advogado. Inglês. Onde está?

Ele está ali, no fundo da carruagem. Também não se sente bem.

— Aparentemente, o inglês está desmaiado.

Espera-se que volte a si com o ar fresco. Sua saúde não anda muito boa, e não lhe fez bem a triste despedida do amigo que incorreu no desagrado da República.

— Não é grande coisa, então! Muitos têm incorrido no desagrado da República e, por isso, têm de espiar pela janelinha. Jarvis Lorry. Banqueiro. Inglês. Onde está?

— Sou eu. Só podia ser, já que não há mais ninguém.

Foi Jarvis Lorry quem respondeu a todas as perguntas anteriores. É Jarvis Lorry quem desce do coche e fica à porta, submetendo-se à entrevista com o grupo de oficiais. Eles pachorrentamente sobem para o bagageiro, a fim de vistoriar as poucas malas ali empilhadas; os camponeses cercam a carruagem, olhando com curiosidade para seu interior; uma criancinha, carregada por sua mãe, estende os bracinhos para tocar a esposa de um aristocrata condenado à guilhotina.

— Guarde seus documentos, Jarvis Lorry. Já estão assinados.

— Podemos partir, cidadão?

— Podem. Adiante, postilhões! Boa viagem.

— Eu os saúdo, cidadãos. “Vencemos o primeiro perigo!” É Jarvis Lorry, de novo, quem pronuncia essas palavras, apertando as mãos e erguendo a cabeça. Na carruagem imperam o terror, o som de soluços abafados e da respiração pesada do viajante inconsciente.

— Não estamos indo demasiado devagar? Será que não pode induzir os cavalos a acelerar o passo? — indaga Lucie, agarrando a mão do velho amigo.

— Pareceria que estamos fugindo, minha querida. Não devemos despertar suspeitas.

— Olhe para trás, olhe! Veja se somos perseguidos!

— A estrada está deserta, minha querida. Até aqui, ninguém nos persegue.

Casas em grupos de duas e três passam por nós, fazendas isoladas, prédios em ruínas, curtumes, campos abertos, alamedas de árvores desfolhadas. O pavimento áspero e desigual jaz sob nós, a profunda e macia lama nos rodeia. Às vezes, entramos no lamaçal para evitarmos as pedras do caminho, que nos fazem sacolejar dolorosamente; outras vezes, nós nos atolamos e ficamos presos. A agonia de nossa impaciência, então, cresce a tal ponto que, em nossa angústia e desmesurada pressa, queremos fugir, correr, correr mais, fazer qualquer coisa menos parar.

Pelo campo aberto, novamente entre prédios em ruínas, fazendas isoladas, curtumes, casas em grupos de duas e três, alamedas de árvores desfolhadas. Será que esses homens nos enganaram e nos levaram de volta por outra estrada? Já não passamos por aqui agora há pouco? Não, graças a Deus! Uma aldeia. Olhe para trás, olhe! Veja se não nos estão perseguindo! Silêncio! A estalagem de posta.

Vagarosamente, nossos cavalos são retirados. O coche permanece parado na pequena rua, sem cavalos e sem possibilidade de mover-se. Vagarosamente, novas cavalgaduras surgem à nossa frente, uma a uma; vagarosamente, os novos postilhões aparecem, testando e enrolando seus chi-cotes. Vagarosamente, os antigos postilhões contam suas moedas, erram na soma e chegam a resultados errados. Todo o tempo, nossos desesperados corações batem num ritmo frenético, mais veloz do que o mais veloz galope do mais veloz dos cavalos.

Por fim, os novos cocheiros tomam seus lugares e os velhos ficam para trás. Nós atravessamos a aldeia, subimos e descemos a colina, chegamos a um vale pantanoso. De súbito, os postilhões começam a gesticular e a falar com grande animação, e repentinamente detêm os cavalos, que se empinam, assustados. Estamos sendo perseguidos!

— Ho! Vocês aí dentro da carruagem!

— O que há? — indaga o senhor Lorry, olhando pela janela.

— Quantos disseram que são?

— Não compreendo.

— Na última barreira, não lhes informaram quantos foram para a Guillotine hoje?

— Cinquenta e dois.

— Bem que eu disse! Um bom número! Meus companheiros cidadãos aqui teimaram que eram quarenta e dois.

Dez cabeças a mais fazem diferença. A Guillotine vai indo de vento em popa. Eu a adoro! Em frente! Ho, ho...

A noite derrama seu negrume sobre nós. Ele se mexe; está voltando a si. Começa a falar de modo inteligível, mas julga que os dois ainda estão juntos. Pergunta-lhe, chamando-o pelo nome, o que tem na mão, será uma arma? Oh, Deus teve piedade de nós e nos salvou! Olhe para trás, olhe! Veja se nos estão perseguindo!

O vento corre atrás de nós e as nuvens se espalham à nossa frente. A lua está lá atrás, ainda escalando o céu. A selvagem noite nos está perseguindo. Além dela, porém, nada mais nos persegue.

## CAPÍTULO XIV

### ENCERRA-SE O TRICÓ

No mesmo momento em que os cinquenta e dois aguardavam seu destino, madame Defarge reunia-se em sinistro conclave com “A Vingança” e Jacques terceiro, membro do júri revolucionário. A reunião de madame Defarge com seus ministros não se realizava na taberna, mas na oficina do serrador, outrora reparador de estradas. O próprio serrador não participaria da conferência, mas aguardaria a pequena distância, como um subalterno que não devia abrir a boca, a menos que recebesse ordens nesse sentido, nem externar opiniões, exceto se lhas pedissem.

— Mas será que o nosso Defarge — questionou Jacques terceiro — é, sem sombra de dúvida, um bom republicano? Será?

— Não há outro melhor — protestou a volúvel “Vingança” com a sua voz estridente — na França.

— Acalme-se, pequena “Vingança” — interveio madame Defarge, pousando a mão nos lábios de sua “tenente” com a testa ligeiramente franzida —, deixe-me falar. Meu marido, companheira cidadã, é um bom republicano e um

homem destemido; ele merece muito da República e conta com a sua confiança. Contudo, meu marido tem suas fraquezas[268], como, por exemplo, apiedar-se do doutor.

— É uma pena — cacarejou Jacques terceiro, sacudindo a cabeça e enfiando os dedos irrequietos na boca voraz —, mas isso não é próprio de um bom cidadão. É lamentável.

— Vejam — prosseguiu madame —, eu não me importo nada com esse doutor. Ele pode preservar a cabeça ou perdê-la, não me interessa. Para mim, eles são todos iguais. Entretanto, a família de Evrémonde tem de ser exterminada. A mulher e a filha devem segui-lo.

— Ela tem uma bela cabeça para a guilhotina — cacarejou Jacques terceiro. — Tenho visto olhos azuis e cabelos dourados lá, e essas cabeças ficam muito charmosas quando Sansão as levanta no ar — embora não passasse de um ogro, falava como um epicurista. Madame Defarge baixou os olhos e refletiu por um momento.

— A criança também — comentou Jacques terceiro, saboreando as palavras — possui cabelos dourados e olhos azuis. E nós raramente temos uma criança lá. É um belo espetáculo.

— Resumindo — observou madame Defarge, voltando de seu curto momento de abstração —, não posso confiar em meu marido no que se refere a

esse assunto. Desde ontem à noite, sinto que não devo revelar-lhe detalhes do meu plano; mas também sinto que, se eu demorar para colocá-lo em prática, existe o risco de ele avisá-los a fim de que fujam.

— Isso não pode acontecer — cacarejou Jacques terceiro. — Ninguém pode escapar. Ainda não eliminamos nem metade do que pretendemos. Precisamos elevar o número de execuções para cento e vinte por dia.

— Resumindo — madame Defarge continuou —, meu marido não possui as minhas razões para perseguir essa família até o extermínio total, e eu não tenho as razões dele para me sensibilizar com o doutor. Portanto, devo agir por conta própria. Venha aqui, pequeno cidadão.

O serrador, que lhe devotava um grande respeito e obedecia-lhe sempre com extrema submissão, tomado por um medo mortal daquela mulher, avançou com o barrete vermelho nas mãos.

— Quanto àqueles sinais e acenos, pequeno cidadão — indagou madame Defarge, com severidade —, que a viu fazer aos prisioneiros, está pronto para descrevê-los sob juramento hoje mesmo?

— Ai, ai, por que não?! — bradou o serrador. — Todos os dias, qualquer que fosse o tempo, das duas às quatro horas, sempre acenando, às vezes em companhia da criança, quase sempre sozinha. Eu sei o que sei. E vi com estes dois olhos.

Ele produziu todo o tipo de gestos enquanto falava, como se num incidental mostruário da grande diversidade de sinais que conhecia.

— Claramente uma conspiração — afirmou Jacques terceiro. — Clara e cristalinamente!

— Posso contar com o júri? — inquiriu madame Defarge, voltando-se para ele com um sorriso sombrio.

— Confie no patriótico júri, querida cidadã. Eu respondo por meus companheiros jurados.

— Agora, deixe-me ver... — ponderou madame Defarge, tornando a se abstrair. — Pela última vez! Posso poupar esse doutor, para satisfazer meu marido? Eu não me importo, de qualquer modo. Posso poupá-lo?

— Seria uma cabeça a menos — argumentou Jacques terceiro em voz baixa. — Nós realmente não dispomos de cabeças suficientes. Em minha opinião, seria uma pena.

— Ele também estava acenando, junto com ela, quando a vi — refletiu madame Defarge. — É impossível denunciá-la sem mencionar o pai. E não me posso calar, entregando o caso nas mãos desse pequeno cidadão aqui. Afinal, não seria má testemunha. “A Vingança” e Jacques terceiro rivalizaram entre si nos protestos fervorosos de que ela seria a mais admirável e maravilhosa das testemunhas. O pequeno cidadão, para não ficar por baixo, proclamou-a uma testemunha celestial.

— O doutor que se arranje como puder — concluiu madame Defarge. — Não, eu não posso poupá-lo! Você tem compromisso às três horas, deve acompanhar a fornada de hoje. E você... irá?

A pergunta endereçava-se ao serrador, que apressouse a ripostar afirmativamente, aproveitando a oportunidade para acrescentar que ele era o

mais ardente dos republicanos, e que se tornaria o mais desolado entre todos se qualquer coisa o impedisse de desfrutar o prazer de fumar seu cachimbo na contemplação do simpático barbeiro nacional. Seu entusiasmo era tão efusivo que poderia ter despertado suspeitas (e talvez as tivesse despertado, a julgar pelo olhar desdenhoso de madame Defarge) de que ele nutrisse, todo o tempo, seus pequenos e individuais temores quanto à própria segurança.

— Eu também — disse madame — tenho compromisso no mesmo local. Depois que acabar, lá pelas oito da noite, venha ver-me em Santo Antônio e nós denunciaremos aquelas pessoas ao meu distrito.

O serrador declarou-se lisonjeado e orgulhoso por servir à cidadã. A cidadã fitou-o, e ele, embaraçado, evadiu-se de seu olhar como um cachorrinho teria feito, retirou-se para junto de sua madeira e ocultou sua confusão curvando-se sobre o cabo da serra.

Madame Defarge acenou para que o jurado e “A Vingança” se aproximassem um pouco mais da porta e lhes expôs suas intenções nos seguintes termos:

— Ela agora deve estar em casa, aguardando o momento da morte do marido. Com certeza, lamenta-se, chora, enfim: encontra-se num estado de espírito que a justiça da República não admite. Ela decerto tem pena dos inimigos do povo. É um bom momento para visitá-la.

— Que mulher extraordinária! Adorável! — exclamou Jacques terceiro, extasiado.

— Ah, minha estimada! — bradou “A Vingança”, abraçando-a.

— Leve o meu tricô — pediu madame Defarge, colocando o trabalho nas mãos de sua “tenente” —, e guarde a minha cadeira favorita. Vá direto para lá, pois hoje estará mais apinhado do que de hábito.

— De bom grado obedeço às ordens de minha chefe — retrucou “A Vingança” com alacridade, antes de beijá-la no rosto. — Você vai demorar?

— Estarei lá antes que o espetáculo comece.

— E antes que os carros fúnebres cheguem. Trate de aparecer, meu anjo — recomendou “A Vingança”, correndo atrás dela, pois madame já alcançara a rua —, antes das carroças!

Madame Defarge acenou de leve para indicar que ouvira e que pretendia chegar cedo, e continuou sua marcha através do barro, contornando o muro da prisão. “A Vingança” e o jurado, contemplando-a afastar-se, admiravam-lhe a bela figura e os soberbos atributos morais.

Havia muitas mulheres, naquela época, a quem o tempo impunha medonhas deformações; nenhuma delas, porém, era tão temível quanto aquela implacável mulher que agora caminhava pelas ruas. Dotada de um caráter forte e intrépido, de perspicácia e disposição, de uma grande determinação, de um tipo de beleza que não só parecia revelar-lhe a firmeza e animosidade mas também despertar nos outros um instintivo reconhecimento dessas qualidades. O conturbado tempo a teria contaminado, sob quaisquer circunstâncias. Contudo, imbuída desde a infância de um crescente ressentimento e de um ódio inveterado contra a aristocracia, a ocasião transformara-a numa tigresa. Ela era absolutamente destituída de compaixão. Se algum dia abrigou essa virtude, perdera-a em

definitivo havia muito.

Nada significava, para ela, que um inocente morresse pelos pecados de seus antepassados. Ela não o enxergava, mas sim a *eles*. Nada significava, para ela, que sua esposa enviuvasse e que sua filha se tornasse órfã. A punição ainda lhe parecia insuficiente, porque eles eram seus inimigos naturais, suas presas, e, como tais, não tinham direito à vida. Apelar para ela resultava inútil, pois era incapaz de um gesto de misericórdia, nem para consigo mesma. Se houvesse tombado nas ruas, num dos tantos embates de que tomou parte, não teria sentido pena de si própria. E se a enviassem para o cadafalso no dia seguinte, não acalentaria outro sentimento que não o feroz desejo de trocar de lugar com a pessoa que a enviara.

Tal era o coração que batia sob o modesto vestido de madame Defarge. Negligentemente usado, transformava-se cada vez mais numa túnica sinistra; seus cabelos escuros pareciam fartos debaixo do grosseiro barrete vermelho. Escondida em seu seio, havia uma pistola carregada; oculta em sua cintura, uma adaga afiada. Assim armada, e caminhando com o andar confiante típico de um tal caráter, e com a flexível liberdade de uma mulher que habitualmente caminhara na infância, descalça, pela areia da praia, madame Defarge avançava pelas ruas.

Naquele exato instante, os viajantes aguardavam que se empilhasse a bagagem sobre o coche para iniciar a longa jornada. Ao planejá-la, na véspera, o senhor Lorry debateu-se com a dificuldade de levar a senhorita Pross. Não se tratava apenas da necessidade de não sobrecarregar a carruagem, mas era da mais alta importância que o tempo gasto em examinar o carro e seus passageiros fosse o me-nor possível, já que sua fuga poderia depender dos segundos que ganhassem aqui e ali. Por fim, ele propôs, depois de ansiosas reflexões, que a senhorita Pross e Jerry, que estavam liberados para deixar a cidade a qualquer momento, partissem às três horas no veículo mais ligeiro conhecido na época. Desembaraçados das malas, eles logo ultrapassariam o coche, e, chegando antes à estalagem, poderiam providenciar a troca dos cavalos com antecedência, poupando-lhes minutos preciosos e facilitando-lhes o avanço durante as horas da noite, quando qualquer atraso era mais perigoso.

Vendo nesses arranjos a esperança de prestar um serviço real naquela emergência, a senhorita Pross concordou com satisfação. Ela e Jerry viram o coche sair, e, sabendo quem era o homem que Solomon trouxera, tinham se torturado por dez minutos com o suspense. Agora, concluíam os preparativos para seguir o coche, enquanto madame Defarge, caminhando pelas ruas, aproximava-se mais e mais da casa quase deserta.

— O que acha, senhor Cruncher — indagou a senhorita Pross, cuja agitação era tão grande que mal lhe permitia falar, respirar, mover-se, ou viver —, da idéia de não partirmos daqui do pátio? Outra carruagem já saiu daqui hoje, os vizinhos podem desconfiar.

— Minha opinião, senhorita — respondeu o senhor Cruncher — é a de que está coberta de razão. E mesmo que não estivesse, eu concordaria.

— Estou tão avoada, temendo e rezando por eles — voltou a senhorita Pross, chorando copiosamente. —, que me sinto incapaz de traçar qualquer plano

de ação. Será que *o senhor* é capaz de traçar um plano, meu caro e bondoso senhor Cruncher?

— Quanto ao meu futuro, senhorita — retrucou o senhor Cruncher —, espero que sim. Quanto ao presente, porém, acho que a minha fraca inteligência não tem capacidade para nada. Poderia prestar-me o favor, senhorita, de ouvir e registrar duas promessas e votos que faço em meio a esta crise?

— Oh, pelo amor de Deus! — bradou a senhorita Pross, ainda chorando copiosamente — Fale de uma vez, e seja breve, como um bom homem.

— A primeira — proclamou o senhor Cruncher, que tremia inteiro, em tom solene — é que, se os nossos queridos amigos escaparem dessa, eu nunca mais... farei aquilo, nunca mais!

— Estou absolutamente certa, senhor Cruncher — comentou a senhorita Pross — que nunca mais fará aquilo, seja lá o que for, e lhe suplico que não entre em detalhes a esse respeito.

— Não, senhorita — replicou Jerry —, isso não pode ser dito na sua frente. A segunda é que, se os nossos pobres amigos escaparem dessa, eu jamais voltarei a interferir nas orações da senhora Cruncher, jamais!

— Seja lá o que esse arranjo doméstico signifique — tornou a senhorita Pross, esforçando-se para secar os olhos e recompor-se —, não tenho dúvidas de que é melhor que a senhora Cruncher possa decidir por si própria sobre esses assuntos. Oh, meus pobres queridos!

— E digo mais, senhorita — prosseguiu o senhor Cruncher, com uma alarmante tendência a pregar como se estivesse num púlpito —, escreva essas minhas palavras e leve-as para a senhora Cruncher, que minha opinião a respeito das orações dela mudou tanto que espero, de todo o coração, que a senhora Cruncher esteja neste momento ajoelhada rezando por nós.

— Também espero, meu caro — soluçou a avoadada senhorita Pross —, como espero que suas preces sejam atendidas.

— Queira Deus — continuou o senhor Cruncher, com maior solenidade, maior lentidão e maior tendência a continuar discursando — que tudo quanto fiz e disse seja perdoado em vista da sinceridade dos meus votos por aqueles nossos pobres amigos! Devíamos todos pedir a Deus de joelhos (se for de algum modo conveniente) para salvá-los do terrível perigo! Que Deus o permita, senhorita! Eu insisto, que Deus o per... mi... ta! — essa foi a peroração do senhor Cruncher, após um prolongado e vão esforço para encontrar um final melhor. Enquanto isso, madame Defarge, caminhando pelas ruas, aproximava-se mais e mais.

— Se conseguirmos regressar ao nosso país — redargüiu a senhorita Pross —, pode confiar que contarei à senhora Cruncher tudo o que eu for capaz de entender e lembrar das palavras que o senhor tão impressionantemente proferiu aqui. E asseguro-lhe que prestarei meu testemunho da sua sinceridade neste momento tão difícil. Agora, suplico-lhe, vamos pensar! Meu estimado senhor Cruncher, vamos pensar! Enquanto isso, madame Defarge, ainda caminhando pelas ruas, aproximava-se mais e mais.

— Se o senhor fosse na frente — sugeriu a senhorita Pross — e detivesse o veículo e os cavalos para que, em vez de virem até aqui, aguardassem-me em outro lugar... não seria melhor? O senhor Cruncher concordou que seria melhor.

— Onde o senhor pretende esperar-me? — inquiriu a senhorita Pross.

O senhor Cruncher estava tão desorientado que não conseguiu lembrar-se de outro local além de Temple Bar. Ai dele! Temple Bar ficava a centenas de quilômetros de distância, e madame Defarge estava realmente bem perto.

— Na porta da catedral — propôs a senhorita Pross. — Ficaria muito fora do caminho, se me aguardasse próximo da porta da grande catedral, entre as duas torres?

— Não, senhorita — respondeu o senhor Cruncher.

— Neste caso, como o melhor dos homens — rogou à senhorita Pross —, corra direto até a posta e diga-lhes para mudar o itinerário.

— Não tenho certeza — hesitou o senhor Cruncher, sacudindo a cabeça — se devo deixá-la sozinha, entende? Não sabemos o que pode acontecer.

— Só Deus sabe o que pode acontecer — retrucou a senhorita Pross —, mas não tema por mim. Apanhe-me na catedral às três horas. Estou convencida de que será melhor assim. Agora, vá! Boa sorte, senhor Cruncher, Deus o proteja! Pense... não em mim, mas nas vidas que dependem de nós!

Esse exórdio, bem como o fato de que a senhorita Pross agarrara-lhe o braço com as duas mãos numa súplica angustiada, decidiu o senhor Cruncher.

Tomar aquela precaução, que já estava sendo executada, representou um grande alívio para a senhorita Pross. A necessidade de recompor sua aparência de forma a não chamar atenção nas ruas constituiu outro motivo de alívio. Consultou o relógio e verificou que passavam vinte minutos das duas horas. Não tinha tempo a perder, precisava apressar-se imediatamente.

Receando, em seu extremo nervosismo, a solidão dos aposentos desertos, e as imaginadas faces que a estariam espreitando por trás de cada porta aberta, a senhorita Pross encheu uma bacia com água e começou a banhar os olhos vermelhos e inchados. Assombrada por suas alucinações febris, ela não suportava ficar com a vista obscurecida pela água; por esse motivo, interrompia-se constantemente e voltava a cabeça para certificar-se de que não a espionavam. Numa dessas interrupções, recuou e soltou um grito, pois acabara de avistar uma figura no meio da sala.

A bacia caiu no chão, espantando-se, e a água derramada alcançou os pés de madame Defarge. Aqueles pés haviam percorrido um estranho e implacável caminho, através de muitas manchas de sangue, para encontrar aquela água límpida.

Madame Defarge fitou-a com frieza e inquiriu:

— Onde está a esposa de Evrémonte?

Como um raio, ocorreu à senhorita Pross a idéia de que as portas abertas poderiam sugerir a fuga. Sua primeira reação foi correr para cerrá-las. Havia quatro portas que se comunicavam com a sala, e ela fechou-as todas. Então, postou-se à frente da porta do quarto que Lucie ocupara.

Os olhos escuros de madame Defarge seguiram-lhe os apressados movimentos e permaneceram sobre a governanta quando esta terminou. Nada havia de gracioso na senhorita Pross; os anos não lhe tinham domado o aspecto selvagem, nem suavizado a severidade de seu semblante. Contudo, ela também era uma mulher determinada, a seu modo, e mediu madame Defarge com os



olhos, centímetro por centímetro.

— Pelo seu aspecto, a senhora bem pode ser a mulher de Lúcifer — comentou, ofegando. — Mesmo assim, não levará a melhor, desta vez. Eu sou uma inglesa.

Madame Defarge olhou-a com desdém, embora também com uma expressão que fez a senhorita Pross perceber que ela também estava acuada. Madame Defarge via na senhorita Pross uma rígida, sólida, vigorosa mulher, como o senhor Lorry, muitos anos antes, vira na mesma figura uma mulher de mão forte. Ela sabia bem que a senhorita Pross era a devotada amiga da família. E a senhorita Pross sabia bem que madame Defarge era a malévola inimiga da família.

— A caminho do lugar onde — disse madame Defarge, apontando ligeiramente para o local fatídico — tenho uma cadeira reservada e o meu tricô à minha espera, resolvi parar para cumprimentar a esposa de Evrémonte. Quero vê-la.

— Sei que suas intenções são maldosas — replicou a senhorita Pross — e você pode apostar que lutarei contra elas.

Cada uma falava em seu próprio idioma. Nenhuma entendia as palavras da outra. Ambas mostravam-se vigilantes, atentas ao semblante e aos gestos uma da outra para deduzirem o que significavam as ininteligíveis palavras.

— De nada lhe servirá esconder-se de mim agora — retrucou madame Defarge. — Os bons patriotas entenderão o que isso representa. Deixe-me vê-la. Vá avisá-la que desejo vê-la. Está me ouvindo?

— Mesmo que esses seus olhos lançassem labaredas, não me meteriam medo — retorquiu a senhorita Pross. — Não, sua maldita estrangeira. Eu sou a sua adversária.

Não era provável que madame Defarge compreendesse aquela observação em detalhes. Todavia, compreendeu o bastante para constatar que a oponente a estava menosprezando.

— Mulher imbecil! — vociferou madame Defarge, franzindo as sobrancelhas. — Não é possível arrancar de você uma resposta. Eu exijo vê-la! Vá avisá-la ou saia da porta e deixe-me ir até ela! — reforçou a ordem com um movimento enérgico do braço.

— Nunca imaginei — ripostou a senhorita Pross — que um dia desejaria entender essa sua algaravia. Mas eu daria tudo, menos a roupa que visto, para descobrir se você desconfia de pelo menos parte da verdade.

Nenhuma delas, por um segundo que fosse, despregou os olhos da outra. Madame Defarge, que não arredara o pé do lugar onde se plantara desde que a senhorita Pross reparou em sua presença, agora, porém, avançou um passo em sua direção.

— Eu sou uma britânica — prosseguiu a senhorita Pross. — Estou desesperada, mas não ligo uma moeda inglesa de dois pences pela minha vida. Sei que, quanto mais tempo eu a prender aqui, maiores serão as esperanças para a minha menina. E se você encostar um dedo em mim, não deixarei sequer um fio de cabelo nessa sua cabeça!

Assim falou a senhorita Pross, os olhos flamejando a cada sentença

proferida de um só fôlego. Assim falou a senhorita Pross, que jamais agredira ninguém em toda a sua vida.

Contudo, sua coragem era daquela espécie emocional, que lhe trazia lágrimas incontroláveis aos olhos. Era a coragem que madame Defarge entendia tão pouco que a confundia com fraqueza.

— Ha, ha! — madame riu. — Sua bruxa infeliz! Você não vale coisa alguma! Vou chamar o doutor! — então, elevou o tom de voz e gritou: — Cidadão doutor! Esposa de Evrémonde! Filha de Evrémonde! Não haverá ninguém aqui para atender a cidadã Defarge a não ser essa miserável idiota?

Talvez o silêncio subsequente, talvez alguma revelação latente no semblante da senhorita Pross, talvez uma suspeita repentina que nada tivesse a ver com qualquer dos indícios, sussurrasse à madame Defarge que eles haviam partido. Abriu três das portas e espiou os aposentos.

— Estes quartos estão em total desordem. Há miudezas espalhadas pelo chão, alguém arrumou malas às pressas aqui. Não há ninguém no quarto atrás de você! Deixeme ver.

— Nunca! — recusou a senhorita Pross, que decifrara a ordem tão perfeitamente quanto madame Defarge decifrou sua resposta. — Enquanto você não tiver certeza se eles estão ou não naquele quarto, não poderá decidir o que fazer — refletiu para si mesma. — E você não terá essa certeza, se eu a puder impedir. Tendo ou não certeza, porém, você não sairá daqui enquanto eu puder segurá-la.

— Desde o começo, tenho lutado pelas ruas sem me deter diante de nada. Eu vou abrir essa porta, nem que, para isso, tenha de fazer você em pedaços — resolveu madame Defarge.

— Estamos sozinhas no último andar de uma casa erguida num pátio isolado, não é provável que alguém nos ouça. Usarei de toda a minha força para impedi-la de sair, pois cada minuto que você passa aqui vale cem mil guinéus para a minha menina — retrucou a senhorita Pross.

Madame Defarge correu para a porta. A senhorita Pross, seguindo seu instinto, capturou-lhe a larga cintura com os dois braços e prendeu-a com firmeza. Foi em vão que madame Defarge lutou para se desvencilhar e para revidar a agressão, porque a senhorita Pross, com a vigorosa tenacidade do amor, sempre muito mais forte do que a do ódio, apertava-a mais e mais, chegando mesmo a erguê-la do chão. As duas mãos de madame Defarge esbofeteavam-na e arranhavam-lhe o rosto. Mas a senhorita Pross, abaixando a cabeça, mantinha-lhe a cintura bem presa, agarrando-se a ela com um empenho maior do que o de alguém agarrado a uma bóia para não se afogar.

Logo em seguida, as mãos de madame Defarge cessaram os golpes e dirigiram-se à cintura enlaçada.

— Eu a tenho bem presa — disse a senhorita Pross, com a voz abafada —, não conseguirei soltar-se. Sou mais forte do que você, agradeço aos céus por isso, e vou segurá-la até que uma de nós duas caia desmaiada ou morta!

As mãos de madame Defarge chegaram ao peito. A senhorita Pross seguiu-as com o olhar, viu do que se tratava, apoderou-se da arma, disparou-a e quedou-se, sozinha, cega pela fumaça[269].

Tudo isso se passou num segundo. Quando a fumaça começou a dissipar-se, deixando apenas um medonho silêncio, desvaneceu-se no ar como o espírito da furiosa mulher cujo corpo sem vida jazia no chão.

No horror inicial que lhe inspirou a sua situação, a senhorita Pross afastou-se do cadáver o mais que pôde e correu escada abaixo numa busca inútil por socorro. Felizmente, refletiu melhor e pesou as conseqüências de seu ato em tempo de controlar-se e retornar à sala. Aterrorizava-a entrar novamente por aquela porta, mas ela obrigou-se a fazê-lo e até passou perto do corpo, a fim de apanhar o chapéu e os outros complementos que devia usar. Colocou-os, já na escadaria, depois de trancar a porta e guardar a chave. Então, sentou-se num degrau por alguns instantes, para respirar e chorar. Por fim, levantou-se, resoluta, e apressou-se a partir.

Por sorte, seu chapéu era enfeitado com um véu. Caso contrário, não conseguiria atravessar as ruas sem ser detida. Por sorte, também, sua aparência era naturalmente tão peculiar que não se mostrava especialmente transtornada, como teria ocorrido com outras mulheres. Ela precisava das duas vantagens, pois as marcas das unhas de madame Defarge eram profundas em seu rosto, seu cabelo estava desgrenhado e seu vestido (recomposto rapidamente com mãos trêmulas) achava-se amarfanhado e até esgarçado em vários lugares.

Ao cruzar a ponte, ela jogou a chave no rio. Quando chegou à catedral, poucos minutos antes de seu acompanhante, enquanto o esperava, ela se pôs a imaginar se algum pescador já teria recolhido, em sua rede, a chave do fundo do rio. E se identificassem aquela chave, e abrissem a porta, e encontrassem o cadáver? E se ela fosse interceptada na barreira e enviada para a prisão, acusada de assassinato? Em meio àqueles apavorantes pensamentos, seu acompanhante chegou e levou-a embora.

— Você ouviu algum alarido pelas ruas? — ela inquiriu-o.

— Não, só o de sempre — o senhor Cruncher respondeu, parecendo surpreendido pela pergunta e pelo aspecto da senhorita Pross.

— Não o escutei. O que foi que disse?

De nada adiantou o senhor Cruncher repetir a resposta. A senhorita Pross não podia escutá-lo. “Já que é assim, é melhor eu balançar a cabeça”, pensou o senhor Cruncher, intrigado, “para tudo o que ela perguntar.” E ela perguntou:

— Está ouvindo algum barulho nas ruas, agora? O senhor Cruncher balançou a cabeça, assentindo.

— Eu não ouço nada — a senhorita Pross replicou, ansiosa.

— Ficou surda em apenas uma hora? — indagou o senhor Cruncher, ruminando, extremamente perturbado. — O que será que aconteceu com ela?

— Sinto — declarou a senhorita Pross — como se um estampido muito alto e estridente tivesse soado junto de meu ouvido, e que esse estampido foi o último som que ouvirei nesta vida.

— Ora, parece que enlouqueceu — considerou o senhor Cruncher, cada vez mais perturbado. — O que posso fazer para reanimá-la? Ouça! Ali vão várias carruagens barulhentas! Consegue ouvi-las?

— Não consigo — replicou a senhorita Pross, percebendo que ele lhe dirigia a palavra — ouvir coisa alguma. Oh, meu bom homem, houve aquele estampido

e, depois, um profundo silêncio. Um silêncio imutável e eterno, que nada jamais romperá enquanto eu viver.

— Se não escuta o barulho infernal daquelas carruagens — concluiu o senhor Cruncher, fitando-a por sobre o ombro —, creio que, de fato, ela nunca mais escutará nada neste mundo.

E, de fato, ela nunca mais escutou.

## CAPÍTULO XV

### OS ÚLTIMOS ECOS

Os carros fúnebres desfilam ruidosamente pelo leito áspero e esburacado das ruas de Paris. Seis carros mortuários carregam o vinho de cada dia para *La Guillotine*. Todos os devoradores e insaciáveis monstros imaginados desde que a imaginação surgiu no Homem se fundiram numa única realização, a Guilhotina. E, contudo, não existe na França, a despeito de sua rica variedade de solo e de clima, uma folha, ou grama, ou raiz, ou um ramo novo, ou um grão de pimenta que possa amadurecer em condições melhores do que aquelas que engendraram esse horror. Devolva-se a humanidade à forja que a criou e utilizem-se martelos semelhantes para tornar a esculpi-la e ela se contorcerá na mesma imagem torturada. Cultivem-se de novo as mesmas sementes de desordem e opressão rapaces e certamente serão colhidos os mesmos frutos amargos.

Seis carros mortuários rodam com estrondo pelas ruas de Paris. Faça-os regressar ao que eram antes, ó Tempo, poderoso mago, e eles serão vistos como luxuosas carruagens de monarcas absolutos, como equipagens de nobres feudais, como toucadores de mulheres deslumbrantes como Jezebel[270], como igrejas que não são a casa de meu Pai, mas covis de ladrões[271], como choupanas de milhões de camponeses esfaimados! Não. O grande mago que majestosamente executa a ordem estabelecida pelo Criador jamais reverte as transformações que promoveu. “Se tu assumiste essa forma por vontade de Deus”, dizem os videntes ao encantado nos sábios contos árabes, “então conserva-te como estás! Mas, se tu assumiste essa forma por mero passe de mágica, então volta a teu aspecto anterior!”[272] Inalterados e sem esperança, os carros fúnebres desfilam.

À medida que as sinistras rodas das seis carroças giram, parecem arar um sulco profundo e tortuoso entre o populacho ao longo das ruas. Estrias de rostos são arremessadas de um lado e de outro, e os arados seguem em frente. Tão habituados estão os habitantes das casas àquele espetáculo que, em muitas janelas, não se vê ninguém e, em outras, a escassa platéia não interrompe o trabalho manual enquanto seus olhos fiscalizam as faces que desfilam nos carros mortuários. Aqui e ali, os moradores recebem visitantes que foram apreciar a exposição; então, apontam os dedos, com a complacência de um curador ou de um expositor autorizado, para essa e aquela carroça, aparentemente informando quem desfilou por ali ontem e anteontem.

Dos ocupantes dos carros, uns observam esses detalhes e todos os demais ao longo de seu derradeiro trajeto, com um semblante impassível; outros, com um

persistente interesse pelos caminhos da vida e dos homens. Alguns, sentados de cabeça baixa, estão imersos em silencioso desespero; há alguns tão zelosos de sua aparência que lançam à multidão olhares copiados de peças teatrais e de quadros. Muitos, de olhos fechados, meditam ou procuram organizar seus caóticos pensamentos. Apenas um, uma criatura miserável com aspecto ensandecido, está tão alucinado e embriagado de horror que canta e tenta dançar. Nenhum deles apela, por gestos ou por palavras, para a compaixão do povo [273].

Um piquete de cavalaria guarnece os flancos das carroças. Muitos rostos se levantam para fazer perguntas aos soldados, mas parece que a questão é sempre a mesma, já que a resposta invariavelmente conduz a multidão para o terceiro dos carros, onde se encontra um homem para quem os guardas apontam freqüentemente com a ponta das espadas. Todos querem saber qual dos prisioneiros é ele. Ele está no fundo da carroça, com a cabeça curvada para conversar com a moça humilde que, sentada a seu lado, segura-lhe a mão. Ele não sente curiosidade nem preocupação com o que acontece ao redor, apenas ocupa-se com a moça. Aqui e ali, pela longa rua de Saint Honoré [274], erguem-se gritos contra ele. Se chegam a produzir-lhe alguma reação, esta não passa de um sorriso sereno, enquanto sacode os cabelos para ocultar mais a face. Não lhe é possível tocar o rosto com os braços amarrados.

Nos degraus de uma igreja, o espião e “carneiro” das prisões aguarda a chegada dos carros fúnebres. Procura no primeiro carro: não está lá. Olha o segundo: também não. Ele já se indaga “Será possível que me tenha sacrificado?”, quando vê o terceiro carro e se acalma.

— Qual é Evrémonde? — inquire um homem atrás dele.

— Aquele. No fundo da carroça.

— De mãos dadas com a moça?

— Sim. O homem brada:

— Abaixo Evrémonde! Para a Guillotine com todos os aristocratas! Abaixo Evrémonde!

— Shh... silêncio — roga-lhe Barsad, timidamente.

— Por quê, cidadão?

— Ele vai expiar as suas faltas. Em cinco minutos terá pago a sua dívida. Deixe-o em paz.

Mas, continuando o homem a exclamar: “Abaixo Evrémonde!”, o rosto de Evrémonde por um momento se volta para ele. Evrémonde então avista o espião, fita-o atentamente e segue seu caminho.

Os relógios estão prestes a anunciar as três horas, e o sulco aberto entre o populacho faz uma curva para alcançar a praça onde se realizam as execuções e ali termina. As estrias arremessadas de um lado e de outro agora desmoronam e se fecham atrás do último arado depois que ele se vai, pois todos estão se dirigindo para a Guillotine. Em frente a ela, instaladas em cadeiras, como se num jardim de diversão pública, acham-se numerosas mulheres atarefadas com seu tricô. Numa das cadeiras da frente, está “A Vingança”, procurando a amiga.

— Thérèse! — ela berra com a sua voz estridente. — Alguém a viu? Thérèse Defarge!

— Nunca faltou antes — observa uma tricoteira da irmandade.

— Não, nem faltará hoje — replica “A Vingança”, petulantemente. — Thérèse!

— Grite mais alto — recomenda a mulher.

Ai! Mais alto, “Vingança”, muito mais alto, e nem assim ela a ouvirá. Mais alto ainda, “Vingança”, acrescentando uma pequena imprecação, e nem assim ela virá. Envie mulheres para dar-lhe busca onde quer que ela se demore; e, contudo, embora essas mensageiras tenham praticado atos terríveis, é questionável se elas, por vontade própria, iriam longe o suficiente para encontrá-la!

— Que azar! — lamenta-se “A Vingança”, batendo os pés na cadeira. — Eis que chegam os carros! Evrémonte será despachado num piscar de olhos e ela não está aqui! Vejam, tenho o tricô dela em minhas mãos e guardei-lhe uma cadeira vaga. Oh, vou chorar de contrariedade e desapontamento!

Enquanto “A Vingança” desce de seu pedestal para cumprir a palavra, as carroças começam a descarregar seu peso. Os ministros da Santa Guilhotina estão paramentados e a postos. Crash! Uma cabeça é exibida para a platéia e as tricoteiras, que mal suspendiam os olhos para contemplá-la um momento antes, quando ainda podia pensar e falar, contaram:

— Uma.

A segunda carroça se esvazia e parte. A terceira chega. Crash! E as tricoteiras, jamais hesitando ou interrompendo seu trabalho, contam:

— Duas.

O suposto Evrémonte desce e a costureira é retirada em seguida. Ele não abandonou a resignada mão dela ao descer, continuando a segurá-la conforme prometera. Gentilmente, vira-a de costas para o medonho engenho, que constantemente voa para o alto e desaba, e ela fita-lhe o rosto com gratidão.

— Não fosse por você, querido desconhecido, eu não estaria tão calma, pois sou uma pobre moça de coração frágil.

Nem seria capaz de elevar meus pensamentos para Ele, que foi crucificado para que nós tivéssemos esperança e conforto aqui, hoje. Acho que você me foi enviado pelos céus.

— Posso dizer-lhe o mesmo — responde Sydney Carton.

— Olhe sempre para mim, querida criança, e não se aflija com mais nada.

— Não me aflijo com coisa alguma enquanto lhe seguro a mão. E não me afligirei, quando chegar a minha hora, se eles forem rápidos.

— Eles serão rápidos. Não tema.

Os dois se encontram em meio à multidão de vítimas, que diminui aceleradamente, mas conversam como se estivessem a sós. Olho a olho, voz a voz, mão a mão, coração a coração, esses dois descendentes da Mãe Universal, de outra forma tão distantes e diferentes, foram unir-se no sombrio caminho, para regressarem juntos ao lar e lá repousarem em seu regaço.

— Meu valente e generoso amigo, permite-me que lhe faça uma última pergunta? Eu sou muito ignorante e... essa questão me perturba... um pouco.

— Diga-me de que se trata.

— Tenho uma prima, minha única parente, órfã como eu e a quem amo com ternura. É cinco anos mais nova do que eu, e vive numa casa de fazenda, no

sul. A pobreza nos separou e ela não sabe da minha sorte, pois não sei escrever, e, se soubesse, como poderia contar-lhe? É melhor assim.

— Tem razão, é melhor assim.

— O que eu vinha pensando, no carro, e que penso neste momento em que lhe contemplo o rosto vigoroso que me transmite tanta segurança, é o seguinte: se a República realmente beneficia os pobres, diminuindo sua fome e seu sofrimento, minha prima poderá viver por muito tempo, poderá até envelhecer.

— E isso a preocupa, minha gentil irmã?

— Você acredita — os resignados olhos, nos quais há tanta tolerância, se enchem de lágrimas, e seus lábios se entreabrem, trêmulos — que não me parecerá longo demais o tempo em que esperarei por ela na terra melhor onde confio que você e eu seremos misericordiosamente acolhidos?

— Impossível, minha criança. Lá não existe tempo nem aflições.

— Você me conforta tanto! Sou tão ignorante. Posso beijá-lo agora? Chegou o momento?

— Sim.

Ela lhe beija os lábios; ele beija os dela; solenemente, abençoam um ao outro. A mão calejada não treme quando ele a desprende das suas; no resignado rosto nada mais há além de uma doce e luminosa firmeza. Ela é a próxima antes dele... já se foi. As tricoteiras contam:

— Vinte e duas.

“Eu sou a ressurreição e a vida”, disse o Senhor; “quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá.”

O murmúrio de muitas vozes, o virar de muitos rostos, a impaciência de muitos passos nas extremidades da multidão, pressionando para que esta avançasse em massa, como uma gigantesca onda do mar, e, de súbito, tudo se aquieta.

— Vinte e três.

Naquela noite, disseram a respeito dele, na cidade, que a sua face foi a mais plácida já vista ali. Muitos acrescentaram que sua expressão era sublime e profética.

Uma das mais notáveis vítimas<sup>[275]</sup> do mesmo machado, uma mulher, havia pedido, ao pé do mesmo patíbulo, não muito tempo antes, que lhe permitissem escrever os pensamentos que a estavam inspirando. Se ele tivesse expressado os seus pensamentos, e se estes fossem proféticos, seriam assim:

“Vejo Barsad e Cly, Defarge, ‘A Vingança’, os jurados,

o juiz, longas fileiras de novos opressores que se ergueram para destruir os antigos, perecendo sob o mesmo instrumento de vingança antes que seu uso seja abandonado. Vejo uma linda cidade e um povo brilhante surgindo do abismo e, em suas batalhas pela verdadeira liberdade, em seus triunfos e derrotas, através de muitos e muitos anos no futuro, vejo o mal deste tempo e o do tempo anterior, do qual é o fruto natural, gradualmente sendo expiado<sup>[276]</sup> e redimido.

Vejo as vidas pelas quais doei a minha vida, serenas, úteis, prósperas e felizes, naquela Inglaterra que não verei jamais. Eu a vejo com uma criança no



colo, que tem o meu nome. Vejo o pai dela, velho e curvado, mas saudável e fiel a todos os homens em seu ofício de cura, e em paz. Vejo o bom ancião, amigo tão antigo deles, dentro de dez anos, enriquecendo-os com tudo quanto possui, e tranqüilamente recebendo sua recompensa.

Vejo que tenho um santuário em seus corações, e nos corações de seus descendentes, por várias gerações. Eu a vejo, idosa, chorando por mim no aniversário deste dia. Eu a vejo e a seu marido, tendo percorrido o caminho, jazendo lado a lado em seu último leito terreno, e sei que cada um não foi mais querido e sacralizado na alma do outro do que eu na alma dos dois.

Eu vejo aquela criança que se aconchegou no colo dela e que tem o meu nome, já homem feito, conquistando vitórias no campo que um dia foi o meu. Eu o vejo tão vitorioso que meu nome se torna ilustre pela luz de seus feitos. Vejo as máculas que atirei sobre meu nome desaparecerem. Eu o vejo como o primeiro entre os juízes e os homens honrados, conduzindo um menino, que também tem o meu nome e a fronte expressiva que conheço e os cabelos dourados, a este lugar, que será então bonito de se olhar, desprovido de qualquer vestígio da desfiguração deste dia [\[277\]](#), e eu o ouço contar ao filho a minha história, com voz terna e comovida.

O que faço hoje é muito, muito melhor do que tudo quanto já fiz. E a paz que tenho hoje é muito, muito maior do que a paz que jamais conheci”.